



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA**

IVETE MARIA SANTOS OLIVEIRA

**UM MUNDO EM PEDAÇOS
UM ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS E USOS DA VIOLÊNCIA
NOS MERCADOS DE DROGAS**

Salvador – Bahia
2016

IVETE MARIA SANTOS OLIVEIRA

UM MUNDO EM PEDAÇOS
UM ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS E USOS DA VIOLÊNCIA
NOS MERCADOS DE DROGAS

Tese apresentada ao Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como requisito para a obtenção do título de Doutor em Saúde Pública.
Área de Concentração: Ciências Sociais em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes Machado

Salvador – Bahia
2016

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Oliveira, Ivete Maria Santos.

Um mundo em pedaços : um estudo sobre os significados e usos da violência nos mercados de drogas / Ivete Maria Santos Oliveira. - 2016.
199 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes Machado.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva, Salvador, 2016.

1. Drogas - Comércio - Salvador (BA). 2. Tráfico de drogas - Aspectos sociais - Salvador (BA). 3. Crime e abuso de drogas - Aspectos sociais - Salvador (BA). 4. Vítimas de crimes. 5. Violência - Aspectos sociais - Salvador (BA). 6. Cocaína. 7. Polícia. I. Machado, Eduardo Paes. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva. III. Título.

CDD 363.45098142 – 23. ed.

IVETE MARIA SANTOS OLIVEIRA

Um mundo em pedaços: um estudo sobre os significados e usos da violência nos mercados de drogas

Tese apresentada ao Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do título de Doutor em Saúde Pública.

Salvador, 9 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora

Eduardo Paes Machado - Orientador

Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP
Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/ UFBA).

Ceci Vilar Noronha

Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/ UFBA)

Odilza Lines de Almeida

Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Paulo Cesar Pontes Fraga

Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP)
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais

Rafael Andrés Patino Orozco

Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade do Sul da Bahia (USB)

Dedico esta tese às vítimas de violência relacionada ao tráfico de drogas no Brasil, pois essas mortes todas têm cor da pele e classe social. São milhares de jovens negros e de bairros populares que vêm sendo dizimados, sem que nenhuma ação estratégica ou política pública seja pensada para enfrentar esse grave problema. Dedico, em especial, às mães que perdem seus filhos e que carregam sua dor no silêncio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos as pessoas que fizeram parte da pesquisa, oferecendo sua experiência, narrando situações de dor e sofrimento. Sou grata pela disponibilidade, atenção e respeito com que fui tratada durante trabalho de campo.

Agradeço a meus filhos, Rodrigo e Paloma, por existirem e estarem comigo nessa caminhada, pelo amor, carinho, respeito, admiração e confiança que depositam em mim e que são recíprocos.

Agradeço a meus irmãos pela convivência, companhia, afeto, confiança e, sobretudo, pelo bom humor, que me ajudaram a enfrentar as adversidades e a construir uma vida muito melhor. Em especial a minhas irmãs, cada uma de sua forma, que me estimulam a ser uma pessoa e uma profissional melhor.

Agradeço a meus pais, por serem exemplos de integridade, honestidade e simplicidade. Para minha mãe, em especial, meu eterno carinho e gratidão, por insistir, desde cedo, que seus filhos estudassem, numa época pautada por muitas dificuldades. A meu pai, por me ensinar a lidar com a verdade e com a dureza da vida, não alimentando ilusões e mostrando a importância de não esquecer nunca de onde vim e do caminho que percorri.

Agradeço a meu orientador, professor Eduardo Machado, pela dedicação, entusiasmo, paciência e, sobretudo, pela confiança em dividir comigo conteúdos tão delicados e sofridos, ajudando-me no distanciamento necessário para a construção da tese.

Agradeço a Dr. Helson Ramos, meu psicanalista, que, com sua escuta cuidadosa, me ajudou a suportar tantas dores e a caminhar entre mortos e feridos.

Sou grata ao professor Ordep Serra que, pela sabedoria e simplicidade, tornou-se, para mim, um exemplo de professor e um grande mestre.

Agradeço a Socorro, Sr. Gabriel, Everaldo, Crispim, Nilton e demais colegas que abriram as portas das instituições penais, sem restrições, ajudando-me a pensar em melhores estratégias para conseguir realizar a pesquisa com a riqueza de informações que acredito ter conseguido reunir para este trabalho.

A meus colegas do CAPS e do ambulatório de São Sebastião do Passé pela possibilidade de visitar residências, criar estratégias que pudessem dar conta de uma realidade tão delicada e sofrida, vivida pelos usuários e familiares.

Aos colegas do departamento de neurociências da UFBA e da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) pelas contribuições, pelo entusiasmo e companheirismo, em especial aos colegas e mestres, Dr. William Azevedo Dunningham e Dra. Wania Aguiar.

Às colegas Odilza Almeida, Letícia Azevedo, Ângela e Josair pela oportunidade de dividir as questões do campo e pelo incentivo, em especial aos colegas Antônio Lima e Thiago Neri, que, muito jovem, me disse sábias palavras: *Ivete, se nós não contarmos essas histórias, elas não existem. Ninguém quer saber disso.*

Finalmente, agradeço aos demais colegas, professores e funcionários do ISC e, em especial, a Anunciação, Bia e Sônia, pela atenção, disponibilidade e gentileza com que me trataram durante todos esses anos.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é conhecer os significados e efeitos dos usos da violência relacionada aos mercados varejistas de drogas ilícitas, altamente criminalizadas, nos bairros populares de Salvador, a partir da perspectiva dos operadores. Os altos níveis de violência letal, que figuram entre as principais causas de morte no Brasil, vêm sendo atribuídos aos conflitos nesse segmento do comércio de drogas. Para tanto, foram identificadas e analisadas as motivações, inserções e carreiras dos operadores, os modos de organização, a estrutura funcional, as características da ocupação, as interações principais, o modo de gerenciamento da violência no enfrentamento de conflitos, bem como os tipos e as formas de vitimização. Foram realizadas 46 entrevistas, 41 com homens e 5 com mulheres, sentenciados e que cumpriam pena por tráfico de drogas. Utilizou-se um diário de campo, e as entrevistas foram realizadas com profissionais e usuários de serviços de saúde que atendem às demandas de indivíduos com dependência química, familiares e operadores. Os altos níveis de violência letal encontrados nesses territórios estão relacionados ao grau de fragmentação e instabilidade dos mercados. Neles, muitas empresas criminais disputam pela expansão e monopólio do comércio de drogas, estimuladas pela atuação perversa e fomentadora de violência das polícias. Isso tudo faz com que a violência ultrapasse o gerenciamento de conflitos e se insira, de modo banalizado e cíclico, como elemento importante e valorizado na construção da identidade e da reputação dos jovens. Conclui apontando a extensão dos danos das violências praticadas nesses locais, com a morte e o adoecimento de um número cada vez maior de pessoas, bem como a ineficácia das políticas de enfrentamento e combate ao tráfico de drogas e a necessidade da adoção de medidas intersetoriais para melhorar esse panorama.

Palavras chave: Operadores de drogas. Polícia. Mercados de drogas. Violência. Vitimização. Cocaína.

ABSTRACT

The aim of this study is to know the meanings and effects of the uses of violence related to the illicit drug retailers in markets popular neighborhoods of Salvador, from the perspective of operators. The high levels of deadly violence that are among the leading causes of death in Brazil have been attributed to conflicts in this segment of the drug trade. To this end, we analyzed the motivations, inserts and careers of operators, modes of organization, functional structure, the characteristics of the occupation, the main interactions, the violence management mode in the confrontation of conflicts, the type and forms of victimization. 46 interviews were conducted with 41 men and 5 women sentenced for drug trafficking and doing time in closed regime. It was built a field journal with interviews with professionals and users of health services that meet the demands of individuals with chemical dependency, family members and operators. The high levels of deadly violence found are related to the degree of fragmentation and instability of markets in which many criminal companies vie for the expansion and monopoly of the trade in drugs, and nurturing of police violence, which contributes to their demoralization. The violence goes beyond the management of conflicts and is an important element in the social construction of identity and reputation of the young people through their uses are valued and respected. Concludes by pointing out the extent and severity of damage to health of expressive segment of the population, the violence, the ineffectiveness of the prohibitionist policies centre don't he war on drugs and the need for the adoption of intersectoral measures, which may go beyond the criminal justice system and point in the direction of harm reduction and decriminalization.

Key words: Drug operators. Police. Drug markets. Violence. Victimization.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDM	Bonde do Maluco
CP	Comando da Paz
CDs	<i>Compactdiscs</i>
CAPS	Centro de Acompanhamento Psicossocial
EUA	Estados Unidos da América
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciências
IML	Instituto Médico Legal
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
OMS	Organização Mundial da Saúde
OTDs	Organizações do Tráfico de Drogas
PCC	Primeiro Comando da Capital
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Emergência
SPAIs	Substâncias Psicoativas
SUS	Sistema Único de Saúde
UFBA	Universidade Federal da Bahia

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Evolução das taxas de homicídios (por 100 mil) no Brasil, 2002-2012.....	21
Gráfico 2	Taxas de homicídios (por 100 mil) segundo faixa etária no Brasil, 2012.....	22
Gráfico 3	Distribuição por faixa etária.....	57
Gráfico 4	Cor da pele.....	58
Gráfico 5	Procedência.....	59
Gráfico 6	Escolaridade.....	59
Gráfico 7	Tipos de Ocupação.....	60
Gráfico 8	Número de condenações por tráfico/indivíduo.....	61
Gráfico 9	Tipos de drogas comercializadas.....	62

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	Prevalência anual e números de usuários de drogas ilícitas, em âmbito global, em 2013.....	17
Quadro 1	Concentração dos mercados locais de drogas.....	31
Quadro 2	Empresas criminais: dois modelos.....	32
Quadro 3	Características das organizações do tráfico de drogas.....	81
Diagrama 1	Estrutura funcional das empresas criminais.....	90
Figura 1	Cabo de guerra: tensões contínuas nas interações.....	140

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA.....	16
2.1	DADOS SOBRE VIOLÊNCIA E VITIMIZAÇÃO.....	19
3	MARCO TEÓRICO.....	24
3.1	OS MERCADOS DE DROGAS.....	25
3.2	MODOS DE ORGANIZAÇÃO.....	29
3.3	TIPOS DE DROGAS.....	34
3.4	CONTROLE TERRITORIAL.....	36
3.5	USOS DA VIOLÊNCIA NOS MERCADOS DE DROGAS ILÍCITAS.....	39
3.6	VITIMIZAÇÃO E IDENTIDADE.....	43
4	METODOLOGIA.....	45
4.1	O TRABALHO DE CAMPO.....	45
4.2	CONCILIANDO A PESQUISA COM OUTRAS DEMANDAS URGENTES, GRAVES E ESPECÍFICAS DOS APENADOS.....	47
4.3	O TEMPO DAS ENTREVISTAS.....	47
4.3.1	Para a pesquisadora.....	47
4.3.2	Para os entrevistados.....	49
4.4	OUVINDO AS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA.....	51
4.5	SELECIONANDO AS INSTITUIÇÕES.....	52
4.6	PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DA AMOSTRA.....	53
4.6.1	Trazendo as pessoas para entrevista.....	53
4.7	O DIÁRIO DE CAMPO.....	54
4.8	TÉCNICA DE PRODUÇÃO DE DADOS.....	56
4.8.1	Composição da amostra.....	57
4.8.2	Caracterização da amostra.....	57
4.8.3	Outros dados da amostra.....	61
4.9	TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	63
5	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	65
6	CARACTERIZAÇÃO DOS OPERADORES.....	66
6.1	MOTIVAÇÕES E CARREIRAS.....	66
6.2	INSERÇÕES E CARREIRAS NOS MERCADOS DE DROGAS.....	72
7	MODOS DE ORGANIZAÇÃO.....	75
7.1	O EMPREENDEDORISMO INDIVIDUAL E AS EMPRESAS CRIMINAIS.....	75
7.1.1	As empresas criminais.....	77
7.2	INTERIORIZAÇÃO DO TRÁFICO E AVANÇO DO MODELO EMPRESARIAL.....	82
7.3	A CHEGADA DO CRACK E OS EFEITOS SOBRE OS MERCADOS DE DROGAS.....	85

8	ESTRUTURA FUNCIONAL E DIVISÃO DE TAREFAS.....	87
8.1	O EMPREENDEDORISMO INDIVIDUAL.....	87
8.2	AS EMPRESAS CRIMINAIS.....	88
8.2.1	O chefe.....	91
8.2.2	Liderança, sobrecarga e sofrimento.....	96
8.2.3	O gerente.....	97
8.2.4	O tesoureiro.....	98
8.2.5	O jóquei.....	99
8.2.6	O soldado.....	100
8.2.7	O vapor.....	103
8.2.8	Olheiro.....	104
8.2.9	O guardador.....	105
9	CONHECENDO A OCUPAÇÃO.....	108
9.1	SOBRE A JORNADA.....	108
9.1.1	Jornada, hipervigilância, ociosidade e riscos.....	112
9.2	ESCOLHENDO O LOCAL DE VENDA.....	113
9.3	IDENTIFICANDO QUEM SE APROXIMA.....	115
9.4	O LUCRO E A APLICAÇÃO DO DINHEIRO.....	116
10	AS ARMAS DE FOGO.....	121
10.1	ADQUIRINDO ARMAS DE FOGO.....	121
10.2	APRENDENDO A MANEJAR ARMAS.....	124
10.3	PODER DE FOGO, TIPOS DE ARMAS E REPUTAÇÃO.....	125
11	AS MULHERES COMO OPERADORAS DO TRÁFICO.....	128
12	GERENCIAMENTO DE CONFLITOS, JUSTIÇA INFORMAL E VIOLÊNCIA.....	132
12.1	CONFLITOS INTRAORGANIZACIONAIS.....	133
12.2	CONFLITOS EXTRAORGANIZACIONAIS.....	139
12.2.1	Os operadores e a comunidade.....	139
12.2.2	Os usuários.....	141
12.2.3	A conquista das mulheres.....	142
12.2.4	Portadores de transtornos mentais e desordeiros.....	146
12.2.5	Praticantes de furtos, roubos, violência doméstica e estupro.....	149
12.3	AS ORGANIZAÇÕES RIVAIS: OS ALEMÃES E AS GUERRAS.....	152
12.4	AS FORÇAS POLICIAIS E O TRÁFICO: REPRESSÃO, COOPERAÇÃO E CORRUPÇÃO.....	156
12.4.1	Os operadores e as prisões.....	162
<i>12.4.1.1</i>	<i>Prisão para os sobreviventes do tráfico.....</i>	<i>162</i>
<i>12.4.1.2</i>	<i>Os reflexos no modo de organização da população carcerária.....</i>	<i>164</i>
12.5	VALORIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA.....	169
13	TIPOS E FORMAS DE VITIMIZAÇÃO.....	176
13.1	RECUSA DO LUGAR DE VÍTIMA: VITIMIZAÇÃO COMO FRAQUEZA.....	177
14	OS OPERADORES DOS MERCADOS DE DROGAS E O SISTEMA DE SAÚDE.....	180

15	CONCLUSÕES.....	183
	REFERÊNCIAS.....	187
	APÊNDICES.....	196
	APÊNDICE A - Roteiro semiestruturado para os operadores.....	197
	APÊNDICE B - Termo de consentimento informado.....	199

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda os significados e usos da violência nos mercados varejistas de drogas ilícitas, bem como as dinâmicas de vitimização entre os vendedores e suas interações, levando em conta a perspectiva dos atores sociais envolvidos.

O interesse pelo tema surgiu a partir da experiência da autora como médica de uma unidade do sistema penal de Salvador e de serviços de atendimento a usuários de drogas ilícitas, de caráter público e privado, que atendem a usuários e familiares. Nas unidades prisionais, chamava a atenção o aumento do número de encarceramentos de homens e mulheres relacionados ao tráfico de drogas ilícitas e a constatação do uso frequente da violência na resolução de conflitos, o que é de conhecimento público e amplamente divulgado na mídia.

Nos serviços de saúde, eram comuns os relatos de desaparecimento de pessoas envolvidas com o tráfico, bem como de ameaças, espancamentos e outras formas mais graves de violência contra usuários de drogas, além de queixas de sofrimento mental em não usuários, pela convivência diária com esse quadro.

Para entender como a violência se instalou e passou a ser um modo de resposta frequente e banalizado, tornou-se imperativo conhecer os operadores, motivações, trajetórias, interações, formas de organização, estrutura funcional, produtos comercializados e demais características dos operadores dos mercados de drogas, o que auxiliaria na construção do conhecimento sobre práticas, significados e valores desses fenômenos complexos.

A amostra foi constituída por indivíduos sentenciados por tráfico, que cumpriam pena nas unidades prisionais de Salvador, pela facilidade de acesso da pesquisadora a esses locais e por ser uma forma menos arriscada de contato. Como a rubrica *tráfico de drogas* envolve diversos níveis ou segmentos desse mercado, com transações que podem englobar cidades, estados, diferentes países e continentes, o recorte adotado foi o segmento varejista de bairros populares da cidade de Salvador.

Esse segmento, apesar de ter maior visibilidade nas transações no território, está inserido numa rede muito mais ampla, o que remete ao conceito de crime transnacional, por envolver organizações criminosas que atuam em diversos países. (DECKER; CHAPMAN, 2008; NAYLOR, 2000; WOODWISS, 2003)

Os mercados de *crack* e cocaína são considerados informais, ilegais e altamente criminalizados, exibem altas taxas de violência e vêm sendo cada vez mais responsabilizados

pelo aumento da criminalidade, principalmente nos bairros populares de grandes centros urbanos, onde se concentra a maioria dos estudos relacionados ao tema. (CARVALHO; SEIBEL, 2009; REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013; ZALUAR, 2004)

Em contrapartida, em outros estudos que envolvem classe média, consumo de drogas ilícitas e violência, percebe-se que os mesmos tipos de drogas não geram o mesmo nível da violência verificada nos bairros populares, o que aponta para o fato de que a comercialização agrava problemas sociais preexistentes, piora os índices de mortalidade e morbidade em locais considerados de grave vulnerabilidade social, além de reforçar o estigma de pessoas residentes nesses locais. (BOURGOIS, 2010; FAGAN; CHIN, 1990; GRILLO, 2008)

O presente estudo está alicerçado no conceito ampliado de vítima, pois ele abarca pessoas que exercem atividade ilegal e altamente criminalizada, sujeitas, portanto, a sanções do sistema de justiça formal e informal, sendo a retaliação uma forma de restituir possíveis perdas materiais, situação em que o uso da força é relevante para o enfrentamento de conflitos e para a construção da identidade de muitos indivíduos. (DESROCHES, 2005; HUGGINS; HARITOS-FATOUROS; ZIMBARDO, 2006; JACOBS; WRIGHT, 2006)

As vítimas resultantes desses conflitos vêm sendo atendidas progressivamente por diversas unidades de saúde do estado, em situação de emergência e grave risco de vida e nos serviços de saúde mental, onde familiares de usuários que vendem drogas e afins passam a apresentar sinais de sofrimento psíquico em decorrência de riscos que não se restringem aos diretamente envolvidos. (DESROCHES, 2005; KENNEDY; SACCO, 1998; SOARES, 2007)

Nesse panorama, fomentando a violência e contribuindo para elevar os níveis de vitimização, situa-se a atuação da força policial nos bairros populares, que se mostra inadequada, altamente violenta e, muitas vezes, envolvida com atos de corrupção. Segundo Naylor (2000) e Machado e Noronha (2002), o embate contínuo da força policial no microterritório, ou seja, nos bairros populares, levaria ao descrédito, à desmoralização e ao desestímulo desses profissionais.

Trata-se de um tema complexo, cujo campo compreende a interface entre a área da saúde e da segurança, envolvendo os efeitos da violência sobre as pessoas que têm contato direto ou indireto com uma atividade ilícita e altamente criminalizada. O estudo, portanto, pretende fornecer subsídios para promover um olhar ampliado e crítico sobre as questões apresentadas nesse contexto e para a adoção de medidas que reduzam os efeitos negativos desses eventos sobre a vida das pessoas.

2 CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA

O uso de substâncias psicoativas (SPAIs), que causam efeitos sobre o sistema nervoso central, não é um fato recente na história da humanidade. Esses produtos sempre foram utilizados de diferentes formas e em distintos contextos. Entretanto, a partir do século XX, passaram a ser consumidos por homens jovens de áreas urbanas. A nova forma de uso dessas substâncias pode levar a problemas sociais, como o envolvimento com crimes e outras formas de violência, bem como o agravamento da desestruturação de bairros e da instabilidade familiar, além de problemas de saúde. Uma das questões que pioram esse panorama é a baixa oferta de tratamento para os usuários e suas complicações. (BERGERON, 2012; BOURGOIS, 2010; DECKER; CHAPMAN, 2008; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

Existe uma ampla diversidade de substâncias psicoativas no mundo. Sua distribuição, porém, está vinculada a fatores culturais, geográficos e sociais. Além disso, as decisões acerca de regulamentação, dispensação, formas e locais de uso também são construtos sociais que envolvem uma ampla gama de instituições e interesses. (BERGERON, 2012)

Há diversas formas de conhecer os tipos de SPAIs que circulam em determinada localidade: as apreensões realizadas pela polícia, a demanda por tratamento por parte dos usuários, inquéritos domiciliares ou *surveys*. (DUAILIBI; RIBEIRO; LARANJEIRA, 2008; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

A frequência do uso de drogas ilícitas na população mundial estimada nos últimos oito anos se situa entre 4,6% e 5,2% de usuários na faixa etária de 15 a 64 anos. Entre eles, aproximadamente 1 em cada 10 usuários tem problemas com dependência química e outros transtornos relacionados a esse uso. Nesse último grupo, a prevalência de HIV e a incidência de mortes prematuras evitáveis relacionadas ao uso de drogas são consideradas altas. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

Na Ásia e na Europa os opióides são responsáveis por maior parte da demanda por tratamento; na América do Norte, na Oceania e na África, eles contribuem, de modo significativo, para essa demanda; nas Américas, predomina a cocaína, na África, a *cannabis*, e na Ásia, as anfetaminas. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

A Tabela 1 mostra o perfil de consumo dos usuários de drogas ilícitas no ano de 2013.

Tabela 1: Prevalência anual e números de usuários de drogas ilícitas, em âmbito global, em 2013

Prevalência	Prevalência	Nº absoluto	Nº absoluto	baixa	alta	baixo
			alto			
<i>Cannabis</i>	2,7	4,9	128.480		232,07	
Opioides	0,6	0,8	27.990		37.560	
Opiáceos	0,3	0,4	12.920		20.460	
Cocaína	0,3	0,4	13.800		20.730	
Anfetaminas	0,3	1,1	13.870		53.870	
Ecstasy	0,2	0,6	9.340		28.390	
Todos os tipos de drogas ilícitas	3,4	7,0	162.000		329.000	

Fonte: United Nations Office on Drugs and Crime (2015)

O uso de *cannabis* e de derivados aparece como o mais frequente, seguido do uso de opioides, referidos no estudo como heroína e morfina, e usos não médicos de opioides prescritos. O uso da cocaína apresenta níveis semelhantes aos dos opiáceos (derivados do ópio sem modificação ou com modificações parciais), das anfetaminas e muito abaixo dos níveis de consumo da *cannabis*.

A cocaína está presente nos EUA desde o final do século XIX, quando era considerada uma substância benigna, usada por classes altas. O mercado era relativamente pequeno até 1960, quando começou a se expandir, no final da década de 70, e vem tendendo ao declínio desde 2006. Nos demais continentes, o consumo permaneceu estável. A maior parte do mercado de cocaína se concentra nos países da América do Sul, onde a prevalência do uso foi estimada em 0,7% em 2010 (1.84 milhões de usuários) e 1,2 % em 2012 (3.34 milhões usuários), três vezes a média de consumo global, que permaneceu até 2013. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

São fatores que podem ajudar a entender esse declínio, o aumento do preço da cocaína que chega aos EUA e o consumo da cocaína na forma de *crack* em alguns países da América do Sul, o que se configura como um mercado mais rentável. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

Em contrapartida, essa queda em um continente vem sendo compensada, em parte, pelos crescentes níveis de consumo na Europa e na América do Sul.

Nos EUA, mais de 50 agências do governo federal estão envolvidas nas estratégias de repressão ao tráfico de drogas. O orçamento anual dessas instituições é de aproximadamente 17 bilhões de dólares e, quando há combinação de ações dos níveis federal, estadual e local, os gastos podem atingir 30 bilhões por ano. (DECKER; CHAPMAN, 2008)

A prevalência do uso de cocaína nas Américas do Sul, Central e no Caribe permanece alta (0.7%, 0.5% e 0.7 %, respectivamente), e vêm surgindo novos mercados de cocaína em diversos países.

O Brasil permanece como um dos países onde o consumo de cocaína é alto, pois a estimativa de uso, na população adulta, foi de 1,75% em 2013, e a maioria dos casos em tratamento se deve ao uso de diversas substâncias, incluindo a cocaína. 20 % dos usuários de drogas em tratamento são consumidores de cocaína apenas. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

As instituições prisionais vêm sendo apontadas, em diversas edições anuais do *World drug report*, como locais de alto consumo. Além de muitas pessoas começarem o uso no interior das prisões, existe o risco de contaminação por HIV, Hepatite C e Tuberculose. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

Uma pesquisa para formular uma estimativa dos usuários de *crack* e de outras formas de cocaína fumada, no Brasil, foi realizada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), como parte do Plano de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas, no período de 2011 e 2013. (BRASIL, 2013)

O estudo mostrou que a maioria dos usuários de *crack*, no Brasil era constituída de adultos jovens, com média de idade de 30 anos; 78,7 % eram homens, 80 % se declararam como não brancos (negros, pardos e indígenas, entre outros) e 60,6% eram solteiros. A maior parte declarou baixa escolaridade, sendo que 0,2% cursaram ou concluíram o ensino médio. 40% dos usuários estavam em situação de rua, sendo que nas capitais, esse percentual foi de 47,3% e, nas cidades menores, essa população foi constituída de 20% dos usuários. Os pesquisadores destacaram que parte desse contingente morava ou vivia boa parte do tempo nas ruas. (BRASIL, 2013)

Ainda no estudo da SENAD (BRASIL, 2013), verificou-se que 65% dos entrevistados obtêm dinheiro por meio de trabalhos esporádicos ou autônomos, 6,4% se envolveram na comercialização de drogas e 9% em furtos. Já 7,5% dos usuários informaram praticar sexo em troca de dinheiro ou de drogas, percentual considerado alto pelo grupo de pesquisadores, tendo em vista que a frequência de profissionais do sexo é inferior a 1%, na população geral.

Nas capitais, a frequência de consumidores de drogas ilícitas foi de 2,28% (cerca de 1 milhão de usuários); de *crack* e (ou) similares foi de 0,81%, aproximadamente (cerca de 370 mil usuários). Dentre eles, 0,11% eram crianças e adolescentes e 0,70% eram maiores de idade. Dentre os 370 mil usuários de *crack* e (ou) similares, cerca de 14% são menores de idade, ou seja, um contingente de quase 50 mil crianças e adolescentes. (BRASIL, 2013)

Pelos dados da pesquisa da SENAD (BRASIL, 2013), pode-se perceber a gravidade da situação para a sociedade brasileira, pois essas pessoas, além de apresentarem problemas de dependência química, estão expostas a diversos outros riscos, tornando-se um grupo ainda mais vulnerável, excluído e estigmatizado.

A escassez de dados sobre a magnitude do problema no Brasil torna difícil a adoção de medidas de enfrentamento que venham a resultar em políticas públicas passíveis de ajustes no decorrer do tempo. Uma parcela da população, que é frequentemente excluída de estudos dessa natureza, é constituída de indivíduos que estão em atividades criminosas de forma rotineira e que, muitas vezes, são usuários de múltiplas drogas. Geralmente, essas pessoas se recusam a participar de pesquisas fora da prisão, ou a frequentar serviços de saúde, pelo risco de serem identificadas, perseguidas ou denunciadas; esse é um medo que paira sobre elas de forma constante.

Pelo exposto, conclui-se que a questão das drogas é muito ampla e complexa, por envolver uma diversidade de aspectos que merecem uma discussão aprofundada. Importa saber o que vem a ser esse espaço de trocas, que atende a diversos fins e demandas, operando dentro das leis de um mercado informal, ilegal e altamente criminalizado. Esse processo torna ainda mais vulnerável uma parte da sociedade que, muitas vezes, já vive em situação de risco à saúde e à integridade física; aprofunda as desigualdades e piora os indicadores de morbidade e mortalidade.

2.1 DADOS SOBRE VIOLÊNCIA E VITIMIZAÇÃO

Existem muitas formas de estimar os efeitos da violência sobre os grupos sociais e, a partir deles, propor medidas para o enfrentamento dessa situação. Dados sobre morbidade e mortalidade são obtidos através de diversas formas de notificação, embora muitas delas não sejam padronizadas, principalmente no que se refere à morbidade. No caso da violência, parte dos danos pode ser identificada através das notificações de vitimização fatal e não fatal. (MINAYO, 1994)

Quanto a esse aspecto, Minayo (1994) e Noronha e colaboradores (1999) informam que as fontes mais comuns para dimensionar os efeitos letais da violência são os atestados de óbitos e as estatísticas policiais, embora elas sejam limitadas do ponto de vista de saúde pública, pois não permitem um conhecimento mais detalhado sobre os diversos fatores envolvidos.

Os atestados de óbito – que alimentam o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), criado em 1975 para produzir estatísticas de mortalidade e subsidiar ações nas diversas esferas do setor público têm sua fidedignidade dependente de uma série de fatores, que vão desde a existência de um serviço de verificação de óbito até o preenchimento correto do documento. (WAISELFISZ, 2014, 2015)

Se dados sobre mortalidade, que parecem mais fáceis, frente à maior evidência do evento morte, são problemáticos, dados sobre danos não fatais, ou seja, de morbidade sob a rubrica da violência, são de obtenção ainda mais difícil. Muitas razões podem ser levantadas para explicar esse fato: dificuldades de notificação, de identificação das vítimas em alguns casos, além de dificuldades ou impedimentos de denúncia, gerados pelo contexto em que se desenvolve a agressão. (MINAYO, 1994; NASCIMENTO, 2003)

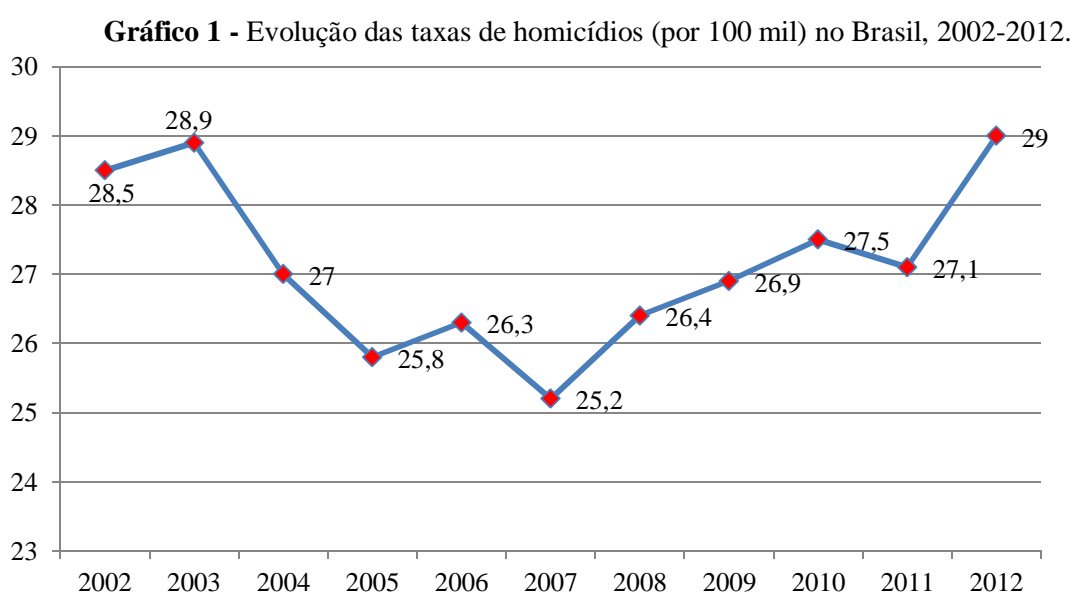
Observou-se que os países de menor renda representaram 91,1% do total dessas mortes, concentrando os homicídios, sendo que 77% dessas vítimas eram homens, taxa mais que o triplo da verificada para mulheres. Em relação à idade, a faixa etária que concentrou maior ocorrência foi a de 15 a 29 anos (19,4 por 100 mil) e a de 30 a 44 anos (18,7 por 100 mil). (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002; SCHRAIBER; D'OLIVEIRA; COUTO, 2006)

Em relação à vitimização fatal, os estudos sobre violência e criminalidade no Brasil têm mostrado que houve um crescimento exacerbado das taxas de homicídios nas principais cidades do país, a partir dos anos 70, e que elas se mantêm ascendentes na década de 80, quando se verifica a disseminação do tráfico de drogas e de armas, e surgem organizações criminosas com alto poder de letalidade. (BEATO; PEIXOTO; ANDRADE, 2004) Esse fenômeno decorre também da corrupção policial e da ação dos grupos de extermínio. (SOUZA; LIMA, 2007)

Trata-se de um aspecto de extrema relevância, pois se estima a existência de 200 vítimas indiretas para cada vítima fatal. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002) O custo social dessa situação é ainda mais grave quando se pensa nas consequências

devastadoras da perda de pessoas que deveriam dar suporte a crianças e adolescentes. (BOURGOIS, 2010)

Na década de 80, o perfil da mortalidade por causas externas, no Brasil, seguia a tendência mundial, com maior incidência de jovens do sexo masculino e de regiões metropolitanas. O número de homicídios teve um forte crescimento no ano de 1980, sendo a taxa de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes; no ano 2003, essa taxa chegou a 28,9. O Gráfico 1 a seguir mostra a evolução das taxas de homicídios no Brasil de 2002 a 2012. (MACEDO et al., 2001; NORONHA et al., 1999; WAISELFISZ, 2014, 2015)



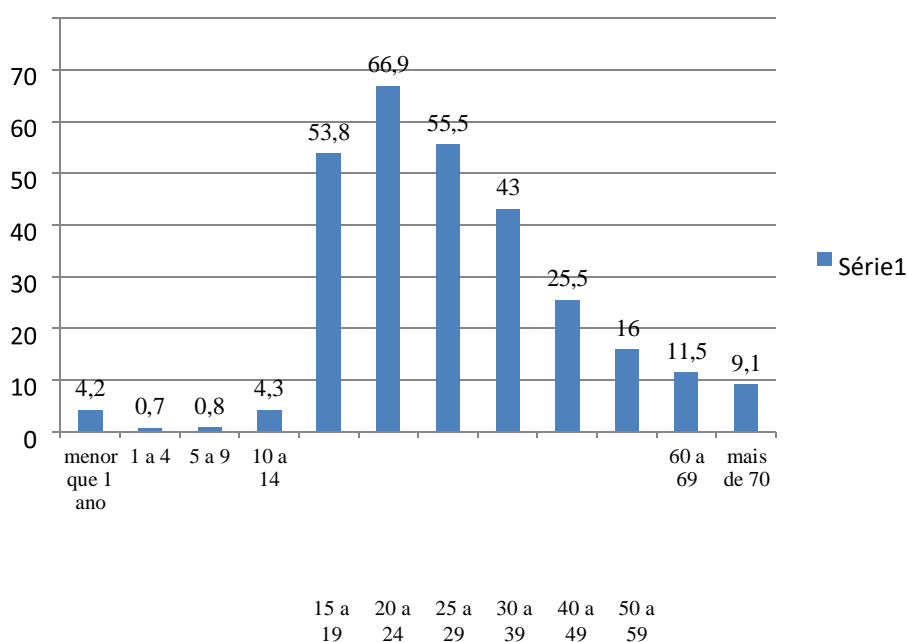
Fonte: Waizelfisz (2014)

Percebe-se que a taxa de homicídios era de 28,5% em 2002 e, em 2003, chega a 28,9%, quando começa a cair nas grandes cidades, como efeito da campanha de desarmamento. Em 2008 (26,4%), os homicídios voltam a ficar mais expressivos, principalmente nas grandes cidades, até 2010 (27,5%), e têm uma pequena queda em 2011 (27,1%); mas, em 2012, voltam a subir (29%). Essas oscilações são secundárias, vinculadas a fatores pontuais ou inespecíficos, ou, às vezes, não chegam a ser identificadas, o que faz com que essa seja uma realidade polimorfa e heterogênea de abordagem mais complexa. (WAISELFISZ, 2014)

Seguindo essa linha, Waizelfisz (2014) informa que, no período compreendido entre 1980 e 2012, 62,9% das mortes de jovens foram devidas a causas externas, sendo que 28,8% do total dessas mortes foi por homicídio. Significa dizer que uma parcela considerável da

população, predominantemente masculina e de áreas metropolitanas, morre antes de atingir a idade madura, o que resulta num aumento de anos potenciais de vida perdidos, perda de capacidade produtiva potencial, além de danos sociais e familiares.

Gráfico 2 - Taxas de homicídios (por 100 mil) segundo faixa etária no Brasil, 2012.



Fonte: Waizelfisz (2014)

Percebe-se a predominância de jovens nas taxas de homicídio, sendo que esse processo de concentração começa dos 10 aos 14 anos (4,3%), tem um ápice na faixa de 20 a 24 anos (66,9%) e, a partir dos 40 anos, começa a declinar (25,5%). Outro dado relevante é a estatística de homicídios envolvendo menores de um ano (4,2%). (WAIZELFISZ, 2014) categoria homicídios intencionais por arma de fogo, os jovens são as vítimas mais frequentes, sendo que, em 2008, a taxa era de 12,8 óbitos por 100 mil jovens e, em 2012, foi de 47,6, um crescimento de 272,6%. Esse mesmo estudo mostra que 95 % das vítimas de homicídio por arma de fogo são do sexo masculino e negros, sendo que a proporção de negros foi 142 % maior que a de brancos. (WAIZELFISZ, 2015)

Trata-se de uma realidade difícil, heterogênea, que vem se mantendo na sociedade brasileira e sendo denunciada em diversas instâncias. Muitos desses homicídios intencionais por arma de fogo podem ser decorrentes de conflitos envolvendo os mercados de drogas. Entretanto, uma relação direta de causa e efeito não pode ser estabelecida, tendo em vista que outros mercados informais e ilegais, mesmo envolvendo substâncias psicoativas altamente

criminalizadas, não apresentaram índices de violência semelhantes aos do Brasil, que é frequentemente comparado aos países que vivem conflito armado por um longo período. (CARVALHO; SEIBEL, 2009; WAIZELFISZ, 2012, 2014, 2015)

3 MARCO TEÓRICO

O uso de substâncias psicoativas (SPAIs), que causam efeitos sobre o sistema nervoso central, não é um fato recente na história da humanidade. Esses produtos sempre foram utilizados de diferentes formas, finalidades e em distintos contextos. Porém, a partir do século XIX, passaram a ser empregados fora do contexto do qual eram originários. No século XX, os usos se intensificaram em pessoas jovens de áreas urbanas e estavam vinculados a efeitos nocivos à saúde, como compulsão, intoxicação e problemas sociais graves. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2012) Com o aumento do consumo, surgiu a necessidade de distinguir e regulamentar as substâncias, suas indicações, seus usos e efeitos, bem como determinar quem pode produzir, distribuir e comercializar, ou seja, a categorização de uma substância é um construto histórico e social, sujeito a mudanças e ajustes. (BERGERON, 2012)

O primeiro marco regulatório foi decorrente das guerras do ópio envolvendo a China e Inglaterra (1839-1842 e 1856 a 1860), que culminaram com o tratado de Xangai ou a Convenção Internacional do Ópio, em 1912. A partir daí, outras substâncias foram alvo de medidas proibitivas e regulatórias. (BERGERON, 2012; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

Outro marco importante dessa mesma política foi a Lei Seca nos EUA, que proibia a fabricação, o transporte e a venda de bebidas alcoólicas em todo território nacional no período entre 1920 a 1933. Os argumentos para a proibição eram os graves efeitos sobre a saúde dos cidadãos e a degradação social provocada pelo uso contumaz. Embora, inicialmente, contasse com o apoio da população, a lei seca não impediu o aumento do consumo de bebidas, a expansão do comércio ilegal, o enriquecimento do crime organizado, o aumento da corrupção e a explosão da violência. Esses desdobramentos fizeram com que essa lei fosse revogada em 1933. (BERGERON, 2012; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

O que se verificou no século XX foi que, apesar das tentativas de regulamentação e proibição, o consumo vem se expandido, movimentando enormes somas ao redor do mundo¹ e criando mercados² cada vez mais específicos, que atravessam fronteiras. Em contrapartida, as

¹ Em 2012, o tráfico de drogas movimentou cerca de 320 bilhões de dólares. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2014)

² Os mercados são espaços sociais estabelecidos a partir da expansão das relações de troca. Eles vêm sofrendo mudanças importantes, principalmente após o surgimento do modo de produção capitalista, direcionados para o lucro e o acúmulo de capital. Se eles tinham um papel complementar, passaram a ter posição central, tornando as sociedades cada vez mais dirigidas por eles. (POLANYI, 1978)

tentativas de regulamentação vêm sendo realizadas através de tratados ou convenções internacionais, como a Convenção Única sobre Entorpecentes de 1961 (sofreu emenda em 1972), a Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971 e a Convenção Contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas de 1988. Elas têm o objetivo de combater o abuso de drogas por meio de ações internacionais coordenadas. Existem duas formas de intervenção e controle que trabalham juntas: a primeira é a limitação da posse, do uso, da troca, da distribuição, da importação, da exportação, da manufatura e da produção de drogas exclusivas para uso médico e científico; a segunda é combater o tráfico de drogas por meio da cooperação internacional para deter e desencorajar os traficantes. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

Nesse cenário, percebe-se que as medidas adotadas são centradas na repressão e na proibição e, em muitos lugares, se empreendem guerras às drogas, o que não vêm se mostrando eficaz, porque elas são caras, não contemplam as especificidades dos mercados e demais fatores envolvidos, e tendem a criminalizar e estigmatizar grupos sociais específicos, aumentando a vulnerabilidade, a mortalidade e a exclusão desses grupos. (MISSE, 2010)

3.1 OS MERCADOS DE DROGAS

Diversos autores têm buscado entender as diferenças dos tipos de mercados e como eles se desenvolvem ao longo do tempo, em determinados grupos sociais. Eles podem se diferenciar quanto ao grau de centralização (monopólio ou oligopólio), política de preços, escala de atuação e tipos de produtos. Alguns produtos comercializados podem ser considerados ilegais e outros não. Mesmo dentro dos ilegais, uns são alvo de maior repressão e criminalização do que outros, ou seja, essas classificações são produzidas dentro do contexto social, histórico e cultural em que se desenvolvem.³ (MISSE, 2007; NAYLOR, 1997; REUTER, 2009)

Segundo Misse (2007) a reação moral ao produto comercializado é um fator importante para a criminalização das mercadorias dos mercados informais, como, por exemplo, a diferença entre o tráfico de mulheres e bebês e a pirataria de *compactdiscs* (CDs),

³ Muitos estudos sobre os mercados de drogas foram realizados em sociedades cujos níveis de violência são menores que os verificados no Brasil, como Inglaterra, EUA e Canadá. O país que mais se assemelhou à realidade brasileira, presente em algumas pesquisas, foi o México, em que também se observam altas taxas de violência.

em que os primeiros causam muito mais estranheza e comoção e, por isso, são alvo de maior repressão e criminalização.

Reuter (2009) estabelece uma tipologia de mercados de drogas ilícitas, baseada nas diferenças de origem dos vendedores e usuários. Segundo o autor, nos mercados locais, consumidores e vendedores residem na mesma área. Nos mercados de importação, os consumidores são residentes e os vendedores vêm de fora. Nos de exportação os consumidores são de fora e os vendedores são residentes. Os mercados públicos se caracterizam pelo fato de que ambos são de fora do local onde se processa a comercialização. Os mercados locais, como os mercados de drogas nos bairros populares, envolvem pessoas que se conhecem, o que, segundo o autor, reduziria a competição por território e os atos de violência, porque eles seriam inibidos pela divulgação e visibilidade. Porém a instabilidade e a multiplicidade dos grupos que operam nesses mercados fazem com que as disputas pelo monopólio provoquem aumento da violência.

Desse modo, a comercialização de drogas está inserida em mercados informais e locais, com produtos ilegais altamente criminalizados. Envolve uma série complexa de interações, possibilitando que os produtos sejam produzidos, transportados, distribuídos e cheguem ao consumidor final. (BEARE, 2012; NAYLOR, 2000)

Uma característica desses mercados é o fato de os produtos comercializados, como maconha, cocaína e *crack*, poderem ser adulterados antes de ser vendidos para o consumidor final, diferentemente de outros mercados ilegais, como os de armas e joias, que requerem produtos de boa qualidade para o consumidor. (NAYLOR, 2000)

A expansão dos mercados de drogas ilícitas nos bairros populares de grandes cidades vem sendo atribuída a fatores como agravamento das condições sociais, baixa oferta de empregos formais e crescente busca por atividades que possam gerar renda imediata para sobrevivência e aquisição de bens de consumo. Fagan e Chin (1990), em um estudo realizado em um bairro de Nova York, relatam que, em 1970, a redução dos empregos e o enfraquecimento do controle social aumentaram a exclusão social e a vulnerabilidade de alguns grupos. Dentro da economia informal, houve aumento das oportunidades para distribuição de drogas por novas organizações e incentivo para a participação de indivíduos e grupos nesse tipo de economia informal e ilegal. (BOURGOIS, 2010; FAGAN; CHIN, 1990; RUGGIERO, 2005)

O contexto de pobreza, desorganização social e alta demanda propiciou o surgimento de um produto que leva à compulsão rapidamente, de baixo custo e de fácil comercialização

nas classes populares. O produto emergente foi o *crack*⁴, resultante da pasta base da cocaína, que pode ser obtido misturando-a a várias outras substâncias, o que reduz o custo, aumenta o acesso, o número de usuários e a lucratividade, tornando a cocaína economicamente acessível. (FAGAN; CHIN, 1990; RUGGIERO, 2005)

O uso e venda de *crack* se tornou amplamente visível em Nova York, em um intervalo de dois anos, principalmente em áreas social e economicamente pobres, onde começaram a surgir diversos conflitos, como os decorrentes da necessidade de obter drogas, da proteção de interesses econômicos dos grupos que a comercializam ou para regular um mercado altamente criminalizado. Fagan e Chin (1990) e Bourgois (2010) chegam a falar de um mercado selvagem ou louco, para descrever os altos níveis de violência que se observavam nos mercados, envolvendo o *crack*.

Bourgois (2010), em estudo realizado no bairro do Harlem em New York, argumenta que a dependência de substâncias se caracteriza como um sintoma ou um símbolo da marginalização e alienação de grupos sociais. Por sua vez, Ruggiero (2005) questiona as abordagens tradicionais, que tratam do consumo como dependência química pura, sem levar em conta elementos do contexto social, fatores econômicos, entre outros.

No Brasil, apesar da grande visibilidade dos danos diretos e indiretos do tráfico e de sua presença marcante no noticiário nacional, só recentemente o assunto vem ocupando posição de destaque na agenda da saúde. Até então, as atuações eram restritas às instituições de justiça, de segurança pública, centradas na repressão ao tráfico de drogas.

Na cidade do Rio de Janeiro, na década de 80, o mercado de cocaína se expandiu rapidamente, por existir uma rede de distribuição pronta, que servia ao jogo do bicho, estabelecida por organizações criminosas com infraestrutura bem delimitada, formadas por pessoas oriundas de quadrilhas criminosas que tinham líderes dentro das instituições penais, a exemplo do Comando Vermelho, composto por assaltantes de banco que cumpriam pena em regimes diversos ou estavam foragidos. (LESSING, 2008; MISSE, 2007)

Após a centralização inicial do tráfico pelo Comando Vermelho, houve um declínio do controle exercido por essas organizações do jogo do bicho e um aumento da capilaridade do tráfico de cocaína nos bairros populares cariocas. Tal situação gerou uma onda de disputas por território entre integrantes dos grupos, por questões de liderança, repressão policial maciça e a

⁴ Esse produto foi amplamente vendido nos mercados de Los Angeles, Nova York e Miami, a partir de 1985, principalmente nos bairros pobres, em áreas próximas aos pontos de importação de cocaína, e nas intituladas *crack houses*, locais onde o uso era limitado para usuários e vendedores. Tornou-se, portanto, uma droga popular, que se caracterizava como um bom investimento. (BOURGOIS, 2010; FAGAN; CHIN, 1990; RUGGIERO, 2005)

entrada de crianças e adolescentes, o que se refletiu em aumento do número de mortes nessa faixa etária, principalmente a partir de 1994. (MISSE, 2007)

Esse desdobramento do tráfico dentro dos bairros populares, intitulado *movimento*, arregimentava pessoas para atuarem articuladas em função de acordos estabelecidos e se mostrou mais atraente e vantajoso para os padrões de renda das populações que atingiu, quando comparado com outros mercados de trabalho ilegais e convencionais, como a prostituição, o jogo, o pequeno contrabando, as vigarices, a compra e venda de objetos roubados e mesmo o jogo do bicho. (MISSE, 2007; ZALUAR, 1997, 2004)

O contexto social do surgimento do *crack* na cidade de São Paulo está relacionado com o desenvolvimento de atividades informais e ilegais que passaram a representar uma forma de ocupação e renda. A comercialização de drogas ilícitas, nos bairros populares, constituía não apenas um modo de garantir o sustento, como se configurou como um modelo paralelo de ordenamento social, através do controle territorial estabelecido pelas organizações do comércio de drogas. (ADORNO; SALLA, 2007; FELTRAN, 2010)

Zaluar (1985) e Grillo (2013), em seu estudo sobre o tráfico de drogas ilícitas nos bairros populares do Rio de Janeiro, informam que ele se estabelece como um mercado organizado e hierarquizado, em que as relações sociais são pautadas pela ameaça sustentada, pela presença ostensiva de arma de fogo e pelo uso da força. Em outros termos a comercialização da cocaína foi marcada pelo uso da violência, para garantir e expandir territórios, lucros e evitar perdas.

Em contrapartida, a resposta do Estado à expansão desses grupos foi sua crescente criminalização, sendo enquadrados na categoria de *crime organizado*, cujo conceito envolve a prática reiterada de condutas delituosas, voltadas para a maximização de lucro, a presença de rede mais ou menos estruturada, com definição de tarefas e a acumulação de capital, o que permite a transformação de capital ilícito em negócio lícito, que se chama *lavagem de dinheiro*. (CRESSEY, 2008; MISSE, 2007)

Segundo Misse (2007) essa categorização foi indevida, por não dar conta da diversidade de dinâmicas que a rubrica envolve, e que outras transações com produtos de crimes, como roubos, precisam de uma rede de contatos para operar de modo eficaz, porém, para a lei, não configura atuação em grupo e muito menos crime organizado. Além disso, é em mais uma penalização imposta a grupos vulneráveis, onde essas operações e seus efeitos relacionados à violência são visíveis, diferentemente do tráfico de bairros de classe média e alta, em que os operadores agem sob sigilo e contratos de confiança, sem serem identificados e criminalizados. (GRILLO, 2008; MISSE, 2007)

Nesse aspecto, Grillo (2008) coloca que, na classe média, há uma modalidade de tráfico *pulverizada*, e formas diluídas de compra e venda, como através da internet, academias e outros espaços que funcionam como áreas fluídas, não fixas, nos quais não existem pontos comerciais específicos e identificáveis, práticas de controle territorial com exibição de armas de fogo, tal como ocorre nos bairros populares. (GRILLO, 2008; MISSE, 2007)

Na Bahia, Lima (2013) e Conceição (2015) realizaram estudos sobre os mercados de drogas de dois bairros populares. O primeiro localizado na região metropolitana e o segundo na cidade de Salvador. Em ambos os casos, os mercados eram polivalentes, ou seja, comercializavam diversos tipos de drogas.

Lima (2013) descreveu as mudanças provocadas pela chegada do *crack* no bairro, onde a maconha era o principal produto e predominavam os empreendedores individuais. O modelo de empresa criminal foi progressivamente imposto aos comerciantes de drogas que atuavam na localidade, através dos usos de diversas formas de violência. Esse processo e as disputas constantes pelo território resultaram em um grande número de mortes de jovens e na hegemonia do modelo empresarial.

Conceição (2015) delineou a estrutura funcional dos grupos que comercializavam drogas no bairro, demonstrando as características dos operadores, as fases de concentração e fragmentação dos mercados, a luta pelo monopólio e a importância dos usos de diversas formas de violência nesse processo. Além disso, o autor ressalta a extensão dos efeitos da violência, que extrapola o tráfico e atinge as práticas cotidianas dos moradores.

3.2 MODOS DE ORGANIZAÇÃO

A literatura específica sobre os mercados de drogas ilícitas vem reiterando as mudanças nas demandas por alguns tipos de produtos e a influência do processo de globalização nos perfis de consumo. Percebe-se que há uma variabilidade nos padrões de estruturação desses grupos, o que tem reflexos diretos sobre os modos como atuam e como o uso da força vai se estabelecer. (DECKER; CHAPMAN, 2008; DESROCHES, 2005; RUGGIERO, 2005)

Decker e Chapman (2008), em seu estudo sobre o tráfico de drogas nos EUA, estabelece um paralelo entre os dois grandes grupos do tráfico de drogas que atuavam nas décadas de 70 a 90, em duas cidades da Colômbia, país conhecido pela produção de grandes

quantidades de maconha e cocaína e que se tornou um dos grandes fornecedores para os EUA, intitulados Cartel de Medellín e o Cartel de Cali.

No cartel de Medellín (1972-1993) os integrantes formavam organizações que operavam de forma tradicional, com o chefe no topo da hierarquia rígida, funções bem delimitadas, liderança bem definida e centralizada e uso ostensivo da violência. Por conta da morte de seus líderes e da intensificação das políticas antidrogas na Colômbia e nos EUA, houve a substituição daquele pelo cartel de Cali (1977-1998), que era composto por uma associação de cinco sindicatos de drogas, cada um representando diferentes aspectos dos negócios, menos centralizado, o que dificultava a identificação dos líderes para que se tornassem alvo de medidas de repressão. Com o tempo, o que representava uma adaptação positiva em relação ao primeiro modelo passou a acarretar problemas, pois a fragmentação em grupos cada vez menores teve como consequência a perda da habilidade em coordenar o movimento de drogas nos EUA e fazer frente aos avanços das medidas repressivas. (DECKER; CHAPMAN, 2008)

Na Europa, Ruggiero (2005), em seu estudo sobre o tráfico de heroína na Itália e no Reino Unido, coloca que o crescimento do consumo de drogas da década de 70 e 90 causou mudanças no mundo do crime, com o surgimento de novas formas de organização, com graus variáveis de estruturação e que requeriam uma reavaliação da noção clássica de crime organizado. Segundo o autor, as grandes organizações criminosas, centradas em lideranças com alto grau de profissionalização e com redes sociais baseadas em laços de consanguinidade ou parentesco, foram substituídas por estruturas menores, mais dinâmicas, com contratação mais temporária, que podem realizar operações únicas, fazer alianças com empreendedores legais ou ilegais. Ao mesmo tempo, essa fluidez contratual reduz o controle sobre as informações, que são cruciais nesse tipo de negócio, em que o sigilo e o anonimato são fundamentais, fazendo com que os contratadores tenham de adotar medidas para desestimular declarações contra o grupo. (REUTER, 1983, p. 115 apud RUGGIERO, 2005)

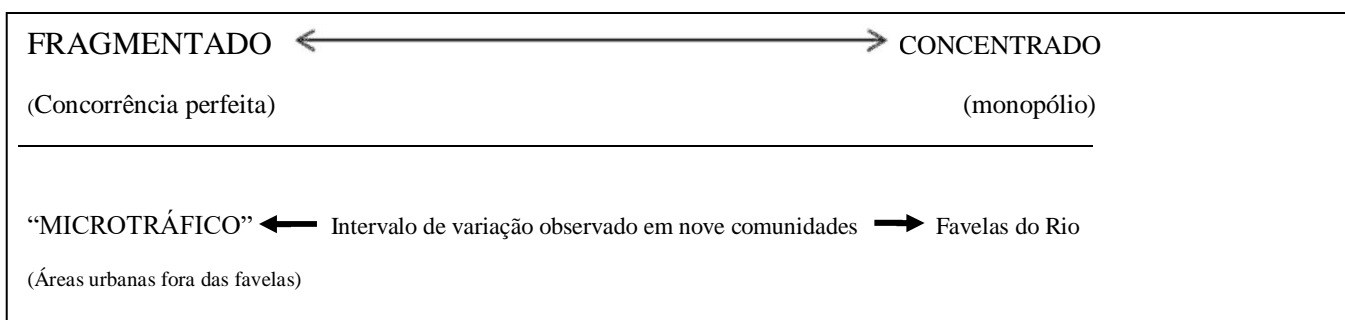
Uma das estratégias é a inclusão de familiares, pois isso implica maior lealdade. Porém um negócio em larga escala, com muitos pontos de venda, dificulta essa restrição. O que caracteriza a mão de obra constituída de vendedores é a precariedade de vínculo, pois muitos são também consumidores, não têm antecedentes criminais e podem estar inseridos em atividades formais, sendo a venda de drogas um complemento de renda, o que explica as poucas habilidades de muitos deles. Essas características beneficiam seus contratantes, que são organizados e profissionais. (REUTER et al., 1990 apud RUGGIERO, 2005)

Desse modo, os autores colocam que a visão do crime organizado como uma estrutura “monolítica”, com a participação de indivíduos com alto grau de especialização e profissionalização, não se sustenta, ainda mais com a diversificação dos tipos de drogas e a expansão de mercados que se mostram polivalentes. (RUGGIERO, 2005)

Ruggiero (2005) adota o conceito de “Bazar urbano” para descrever uma diversidade de redes dinâmicas de ofertas e demandas, multiplicidades de negociação, habilidade de contratação no espaço intitulado por Laguerre (1994 apud RUGGIERO, 2005), como “cidade informal”, que envolve os mercados informais e ilegais de forma contínua, e não como espaços distintos, descontínuos, que possuem interface com os mercados legais. Eles permitem trocas de diversos níveis e surgem em épocas de dificuldades sociais, como as migrações na Inglaterra, na década de 60, em que a mobilidade residencial ocorria sem registro, o que poderia ter expandido os mercados irregulares. (RUGGIERO, 2005)

No Brasil, Lessing (2008), em estudo envolvendo nove comunidades de bairros populares de três capitais brasileiras, classifica os mercados de drogas de acordo com seu grau de concentração e fragmentação. Para o autor, essas formas funcionam dentro de um gradiente, gerando configurações mais ou menos concentradas, sendo que o tráfico, na cidade do Rio de Janeiro, é um exemplo de mercado altamente concentrado.

Quadro 1 - Concentração dos mercados locais de drogas



Fonte: Lessing (2008, p. 47)

Nesse quadro, percebem-se os extremos, como o caso Rio de Janeiro, São Paulo e outras capitais, onde os mercados são mais concentrados ou monopolizados e, do outro lado, o microtráfico, caracterizado por empreendedores individuais. (LESSING, 2008)

Ambas as formas de organização têm vantagens e desvantagens, pois, ao passo que uma organização mais estruturada faz com que os indivíduos sejam protegidos, tenham pontos de vigilância e demais fatores que, aparentemente, os protegem, o dinheiro circulante desperta cobiça, e a fixação no território, segundo Decker e Chapman (2008), faz com que sejam

facilmente identificados e estejam vulneráveis às ações dos demais, tanto de outros grupos rivais quanto da polícia. Para esses autores, seria um fator importante para a maior frequência de prisões, diferentemente dos distribuidores e transportadores ou vendedores de outros segmentos, que não são tão identificáveis. Desse modo, a prática no território seria uma prática *visível*, contrariamente às outras formas *invisíveis* ou diluídas dos demais segmentos de comercialização.

Os mercados fragmentados são constituídos por pequenos grupos de até 5 pessoas. Neles, não há divisão de tarefas entre os operadores, que têm um mínimo relacionamento com moradores, não possuem controle territorial, não usam ou exibem armas de fogo e usam, como estratégia de enfrentamento de conflitos com terceiros, correr e se esconder. Em contrapartida, os mercados concentrados ou monopolizados têm estrutura hierárquica bem estabelecida, salários e carreiras, relação patronal, regras sociais semi-institucionalizadas, domínio territorial, controle sobre os moradores, grandes arsenais militares, grande poder de fogo, exibição ostensiva da força, com constantes, ameaças, invasão e ocupação de territórios. Quanto mais monopolizado ou centralizado um mercado, maior o volume de drogas, de dinheiro circulante, maior visibilidade e atenção do poder público, o que pode resultar em problemas no enfrentamento com a polícia. (FAGAN; CHIN, 1990; LESSING, 2008)

O uso da força, da intimidação e do suborno frente a integrantes de grupos concorrentes, a usuários que causam problemas diversos e à polícia é a estratégia que pode ser adotada nesses tipos de mercado. Em contrapartida, requer mais trabalho para repor postos de integrantes que ficaram vagos por prisões e mortes. Em relação aos usuários, ambas as formas têm vantagens e desvantagens, pois, ao passo em que uma grande empresa de tráfico, por ter um capital maior, consegue lidar com dívidas de forma menos violenta, apenas deixando de fornecer ao usuário, eles podem representar fontes de conflitos por pequenos furtos na área de atuação das organizações, necessitando uma intervenção mais violenta. Os pequenos grupos por outro lado, tendem a tratar a questão das dívidas e demais conflitos provocados por usuários de forma mais violenta, em decorrência da perda de capital que ocasionam. (CONCEIÇÃO, 2015; LESSING, 2008; LIMA, 2013)

Para lidar com essas novas formas de organização vêm sendo utilizadas diversas denominações, como *empresas criminais*, que englobam arranjos provisórios e de organização e estruturação muitas vezes precárias, e outros que envolvem alto nível de organização. (GRILLO, 2013; LESSING, 2008; NAYLOR, 2000)

Segundo Naylor (2000) as empresas criminais podem se apresentar de duas diferentes formas, que serão exibidas a seguir:

Quadro 2: Empresas criminais: dois modelos

Modelo I	Modelo II
Grandes organizações	Indivíduos, pequenos grupos
Hierarquia	Reciprocidade e negociações pontuais
Planejamento de longo prazo	Planejamento oportunista
Altos lucros	Lucros modestos
Lucro concentrado	Lucros dispersos
Infiltração nos mercados legais	A maior parte do dinheiro é utilizada no local, nas ruas
Corrupção	A maior parte do dinheiro é usada de forma legal

Fonte: Naylor (2000)

O autor considera aspectos como o tamanho da organização, a hierarquia, o planejamento, o montante de dinheiro e como ele é utilizado, bem como a capacidade de corrupção.

Desse modo, o conceito de empresa criminal foi adotado, porém foram adicionados outros fatores que compõem o quadro, o que ajuda a entender as formas de organização encontradas no estudo:

- a) Grau de concentração: é caracterizado pelo nível de controle exercido por empresas criminais, controle territorial, presença de estrutura hierárquica, bem como da relação patronal, salários, carreira, uso de armamento pesado. A direção oposta seria a fragmentação, ocorrendo entre os dois extremos, diversos graus de fragmentação ou concentração. (DECKER; CHAPMAN, 2008; LESSING, 2008)
- b) Coesão grupal: envolve a solidariedade, o sentimento de pertencimento e proteção entre os membros do grupo. Donald e Wilson (2000 apud DECKER; CHAPMAN 2008, p. 147), elaboram os conceitos de *time* e *ação grupal*. No *time*, haveria maior interdependência entre os participantes, e o resultado da ação coletiva seria maior do que a soma de suas partes. Já na *ação grupal*, os indivíduos seriam menos interdependentes, e o resultado é variável segundo o perfil de cada indivíduo.
- c) Estratégias de proteção: implica a adoção de medidas individuais, como correr, se esconder, ou coletivas, quando há uma rede mais estruturada de proteção, como no

caso de uso seguranças e olheiros. (DECKER; CHAPMAN, 2008; DESROCHES, 2005)

- d) Usos da violência: refere-se ao padrão de uso da violência, se de forma expressiva ou instrumental, ou ordenada, seguindo uma linha de atuação do grupo, ou desordenada, a partir de decisões individuais. (MISSE, 2010; REUTER, 2009; TEIXEIRA, 2009)
- e) Capacidade de aliciamento de agentes públicos ou corrupção: refere-se ao modo como os integrantes lidam com os agentes públicos, ou profissionais que deveriam atuar na prevenção ou controle de atividades criminosas, através da adoção de estratégias para manutenção de uma relação que permite a segurança e o anonimato das atividades criminosas. (DESROCHES, 2005; REUTER, 2009)
- f) Armas de fogo: as armas de fogo são tema recorrente na literatura acerca da violência nos mercados de drogas, tanto pelo alto poder de letalidade e sua associação às altas taxas de mortalidade e morbidade, quanto pela interface dos mercados de drogas com os mercados ilegais de armas de fogo. Esse é um exemplo de como as práticas legais se imbricam com práticas ilegais, tendo em vista que o mercado de armas segue normas rígidas de fabricação, que são, na maioria das vezes, do domínio de agentes públicos especializados. Essa é uma prática de corrupção pouco explorada. Os tipos de armas diferem a depender do tipo de organização criminal ou agrupamento para comercialização de drogas. (LESSING, 2005; RIVERO, 2005; RUGGIERO, 2005)
- g) Controle territorial: nível em que há controle sobre a área de abrangência de comercialização de determinado grupo. Reflete o grau de estruturação do grupo, bem como a hierarquia e o pessoal para realizar as tarefas de controle, assim como o estabelecimento de normas que devem ser seguidas. (DECKER; CHAPMAN, 2008; MISSE, 2007, RUGGIERO, 2005)

3.3 TIPOS DE DROGAS

Os mercados de drogas comportam uma ampla variedade de produtos e consumidores, que não se inter-relacionam de modo uniforme. Diversos estudos abordam essas especificidades e como a violência se apresenta de acordo com os diferentes tipos de drogas,

sendo que alguns mercados são mais propensos a formas violentas. (FAGAN; CHIN, 1990; REUTERS, 2009; SCHNEIDER, 2013)

Fagan e Chin (1990) relatam que a violência vem sendo relacionada ao mercado de drogas, fornecendo como exemplos o álcool nos EUA e o ópio na China, apontando as altas taxas de homicídios e a utilização de serviços de saúde como indicadores da gravidade da situação.

O mercado de *crack* vem se mostrando mais violento do que os mercados de maconha, heroína e outras drogas, porque sua comercialização está concentrada em áreas pobres, por ser uma droga barata, o que a torna altamente competitiva. O *crack* pode rapidamente causar dependência grave e alterações de comportamento nos usuários, que necessitam adquirir a droga a qualquer custo, inclusive envolvendo-se em pequenos crimes e prostituição. (BLUMSTEIN, 1995; BOURGOIS, 2010; FAGAN; CHIN 1990; GOLDSTEIN et al., 1997; OLIVEIRA; NAPPO, 2008; RODRIGUES et al., 2012; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2012)

Goldstein e colaboradores, ao analisarem as taxas de homicídios em Nova York, no ano de 1988, observaram que o *crack* foi responsável por 65 % dos homicídios relacionados às drogas e que eram resultantes da violência sistêmica. (GOLDSTEIN et al., 1997)

Segundo Fagan e Chin (1990), o uso da violência sistêmica é maior no mercado de *crack* que de heroína, maconha e outras drogas, incluindo a cocaína. É mais frequente entre os indivíduos que atuam em grupos do que entre os que atuam isoladamente.

Nesse mesmo estudo foram comparados vendedores agrupados de acordo com o tipo de droga comercializada: maconha, heroína, cocaína e *crack* (venda de apenas um tipo ou vários tipos ao mesmo tempo). Nos grupos em que havia venda de *crack*, a violência foi, no mínimo, 2,5 vezes maior do que nos grupos onde ele não era comercializado. (FAGAN; CHIN, 1990)

As formas de violência identificadas foram: lutas entre vendedores rivais, roubos por débitos, brigas pela qualidade da droga com outros vendedores, roubos de vendedores, roubos de usuários, brigas com usuários sobre a qualidade de drogas e brigas pela posse de equipamentos para uso de drogas. (FAGAN; CHIN, 1990)

Tais achados dão visibilidade à periculosidade do entorno da comercialização de algumas drogas, sendo que a vulnerabilidade dos usuários aumenta, pois eles têm poucos recursos materiais, psicológicos, físicos e sociais para enfrentar os problemas desencadeados pela comercialização. Muitos passam dias nas ruas, têm a saúde física e mental

comprometida, o que agrava seu estado. (BOURGOIS, 2010; FAGAN; CHIN 1990; OLIVEIRA; NAPPO, 2008; RODRIGUES et al., 2012)

Uma questão apontada por Fagan e Chin (1990), Reuter (2009) e Schneider (2013) é que os usuários de *crack* são agressivos e, para lidar com eles, os vendedores usam mais violência, e isso funcionaria como uma forma de seleção para captar e manter vendedores com características violentas.

Essas transações comerciais acontecem dentro de espaços sociais cujas características podem interferir nos modos como a violência se apresenta. Por isso, esse assunto será abordado a seguir.

3.4 CONTROLE TERRITORIAL

Entender o território como espaço social e político onde são construídas e tecidas as complexas interações, os arranjos, os significados e valores que envolvem as transações do tráfico de drogas ilícitas é de fundamental importância para se compreender como a violência se tornou um modo de gerenciamento de conflitos nesses locais. (MATTA, 1997; TEIXEIRA, 2009; ZALUAR, 1985)

Inicialmente, muitos estudos se concentraram no tráfico de drogas ilícitas em bairro populares e, progressivamente, outros espaços sociais foram sendo pesquisados, tais como festas e moradias de classe média. Com isso, foram evidenciadas diferenças – organização, interações entre os atores sociais, usos da violência e vitimização –, pois, na classe média, os níveis de violência eram praticamente inexistentes. (GRILLO, 2008)

Diversos autores levantam questões relativas ao estabelecimento do tráfico, com suas redes e tentáculos, dentro de comunidades carentes, caracterizadas por submoradias, com delimitação precária do espaço de circulação. Nelas, o tráfico impõe demarcação e modificação do território para a funcionalidade do comércio de drogas e para conferir segurança a seus integrantes. (CONCEIÇÃO, 2015; GRILLO, 2013; LIMA, 2013; TEIXEIRA, 2009; ZALUAR, 1985)

O espaço geográfico é mapeado e delimitado de acordo com os interesses de cada grupo que domina o comércio de drogas. É estabelecido um jogo tenso de troca, em que os operadores do tráfico e os moradores se ajustam e estabelecem acordos cujo objetivo primordial é a manutenção do controle sobre o território. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013; TEIXEIRA, 2009)

Teixeira (2009) e Conceição (2015) abordam os fatores que facilitam ou dificultam a tomada da comunidade: tipo de relação da comunidade com o tráfico, carisma do chefe e presença de grupos rivais. Pode-se admitir que uma pessoa que tem um vínculo de amizade, ou reside na comunidade, tem mais facilidade de inserir-se, recrutar pessoas, e mais contatos para receber e fornecer drogas. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

O uso da arma de fogo mantém a ordem na comunidade, o que está diretamente relacionado aos interesses do tráfico, ou seja, à solução interna de conflitos, reduzindo a possibilidade de intervenção de outras instâncias externas.

Algumas medidas podem ser adotadas como forma de intensificar o poder dos grupos de traficantes, criando uma atmosfera de simpatia, como doação de alimentos, medicamentos, dinheiro, pagamento de serviços médicos. Em contrapartida, as pessoas são obrigadas a se identificar ou ter permissão para entrar no bairro, bem como serviços de saúde e escolas têm seu horário de funcionamento regulado pelo tráfico. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Nesse cenário, com várias possibilidades de interação social, tensões, conflitos, acordos e arranjos, a presença de armas de fogo, de jovens e de drogas estabelece um clima propício para vitimização. Grillo (2008), fazendo referência ao estudo de Souza (1995), coloca que esse último autor faz uma caracterização do tráfico nas favelas, ou como território *contínuo*, em uma favela, ou como território *descontínuo*, caracterizado por várias favelas sob o comando de um dono.

Outra questão é que a inserção no tráfico possibilita alguma mobilidade social, o que ajuda a entender o ingresso dos jovens de classes populares na comercialização. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Outro fator seria o incremento do uso de armas de fogo e da violência como elementos que ajudam a compor a identidade de criminoso e se estabelecem como formas de solucionar conflitos e disputas por pontos de venda que acompanham a expansão do mercado. Nesse cenário da favela, surge a figura do bandido, em oposição à do trabalhador e à do malandro. (TEIXEIRA, 2009; ZALUAR, 1985)

Teixeira (2009) estuda a construção da identidade do bandido em oposição ao não bandido, sendo que o primeiro se reconhece como possuidor de atributos específicos que o sustentam nesse lugar. Na emergência do tráfico de drogas na década de 80, e diretamente vinculada ao uso de armas de fogo, surge a figura do *traficante*, que se diferencia pela natureza de sua ocupação criminosa principal. (ZALUAR, 1985)

Essa complexa dinâmica da construção da identidade de bandido é denominada por Misse (2010) de *sujeição criminal*, que consiste no processo dialético de ocupação de um lugar, em que o indivíduo assume determinadas características, ao mesmo tempo em oposição e em contiguidade com o contexto social onde se desenvolve. Apesar de poder haver uma ruptura mais radical com as normas da sociedade abrangente, essa situação é muito rara, predominando pontos de convergência e divergência entre o indivíduo (o bandido) e a sociedade, estabelecendo seus vínculos dentro de diversos subcontextos sociais, que se diferenciam pela dinâmica das semelhanças e diferenças. (MISSE, 2010)

Tal como coloca Misse (2010), embora a sujeição criminal “retire” o indivíduo do seu contexto social comum para transferi-lo a um lugar socialmente separado (o “submundo”, a “boca”, o “ponto”, o “antro” e, enfim, a “prisão”), esse “retiro”, essa “exclusão criminal” nunca são completos. Ao contrário, apenas demarcam uma posição nas relações sociais, que continuam a se desenvolver sob a inflexão (ou não, pois depende de sua visibilidade social) da nova posição. Trata-se de uma diferenciação de lugar, dentro de seu contexto, com signos e significados, e sua inter-relação com outros lugares.

Em contrapartida, Grillo (2008), em estudo sobre tráfico de *ecstasy*, substância psicoativa usada em festas e boates, identifica outros significados para o uso de armas de fogo nas classes média e alta, que não são bem vistas, o que facilitaria aos indivíduos não serem percebidos como traficantes. Um dos exemplos é a segurança desses locais, feita por indivíduos em trajes que não deixam as armas de fogo à mostra.

Outros fatores que podem interferir na construção da identidade de traficante em estratos sociais mais elevados são a gestão da segurança, a disposição das residências, e o contato reduzido com vizinhos, o que permite maior privacidade, individualidade e, portanto, menor controle sobre as atividades das pessoas. Assim, há maior possibilidade de gerenciar a impressão, de modo a não revelar ou não assumir a identidade de bandido, com uso de atributos, como trajes caros, mobiliário de luxo e manutenção de uma fachada eficiente. (GOFFMAN, 1985)

Corroborando com a relação entre estigma e criminalização, Misse (2010), no estudo sobre a construção da categoria de bandido, coloca que certos “tipos sociais” são atores demarcados (e acusados) socialmente pela pobreza, pela cor e pelo estilo de vida. Seus crimes os diferenciam de todos os outros autores de crimes, pois não são apenas criminosos, são marginais, violentos e bandidos. Desse modo, há uma distinção entre assumir uma identidade de bandido e realizar atividades criminosas, embora não seja uma questão homogênea, linear

e muito menos definitiva. Está na dependência de diversos fatores, como classe social, cor da pele, local de moradia, tipo de delito, proximidade com o objeto do crime, possibilidade de inserção e relação com a polícia. (GRILLO, 2008; MISSE, 2010; ZALUAR, 1985)

O autor chama a atenção para a crescente utilização de gírias e formas de linguagem dos morros e da polícia por indivíduos de outras classes sociais, o que ajudaria a compor uma imagem de *macho* e de *virilidade*, demonstrando que esses espaços sociais interagem e determinam padrões de comportamento e de linguagem que podem ajudar a entender melhor a construção de certos padrões de sociabilidade. (MISSE, 2010)

3.5 USOS DA VIOLÊNCIA NOS MERCADOS DE DROGAS ILÍCITAS

Os mercados de drogas, que, em sua maioria, operam na clandestinidade e na invisibilidade, apresentam baixos índices de violência, sendo que alguns pontual e excepcionalmente se mostram violentos. Isso significa que mercados ilegais não são sinônimos de violência e que, quando ela está presente, isso decorre de múltiplos fatores. (GOLDSTEIN, 1985; REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013)

Reuter (2009) fornece exemplos de mercados ilegais com baixo nível de violência, como o de prostituição, de apostas e de comercialização de maconha, ao contrário dos mercados de cocaína, heroína e metanfetaminas nos EUA, que são relacionados com altos índices de violência.

Outro aspecto que poderia estar implicado no uso da violência seriam as transformações nos processos de difusão cultural, em que se constroem novos estilos de consumo e de comportamento, nos quais uma ética pautada na solidariedade e no trabalho seria substituída por valores individualistas e mercantis, fazendo surgir, nas novas culturas urbanas, um novo significado para a violência, intitulada por Zaluvar (1997) como *ethos guerreiro*.

Nesse cenário, as instituições de segurança pública são parte importante do problema, pois não funcionam de maneira uniforme. Elas são desacreditadas, prevalecendo a sensação de insegurança e impunidade, o que contribui para estabelecer uma crise de moralidade que afeta a racionalidade do ato criminoso. (SOARES, 2007)

Acrescenta-se a isso a ilicitude do tráfico, que impede a busca pelos meios formais de justiça para a resolução de conflitos, o que será tratado posteriormente.

Outra questão é a construção de uma nova lógica de sociabilidade urbana, em que o recurso à violência substituiria outras formas de controle social e de resolução de conflitos, estabelecendo, progressivamente, modelos de conduta violentos e caracterizando uma “sociabilidade violenta”. (SILVA, 2004)

Uma contribuição importante nesse campo foi a tipologia de violência nos mercados de drogas ilícitas de Goldstein (1985), intitulada modelo tripartite, que será detalhada a seguir.

- a) Violência farmacológica: relacionada aos efeitos diretos das substâncias no cérebro, relacionados à ingestão da droga. São alterações no funcionamento cerebral que podem alterar o comportamento, tornar o indivíduo excitado, irracional e propenso a cometer atos violentos.
- b) Violência compulsiva ou econômica: relacionada aos custos para obter a droga. O autor cita como exemplos a cocaína e a heroína, que motivam roubos e outros crimes para obtenção de dinheiro para adquirir drogas.
- c) Violência sistêmica: intrínseca à comercialização da droga, como as disputas por território, código de conduta, eliminação de informantes, punição por adulteração da droga e débitos. Esse tipo pode ser subdividido em *interna*, para controle do grupo, e *externa*, para manter a integridade do território e do grupo em relação a outros grupos. (FAGAN; CHIN, 1990; GOLDSTEIN, 1985)

Com base nesse modelo tripartite, outros estudos fizeram contribuições importantes sobre os possíveis fatores implicados nos altos níveis de violência de alguns mercados de drogas ilegais.

Reuter (2009), em estudo sobre os mercados atacadistas do México para os EUA e o varejista de *crack* nos EUA, enfatiza que a violência é propiciada pela ausência de garantias, determinada pela precariedade dos contratos estabelecidos entre os participantes, que não são registrados e legalizados, baseados em acordos orais e precários, onde os territórios não são estabelecidos de modo formal.

Reuter (2009) elenca zonas de interação que podem ser fontes de conflitos e tensões, requerendo o uso de formas violentas para seu manejo, como as questões internas ligadas a sucessão, disciplina, competição entre os integrantes do mesmo grupo. Há ainda problemas entre as organizações, que implicam disputas por território e por expansão de transações

comerciais. Outra fonte de conflito seria a relação entre os vendedores e os representantes do Estado.

Quanto a esse último aspecto, que envolve as relações com a polícia, o autor afirma que não existe tráfico de drogas ilícitas, mesmo de alto nível, sem corrupção policial, e que muitos se tornam vítimas preferenciais por serem corruptos, receberem pagamentos para evitar prisões, apreensões, facilitar o transporte de drogas. Mas também policiais honestos, que não aceitam propina e não facilitam o comércio de drogas, podem ser mortos pelo risco de denunciar os colegas da corporação e prender os integrantes. Para o autor, a distinção entre o policial corrupto e o membro de uma gangue é importante para orientar políticas públicas. (NAYLOR, 2000 REUTER, 2009; SOARES, 2007)

Reuter (2009) identificou que, nos mercados varejistas de drogas ilícitas nos EUA, os altos níveis de violência estavam relacionados com a predominância de jovens na comercialização, pois a faixa etária dos participantes era dos 18 a 22 anos. Segundo ele, o mercado de *crack* foi o primeiro a envolver jovens na comercialização de massa, e cita o caso dos mercados ilegais de bebidas nos EUA, na década de 20, caracterizado pelos altos índices de violência, cujo líder, Al Capone, tinha apenas 22 anos.

Outros fatores citados foram o valor das drogas, que significa ganho financeiro rápido, a intensidade da repressão, que pode estimular o uso da violência para eliminar informantes e inibir delações de parceiros e o fato de lidar com usuários de *crack*, que são considerados mais violentos e agressivos. (FAGAN; CHIN, 1990; REUTER, 2009)

As demais contribuições sobre o tema apontam em diversas direções, como o grau de centralização, estabilidade, ou monopólio dos mercados, o tipo de produto ou droga comercializada, a posição do indivíduo dentro da estrutura organizacional, o grau e a forma de controle territorial, o segmento da comercialização, os tipos de interações, entre outros. (DESROCHES, 2005; FAGAN; CHIN, 1990; FELTRAN, 2010; LESSING, 2008; SCHNEIDER, 2013)

Outro conceito importante para entender a violência nesse contexto é o de justiça informal, que envolve ações mais céleres e mais baratas, por serem negociações com ou sem intermediação. Elas tendem a ser mais satisfatórias, tendo em vista que o acordo estabelecido atende às necessidades das partes envolvidas, e geralmente não envolve violência. (MACKIE, 1991)

Essa forma de solução de conflitos, adotada nos mercados de drogas ilícitas, intitulada justiça retaliatória por Jacobs e Wright (2006), serve para proteger os produtos, os serviços e os operadores, por medo de suas atividades serem descobertas e por julgarem as sanções

formais fracas. Além disso, mesmo quando a queixa é legítima e não envolve a conduta delituosa do reclamante, eles informam que não são atendidos e temem que algo pior possa lhes acontecer. (JACOBS; WRIGHT, 2006; MACKIE, 1991; REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013)

A justiça informal retaliatória ou retaliação vincula a ideia de justiça à capacidade de infligir medo e o uso de violência. A tipologia construída por Jacobs e Wright (2006) será detalhada a seguir.

- a) *Reflexiva ou reflexa*: quando a resposta é dada logo após a ofensa e envolve o contato direto.
- b) *Calculada*: quando há contato direto, porém ela não é imediata à ofensa, pois há um intervalo de tempo em que se espera reduzir as chances de reação do ofensor, estabelecer uma atmosfera de perdão ou esquecimento, para agir de surpresa.
- c) *Tardia*: a ofensa pode não envolver contato direto, mas a resposta não é desejada por diversas circunstâncias, como o dano não ter sido reconhecido imediatamente.
- d) *Ocultas*: não envolve contato direto, requer planejamento e anonimato, pelo risco de prisão e de contrarretaliação.
- e) *Não retaliatória*: quando não é efetivada e pode ocorrer quando o ofensor não é identificado.

A retaliação é um tipo de justiça informal que deriva de um *ethos* da cultura de rua e ajuda a construir e manter a reputação dos indivíduos determina o lugar que eles vão ocupar diante dos pares, assumindo um caráter reparador e, ao mesmo tempo, preventivo. (JACOBS; WRIGHT, 2006; KENNEDY; SACCO, 1998)

Outro modo de justiça informal, em uma organização monopolizada, foi descrito por Feltran (2010), em estudo sobre o tráfico de drogas na cidade de São Paulo. Ele aborda a existência de tribunais do crime organizado, um exemplo de justiça informal legitimada nos bairros populares, em que as decisões sobre as punições são tomadas em grupo e variam de acordo com a gravidade da situação, a posição do réu no grupo ou na comunidade e imitam o sistema formal de justiça, em que as punições podem chegar à morte, até outras formas de dano como expulsão do bairro, surras ou estabelecimento de prazos pagamento de dívidas.

As *crack houses*, nos EUA, e a *cracolândia*, em São Paulo, representam locais de uso livre e seguro de SPAIS, servindo como estratégias de defesa e agrupamento para os usuários. Mas podem ser palco de conflitos entre eles e causar diversos tipos de vitimização, pois, ao mesmo tempo em que se configuram como ambientes protegidos, por concentrarem um

grande número de usuários, podem facilitar os conflitos entre eles. (BOURGOIS, 2010; FAGAN; CHIN, 1990)

Observa-se a pluralidade de fatores imbricados na violência nos mercados de drogas ilícitas e as inúmeras formas e possibilidades de vitimização dos indivíduos envolvidos direta ou indiretamente nessas negociações.

3.6 VITIMIZAÇÃO E IDENTIDADE

O termo vítima vem sendo usado em uma ampla gama de situações e, atualmente, é utilizado para descrever uma pessoa que sofreu algum tipo de dano. Alguns critérios podem ser adotados para que uma pessoa seja considerada vítima: apresentar sofrimento que reduza o bem estar, que esteja relacionada a uma causa identificável e situada em contexto moral e legal que a isente de responsabilidade sobre o evento ocorrido. (KENNEDY; SACCO, 1998)

As vítimas de violência têm sido progressivamente objeto de interesse de estudos acadêmicos em decorrência do crescimento do registro de crimes, da violência nos Estados Unidos, de resultados de pesquisas de opinião e da revelação de dados sobre a vitimização de segmentos sociais vulneráveis, como crianças e mulheres. (MATTHEWS, 2002; ROCK 2002; ZEDNER, 1994)

Zedner (1994), Matthews (2002) e Rock (2002) informam que a vitimização compreende uma relação estabelecida num contexto que envolve as características do agressor, sua motivação, critérios para seleção da vítima, local e momento da ação, nível de estruturação, frequência da ocorrência (pontual ou sequencial), assim como as características da vítima, a forma como reage, o efeito da vitimização no momento e ao longo do tempo.

Rock (2002) chama a atenção para as questões ligadas à construção da identidade da vítima no seu aspecto relacional, como através do contato com serviços de saúde e de segurança. Destaca ainda que o termo *vítima* é contraditório, pois pode também ter um significado negativo, sugerindo de inferioridade, fraqueza e incapacidade, e que nem todas as pessoas que sofreram algum tipo de dano querem ou gostam de serem reconhecidas como vítimas. Segundo Rock (2002), tornar-se vítima é um processo emergente de significação, tal como muitos outros, envolvendo a intervenção e a colaboração de terceiros, cujo impacto e sentido muda em diferentes cenários, pontuados por transições, sem nunca atingir um estado fixo final. Trata-se de decifrar o crime como uma interação de gestos significativos, nos quais vítimas e agressores se constroem mutuamente, assim como podem contribuir para a agressão,

o que permitirá ultrapassar a oposição que encerra as vítimas no invariável “nós” e os criminosos como o “outro”, alienígena, em um estado de beligerância.

Os estudos sobre vitimização têm focado o sofrimento da vítima com o decorrer do tempo, enfatizando os diversos elementos que compõem a cena da violência e investigando o momento da interação entre vítima e agressor no desempenho de seus papéis.

Nesse sentido, Huggins (2006) aponta para a importância de pensar sobre a fluidez dos papéis de vítima e agressor, dentro de uma cena em que se desenvolve uma interação contextualizada e temporal. Tal concepção é oposta ao conceito de polarização entre a vítima e o agressor, na qual impera uma clara divisão moral entre vítimas e agressores, contrapondo-se o herói (a vítima) e o anti-herói (o agressor). (KENNEDY; SACCO, 1998; MISSE, 2007; OLIVEIRA, 2007)

Segundo Kennedy e Sacco (1998), o estilo de vida pode aumentar o risco de vitimização e envolve quatro fatores: exposição, proximidade com crimes, alvos atraentes e estratégias de proteção. Quando há aumento da exposição, da proximidade e da atratividade do alvo, com redução da segurança, o risco de vitimização aumenta. Algumas situações são identificadas por esses autores como propensas à vitimização, como estar em áreas onde há formação de gangues e onde há comércio de drogas.

No presente estudo, a vitimização ocorre entre pessoas predominantemente jovens, no exercício de uma atividade ilegal, altamente criminalizada, cujo contexto implica abordar a vitimização como um processo em que o indivíduo que ocupa o lugar de agressor, em determinado momento, pode vir a ser vitimado, em outro. Trata-se de um grupo extremamente vulnerável, tendo em vista que seus integrantes, mesmo quando sofrem algum dano reconhecidamente injusto, não buscam os meios formais de justiça, porque não são considerados vítimas pelos agentes da lei. (DECKER; CHAPMAN, 2008; REUTER, 2009; TOPALLI; WRIGHT; FORNANGO, 2002)

É flagrante, nos estudos abordados, a complexidade dos mercados de drogas, a diversidade de interações, conflitos, soluções, arranjos e acertos entre atores sociais diversos, tornando-se um campo denso com infinitas possibilidades de recortes para se compreender melhor essa realidade tão assustadora.

4 METODOLOGIA

O referencial teórico-metodológico adotado foi o Interacionismo Simbólico, teoria sociológica desenvolvida por pesquisadores da escola de Chicago, como George Herbert Mead (1934) e Herbert Blumer (1937), segundo a qual o homem é um ser social em interação com os demais, e é através dessa interação que se percebe a dimensão simbólica da vida social, construída na intersecção entre os diversos atores. (COULON, 1995; GOFFMAN, 1985; 1988)

Nesse sentido, cada ator percebe a intenção dos atos dos outros e, a partir dessa percepção, constrói sua própria resposta, o que requer entendimento das linhas de atuação e direcionamento do comportamento para se acomodar às linhas de ação, processo que pode envolver um conjunto de intenções (futuro) e gestos (simbólicos) passíveis de interpretação. Para o Interacionismo Simbólico, não existe atividade empiricamente observável em uma sociedade humana que não surja de alguma unidade de ação, que ocorra em um lugar e em uma situação, que não exija a interpretação da situação. (COULON, 1995; GOFFMAN, 1985; 1988)

Buscando compreender os significados e valores a partir da construção dos atores sociais em suas interações, foi realizado um estudo qualitativo, de orientação etnográfica, que envolveu usuários dos diversos serviços que compuseram o campo de pesquisa. (LAVILLE; DIONE, 1999; MINAYO, 2006)

4.1 O TRABALHO DE CAMPO

As instituições prisionais foram tomadas como campo principal da pesquisa, em decorrência da pesquisadora ser médica psiquiatra do sistema prisional desde 1994, tendo possibilidade de acesso aos integrantes de diversos segmentos da comercialização de drogas, bem como a pessoas que cometeram outros delitos possivelmente relacionados com as atividades do tráfico. Outro fator foi o fato de a pesquisadora ter realizado pesquisa de mestrado sobre assaltos a bancos, defendida em 2007, cujo campo foi o sistema penal. (OLIVEIRA, 2007)

A inserção da pesquisadora no sistema penal começou a partir de seu ingresso no corpo funcional desse sistema através de concurso público para o cargo de psiquiatra, cujas atribuições envolviam a realização de diversos tipos de atividades, como perícias para obtenção de benefícios, assistência psiquiátrica e outras que necessitem de parecer

especializado. Durante esse período, exerceu também a função de Conselheira do Conselho Penitenciário do Estado da Bahia, com atribuições de acompanhamento das instituições prisionais do Estado e emissão de parecer para concessão de benefícios.

Ser psiquiatra do sistema penal significa escutar e atender a pessoas em grave sofrimento, em situação de desamparo, numa instituição adoecida, desumana e cruel. É tentar estabelecer vínculos numa atmosfera em que tudo se mostra desfavorável e não desistir. Em contrapartida, essa inserção permite transitar nas diferentes unidades e ouvir relatos de servidores e internos sobre diversos temas, bem como facilita o acesso a documentos, relatos, testemunhos, o que, de outro modo, seria mais difícil.

Durante esse período a pesquisadora pôde acompanhar os efeitos de rebeliões, motins e outros eventos que causavam sofrimento a todos os envolvidos e podiam resultar na morte e no adoecimento de muitos. Pôde ainda observar as idas e vindas dos detentos no sistema penal, como prova da reincidência de alguns delitos e da falência da instituição prisional como local de reabilitação.

O contato prévio com o campo possibilitou definir as melhores formas de aproximação dos possíveis entrevistados, bem como selecioná-los, abordá-los e proceder às demais etapas da pesquisa. Permitiu também a identificação das posições ocupadas pelos indivíduos dentro dos grupos de comercialização de drogas, o que, no ambiente onde exercem essa atividade, ou seja, fora da prisão, seria mais difícil e arriscado para a pesquisadora. Na unidade prisional, esse procedimento não apenas foi possível, como foi planejado e contou com o apoio de diversas pessoas para ser realizado.

O trabalho de campo do mestrado possibilitou identificar que o uso de palavras como pesquisa e entrevista deveria ser evitado durante o contato com os entrevistados, pelo fato de essas palavras estarem fortemente associadas aos programas de televisão e despertarem temor nos entrevistados. Por isso, elas foram substituídas por estudo e conversa. (OLIVEIRA, 2007)

Por outro lado, a exposição contínua e prolongada no campo pode dificultar o estranhamento dos fenômenos, percepção necessária e importante para o trabalho de pesquisa, frente ao risco de naturalização de eventos graves, de alto risco para os envolvidos. Pode se compreender melhor essa posição do pesquisador em relação ao campo da pesquisa utilizando-se o conceito de *insider* e *outsider*. Segundo Merton (1972), os *insiders* seriam indivíduos que pertencem ao campo de pesquisa e, por isso, detêm sobre ele uma posição e um conhecimento privilegiados. Os *outsiders* seriam o oposto, ou seja, indivíduos que não

pertencem ao campo e podem enfrentar maiores dificuldades de inserção para realizar a pesquisa.

Para dar conta dessa situação, que pode constituir fonte de dificuldade, a pesquisadora ocupou a posição de *insider*, quando adotou a instituição em que trabalha para começar o estudo, mas de *outsider* quando incluiu outras instituições em que ela não pertencia ao corpo funcional. (ALMEIDA, 2011)

4.2 CONCILIANDO A PESQUISA COM OUTRAS DEMANDAS URGENTES, GRAVES E ESPECÍFICAS DOS APENADOS

Durante o trabalho de campo, não foram raras as situações em que a pesquisadora teve de atuar como médica psiquiatra, tendo em vista a gravidade dos quadros que necessitavam de intervenção imediata. Tais situações configuravam quadros graves, como agitações psicomotoras secundárias ao uso de drogas ilícitas ou abstinência, tentativas de suicídio por enforcamento, quadros depressivos e demais transtornos mentais que eclodem ou pioram dentro das prisões.

Muitas intervenções dependiam da autorização dos detentos, dos juízes, e eram encaminhamentos que requeriam tempo e geravam desgaste no corpo funcional. Havia agravamentos dos quadros e do prognóstico que precisavam ser monitorados de perto para não entrarem na turbulência da rotina e serem absorvidos como algo de menor gravidade.

Sendo assim, a pesquisa, em alguns momentos, teve de ser posta de lado para que fossem resolvidas tais dificuldades. Dessa maneira, ser *insider* nesse campo, ou compreender as forças que atuam nesse campo de trabalho, aumentou a responsabilidade e o nível de preocupação da pesquisadora, que maneja a contento as dificuldades vivenciadas em decorrência da grande experiência na área e de seu olhar criterioso sobre o contexto em que esses eventos ocorreram. (ALMEIDA, 2011; MERTON, 1972; OLIVEIRA, 2007)

4.3 O TEMPO DAS ENTREVISTAS

4.3.1 Para a pesquisadora

As entrevistas começaram a ser realizadas, de forma exploratória, no ano de 2010, como estratégia de aproximação do objeto, para verificar a viabilidade do estudo, o

refinamento das perguntas, bem como a atitude adotada para cada grupo, na busca da melhor forma de estar e de se movimentar no campo. Tratou-se de buscar o equilíbrio confortável entre a linguagem e a atitude do pesquisador para com os entrevistados, pois a desconfiança e a vigilância extremas funcionam como defesa frente às diversas ameaças do sistema prisional. Além disso, falar sobre a temática da violência nos mercados de drogas exige estabelecer um clima de tranquilidade, confiança e acolhimento.

Além disso, o uso da linguagem nesse universo é extremamente importante, pois o pesquisador deve decodificar a linguagem própria do sistema penal, que é diferente da do mundo do crime fora da prisão, adotando a postura do pesquisador ingênuo, na busca de deixar que o entrevistado se sinta conduzindo o entrevistador para um mundo desconhecido e perigoso, em que o entrevistado, ao dar informações, concede-lhe proteção e, portanto, se desloca da posição de ofensor para a de protetor.

Por outro lado, causaria espanto aos entrevistados se a pesquisadora, de formação médica e mulher, utilizasse o modo informal de linguagem corrente na prisão. Isso soaria artificial, caricatural e, certamente, afugentaria ou inibiria os entrevistados.

A gravidade e a delicadeza dos temas abordados tornou imperativo um manejo cuidadoso das expressões corporais que poderiam funcionar como pré-julgamentos e inibir as narrativas. Portanto, esse amadurecimento do estar no campo de modo confortável e natural, lidando com temas difíceis e relatos muitas vezes cruéis, só pode ser realizado com um o tempo de imersão:

No campo de trabalho com a violência, a restrição das informações é ainda mais forte por conta do conteúdo perigoso das mesmas e do risco a que estão expostos aqueles que “sabem muito” ou que “respondem a tudo que perguntam”; neste sentido, um pesquisador entra como um elemento novo e ameaçador, gerando temor nas pessoas que poderiam compor parte da amostra da pesquisa. (OLIVEIRA, 2007, p. 26)

Com o decorrer do tempo, foi possível identificar os grupos de comercialização de rua e suas diversas funções, sendo que os mais comumente entrevistados foram os vendedores que ficam na rua ou nas “bocas”. Os *soldados* eram frequentemente acusados de homicídio, tráfico e porte de armas e quase sempre tinham cicatrizes de ferimentos por arma de fogo; já os que tinham posição de liderança dificilmente vinham à entrevista, pois eram cercados de uma série de cuidados para manter a sua própria segurança. Eles foram sendo identificados com a ajuda de outros trabalhadores, e as entrevistas tinham intervalos maiores, para não despertar a atenção, o temor e a curiosidade nos demais acerca do motivo de irem com frequência ao serviço médico e sobre o assunto que estariam tratando.

Nesse período, foram necessárias algumas interrupções da pesquisa de campo para rever o material produzido, eleger um grupo específico para entrevistar e retomar outros, bem como analisar processos e documentos, redirecionando ou ajustando a pesquisa para preencher lacunas ou responder questões em aberto.

4.3.2 Para os entrevistados

As entrevistas foram realizadas com pessoas que estavam em privação da liberdade, embora nem todas estivessem fora do mercado de drogas, tendo em vista que algumas permaneceram em atividade dentro da prisão, usando, comercializando drogas ou fazendo ambas as coisas. Foram percebidos os efeitos do tempo decorrido entre a prisão e a sentença, que podia levar dias ou meses. Nesse tempo, há a elaboração e o balanço da atividade criminosa, o contato com integrantes do sistema prisional, a aprendizagem sobre ele, fazendo com que muitos possam se posicionar de modo diferente.

Se arrependimento matasse eu tava morto... Ficar longe da família... Eu agora me sinto melhor do que estava antes... Eu cheguei numa depressão profunda... Não tinha visita... Mas depois eu fui me recuperando, a família ajudando. Os profissionais ajudam, mas eu que tenho que me ajudar... De cabeça erguida, eu só tive perda. Quando caí aqui, acabou os amigos. Lá fora eu tinha era amigo... Era uma vida de ilusão, a gente não pensa em nada, só em ganhar e se defender. (SÉRGIO, 22 anos, vendedor, natural de Vitória da Conquista).

O distanciamento da família e as dificuldades que enfrentam no sistema prisional fazem com que muitos adoçam e necessitem de cuidados das equipes de saúde. Nesse tempo, podem redimensionar projetos de vida, estabelecer estratégias de sobrevivência. Quando se reportam ao período da atividade criminosa, o fazem como se narrassem uma aventura, como se a sensação de risco, de poder e de adrenalina, que constituem o *ethos guerreiro*, reforçassem a virilidade e a masculinidade dos envolvidos. (OLIVEIRA, 2007; ZALUAR, 1985)

A cadeia é tipo uma chance para você pensar no que você fez. Você pode sair melhor ou pior. Eu entrei aqui, tomei muito pau [apanhou muito]... Muito... Aí fiquei no pavilhão do Caveira... E eu não era de Caveira nem CP... Isso aí tem uns 7 anos para cá... Uns 5 anos... Antes, qualquer um pegava e vendia... Agora que os cara quer tudo... Aí é problema... E aqui dentro você tem tempo pra pensar nas coisas... Porque lá fora não dá... Lá fora é uma ilusão doutora. Você não pensa em nada, fica naquela vida de emoção, aventura. Agora quando eu sair, vou ter que me defender... O crime é como uma droga...Se envolve e não vê que tá entrando demais, quando vê, já foi... Eu pro meu bairro eu posso voltar, vou ver o que eu vou fazer ainda quando sair daqui. (CARLOS, 29 anos, vendedor, natural e procedente de Salvador).

Pode-se perceber que a experiência no cárcere pode ser reelaborada de diversas maneiras, desde a saída da atividade criminal até sua inserção no mercado das drogas de modo mais estruturado, lucrativo e menos arriscado.

As emoções expressas nas narrativas variaram entre orgulho, vergonha, medo, indiferença ou arrependimento e tiveram relação com as formas de inserção no tráfico. Os que tinham carreira criminal e posição de liderança se mostraram mais articulados, cautelosos, demonstravam orgulho de seus feitos; já os que tinham inserção mais precária ou inferior, do ponto de vista hierárquico, se mostraram envergonhados ou com medo.

Além disso, observou-se que quanto maior o envolvimento com crime, menor a propensão para falar. Uma hipótese é a de que houvesse um temor sobre a divulgação dos conteúdos, o risco da acusação de delatores e de outras repercussões negativas sobre o indivíduo e sua família.

Outra questão é que a prisão não encerra a carreira criminosa, e o silêncio é um modo de manter a reputação dentro e fora dela, fortalecendo a posição entre os pares. Nesse aspecto, foi mais fácil ouvir relatos de pequenos varejistas, vendedores de bairros e usuários, que se inseriam de forma precária para manter pequenos ganhos, do que de grandes líderes.

Os integrantes do grupo dos líderes foram convidados a participar do estudo após identificação por funcionários da segurança da ou saúde, ou quando vinham para atendimento psiquiátrico, por se queixarem de insônia e outras formas de sofrimento psíquico. Houve o cuidado de não mencionar que a pesquisadora tinha conhecimento da posição de liderança que o entrevistado ocupava, sendo-lhe isso perguntado no decorrer da entrevista, de modo despretensioso, para não despertar sentimentos persecutórios ou narcísicos, tendo em vista a percepção de que se trata de uma pessoa famosa e cobiçada.

Durante as entrevistas, os participantes foram estimulados a falar sobre sua história, o que incluía fatos relacionados ou não ao motivo por que foram presos, e, aos poucos, foram sendo inseridas as perguntas-chave da pesquisa. Com isso, buscou-se estabelecer uma relação de aproximação, não abordando diretamente a carreira ou ocupação criminal, de modo a fazer com que se sentissem menos tensos e mais confiantes para conversar. Mesmo tomando esses cuidados, observou-se que os relatos foram fragmentados, ou seja, não foram lineares e não seguiram um curso homogêneo, como foi observado quando se entrevistaram as vítimas. Os discursos eram bastante recortados, com respostas constituídas por frases e gírias próprias do dialeto do crime, sendo necessária a construção de um glossário êmico para ajudar na

compreensão dos significados dos enunciados e, por vezes, fornecer elementos para que a conversa se desenvolvesse. (OLIVEIRA, 2007)

Para todos os entrevistados, adotou-se a conduta de avisar que não era de interesse da pesquisadora saber os nomes das pessoas que compunham sua rede de relações, nem mencionar o bairro onde atuavam. Tais procedimentos foram adotados tendo em vista que essas informações são comprometedoras e buscadas exaustivamente por policiais durante as investigações. Sendo assim, eles ficavam menos arredios, mais tranquilos e propensos a falar dos feitos e eventos de que participaram direta ou indiretamente.

4.4 OUVINDO AS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA

Era difícil escutar e expor as narrativas de situações relacionadas à violência, via de regra, pois muitas envolviam a descrição minuciosa de danos físicos e psicológicos como cortes, mutilações e espancamentos. São diversas ações que ora são naturalizadas pelos praticantes, ora relatadas com vergonha ou omitidas. Os danos sofridos pelos entrevistados foram relatados com orgulho, como troféus, ou com indiferença. Huggins, Haritos-Fatouros e Zimbardo (2006) abordaram esse tema ao estudar torturas e assassinatos praticados por policiais, denominando esse processo como *ouvindo atrocidades*, e discorreu sobre o desconforto de ouvir um discurso da crueldade, do mesmo modo que Oliveira (2007), ao estudar bancários e organizações criminosas de assalto a banco. Trata-se de uma temática difícil e sofrida, mas, ao mesmo tempo, percebe-se que, se escutar não é fácil, muito mais difícil é se acostumar a viver num registro de alta violência e, muitas vezes, orgulhar-se disso.

O relato de atos de crueldade foi muito frequente entre os integrantes do mundo do crime, consumados na interação com as vítimas, como forma de ameaçar, inibir e impor respeito, mas não constitui ocorrência comum, pois, às vezes, se observa, na presença de um técnico de saúde, uma busca de gerenciar a impressão do modo mais favorável possível.

Nesse sentido, para facilitar às pessoas discorrerem sobre esses assuntos, mostrou-se produtivo distanciar o entrevistado dos eventos, fornecendo exemplos, fazendo analogias, questionando indiretamente a participação, ou seja, colocando a situação de forma hipotética, como se fosse realizada por terceiros.

Essa estratégia fez com que os entrevistados se mostrassem mais tranquilos e relatassem as experiências, mesmo com o temor de demonstrar que estavam mais envolvidos nos eventos do que afirmavam para a pesquisadora, o que fez com que as formas de abordagem fossem constantemente ajustadas e revistas.

Como psiquiatra, estranhar a crueldade, o dano sofrido e causado a outrem e perceber como isso se constrói no tecido social requereu abandonar a visão lombrosiana do criminoso nato e buscar outras razões para além da visão positivista e estéril da insensibilidade afetiva do criminoso. (LOMBROSO, 2007)

Nas entrevistas com as mulheres apenadas, o sentimento de perda, o distanciamento e o sofrimento dos filhos, a falta de suporte para eles foram relatos tocantes e difíceis, tendo em vista que muitas cuidavam dos filhos sozinhas, e a prisão acabou por agravar uma situação social extremamente precária.

Diante de tantas coisas graves, delicadas e de conteúdos marcados por dor e perda, a pesquisadora adotou algumas estratégias para lidar de forma mais saudável com a pesquisa, que funcionaram como medidas de suporte: pausas no trabalho de campo, alternância entre entrevistas e análise dos processos penais, realização de acompanhamento psicológico semanal e compartilhamento de temores e preocupações relativas ao campo com o orientador e com colegas.

4.5 SELECIONANDO AS INSTITUIÇÕES

As instituições eram localizadas em bairros distantes do centro de Salvador e de acesso complicado, pois o trânsito e outras dificuldades prolongavam o tempo de deslocamento e o desgaste da pesquisadora.

Foram selecionadas três instituições penais de regime fechado e uma de regime semiaberto, voltadas para pessoas que haviam sido julgadas e sentenciadas, localizadas na cidade de Salvador. Os critérios iniciais foram a facilidade de acesso aos documentos e aos possíveis entrevistados e a inserção da pesquisadora no contexto escolhido.

A primeira instituição foi aquela em que a pesquisadora tinha seu vínculo institucional, e as outras duas unidades menores foram incluídas em decorrência da necessidade de ampliar o campo para possibilitar a triangulação de dados e observar possíveis diferenças, já que, no sistema fechado, as informações circulam e os detentos podem comentar sobre a entrevista, oferecendo respostas “prontas”.

4.6 PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DA AMOSTRA

Uma das primeiras questões identificadas foi o número elevado de prisões por tráfico de drogas, uma rubrica que engloba pessoas inseridas nos diversos segmentos de comercialização, transporte, distribuição, produção e venda direta ao consumidor, sendo que cada um desses níveis envolve diferentes dinâmicas e especificidades. Desse modo, a amostra foi circunscrita a indivíduos sentenciados por tráfico que estavam inseridos no varejo dos bairros populares. Os componentes da amostra foram selecionados com a ajuda dos funcionários da segurança e da saúde, que identificavam os “casos” e sinalizavam para a pesquisadora.

As prisões por tráfico de drogas podem ser acompanhadas por outros tipos de crime, como porte ilegal de arma, associação para o tráfico e homicídio, sendo que, com o tempo, pode-se perceber que alguns grupos concentram mais alguns tipos de crimes do que outros, como os *soldados*, que fazem a segurança armada dos territórios, e que, além de tráfico, respondem por homicídio e porte ilegal de arma, o que não foi constatado no grupo dos *jóqueis*, que respondem por tráfico apenas.

Nas duas unidades menores, o número reduzido de internos tornou mais fácil a identificação dos entrevistados, mas a realização da entrevista dependeu da disponibilidade de sala e de pessoal, o que foi contornado pela adoção de um horário em que o serviço tinha poucos profissionais em atividade, segundo orientação da direção e da segurança.

4.6.1 Trazendo as pessoas para entrevista

Os funcionários do presídio, principalmente os da segurança, conheciam bem os detentos e sabiam dos delitos que cometeram. Por isso, eles funcionaram como informantes para pesquisa, fornecendo nomes e fazendo contatos para verificar possibilidade de entrevista.

Esse ponto é de extrema importância, tendo em vista que, no meio prisional, muitos podem mentir, exagerando seus feitos para serem valorizados, e outros podem omitir seus atos, na tentativa de gerar uma melhor impressão, pelo medo de denúncia e punição. Esses riscos foram contornados pela verificação de muitas informações com os funcionários que acompanhavam os internos, tanto os da segurança, quanto os da saúde, bem como pela análise dos processos penais.

Houve momentos de greve ou paralisação dos agentes penitenciários, o que reduziu o curso das entrevistas, frente à impossibilidade de atendimento, que era reduzido ao

emergencial. As reivindicações eram voltadas para contratação de pessoal e material, e tais fatos repercutiram nos atendimentos e na pesquisa.

Um argumento importante e muito aceito para a participação no estudo foi de o de conhecer a perspectiva dos atores, parcela da sociedade que é pouco (ou não) escutada. Eles têm, na pesquisa, a possibilidade de falar de si, a partir do seu próprio ponto de vista, tendo as garantias de um estudo respaldado por uma instituição de ensino, que segue princípios éticos rígidos. Desse modo, verificou-se que o medo inicial foi substituído pela vontade de conversar.

Desroches (2005), em seu estudo sobre vendedores de drogas de alto nível, ou que movimentam grandes carregamentos de drogas, coloca que as motivações para participar da pesquisa são diversas, como a relevância do tema para sua experiência de vida, a quebra da monotonia da rotina da prisão, o reconhecimento da legitimidade de um estudo ligado à universidade e a garantia de anonimato e confidencialidade, além da demonstração de cooperação como meio de reforçar a ideia de que eles não têm nada a esconder. O autor coloca que há poucas evidências, no seu estudo, de que os entrevistados exageraram, mentiram sobre suas atividades e cita diversos outros estudos que corroboram seus achados, nos quais o acesso aos entrevistados foi muito mais difícil do que a anuência deles em participar do estudo. (DESROCHES, 2005)

4.7 O DIÁRIO DE CAMPO

A amostra do estudo foi extraída no sistema prisional. A inserção da pesquisadora em outros serviços de saúde que lidam diária e diretamente com questões relacionadas ao tráfico de drogas ajudou sobremaneira e foi fundamental para a consolidação dos dados, a recondução de algumas questões e a formulação de novas.

Os serviços de saúde adicionais constituíam uma unidade de atendimento de emergência psiquiátrica do sistema público de saúde de Salvador, onde eram atendidos usuários de drogas, envolvidos ou não com a venda, mães e parentes desses pacientes, que sofriam com os problemas enfrentados pelos filhos e com os riscos à integridade física deles e de outros familiares. O primeiro caso acompanhado pela pesquisadora foi o de uma mãe que não seguia agenda ou horário marcado para consulta. Ela aparecia quando podia, o que gerava problemas para o serviço e para ela. Diante da frequência irregular e das constantes queixas e atritos, foi realizada uma conversa com ela, com o registro do seguinte relato:

Eu nem sempre venho no dia, doutora, porque meu filho tá desaparecido, eles levaram ele e eu não sei onde ele está. Eles [os envolvidos com o comércio de drogas] não dizem onde deixaram ele, mas eu penso que, se eles tivessem matado ele, eles me diziam, a senhora não acha? Então, toda vez que alguém diz que tem um menino parecido com ele, eu vou lá ver... Eu deixei meu trabalho, emagreci, não como mais, eu só penso no meu filho, doutora. Essa última [faltou à consulta no serviço], eu viajei 800 quilômetros, porque me disseram que era um menino magro, jovem, que tava todo quebrado, nos aparelhos. Quando eu cheguei lá, não era ele. Eu preciso vir aqui conversar, porque eu desabafo e tenho que tomar remédio pra dormir. Mas eu peço desculpas a vocês, mas eu vou ter que faltar, porque eu quero encontrar o meu filho. Eu sei que ele foi errado, se envolveu com o que não prestava, mas ele é meu filho, eu sonho com ele, durmo e acordo pensando nele. (MARISA, 48 anos, mãe de um rapaz desaparecido aos 17 anos, que foi levado por vendedores de drogas).

Os relatos espontâneos de pessoas que sofrem diretamente os efeitos desses problemas em seus locais de moradia e têm suas vidas afetadas por problemas relacionados, direta ou indiretamente, com o tráfico de drogas, contribuíram para enxergar o fenômeno de forma ampliada e perceber o quanto as unidades de saúde e os seus trabalhadores vêm testemunhando o sofrimento e desgaste das comunidades. Muitas vezes, essa grave situação não é sequer notificada, passa despercebida e é naturalizada.

As narrativas de pessoas que estavam fora da prisão ajudaram a entender as daqueles que estavam presos, que constituíam a amostra. Surgiram questões e repostas, como a relação do tráfico com a comunidade, a instalação progressiva no bairro onde vivem, como a comunidade se movimenta e reage, que respostas são dadas pelas instituições públicas da capital e do interior, principalmente em cidades pequenas, em que, em tese, as pessoas se conhecem mais e as cobranças de resposta precisam ser rápidas e eficazes. Diversas questões foram sendo trazidas, possibilitando contrapontos com relatos de diversas fontes.

Não houve como restringir os espaços de pesquisa, tendo em vista a diversidade de fontes e relatos que circulavam nos locais em que as vítimas e os agressores eram atendidos, o que demonstra o alcance e a heterogeneidade dos eventos relacionados ao tráfico de drogas ilícitas, pois envolvem diversos serviços de saúde e segurança e requerem um olhar que contemple sua complexidade e magnitude.

Nesse sentido, a observação das formas como os serviços de saúde lidam, reagem, cuidam e enfrentam tais situações – tanto em unidades de urgência e emergência, como em serviços de saúde mental, além das infinitas possibilidades de interface com instâncias de segurança, educação e outras que compõem as redes de assistência do Sistema Único de Saúde (SUS) – ajudou a construir um olhar mais apurado sobre o campo, suas diversas nuances, e a promover o distanciamento indispensável da pesquisadora para que pudesse estabelecer um diálogo produtivo com essa diversidade de fontes.

Além disso, a pesquisa que envolve indivíduos oriundos de instituições penais e cujo foco é o uso da violência nos mercados de drogas deve contemplar a escuta de vítimas e agressores, tendo em vista que essas interações podem ter conteúdos e formas que só se manifestam no momento em que ocorrem e são de difícil apreensão ou compreensão quando se privilegia a escuta de apenas uma das partes. (OLIVEIRA, 2007)

4.8 TÉCNICA DE PRODUÇÃO DE DADOS

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que foram orientadas por roteiros pertinentes aos operadores em suas diferentes funções. Foi também construído um roteiro de análise dos processos penais incluídos, para possibilitar a triangulação dos dados e verificar a consistência das informações prestadas pelos entrevistados.

4.8.1 Composição da amostra

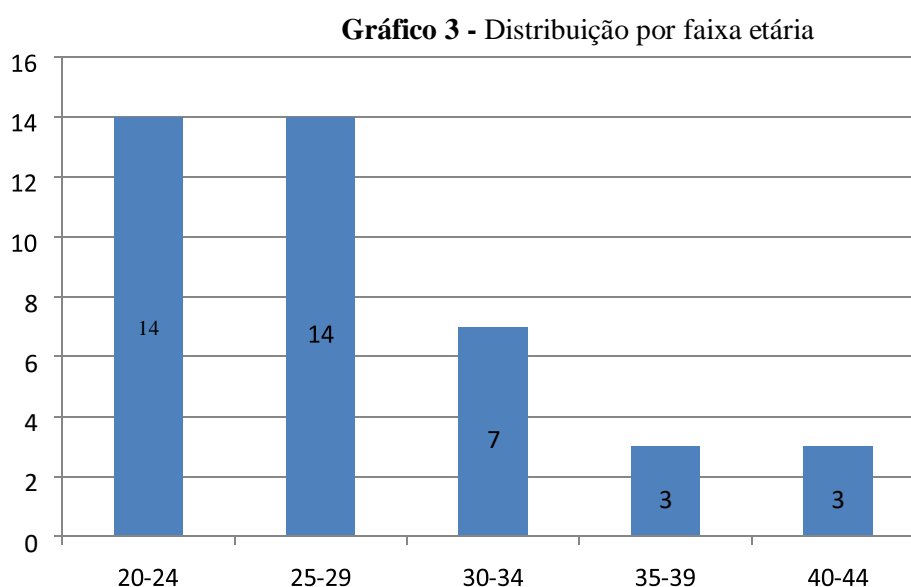
Foram entrevistados 41 indivíduos do sexo masculino, sentenciados por tráfico de drogas, e cinco mulheres, condenadas pelo mesmo crime.

Foi feito um recorte de gênero tendo em vista possíveis diferenças de inserção no mercado de SPAIs. Percebe-se, pelas estatísticas do sistema penal, que, embora os homens mantenham a liderança expressiva, parece haver um aumento da participação das mulheres nas prisões por crimes relacionados ao tráfico de drogas.

O critério de já ter sido sentenciado foi adotado porque excluiu pessoas inocentes, presas indevidamente, ou cujo envolvimento não havia sido comprovado. Acrescente-se o fato de a pesquisadora solicitar que o entrevistado falasse sobre os motivos da condenação como um fato já consumado, o que impediria o confisco dos documentos da pesquisa como provas, no caso dos que não tinham ainda sido sentenciados. E tal procedimento evitou também que a pesquisadora tivesse de notificar as autoridades competentes se porventura ocorresse o relato de crime de autoria desconhecida da justiça. (OLIVEIRA, 2007)

4.8.2 Caracterização da amostra⁵

A seguir, serão apresentadas algumas características dos 41 indivíduos do sexo masculino que compõem a amostra principal do estudo: faixa etária, cor da pele, procedência ou local onde foi preso, escolaridade, tipo de ocupação e reincidência, entre outras. Vale lembrar que as instituições penais pesquisadas eram destinadas a adultos ou maiores de 18 anos.



Fonte: Elaboração da autora.

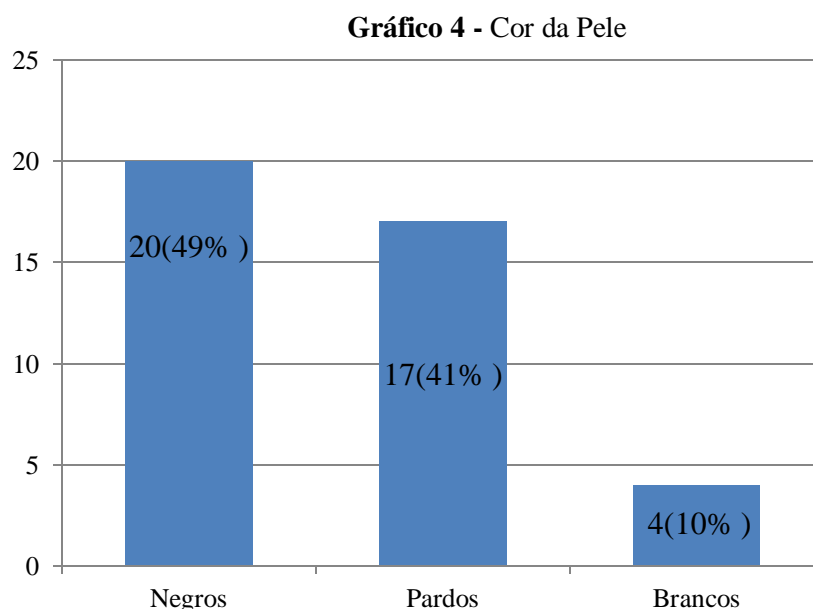
A faixa etária predominante, composta por adultos jovens e adultos, concentrou-se dos 20 aos 34 anos, com 38 indivíduos (93%). À medida que as faixas etárias vão atingindo idades mais avançadas, os números vão caindo. Isso pode se dever ao fato de os jovens estarem mais presentes nesse mercado, terem maior circulação e visibilidade, sendo mais vulneráveis às ações da polícia. Em contrapartida, vivem menos, o que poderia explicar a baixa frequência em faixas etárias mais tardias.

Foram entrevistados dois idosos presos por tráfico de drogas, sendo que a presença dessa faixa etária vem crescendo nas estatísticas prisionais, com indivíduos sentenciados por tráfico e pedofilia. No caso do tráfico, a inserção pode ser atribuída à necessidade imediata de dinheiro complementar à renda da aposentadoria, para aquisição de medicação e alimentos. Outro motivo identificado é a cooptação para o tráfico pelo fato de serem menos estigmatizados e terem menor probabilidade de ser presos. Esses idosos foram retirados da

⁵ Os dados da amostra estão compilados em uma tabela na seção de apêndices.

amostra por caracterizarem uma situação pontual e não pertencerem à faixa etária predominante do segmento *varejo*.

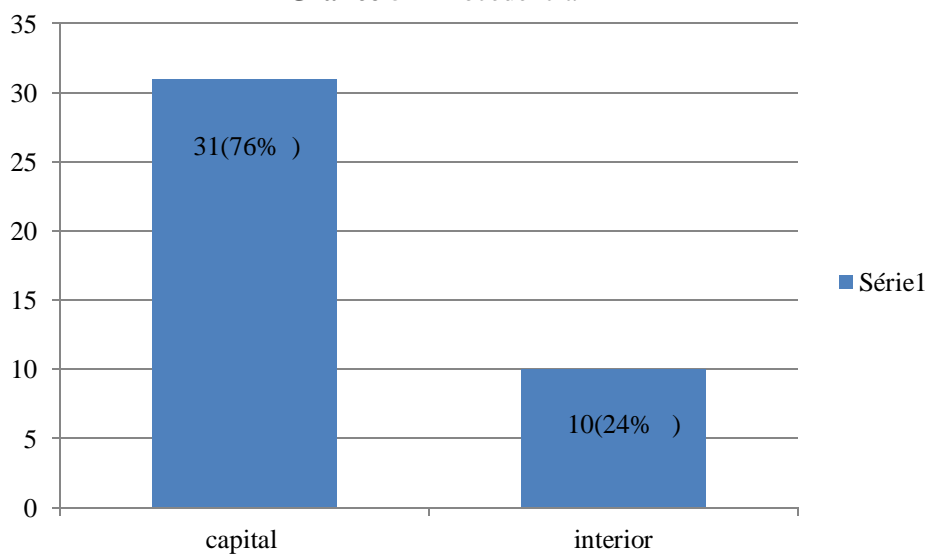
O gráfico a seguir apresenta os dados referentes à cor da pele dos entrevistados que compuseram a amostra:



Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se a predominância de pessoas que se declararam negras (20, 49%) e pardas (17, 41%), totalizando 37 (90%), o que contrasta com a baixa presença de brancos na amostra (4, 10%). Esse quadro pode ser atribuído à seletividade racial das ações policiais nos bairros populares, cujo alvo preferencial é constituído por negros, o que resulta na presença expressiva da população negra e afrodescendente no meio prisional. Mas também pode refletir a maior presença desse grupo no segmento do varejo de drogas nos bairros populares, caracterizando uma situação de múltipla vulnerabilidade, em decorrência dos riscos de ser preso, ingressar e permanecer nos mercados de drogas e ser morto.

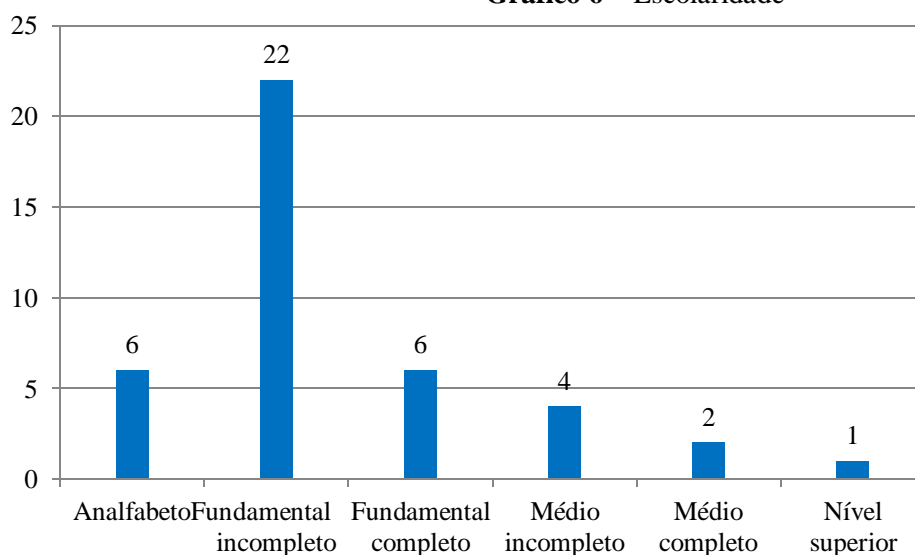
A seguir serão apresentados os dados sobre a procedência dos entrevistados, ou seja, os locais onde foram presos.

Gráfico 5 – Procedência⁶

Fonte: Elaboração da autora.

A maior parte dos entrevistados (31, 76 %) era procedente de Salvador e Região Metropolitana, enquanto uma minoria (10, 24%) era proveniente do interior do estado. Tal achado ajudou a entender a territorialidade que envolve o tráfico de drogas, a mobilidade das pessoas e a dinâmica das instituições penais. Os que são procedentes do interior estão na capital por falta de vagas nas unidades mais próximas do local de residência.

No Gráfico 6, serão apresentados os dados sobre o nível de escolaridade dos componentes da amostra.

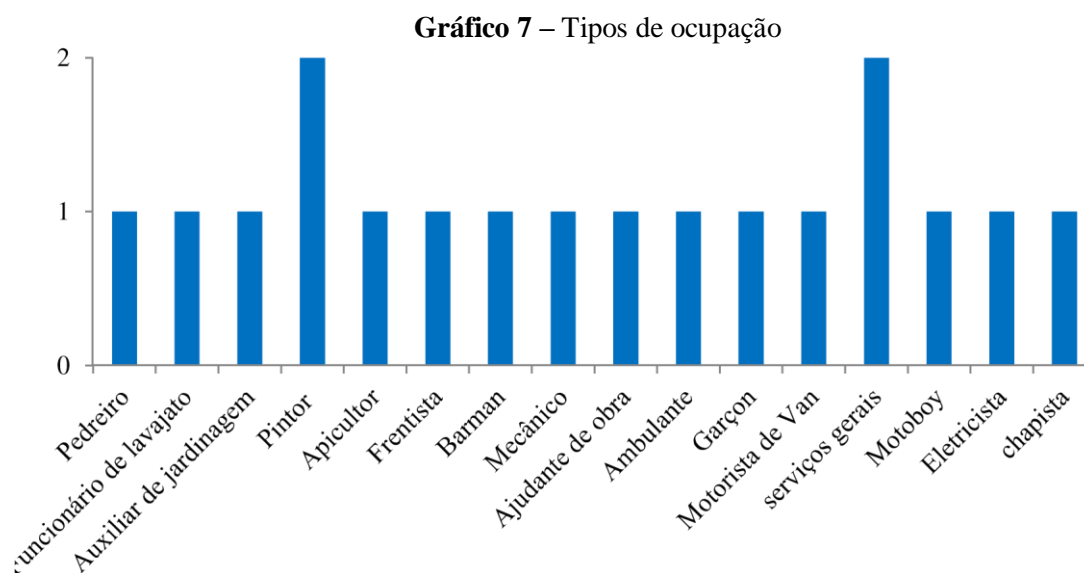
Gráfico 6 – Escolaridade

Fonte: Elaboração da autora.

⁶ As instituições penais deveriam atender ao critério de regionalização, tendo em vista a necessidade de contato entre o indivíduo e sua família. Entretanto, as prisões carecem de vagas, e os presos são transferidos para unidades na capital, ficando mais isolados, sem contato com os familiares, os quais, muitas vezes, migram para perto das prisões, o que pode agravar uma série de problemas enfrentados por esses grupos.

Observa-se um baixo nível de escolaridade: 6 (15%) declararam que não frequentaram a escola e não sabiam ler ou escrever; 22 (54%) tinham o ensino fundamental incompleto, e muitos estavam no primeiro ciclo; 6 (15 %) completaram o ensino fundamental e não prosseguiram os estudos; e apenas 4 (10%) atingiram o ensino médio e 2 (5%) o concluíram. Na amostra estudada, apenas 1 indivíduo (1%) atingiu o nível superior, mas não chegou a concluir. Entre os que tinham maiores níveis de escolaridade, 1 ocupava o cargo de gerência no tráfico de drogas e os demais combinavam ocupações formais ou informais lícitas com a venda de drogas ilícitas.

A seguir serão exibidas informações acerca da ocupação dos entrevistados.



Fonte: Elaboração da autora.

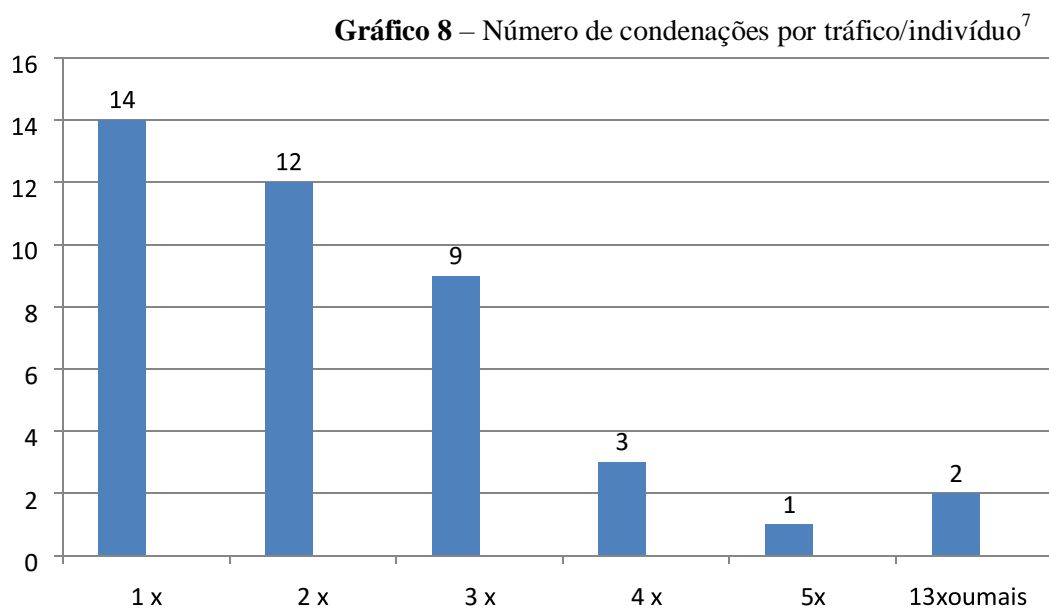
Na amostra estudada, 23 (56%) dos entrevistados declararam que não tinham ocupação, e 18 (44%) afirmaram ter algum tipo de ocupação, o que pode significar que muitos vivem do comércio de drogas exclusivamente, ou combinam a ocupação informal lícita com o tráfico.

As ocupações identificadas no estudo não requerem qualificação especial e, na maioria das vezes, são atividades informais (pedreiro, pintor e ajudante de obra) e envolvem contratações temporárias. Isso pode fazer com que os trabalhadores fiquem parte do tempo desempregados, e encontrem, nos mercados de drogas, uma oportunidade para obter renda.

Os indivíduos que referiram ter as ocupações de *barman*, motorista de van ou moto e garçon informaram que elas serviam como fachada para a venda de drogas em ambientes menos estigmatizados, em que os clientes eram os frequentadores de bares, e os trabalhadores dos locais de transporte ilegal de pessoas, onde eles também trabalhavam. Houve o relato da

venda de drogas para um grupo de pedreiros através de outro pedreiro, que combinava a venda nas ruas e no local de trabalho.

A seguir serão apresentados os dados sobre o número de vezes que os entrevistados foram sentenciados por tráfico, o que fornece uma ideia da reincidência e da rotatividade nas instituições penais.



Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se que 14 (34 %) entrevistados falaram que foram presos pela primeira vez por tráfico, enquanto 27 (66%) referem ter sido sentenciados mais de uma vez, sendo que dois foram presos mais de 13 vezes. Muitos informam ter passagens anteriores por delegacias ou instituições de menores. Esses achados reforçam os encontrados em estudos sobre as estatísticas prisionais, segundo os quais o tráfico de drogas apresenta altas taxas de reincidência, tendo aumentado 265% de 2005 para 2010. (LOURENÇO, 2014)

4.8.3 Outros dados da amostra

Durante as entrevistas, foram obtidas outras informações significativas sobre os informantes, como o fato de todos (100%) terem declarado que usavam drogas ilícitas de

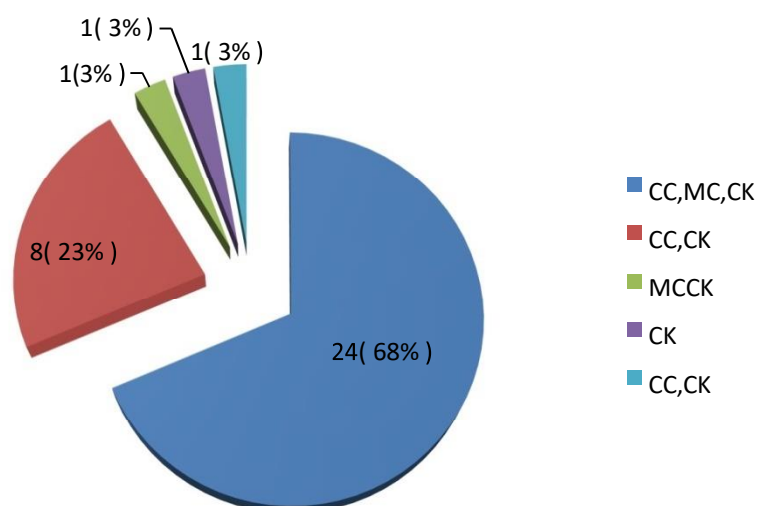
⁷ O que se observa é que muitos indivíduos não interrompem suas atividades mesmo dentro da prisão. Muitos, quando saem, retornam para as atividades relacionadas ao tráfico, pela baixa qualificação e pela dificuldade de se inserirem em outros mercados, além da rentabilidade e liquidez da atividade. O que significa dizer que essa reincidência é muito mais alta do que as taxas obtidas com as estatísticas prisionais, como se a prisão funcionasse como uma porta giratória. (BECKER, 2008)

diversos tipos, muitas vezes em combinação com o uso de bebidas alcoólicas, e que nunca buscaram serviços de saúde.

Foram frequentes os relatos de sintomas graves de intoxicação por drogas, como arritmias, dores precordiais, perdas de consciência, bem como de terem presenciado a morte de parceiros por uso abusivo de drogas. (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

Outra questão foi o tipo de droga comercializado, que será apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 9 – Tipos de drogas comercializadas



Legenda: CC: cocaína; CK: *crack*; MC: maconha.
Fonte: Elaboração da autora.

Entre os 41 entrevistados, 6 eram do grupo dos *soldados* e não comercializavam drogas. Entre os 35 restantes, 24 (68 %) informaram que comercializavam os três tipos de drogas: maconha, *crack* e cocaína, caracterizando mercados polivalentes, que oferecem diversos tipos de produtos; 8 (23%) comercializavam *crack* e cocaína; 1 (3%) comercializava maconha e cocaína; 1 (3%) *crack* apenas; e o outro comercializava cocaína e *crack*. A justificativa para não vender maconha foi que não era rentável como os demais produtos. Apenas um deles comercializava *crack*, cocaína e *ecstasy*, que repassava em festas que frequentava, em pequena quantidade. Os que referiram não comercializar cocaína colocaram que a droga “não tinha saída”, ou seja, não tinha muita demanda.

Percebe-se que todos os entrevistados (100%) que estavam envolvidos na comercialização direta de drogas tinham o *crack* como produto exclusivo ou combinado, o que pode ser atribuído ao preço baixo por unidade e a elevada demanda, com rentabilidade

garantida, o que pode indicar que os mercados de drogas são polivalentes e capazes de se adaptar para dar conta de novos nichos de comercialização, manter a oferta de produtos, identificar e respeitar as demandas.

4.9 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram trabalhados através da técnica de Análise de Conteúdo apresentada por Laville e Dionne (1999), com ênfase numa grade de análise mista, tomando como ponto de partida a fundamentação teórica e as entrevistas exploratórias.

A análise de conteúdo é um método desenvolvido para interpretar e entender a construção textual, e foi produzida pelas ciências sociais empíricas. Não se restringe à quantificação de falas ou enunciados do *corpus* do texto, mas envolve o tratamento dos dados a partir de tipos, qualidade e distinções, agrupando-os e classificando-os em unidades que vão constituir uma rede, representando o conhecimento em sua dimensão relacional e contextual. (BAUER, 2004; MINAYO, 2006)

É um recurso metodológico que tem a possibilidade de ser utilizado em diversas situações que envolvem a produção textual. Entretanto, alguns conceitos são importantes para o desenvolvimento da análise de conteúdo, como a objetividade, a sistematicidade, os conteúdos manifestos, as unidades de registro, de contexto, a construção das categorias e a análise categorial – elementos que dão sustentação ao trabalho realizado com o material obtido. (OLIVEIRA, 2008)

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2002) e Oliveira (2008), implica a existência de etapas que se desenvolvem desde o início da construção do trabalho. A *pré-análise* consiste na escolha do *corpus* de análise, com a formulação das hipóteses e dos objetivos, e a elaboração de indicadores para a interpretação. Na *exploração do material* ou *codificação*, são realizadas a agregação e a sistematização do conteúdo em unidades. O tratamento dos resultados, *inferência ou dedução lógica e interpretação*, é a etapa em que as informações contidas no texto são destacadas e contextualizadas, através do processo de quantificação simples ou análise fatorial, cujos dados podem ser representados por diversas formas esquemáticas que permitem compreender, de forma ampla, o objeto estudado.

Para Bardin (2002, p. 39), “[...] o analista é como um arqueólogo. Trabalha com *vestígios*: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles.”

Esse processo envolve a descrição, que é uma forma de tratamento do material obtido, e consiste na organização dos dados em unidades categoriais para a interpretação. A inferência permite a transformação do material descrito e quantificado em um conjunto de dados inter-relacionados, o que possibilita uma visão contextualizada. (BARDIN, 2002)

Importa, tanto para a análise de conteúdo, quanto para o Interacionismo Simbólico, referencial teórico-metodológico adotado, considerar quem fala, o que fala e de que lugar fala, o contexto e as interações que são produzidas, que são as condições de produção. (BARDIN, 2002)

Trata-se de uma conexão entre a superfície dos textos e seus elementos característicos com seus fatores determinantes, buscando estabelecer uma relação entre: “[...] as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas.” (BARDIN, 2002, p. 41) Sendo assim, a leitura do analista não se restringe ao que está escrito ao pé da letra, através dos caracteres linguísticos, mas investe na busca do sentido identificado nos diversos planos do texto. (BARDIN, 2002)

Segundo Bauer (2004), a análise de texto estabelece uma conexão entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa. Por meio da codificação do material textual, são obtidas novas informações que tornam impossível a reconstrução do texto original. Dessa maneira, surge outro texto, que não possui o *status* de verdade absoluta, mas tem sua validade fundamentada no material empírico e teórico que compõe a pesquisa.

Neste estudo, as categorias teóricas que serviram como ponto de partida foram: os mercados de drogas, violência e seus significados, usos, tipos e formas, vitimização, interação social e identidade.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, e a análise se deu de forma processual, ou seja, à medida que as entrevistas foram sendo realizadas outras categorias ou subcategorias foram identificadas através da separação de enunciados com significados mais recorrentes, estabelecendo-se correlações com outros temas semelhantes.

5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisa seguiu as orientações da Resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece os princípios referenciais da bioética, e o cuidado especial no caso de pessoas sob custódia, que caracteriza situação de vulnerabilidade.

O estudo foi apresentado e explicado aos entrevistados, que tinham preservado seu direito de não participar e foram informados de que a recusa ou o aceite não teria qualquer interferência sobre o andamento de seu processo penal.

Foi garantido o uso das informações exclusivamente para fins de pesquisa, e a circulação restrita ao meio acadêmico, em decorrência do medo da divulgação para os meios de comunicação e a justiça.

Uma ocorrência comum foi a recusa em assinar o termo de consentimento, pelo temor de que a assinatura pudesse comprometê-los, sendo que o termo foi gravado, quando aceitavam participar e permitiam as gravações das entrevistas.

Foram adotadas medidas para preservar o anonimato, com a mudança do nome dos entrevistados, dos locais onde atuavam, bem como dos fatos públicos ou raros, que prontamente teriam a autoria descoberta.

Vale ressaltar que uma entrevista no contexto da clínica é diferente de uma realizada para pesquisa, pois, na primeira, são abordadas questões relevantes para o restabelecimento da saúde do paciente, e os temas mais delicados são tocados de acordo com o material trazido por ele, respeitando-se o tempo de cada um. Na segunda, a entrevista para pesquisa, a resposta às perguntas do estudo tem um tempo determinado, estabelecido dentro de um cronograma.

Os atendimentos psiquiátricos foram mantidos de modo regular, mesmo após o fim do trabalho de campo, tendo em vista que foram relatados conteúdos que geravam tensão e angústia, evocando memórias de situações difíceis e, muitas vezes, extremas. Além disso, parte dos entrevistados referiu o uso de drogas lícitas e ilícitas e demandou tratamento para interromper esse uso, em decorrência dos riscos de contrair dívidas, desencadear outros problemas de saúde e causar mais sofrimento para as famílias. Muitas vezes foi necessária a participação de outros técnicos de saúde, como psicólogos, assistentes sociais e clínicos, como reforço no enfrentamento de situações limite com esse grupo.

6 CARACTERIZAÇÃO DOS OPERADORES

6.1 MOTIVAÇÕES E CARREIRAS

Entende-se como motivação o processo no qual o indivíduo se direciona para atingir um objetivo, o que envolve fatores biológicos, psicológicos e sociais, como a capacidade de determinação e entendimento, o acesso a oportunidades lícitas e ilícitas, além dos demais elementos para tomada de decisão e manutenção de uma atividade. Nessa perspectiva, o principal motivo para o ingresso nas organizações do tráfico de drogas é a aquisição de dinheiro para atender a demandas imediatas ou de longo prazo. Essa motivação inicial pode ter desdobramentos, como a busca de reconhecimento, poder e prestígio e resultar em diversos tipos de carreiras. (CONCEIÇÃO, 2015; DESROCHES, 2005; TODOROV; MOREIRA, 2005)

A obtenção de dinheiro reúne diversas circunstâncias ou motivações. No presente estudo, foram identificadas quatro situações: para comprar drogas; para adquirir bens de consumo (pessoas que estão fora dos mercados formais e informais); para aumentar a renda pessoal; e para combinar atividades lícitas ou ilícitas com o tráfico de drogas.

Eu usei de tudo, doutora. Desde novo, uns 13 anos. Mas o crack eu deixei porque é ruim, destrói a pessoa. Eu vivia por lá, pelo Pelourinho, andava com o pessoal de lá, usava o que aparecia. Tem quem dê [quem ofereça drogas para usuários locais], ou faz uma coisa [rouba, faz um serviço qualquer]. Depois eu fui vender... Você vê direto... Todo mundo vende... Difícil ali é não entrar.. Conhece todo mundo... Diz: “Ô vei, como é pra ter o bagulho aí? Pra fazer uma ponta [ganhar dinheiro] ... Aí, me dá uma sugestão...” “Vê se quer mesmo...” Aí vai lá e volta, que sim ou que não..[fala com o gerente, que deixa ou não]. Lá é alemão [rivais] pra todo lado... Lá tem muita confusão quando uma pessoa vende na rua do outro grupo. Eu me criei naquele lugar ali, doutora, vendo tudo de bom e de ruim... Morava com muita gente... [Relata uma longa historia de dificuldades familiares e pobreza]. A polícia isola ali o lugar dos turista, e o resto o couro come... Eles sabem que não diminuiu nada ali... Eles ganham também... Não tem ninguém sem ganhar, e aí aqueles que fazem ruaça [confusão] já sabe... Deixa um tempo e, se não parar, some [matam].Eu pegava pouco, porque eu não tinha dinheiro... Era fraco e também eles não tinham assim eu como traficante... [ênfase na palavra, sorri e continua] Eu sou um couro de rato... Não tenho nem visita... Dinheiro... Eu vendia uns tempos, voltava... Às vezes, usava... Apanhei muito, doutora, porque eu ficava devendo. Não pode. Eles cobram. Não deixam não. Não esquecem... Mas também, quando eu vendia que alguém não me pagava, eu também fazia... A gente liga, manda recado, porque hoje todo mundo pode não ter comida, mas tem celular, tem zap [Whatsapp]... (CARLOS, 29 anos, vendedor, Salvador).

Pelo relato anterior, pode-se perceber a situação de pobreza e vulnerabilidade, caracterizada pela falta de recursos materiais e humanos, pois o entrevistado vivia pelas ruas do bairro, residindo de favor em moradias coletivas, e com inserção precária no mercado de trabalho informal, fazendo serviços pontuais e adquirindo renda exígua. Essa situação se perpetua com a entrada nas instituições penais. Além disso, apesar de ter declarado que

cursou até o terceiro ano do ensino fundamental, informou saber ler e escrever muito pouco, o que reduz ainda mais as chances de mobilidade ascendente, mesmo nos mercados informais. Esse rapaz apresentava muitas cicatrizes de ferimentos por facas e pedaços de garrafas, resultantes de brigas no bairro, e se envolvia em pequenos furtos. Ele foi sentenciado quatro vezes por tráfico, e preso em delegacias outras vezes por roubo e tráfico. Além disso, foi mais um relato da atuação da polícia envolvida no desaparecimento de assassinato de jovens.

Trata-se de uma situação que pode ser mais bem compreendida através da teoria da anomia ou do esticamento social de Merton (1938), segundo a qual a sociedade estabelece metas para o indivíduo atingir, como sucesso financeiro ou social, estimula a comparação e a competição entre os indivíduos, e não oferece meios adequados e equânimes para todos. Isso contribui para que as pessoas ingressem em atividades desviantes, pois elas são eficazes e disponíveis para determinados grupos sociais. (MERTON, 1972)

A passagem para a comercialização de drogas, ainda que de modo precário, representou um avanço, pois além de adquirir renda para necessidades imediatas de modo mais regular, ele deixou de cometer roubos e furtos, atividades criminosas extremamente mal vistas e perigosas nos mercados de drogas. (DESROCHES, 2005)

A entrada no tráfico depende do contato com pessoas próximas, conhecidos ou vizinhos, e da reputação do indivíduo no local, pois o candidato pode ser rejeitado, a depender do seu proceder. Um fator importante é o perfil do uso de drogas, pois o uso exagerado pode impedir o ingresso, enquanto o uso mais comedido pode não afetar a reputação e favorecer a ascensão no grupo. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Muitos indivíduos, nesse grupo, afirmaram ter começado ainda na adolescência a usar drogas, e a frequência à escola foi baixa e irregular. Cedo aprenderam a lei da sobrevivência, tendo de se manter ou ganhar dinheiro para a própria subsistência. Dessa maneira, são presas fáceis para o contato precoce com usuários e vendedores, e atraídos para realizar tarefas muito simples e periféricas no tráfico de drogas nas quais é mais fácil serem presos, por ficarem expostos nas ruas portando drogas e armas. (BOURGOIS, 2010; CONCEIÇÃO, 2015)

Entrei nessa vida com 15 anos, porque meus pais brigavam muito e quem sobrava era eu. Eu apanhava muito... Meu pai me espancava muito... Ele bebia de vez em quando... Ele era maldoso mesmo... Ele lutava box e tomava pancada na cabeça... Eu ficava pela rua, como mendigo. Usava muita droga e depois, porque eu usava, eu ficava perto da boca, e eles mandavam eu ficar olhando, eu olhava. Aí, às vezes, eles saíam e me chamavam para vender, me deixavam no lugar deles... Eu não ganhava dinheiro não, ganhava em droga... Era só pra eu usar... Eles me davam comida, eu fui ficando ali, era melhor que na minha casa. (RUI, 25 anos, vendedor, Salvador)

Trata-se de um relato em que o ambiente doméstico era menos acolhedor do que as ruas, e a convivência com os participantes do tráfico ajudou a desenvolver um sentimento de pertencimento a um grupo que lhe prometeu proteção e amparo, conferindo-lhe um lugar no mundo e tornando-o mais importante que a família de origem.

Outras pessoas perderam postos de trabalho nos mercados formal ou informal e viram, no tráfico, uma possibilidade de ganho imediato, pois não tinham capital para iniciar outra atividade. Esse aspecto é importante, tendo em vista que muitos vendedores adquirem drogas para venda em consignação, ou seja, para pagar à medida que forem vendendo. Muitos residem com suas famílias, podem ser usuários de drogas, mas usam de modo controlado e gerenciam bem a condição de usuário e vendedor. São atraídos pela necessidade e seduzidos pelo exemplo dos demais, com quem convivem e cresceram nos bairros, ao vê-los adquirirem bens e construírem uma reputação.

Eu conhecia o pessoal lá do bairro, já conhecia, mas não me envolvia em vender. Eles ficavam lá, eles moravam ali dentro do bairro. Um dia, briguei no serviço, pedi pra sair e começou a apertar a dificuldade. Eu via as coisas faltando dentro de casa, e foi uma forma que eu achei, mais rápida. Aí você vem de bandeja, né? Conhecido, colega, todo mundo oferece pra vender. Aí o dinheiro vai entrando, você vai gostando, cada vez mais vai se envolvendo, vai aprendendo ali como fazer, como se sair. Eu trabalhava sempre só, sempre gostei de andar só, pegava lá e ia vender. Quem é que não quer ter uma vida boa? Todo jovem quer ter seu dinheiro, comprar um tênis, uma moto, pegar um taxi. É negócio de querer. (SINVAL, 22 anos, Vitória da Conquista, vendedor de rua)

O relato anterior é de um rapaz que trabalhava no mercado formal e que, após perder o emprego, se aproximou dos operadores do tráfico do bairro, que o convidavam sempre para vender drogas, sob o argumento de que lucraria mais e poderia fazer seu próprio horário. Quando se viu em situação difícil, foi levado ao fornecedor, adquiriu drogas com o dinheiro da rescisão e passou a vender no bairro. Em seguida, comprou uma arma de fogo para se proteger, através de um canal [contato] no mercado ilegal de armas. Ele passou a se envolver cada vez mais, e a prisão por tráfico e porte ilegal de armas interrompeu sua carreira criminal. O contato privilegiado com os vendedores que o estimavam, a amizade, os convites, a convivência e a observação da rotina, dos lucros e da ascensão dos demais configuraram um cenário favorável para que ingressasse nesse mercado.

Nesse sentido, a teoria da associação diferencial ajuda a compreender a entrada de algumas pessoas em atividades ilegais, pois ela considera que a conduta criminal é aprendida e construída nas interações sociais, envolvendo comunicação, transmissão de técnicas, orientações, valores, motivações e racionalizações de conduta. Desse modo, uma pessoa adota a atividade criminosa quando as condições favoráveis ao delito predominam.

(SUTHERLAND; CRESSEY, 2003) Desse modo, pode-se pensar que alguns fatores contribuem para facilitar a entrada dos jovens nas organizações do tráfico de drogas, nos bairros populares, pois eles são submetidos a uma exposição maciça das ações dos integrantes do tráfico, acumulam um conhecimento privilegiado da atividade, que é transmitido continuamente, e têm acesso a contatos importantes da organização. Desse modo, podem recorrer à atividade ilegal, diante de uma situação crítica em que precisem de renda imediata.

Outros indivíduos combinam atividades lícitas no mercado formal e (ou) informal com a venda de drogas. Isso caracteriza uma oportunidade para expandir os rendimentos. Eles podem ter contatos com vendedores de drogas porque podem ser usuários ou ex-usuários.

Comecei a fumar aos 14 anos e, de vez em quando, eu usava maconha. Daí fui conhecendo gente que usava e passei a vender. Eu trabalhava como barman e tinha uma boa renda. Aí fui chamado por um conhecido para vender drogas. Levava para o local onde trabalhava, era cocaína. Aí eu não usava não, só levava para vender. Era bom, porque eu tinha muitos contatos, era fácil e eu trabalhava na noite, então eu sabia como passar, ninguém desconfiava não... Mas tudo que é errado dá problema, né? Um tempo eu vendi na rua, em outra rua, longe da minha, mas eu achei perigoso e parei, só fiquei levando pro bar mesmo. (MÁRIO, 26anos, Barman e vendedor, Salvador)

Nesse caso, o vendedor tem uma posição privilegiada, pois atuou por um bom tempo no mercado de drogas, chegando a vender na rua, mas abandonou por considerá-la mais perigosa. A atividade laborativa favoreceu os contatos e a reputação, facilitou a entrada e a permanência na atividade ilícita, permitindo que ele transitasse em diferentes espaços sem despertar a atenção dos demais. Ele era respeitado no trabalho e no local onde morava, pois reunia atributos de uma pessoa creditável, o que o ajudava a manter a atividade no anonimato. Ele justificou que passou a vender drogas por considerar seus rendimentos pequenos e por ver os vendedores ganharem dinheiro rápida e facilmente. (GOFFMAN, 1985)

Outro exemplo da combinação de atividade lícita com a comercialização de drogas ilícitas, no segmento de transporte coletivo, será apresentado a seguir.

Eu passei pouco tempo, eu trabalhava, era kombeiro [motorista de Kombi] em Lauro de Freitas. Me envolvi através de uma viagem. Eu fui fazer uma mudança, aí cheguei na casa dessa pessoa e ele me deu cocaína para experimentar. Ele disse assim: toma essa de presente. Se gostar eu dou mais... Eu vou botar aqui uma presença... Aí botou uma cocaína... Eu nunca tinha experimentado nada. Aí foi o pior passo da minha vida... Aí fiquei viciado, uma vontade de ficar usando mais. Eu gastava todo o dinheiro que ganhava, foi minha ruína. Aí eu passei a pegar para o grupo de kombeiros. Nunca tive problemas, porque eu nunca fui diretamente a fornecedor, sempre tinha um intermediário, dava o dinheiro e pegava. Ele era lotador de Van também e já tinha passagem pela polícia. Quantas pessoas compravam na mão dele? Que eu conhecia, umas quatro ou seis... Quatro por dia, gastando 100 reais, imagina o lucro... Tinha o lugar para entregar, era tudo combinado. (SIDNEI, 39 anos, procedente da região metropolitana de Salvador)

A venda de drogas a partir de contatos entre os próprios colegas de trabalho – motoristas do transporte alternativo e de caminhões, pedreiros da construção civil, pessoas da companhia de mineração, e de eletricidade – foi relatada e funciona como estratégia de expansão dos mercados de drogas. A estratégia é vantajosa, pois o vendedor era dono das Kombis, tinha uma clientela constante e confiável, com garantia do pagamento e de manutenção do anonimato.

Outra teoria criminológica importante para entender a entrada no tráfico de drogas é a oportunidade para o crime (CLOWARD, 1959; CLOWARD; OHLIN, 2003), segundo a qual alguns indivíduos têm acesso a oportunidades ilegais, e o fazem utilizando-se de contatos como porta de entrada em locais considerados de fácil acesso, baixo risco e garantia de rentabilidade. Em alguns casos, a renda obtida com a atividade ilícita chega a ser superior à da atividade lícita, o que estimula a permanência naquela.

Alguns indivíduos realizavam outras atividades ilícitas, como roubos a estabelecimentos comerciais e homicídios, e viram no tráfico de drogas uma forma de rentabilidade estável. Eles podiam combinar as duas atividades, a depender de alguma necessidade, como compensar perdas financeiras.

Eu comecei de baixo, eu só dava fuga pro pessoal. Quando o assalto acabava, aí não pegava nada pra mim, porque ficava como se eu tivesse sido sequestrado. Eu era taxista, então eu ficava ali no lugar onde eles marcavam e ganhava um dinheiro. Era bom porque eu não tinha esforço. Mas aí passei a roubar banco porque dava mais dinheiro. Eu gostava de ir lá, me empolgava, mas era muito arriscado, precisava de muita coisa, tinha que entrar na agência, mandar ir lá, muita gente, nem sempre conseguia, às vezes armava tudo e não dava. Ai chegou essa coisa de droga aqui. Viram meu trabalho e me chamaram pra eu comandar. Eu vi que a droga dava mais dinheiro, mas muito mais, e eu não aparecia tanto. Aí eu fui crescendo e comandando um grupo, conhecendo gente, tendo contato com distribuidor, fornecedor... Mas é muito dinheiro, doutora... Agora tem que ter cabeça para administrar esse pessoal todo, é muita gente e muita coisa, dá trabalho, mas rende muito mais e é o tempo todo. O pessoal [distribuidores] confiaram em mim e eu fui crescendo... (SANDRO, 45 anos, Salvador, dono de grandes territórios).

Trata-se de um rapaz que era motorista de táxi, e, por conta da ocupação, dava fuga para assaltantes de banco que atuavam na capital. Desse contato ele vislumbrou a possibilidade de ganhar mais dinheiro, participando diretamente dos assaltos. Através dos contatos com grandes traficantes que realizavam roubos a bancos para repor perdas, ele foi convidado, pelo desempenho e reputação, para comandar a distribuição de drogas na cidade. O que passou a fazer e ter sob seu comando diversos grupos e sendo responsável pelas negociações de uma grande empresa do tráfico de drogas na cidade. Ele demonstrou inteligência e sagacidade para reconhecer e aproveitar oportunidades mais rentáveis e menos arriscadas, manter sob controle um grande número de pessoas que trabalham direta e

indiretamente para ele e movimentar grandes somas de dinheiro o que lhe perpetua o prestígio, a fama e o poder. (DESROCHES, 2005)

O caso descrito anteriormente pode ser mais bem compreendido utilizando-se a teoria da escolha racional, segundo a qual a entrada no crime é resultante da decisão tomada após levantamento das diversas possibilidades, em que são pesados riscos e benefícios, lucros e custos. Os indivíduos que têm histórico de envolvimento com outros crimes conhecem os códigos morais do meio, e tendem a selecionar as investidas consideradas mais rentáveis e seguras. (CORNISH; CLARK, 1987)

Indivíduos com essa inserção e carreira geralmente ocupam posição superior no segmento varejista, pois têm história de envolvimento com outros crimes. São, muitas vezes, usuários de cocaína e, portanto, passam a conhecer bem o mercado, as vantagens e desvantagens. Eles conhecem grandes traficantes dentro das prisões, quando são presos por assalto a banco ou outros crimes. Conseguem gerenciar bem os riscos, estabelecer metas, perceber nichos de atividades mais rentáveis e se direcionar para elas. Têm maior capacidade de articulação dentro e fora do crime, mantendo uma rede de contatos que lhes garante o anonimato. Agem de modo premeditado e pensado, cooptam agentes públicos, constituindo parte do crime organizado. Além disso, gerenciam o dinheiro de modo racional, adquirem bens duráveis, imóveis e pequenos empreendimentos legalizados. Geralmente têm advogado particular e ocupam posição de comando no tráfico de drogas. Eles têm diversas companheiras, ou união caracterizada como estável, e são disputados pelas mulheres, que segundo eles, são atraídas pelo poder e o dinheiro que possuem.

Em contrapartida, há pessoas que, mesmo sendo praticantes de outras modalidades de crimes, como roubos e furtos, não aceitam participar do tráfico porque acham perigoso demais. Justificam que os integrantes brigam muito entre si, são facilmente identificáveis e mortos com frequência. Além disso, exercem uma atividade contínua. Já os roubos e furtos podem ser feitos pontualmente, com anonimato e fora da área de residência, não levantando suspeita no local, sendo o risco de prisão por flagrante e morte considerado muito menor do que o do tráfico.

Deus me livre, aí é perigoso, o povo morre o povo morre demais... Porque, doutora, roubar a gente sai, vai ali, volta com um [dinheiro] que dá pra um tempo. Muitas vezes ninguém sabe... A gente fica de quebrada lá, de boa [no anonimato]... O problema é roubar no bairro... Mas a gente desce pra uma Pituba, um Itaigara [bairros classe média], porque lá tem o que pegar... Mas aí vender essas coisas [drogas]... É muito perigoso, todo mundo sabe quem é quem, de fora não, mas ali de dentro, sabe sim... Fica muito exposto, aí vem a polícia; eles mesmos [os operadores] e fazem maldade. (VITOR, 26 anos, Salvador, sentenciado por roubo)

Esse relato, frequente nos sentenciados por outros tipos de crime, contraria a ideia predominante de que “todos os jovens entram no tráfico”. Embora seja uma atividade rentável e porosa, que permite diversas combinações, muitos temem os riscos, considerados contínuos e ininterruptos. Além disso, o entrevistado coloca a importância de conhecer e respeitar o código de conduta do crime, e, mais especificamente, do tráfico, que proíbe roubos e furtos no território e, por isso, quando precisa fazê-los, desloca-se para outros locais.

Diante do exposto, percebe-se que as motivações para entrada nas organizações do tráfico de drogas são diversas e que, uma vez dentro da comercialização, os indivíduos podem desenvolver diferentes carreiras, que serão explicadas a seguir.

6.2 INSERÇÕES E CARREIRAS NOS MERCADOS DE DROGAS

Os mercados de drogas vêm se configurando como oportunidades disponíveis de geração imediata de renda para pessoas com diferentes níveis de qualificação, ou mesmo sem qualificação.

A pessoa está passando por uma dificuldade, perdeu o trabalho, tem filho pra criar, aí ela vem e pergunta se pode, ela diz que quer vender. Aí ali você tem que ver se ela pode, se é pra aquilo ali. A gente se conhece tudo dali, então sabe que dá, então deixa, às vezes fica, às vezes sai. Tem tudo, pai de família, mãe, trabalhador, usuário, que tá na precisão e precisa de dinheiro naquela hora. É um dinheiro que entra logo. (PABLO, 25 anos, dono de boca, Salvador)

A partir do relato anterior, pode-se perceber que alguns elementos são facilitadores para o ingresso nos mercados de drogas, como as dificuldades financeiras e o acesso aos vendedores. Além disso, o relato evidencia a oferta abundante de mão de obra e a possibilidade de inserções variadas e de ganho imediato. A entrada na comercialização sempre está vinculada ao contato com algum envolvido, através de amizade ou conhecimento no bairro, que se dirige ao chefe ou gerente e toma a decisão final de aceitar ou não o pedido. Nesse processo, a reputação do candidato tem grande peso, contam também sua confiabilidade e o perfil de uso de drogas. São elementos fáceis de averiguar, tendo em vista que são moradores dos mesmos bairros.

Alguns entrevistados relataram que pediram diretamente ao chefe ou ao gerente do bairro, porque tinham relação próxima com eles, mas o mais comum foi a solicitação através de um mediador, que consultava o superior e voltava com a resposta. Uma vez que conseguem ser aceitos, os indivíduos podem ter diferentes carreiras, que podem resultar em destinos sociais distintos, a depender das forças que atuarem sobre eles em conjunto com suas

escolhas. Isso tem relação com o tempo dedicado à atividade, o desempenho ou a performance na função, reputação, capacidade de gerenciamento de risco, ambição e identificação com a atividade. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Há indivíduos que pegam drogas para vender esporadicamente, para enfrentar necessidades financeiras pontuais, ou fazem serviços avulsos, mas não participam mais diretamente da organização, embora estejam sob as regras do controle territorial e do código moral da atividade.

Outros podem passar um período maior comercializando, conseguem algum patrimônio, ou atingem o objetivo que tinham quando entraram – saldar dívidas, montar pequenos negócios – e depois se retiram da atividade, podendo fazê-lo sem enfrentar maiores problemas, a depender da forma como procederam no período em que fizeram parte do grupo.

Um terceiro grupo é constituído por indivíduos que conseguem construir uma carreira criminal dentro da comercialização de drogas, fazem parte da organização, da qual demonstram orgulho, têm função definida e são identificados pelos pares como pertencentes ao grupo de operadores, ou *envolvidos*. Em decorrência de estabelecer uma carreira criminal, ou ter a atividade criminosa como principal fonte de renda, os riscos mais comuns são a prisão e a morte. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Eu tinha um grupo que já vendia maconha lá pelo bairro e roubava. Era tudo amigo desde pequeno, a gente vivia por ali. Aí que chegou o crack e o pessoal [fornecedor] encostou e perguntou se a gente queria fechar com eles e a gente fechou [aceitou]. A gente que começou a vender crack aqui. Foi juntando gente, e eu fui entrando, tendo confiança e fui crescendo. O povo vê o proceder. Eu ajo pelo certo. Tem a lei do crime. É muito dinheiro e muita gente pra controlar. Às vezes, enche a cabeça da gente, porque é muita preocupação. Tem que ter mente, cabeça fria pra ver tudo. Todo mundo pensa que é fácil, mas não é não. (MIGUEL, 26 anos, Salvador, dono de boca)

Trata-se de um rapaz que, ao ser entrevistado, se identificou como traficante e gerente do tráfico. Ele foi preso diversas vezes por tráfico de drogas e controlava um dos bairros que pertencia a um chefe que reside em outro bairro. Sua carreira começou com a prática de crimes menores, a exemplo de roubos a estabelecimentos comerciais e venda de maconha em pequena quantidade. No decorrer do tempo, ele foi chamado para comercializar *crack* e cocaína e ocupar a posição de gerente, tendo de comandar um grande número de operadores. Ele constitui uma ilustração do indivíduo que consegue a mobilidade ocupacional ascendente, atingindo uma função de extrema confiança e, ao mesmo tempo, de grande responsabilidade. Nas entrevistas seguintes, ele revelou a importância de conhecer e seguir o código de conduta do tráfico, como manter a comunidade como aliada, ajudando-a no que precisar, patrocinando eventos e agindo de modo violento quando estritamente necessário. Posteriormente, foi alvo

de tentativa de assassinato com arma de fogo por integrantes de uma empresa rival e ficou com sequelas motoras graves, tendo de ficar internado por longo período. Esse episódio fez com que ele percebesse que os parceiros só o visitavam para saber quando iria retornar, para falar com o chefe por telefone, para resolver conflitos. Foi o que o motivou a sair do tráfico, pois se sentia só e visto apenas como uma peça na engrenagem. Essa decisão esteve mantida até a última entrevista em julho de 2016, e ele não precisou mudar de bairro, pois tinha uma reputação que permitia que respeitassem a sua decisão. O desafio era sobreviver com a pequena renda do benefício para invalidez do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

7 MODOS DE ORGANIZAÇÃO

A comercialização de drogas nas ruas, ou o comércio varejista, é referida como possuindo alta demanda, ou seja, a todo instante os consumidores buscam drogas, e o perfil deles é muito variável. Predominam os moradores locais e alguns residentes de bairros de classe média, que vão *in loco* buscar drogas, embora a modalidade *delivery*, ou seja, de entrega após pedido por celular, para bairros classe média, seja a mais frequente. (GRILLO, 2008)

Eu nunca fico sem vender, sempre passo adiante, sempre tem gente pra comprar. É toda hora, chega um, outro, e vai tendo saída, e não é só pobre não, chega carrão, gente rica, pede, leva, é todo tipo de gente, vira a noite, o dia, toda hora, não para não... (MAURICIO, 22 anos, de Salvador, vendedor de rua)

Um mercado com alta procura, público diversificado e envolvendo produtos altamente criminalizados tem como consequência a acumulação de capital financeiro e a necessidade de estratégias para lidar com diferentes questões, como o gerenciamento dos produtos e clientes, a segurança, o enfrentamento de conflitos, entre outros. Essas estratégias podem ser adotadas visando a otimizar os lucros e expandir as áreas de venda e são determinantes nos modos de organização dos indivíduos.

7.1 O EMPREENDEDORISMO INDIVIDUAL E AS EMPRESAS CRIMINAIS

No presente estudo, foram identificadas duas formas de organização, um modelo empresarial, denominado de empresas criminais, segundo conceito elaborado por Naylor (2000) e adotado por Lessing (2008) e Grillo (2013), que atuam dentro de territórios bem delimitados e que possuem diferentes graus de estruturação e hierarquia; e a outra constituída por vendedores avulsos, intitulada de empreendedores individuais, por Lima (2013) e Conceição (2015).

Os vendedores individuais pegam as drogas nas mãos de fornecedores do bairro e repassam para os consumidores. Eles não estão submetidos a controle territorial, hierárquico, e não têm divisão de tarefas, características comuns no modelo empresarial.

Além disso, o gerenciamento dos riscos é quase totalmente individual. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013; NAYLOR, 2000)

Eu não tinha ponto de droga fixo não. Ficava pela rua e através de aparelho telefônico também. Eu tinha um ou dois contatos, ligava e eu vendia. Levava ou alguém vinha pegar, eu vendia no mesmo bairro... Muitas pessoas queriam ter o domínio do tráfico, né? Muita gente querendo dominar e queria ser dono de tudo, de todas as esquinas... Eu não tinha ambição não, só queria vender o pó, usar e gastar um pouco, comprar umas coisas. Aí um colega meu avisou que eu estava correndo risco de morte, que outro traficante queria me matar e que tinha mandado uma pessoa tirar minha vida. No outro dia, eu já fui em busca dele já e aí matei ele. (FELIPE, 23 anos, vendedor, Salvador)

Os vendedores avulsos selecionam os locais de venda e os horários, seguindo seus próprios critérios. As transações resultam em lucros menores, eles utilizam estratégias de proteção individuais, como correr, jogar a droga fora, se esconder... Por isso, podem estar mais vulneráveis às práticas abusivas dos policiais, como a extorsão. O uso de armas foi relatado como de menor frequência, e os tipos foram as de menor porte, mais baratas e menor poder de fogo, como revólveres calibre 38. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Nas cidades do interior do estado, predomina a pulverização do varejo individual, com baixa coesão, diversidade de fornecedores, sendo que cada bairro tem seu fornecedor, e eles mencionaram um baixo uso de violência.

Salvador não é igual ao interior não, aqui é pior, com facção. Em Conquista não tem facção. Eu acho mais tranquilo, porque lá é bairro, entendeu? Então, não rola facção esses negócio não, de mandar matar. É menos violento, mas onde tem droga, tem violência. A polícia chega, alguém quer te roubar, sempre tem problema, porque é crime. Eu tinha meu ponto, vendia, e o que eu ganhava era pra mim. Não tinha isso de chefe não, esse negócio de facção eu vim descobrir aqui em Salvador, dentro da cadeia. Eu não entro, tenho medo. Entra na facção aqui quem quer, eles não força ninguém. Pode tirar de quebrada [cumprir pena sem pertencer a nenhum grupo], mas tem gente que chega e se empolga, vai ficando perto, fazendo uma coisa, outra, quando vê, tá dentro, tirando de bacana com os outros, mas tudo morre, eles mesmos matam. Eu tenho medo, vejo eles falando em matar, que vai fazer e faz mesmo... Eu não quero, quero sair e voltar para minha vida, na minha cidade. (SINVAL, 22 anos, de Vitória da Conquista, vendedor de rua)

Eles têm menos recursos para proteção, não estão envolvidos numa rede complexa de interações de uma empresa criminal, e, no caso em questão, vêm cumprir pena na capital, porque, na cidade onde foram presos, o presídio não dispõe de vagas. Isso faz com que fiquem sem suporte familiar e social, o que os torna mais expostos às mazelas da vivência no cárcere, e pode resultar em maior risco de vitimização e de ingresso em grupos criminais mais organizados.

Eles podem ser pressionados a vender drogas para um grupo específico, com oferta de vantagens, ou serem intimidados para adesão à organização.

Quando cheguei aqui no sistema, apanhei muito, tomei muita porrada, estouraram meu ouvido, por causa disso aí... Por causa de facção... Eu vim pra aqui, fiquei todo cortado nas costas, porque a gente que não tem facção, compra de outro, de nenhuma das duas aí... Aí isso é a maior onda, ôxe!... Os cara agora compra em outro lugar, vai comprar fora... Os cara de facção gosta de tirar onda... Já pensou os

cara da facção querer escorraçar nossos amigos do bairro, os moradores? É barril! Eles tinham revolta porque eu tinha um fornecedor direto, e ali no bairro ninguém entra. Então eles aproveitaram que eu cai (foi preso) e aí queriam se vingar... (ARLINDO, 25 anos, Salvador, dono de boca).

Nesse caso, tratava-se de um grupo que atuava dentro de uma área de submoradias de um bairro nobre de Salvador, em que o fato de ser uma área de difícil acesso os protegia das incursões dos fornecedores e da polícia. Eles eram constantemente assediados e ameaçados, até que os policiais conseguiram prender parte do grupo, quando foram pegar drogas em outro bairro.

7.1.1 As empresas criminais

As empresas criminais identificadas no estudo foram de dois tipos. Uma apresenta alto grau de centralização, concentração e controle territorial, constituída por integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC). Outras, com níveis muito menores de concentração do que o PCC, mas que possuem hierarquia, divisão de tarefas, denominadas Comando da Paz, Bonde do Maluco (BDM), Caveira, Katiara e Ajeita.

No início do presente estudo, em 2010, o *Comando da Paz* (CP) e o *Caveira* disputavam o monopólio do comércio de drogas, embora houvesse outras pequenas empresas, compostas por dissidentes das principais, intituladas *Bonde do Maluco* e *Katiara*. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013; LOURENÇO; ALMEIDA, 2013)

A primeira empresa criminal da Bahia foi o *Comando da Paz*, que, segundo Lourenço e Almeida (2013), teve início a partir das reivindicações de melhores condições dentro do sistema penal, harmonização da cadeia e redução das vitimizações. Utilizou-se do agrupamento de quadrilhas que já existia no sistema prisional, cujos membros se organizavam de acordo com os bairros, e reproduziam as rivalidades e divisões dos locais de moradia. Com o avanço do tráfico de drogas no Estado, a chegada do *crack* e a prisão de integrantes de grupos mais organizados de São Paulo e Rio de Janeiro, além da promessa de ganho monetário, os componentes do Comando da Paz aderiram à nova proposta de comandar o tráfico de dentro das instituições e passaram a cooptar pessoas para expandir os negócios. Com a visibilidade dos lucros da atividade, foram acontecendo disputas e rupturas. (LOURENÇO; ALMEIDA, 2013)

Eu era do comando, comandava tudo isso aqui. Eu era de banco [assaltante de banco], aí tinha que organizar, tinha a ideia de não ter confusão, não ficar preso matando preso, porque voltava contra a gente. A visita poder vir tranquila aqui, sem sugestão. Botar a lei na cadeia que todo mundo seguia, ia ser

melhor pra todo mundo. Aí eu já tinha esse comando e veio Zeca [um chefe do tráfico] e me falou se eu queria ser do comando daqui das drogas, organizar isso aqui. A gente acertou, porque isso tudo já tinha aqui, só ia acertar, e era mundo dinheiro, mas muito mesmo, doutora. Eu entrei. Ele era mais novo, mas o cara era muito inteligente, ele sabia fazer de um jeito que não prejudicava ninguém. Aí eu fui ficando pra trás, porque ele subiu no pódio. Comandava tudo. Mas aí sabe como é, entra muito dinheiro, o olho cresce a ganância, todo mundo quer ter mais, quer tomar do outro, aí que começou a guerra. Nós era CP, aí veio o Caveira. (RICARDO, 54 anos, ex-integrante e fundador do Comando da Paz)

Observa-se que as empresas foram estabelecidas aproveitando-se dos comandos existentes. Com a mudança do tipo de droga, da maconha para o *crack*, houve também maior circulação de dinheiro, o que despertou a cobiça e vem provocando rupturas que culminaram com a criação de outra firma ou facção, chamada Caveira e, posteriormente, foram surgindo outras que vêm tentando se consolidar dentro e fora do sistema penal e mudando o cenário do tráfico na Bahia. (LOURENÇO; ALMEIDA, 2013)

A senhora já sabe que a rua x é do CP, e a outra é de Perna, que é o do Caveira. Então sabe que tem dono, não pode vender de outro... Se vender, já sabe que pode apanhar, perder a droga ou morrer... Se alguém de um grupo tiver vendendo na rua do outro, vai ter guerra, até morte... Então é melhor cada um vender no seu lugar. Cada um vai com o que tem, uns tem escopeta, fuzil, pega tudo, é guerra mesmo, guerra de facção. (ANDERSON, 23 anos, Salvador, vendedor de rua)

Observa-se que, nesse período, as disputas se concentravam nos grupos *Caveira* e *BDM* (Bonde do Maluco). Eles delimitam seus territórios e os defendem para que não sejam invadidos ou tomados por rivais e, para isso, contam com estrutura de vigilância e proteção contínuas. Os embates são constantes, e cada grupo busca exibir supremacia bélica para inibir ofensivas, conquistar novos pontos de venda, envolver maior número de vendedores e garantir maior lucratividade. (CONCEIÇÃO, 2015; GRILLO, 2013; LIMA, 2013)

Com o passar do tempo, o cenário mudou e as empresas menores se fortaleceram. Há aproximadamente dois anos, o BDM e o PCC vêm se expandido no Estado e outras facções estão se consolidando, inclusive nas cidades do interior, como o *Primeiro Comando de Eunápolis* e o *Ajeita*. Essa evolução aponta para a descentralização dos mercados de drogas na Bahia, o incremento das disputas pelo monopólio e, conseqüentemente, o aumento dos níveis de violência e mortalidade. (LESSING, 2008)

Um dos fatores apontados como responsável para a queda da hegemonia do grupo *Caveira*, a concentração de outros grupos e a maior descentralização dos mercados foi a prisão de seu líder em 2008.

Ele era inteligente, doutora. Negociava e procurava deixar todo mundo bem, todo mundo ganhava com ele. Ele tinha conhecimento, tinha moral com o PCC, chegava, dava a idéia e todo mundo seguia, respeitava ele. Agora ele caiu porque ele se botou. Quis ser maior que todo mundo, se confiou demais,

aí deu no que deu [foi preso]. Ele começou a mandar matar. Tudo era matar. Não tem que fique, doutora. As famílias, os parentes, quem tá vendo vai guardando. Ele achou que tava acima de tudo, aí se deu mal, porque desagrada. Não tava mais pelo certo, queria fazer como ele queria e, nesse meio, você tem que ser pelo certo. Porque tem gente que tá do seu lado, eles mesmo arma pra você cair. Ele rodou e foi mandado pra longe. De lá não é o mesmo que tá aqui, negociando toda hora. Ele tem o torre [um intermediário] que ouve dele lá e passa pra cá, mas não é a mesma coisa dele tá aqui, cara a cara, vendo o que ta acontecendo. Beira mar [Fernando Beira mar, chefe do tráfico no Rio de Janeiro] está mais perto, então ele comanda. Mas o daqui não, muita coisa ele não vê, então começa a se desentender, quebrar, cada um querendo ter o seu. Por isso que tem outras facções e ainda vem mais... É só guerra, doutora, dinheiro, cobiça e guerra... (FLÁVIO, 43 anos, ex-integrante do CP)

O entrevistado relata a mudança do estilo de liderança, que começou negociador, com uso de violência instrumental, agregando pessoas e capitalizando o negócio. Com a fama e o poder, passou a atuar de modo inadequado, sem seguir os códigos de conduta do crime, utilizando-se de violência expressiva e desagradando todos à sua volta, incluindo operadores e agentes públicos. Esse comportamento voltou-se contra ele mesmo, o que resultou em sua prisão e transferência para local distante, de onde o controle do grupo é mais precário. Esse afastamento possibilitou o surgimento de outros líderes, que passaram a desejar sua própria empresa do tráfico de drogas, o que vem alterando o cenário dos mercados de drogas na Bahia, que se mostra cada vez mais descentralizado.

Uma das empresas criminais que se beneficiou dessa descentralização foi o PCC, que é um exemplo de uma organização altamente concentrada e que opera em um mercado monopolizado no estado de São Paulo, mas que vem se expandindo para outros estados do Brasil. Daí a captura de seus integrantes em outros locais fora do estado onde atua. (LESSING, 2008)

O PCC é uma empresa. É um grande negócio. Não é feito por amador não. Tem muita gente grande envolvida. Eles recrutam agora gente como eu, que não tem ficha na policia, idoso, de cadeira de rodas, porque se for preso pega uma pena menor, sai logo e também é mais difícil de desconfiar. Tudo eles controlam, não tem isso de fazer uma coisa sem o comando saber, não tem. Eu vendia pra eles, eles controlam tudo, tipo assim, tem um problema, vai pro chefe e ele decide com os outros. Ninguém faz sem ele mandar e a ordem é de cima, tem uma comunicação e sabe o que tem que fazer. Eles me mandaram fazer uma entrega. Hoje a gente não marca mais nada por telefone, porque é grampeado. Hoje se faz muita coisa pela internet, marca tudo e resolve, usa símbolo que o outro entende. Às vezes você só sabe apelido, nunca vai ver a pessoa, então, se pegar você, só cai [é preso] você, é muito seguro, é tudo muito bem armado. As pessoas você nem desconfia. Eles não aceitam ficar matando de qualquer jeito; hoje eles já discutem até tirar o *crack* da rua, porque o *crack* suja tudo, traz problema, essa geração aí tá perdida, traz policia, não tem mais o que fazer. Mas o futuro é eles não deixarem vender ... (ANTÔNIO, natural de Brasília, residente em São Paulo, preso transportando cocaína em carro de pequeno porte, vindo de São Paulo)

Essa organização é tida, no meio criminal, como um exemplo do quanto a centralização aumenta a eficácia, potencializa lucros e reduz os problemas. É uma referência

no meio prisional, como uma estratégia muito bem sucedida de gerenciamento de risco e de organização criminosa, que pode, inclusive, fazer frente e negociar com o poder público.

Eles contam com contatos estabelecidos para transporte da droga, sendo um exemplo de modelo de negócio, de acordo com a classificação proposta por Schneider (2013), pois operam em mercado estável, em que os indivíduos se preocupam com o bom desempenho de suas funções, com território de ação bem definido, mudam de gestor principal, mas não mudam o perfil, buscam novos meios de expandir os negócios e obter mais lucro. (DESROCHES, 2005; LESSING, 2008; REUTERS, 2009; SCHNEIDER, 2013)

Observou-se, durante a pesquisa, que, quando são presos integrantes do PCC oriundos da capital ou interior, isso gera muita apreensão no sistema penal, nas demais instâncias da segurança pública e na população carcerária, pela capacidade de dominação, negociação e poder para aliciar agentes públicos e cooptar operadores, ou seja, monopolizar os mercados no estado da Bahia.

Muitos presos chegam a mentir, relatando que são integrantes do PCC sem ser, na tentativa de se valorizar e gerar temor nos demais. Com o passar do tempo, são desmascarados, desmoralizados e podem sofrer danos físicos, como surras e isolamento, como forma de retaliação.

As demais empresas que operam no estado da Bahia, identificadas no estudo, citadas anteriormente, variam quanto a tamanho, número de integrantes, movimentação de capital e dimensão do território, mas têm em comum a estrutura hierárquica, a divisão de tarefas e demais características do modelo empresarial, além da busca pelo monopólio. Atualmente, a *BDM* é apontada como a mais poderosa, seguida pela *Katiara*. As demais são menores, mas, tendo em vista as oscilações, negociações acordos e fusões que vêm acontecendo ultimamente nesses mercados instáveis e fragmentados, elas representam constante ameaça às demais, que estão mais concentradas. (CONCEIÇÃO, 2015; GRILLO, 2013; LESSING, 2008; LIMA, 2013)

Eu tinha uns oito que trabalhava direto para mim. Eu nunca fui de ficar na rua vendendo não. Eu era o dono da droga, diga assim, eu era o patrão ou o barão. Tinha meus jóqueis. Uns vendiam, outros faziam as correrias, vendiam e tinha os que olhavam, os olheiros. Então, o que eu mandava fazer tinha que fazer. Tinha minha ideia, eu dava a ideia e tinha que fazer... Não podia vacilar não. Aí tem que ter arma, tinha fuzil e pistola, porque é para proteger, mas não é para qualquer um ficar não... Se tiver que ir em cima, tem que ir... (ALTINO, 29 anos, natural e procedente de Salvador, dono de boca)

Pelo relato, pode-se perceber a relação de hierarquia e superioridade do chefe, a diferença de funções, a demarcação do território, próprio do modelo das empresas criminais.

A diferença é que os territórios podem ser contínuos, quando um ou mais bairros são de uma empresa, ou descontínuos, quando há, no mesmo bairro, diferentes empresas, separadas por ruas. Essa fragmentação gera instabilidade e tensões tanto para manter, quanto para expandir os territórios. (GRILLO, 2008; LESSING, 2008; REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013)

A acumulação de capital permite a aquisição de armas de fogo de custo elevado, indicando a interface com o tráfico internacional de armas de fogo, possibilitando a realização de acordos e pagamentos de propinas, denominadas “arrego”, às diversas instâncias do serviço público e privado, e a cooptação de agentes dessas instituições, fortalecendo a rede de corrupção, o que mantém as firmas criminais numa zona de segurança para suas transações. (CONCEIÇÃO, 2015; GRILLO, 2013; LIMA, 2013; REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013)

As características dessas duas formas foram compiladas e colocadas no quadro a seguir, na tentativa de sintetizar essas diferenças e especificidades, possíveis desdobramentos, bem como a distribuição de recursos humanos e materiais.

Quadro 3 – Características das organizações do tráfico de drogas

CARACTERÍSTICAS	EMPRESAS CRIMINAIS	EMPREENDEDORES INDIVIDUAIS, VENDEDORES AVULSOS
Grau de concentração	++++	+/-
Coesão grupal	++++	+/-
Estratégias de proteção	+ coletivas	+ individuais
Usos de violência	++	+/-
Capacidade de corrupção	++++	--/ vulneráveis a extorsão
Tipos de armas de fogo	Fuzil, metralhadoras, pistolas (armamento pesado)	revólveres/-
Controle territorial	+++++	+/-

Legenda: ++++: alto+/- baixo ou não tem - não tem ou muito precário

Fonte: Elaboração da autora, com base em Lessing (2008) e Naylor (2000).

As empresas criminais, quando comparadas aos vendedores individuais, atuam em mercados mais concentrados, têm maior grau de controle territorial, contam com estrutura hierárquica, relação patronal, salários, permite mobilidade ocupacional e envolve aquisição e uso de armamento pesado. Elas estão inseridas dentro de um contexto grupal que envolve sentimento de pertencimento dos integrantes, implicando estratégias de proteção e gerenciamento da violência estabelecidas a partir das lideranças do grupo. (DECKER; CHAPMAN, 2008; LESSING, 2008)

O modelo do empreendedor individual é mais precário, artesanal e solitário, com armas de pequeno poder de fogo e com menor lucro. Eles são mais vulneráveis à prisão,

porque não têm meios de evitá-las pela cooptação de agentes públicos. (LESSING, 2008; LIMA, 2013)

Em contrapartida, o modelo empresarial tem mais fontes de problemas, pelo maior número de interações e pela possibilidade de conflitos intra e extragrúpicos, desencadeados pelas disputas por poder, prestígio e dinheiro. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

As empresas criminais foram denominadas de *facções* por todos os entrevistados. Eles se utilizam de diversas técnicas de naturalização para lidar com as outras empresas, como acusar as outras facções de práticas desumanas e cruéis e defender a própria organização, argumentando que ela é melhor do que as rivais. Porém, com o decorrer da entrevista, evidenciam que ambas são promotoras de violência e mortes. (GRILLO, 2013; LESSING, 2008; SYKES; MATZA, 2003)

Quando a gente pensa mesmo, doutora, a gente vê que nenhuma presta, é tudo ilusão, morte... A gente não tem coisa boa nesse meio. Não tem nada que preste. Porque eu tô no Caveira, vou dizer que o CP não presta. Se eu sou CP, vou dizer que Caveira não presta. Mas a gente sabe que é tudo crime, destruição... (ENALDO, 23 anos, vendedor, Salvador)

Esse relato é um exemplo da avaliação feita pelos entrevistados acerca das diferenças entre as empresas. No primeiro momento eles defenderam a própria organização e, em seguida, concluíram que nenhuma das duas era boa. Alguns fatores podem contribuir para essa mudança, como o afastamento da atmosfera hedonista e de risco da atividade, o sentimento de abandono pelo grupo e outras dificuldades enfrentadas nas prisões, que fazem com que eles se desencantem com as empresas.

7.2 INTERIORIZAÇÃO DO TRÁFICO E AVANÇO DO MODELO EMPRESARIAL

A interiorização do tráfico é a expansão dos mercados para o interior do estado, em cidades de menor porte, motivados pelo aumento do número de consumidores, pela possibilidade de lucro e pela precariedade das instituições de segurança pública para repressão. A ausência de políticas públicas para o empoderamento de jovens nesses locais e a precariedade das opções para a entrada no mercado formal de trabalho fazem com que os mercados de drogas se tornem atraentes para os jovens. (WAISELFISZ, 2014)

O que se observou é que houve um aumento das taxas de homicídios por arma de fogo, resultantes de conflitos relacionados ao tráfico de drogas. Então, a questão é se isso é resultante da expansão dos mercados ou se é um avanço do modelo empresarial, em áreas

onde predominava o modelo de empreendedor individual. Nesse sentido, a entrevista a seguir, realizada com um gerente de uma cidade de pequeno porte do interior da Bahia, ajuda a compreender essa mudança.

Eu disse pra eles [representantes dos donos das firmas principais], doutora, aqui é pequeno, aqui é uma cidade muito pequena, não cabe duas facções, porque aí é muita coisa. Mas eles não querem saber, eles chegam pra saber com quem a gente vai fechar [quem vai ser o fornecedor]. Eles sabem que eu já tenho o meu chefe, ele tem o fornecedor. Já fecho com eles, já conheço, mas eles ficam em cima. Aí, um desses que não tem nada entra pra fazer o que eles querem, aí mata um pra ter poder. Porque eles prometem dinheiro, arma, poder, mas a gente não conhece eles bem. Os de cá eu conheço. (RÔMULO, 28 anos, gerente do tráfico, cidade de pequeno porte do interior)

Trata-se de um caso em que o rapaz era gerente do tráfico em uma cidade pequena, onde antes existia o modelo de empreendedor individual, que foi substituído por um modelo de empresa criminal, que vêm em franca disputa pelo monopólio da cidade. O entrevistado, que representa o dono das bocas, relata a pressão que eles sofrem e o risco de morte por traição dos companheiros, diante das promessas atraentes do outro grupo. (LESSING, 2008)

Esses conflitos foram abordados por Lima (2013), em seu estudo sobre o tráfico de drogas em um bairro da região metropolitana de Salvador, em que o vendedor individual foi substituído pelas empresas criminais que buscavam centralizar o comércio de drogas no bairro, em um processo nem sempre pacífico e uniforme. Alguns aderiram e outros resistiram e foram mortos, deflagrando uma guerra que teve o modelo empresarial como vencedor. (LESSING, 2008; LIMA, 2013)

Essas mudanças implicam profundas transformações nas cidades, tendo em vista que os moradores passam a viver com a sensação de insegurança e medo. Segundo diversas fontes, é uma tendência crescente, tal como se observa nos roubos a bancos. (OLIVEIRA, 2007)

Aqui não era assim não. Meu sobrinho foi preso com muita arma e munição, tinha 40 mil pra pagar a polícia. Se fosse a civil daqui ele ia ser solto, porque eles aceitam, mas foi a outra (militar). Levaram ele e vai descer pra Salvador. A mãe dele tá rezando e agradecendo ele tá vivo, porque iam matar ele. Não mataram porque a família toda viu a hora que eles chegaram. Hoje faz medo andar na rua, a gente não tem sossego, porque os traficantes matam mesmo e os outros, tudo novinho, faz qualquer coisa pra conseguir droga. Eu moro em cima dele [em uma casa de vários andares; a entrevistada mora no andar acima], já tentei mudar, alugar minha casa. Quem vai querer? Ele não muda não, já tentei conversar com ele, dar conselho, mas é muito dinheiro, doutora, muito... E muita gente, toda hora carro entrando, saindo, muito jovem envolvido e eles matam sem pena. Meu filho não sai nem na janela, ninguém fica na rua não. A rua é deles, porque aí, se alguém vê o que não devia? Se chegarem atirando nele, e a gente tiver chegando, ou saindo? (JOSELINA, 45 anos, tia de um dono de boca de uma cidade do interior do Estado).

O relato permite identificar o modo estruturado de comercialização, característico das empresas criminais, bem como a presença de armas de grande porte, o acúmulo de capital e os usos da violência letal, presentes nesse modelo de organização.

Outro ponto importante são os prejuízos para os *não envolvidos*, que residem no entorno, como a utilização reduzida dos espaços públicos, a desvalorização imobiliária e o medo constante de serem atingidos direta ou indiretamente por alguma retaliação, cujo alvo principal é o operador do tráfico. Nesses locais, a população passa a conviver com altos índices e diversos tipos de violência e, evidentemente, a ser afetada psicológica e fisicamente pelo estresse contínuo causado por esses eventos.

Os relatos de ameaça de morte relacionadas ao tráfico de drogas são cada vez mais frequentes, e os pedidos de intervenção pelo poder público, por parte das famílias dos jovens envolvidos também são frequentes. Nas cidades de menor porte, a rede social é menor, e as instituições de saúde estão muito capilarizadas, inseridas nos bairros populares e têm uma ligação mais estreita com as instituições de justiça, como juizado de menores e a promotoria, o que permite intervir de modo a evitar algumas mortes, principalmente de usuários-vendedores, que é o grupo de onde vem a maior parte das demandas.

Eu já fiz de tudo, doutora, pra ele sair, eu pedi pra internar ele, mas disse que não tem lugar. Pra ele sair daqui, porque família não quer e ele é viciado, ele vende e eu tô vendo a hora de matarem ele. Ele diz que não, mas já mataram dois lá perto e foi por dívida. Não tarda e ele tá morto, eu não quero perder mais esse filho. O outro mataram, não sei por quê. Eu quero salvar esse aqui. Aqui não era assim, mas mudou tudo, eles vêm cobrar na porta, anda de bando, de arma pra todo mundo ver. (CREUZA, mãe de Benito, de 19 anos, vendedor de drogas em uma cidade próxima de Salvador)

Trata-se da mãe de um rapaz que começou a vender drogas e era usuário contumaz. Consumiu a droga que deveria vender e ficou endividado. Ela fala da mudança do vendedor individual para o de empresas criminais, em que os operadores adotam o controle territorial e modos mais expressivos de uso de violência, cobranças de débito e riscos de vitimização de familiares.

A mãe solicitou intervenção da promotoria para afastá-lo da cidade e colocá-lo em um serviço para dependência química. A grande dificuldade é a escassez ou inexistência de serviços públicos para proteção e tratamento, ficando esse grupo à mercê de instituições de cunho religioso, sem regulamentação e fiscalização adequadas. Os relatos sobre a permanência nesses serviços são muito frequentes, período em que se sentem protegidos e representam um sossego para as famílias, sendo que, às vezes, a tramitação para a entrada num serviço desse tipo demora, e a pessoa pode ser morta antes de mesmo de conseguir vaga.

7.3 A CHEGADA DO CRACK E OS EFEITOS SOBRE OS MERCADOS DE DROGAS

Outras mudanças no modo como o tráfico se apresenta foram identificadas a partir de entrevistas com três pessoas que cumprem pena por tráfico de drogas e homicídios e estavam há mais de dez anos no sistema penal. Relataram que, quando a comercialização se restringia à maconha, os níveis de violência eram menores, não existia tráfico com comando, chefe e soldado. Além disso, os que vendiam drogas se orgulhavam de não utilizá-las. Eles atribuem grande parte dessa mudança ao perfil dos vendedores, cada vez mais jovens, à imaturidade e à ganância por dinheiro.

Antigamente não tinha isso não, o cara que vendia maconha não matava, nem usava, respeitava família. Você sabia quem fazia o que. E hoje não é mais assim não... De uns cinco anos pra cá, mudou muito, tudo é dinheiro, todo mundo faz de tudo. Na minha época não era assim não. Você roubava banco, tinha aquilo de só roubar banco. Tinha os pé de chinelo, que roubava corrente, bolsa. Matar pra roubar era uma vergonha, um estuprador não tinha vez não... Hoje tá demais, chega um monte de menino novo, que não sabe nada do crime, fazendo covardia... Por isso que morre tudo cedo, não tem mais respeito por nada. Hoje tudo é dinheiro, doutora... (REINALDO, 58 anos, ex-traficante de maconha, natural e procedente de Salvador).

Observa-se que as mudanças compreendem o tipo de droga, pois antes era comercializada apenas a maconha, os níveis de violência e o grau de especialização eram menores. O código de conduta do crime que era pautado também pelo orgulho de exercer uma atividade criminosa, considerada rentável e de alto nível.

O código de conduta, segundo os relatos, foi substituído, progressivamente, pela lógica de mercado e da obtenção de renda a qualquer preço, chegando a modificar os critérios de alocação da população carcerária: antes era por tipo de crime e, atualmente, é por pertencimento a empresa criminal. (LOURENÇO; ALMEIDA, 2013)

O prognóstico das “guerras” entre esses dois grupos vem sendo muito dividido, na opinião dos entrevistados. Alguns apostam na unificação, na centralização ou monopolização, seguindo a lógica do PCC, o que, do ponto de vista deles, é mais seguro, todos saem ganhando e têm mais poder de barganha com as instituições de segurança. Já outros acham que as empresas vão continuar as disputas e causar mais danos e mortes. (LESSING, 2008)

A substituição do modelo de empreendedor individual para o empresarial das firmas criminais é uma tendência nas cidades de interior, mas essa questão requer um estudo mais detalhado e prospectivo.

A seguir, serão apresentadas as empresas criminais de modo mais detalhado, bem como os atores sociais que as compõem, suas motivações e interações, a divisão das funções

que são estabelecidas e demais elementos que contribuam para a compreensão da violência e vitimização relacionadas aos mercados de drogas nos bairros populares.

8 ESTRUTURA FUNCIONAL E DIVISÃO DE TAREFAS

Os modos de organização do comércio varejista de drogas influenciam diretamente a forma como as atribuições dos indivíduos vão ser alocadas. Elas são estabelecidas a partir das demandas que surgem e requerem atenção e cuidado. Por isso, variam em diferentes grupos e contextos, podendo ser criadas, extintas ou adaptadas, a depender da sua importância e efetividade. A seguir, será apresentada a forma como as atribuições são exercidas nas diferentes formas de organização.

8.1 O EMPREENDEDORISMO INDIVIDUAL

No caso do empreendedor individual, as funções são acumuladas, sem especificidade. Eles precisam ser polivalentes, são pouco especializados e, embora exerçam diversas atribuições ao mesmo tempo, podem contar com alguma solidariedade dos demais, através de avisos e recomendações.

Eu vendia no bairro, era perto, na minha rua. A vizinhança, era só não mexer com ninguém. O povo fica meio assim [os vizinhos não aprovam],mas quando o cara, você, tá nessa vida, ele não quer mais saber de nada... Fazer o quê? Vida atrasada, todo mundo se afasta, só fica quem se envolve. Lá não tinha facção não, isso aí eu vim conhecer aqui, na cadeia, mas tinha briga de bairro, assim, cada um vendia no seu bairro, não podia vender no do outro. Você tem que se proteger, porque é difícil ver quem é usuário e não é, porque todo tipo de gente usa droga, porque tem que tá ali olhando tudo, ter atenção, ver o dinheiro, o troco, muita coisa. Às vezes, um dá um conselho, avisa alguma coisa que pode acontecer, outras não. (OSMAR, 32 anos, vendedor, Catu)

Nota-se que os riscos são manejados de forma muito individual, bem como as estratégias de proteção e defesa, o controle territorial, a aquisição de arma de fogo, a identificação do local para comprar droga para revender (o fornecedor), a guarda do dinheiro obtido e demais questões que compreendem a venda, como escolher o local, fornecer troco, negociar preço, ouvir reclamações e questionamentos que porventura ocorram, oriundos de usuários, transeuntes e demais vendedores.

Todas as atribuições passam pelo julgamento de apenas um indivíduo, que constrói respostas baseado na própria experiência, enfrentando as situações no dia a dia e também observando o comportamento dos demais. Essa construção é processual e inacabada, baseada na adoção de estratégias bem sucedidas, na adaptação das que não funcionaram e na criação de novas, mais eficazes. (DECKER; CHAPMAN, 2008; DESROCHES, 2005)

8.2 AS EMPRESAS CRIMINAIS

As empresas criminais funcionam com distribuição de atribuições e alocação de tarefas, com maior grau de especificidade, sendo que algumas podem atingir alto nível de hierarquização, de definição de funções e centralização, já que em que todas as decisões sobre punição, negociação e enfrentamento de conflitos são tomadas pela cúpula.

Lá não é bagunçado que nem aqui. O crime é errado, né? Eu sei, mas lá é organizado. Aqui eu senti a diferença: todo mundo briga, uns com os outros. Lá eles não deixam um grupo crescer. Tudo é feito com aval deles, tem tribunal, tem tudo... Não é como aqui, que cada grupo decide. Lá não, a ordem vem de um lugar só. (DIEGO, 40 anos, procedente de Macaúbas, morou em São Paulo)

O caso referido acima é o do PCC, uma empresa criminal altamente centralizada e hierarquizada, que atua principalmente na cidade de São Paulo, na qual todas as decisões passam por um comando central, ou seja, nenhuma atitude diante de uma ocorrência que diga respeito ao grupo de operadores é tomada sem o aval do chefe ou da liderança presente.

No presente estudo, apenas na cidade de Salvador, foram identificadas atualmente seis empresas criminais que disputam o controle dos pontos de venda de drogas, denominadas PCC (Primeiro Comando da Capital), Caveira, Comando da Paz (CP), Katiara, Bonde do Maluco e Ajeita. Houve relatos da existência de outras no interior do Estado, como o Primeiro Comando de Eunápolis, mas, como têm número reduzido de integrantes, não são expressivas na capital do Estado. No estudo realizado por Almeida (2011), havia apenas duas organizações, Comando da Paz e Caveira.

Depois que ele saiu [o chefe de uma grande organização], ficou mais difícil, porque ele comandava e tinha, assim, respeito de todo mundo, sabia negociar. Tinha o Caveira e CP. Aí agora tem mais, porque ele aqui não deixava. De longe não é mesma coisa, aquele poder dele cai e quem fica nem sempre segue o caminho dele. Quer fazer o seu, não é? Começa a divisão, cada um quer mais, aí vira guerra e cada um segue um comando. Com ele era diferente, porque ele chegava junto, dava uma ideia. Agora é muitos querendo cada um sua parte. Nisso aí ficou pior, muito mais guerra. (SANDRO, 45 anos, dono de boca, Salvador)

Em 2008, com a prisão do líder de uma grande empresa do tráfico, que, nessa época, concentrava maior poder, as disputas internas desencadeadas pelo afastamento do chefe, que foi enviado para uma instituição fora do Estado, motivaram a criação de outras organizações e aqueceram a competição e a busca pelo monopólio.

Essas empresas da Bahia têm menor grau de centralização, quando comparadas ao PCC de São Paulo, mas cada uma delas conta com uma estrutura hierarquizada, em que as

atribuições são alocadas em funções específicas e as decisões são tomadas de modo verticalizado, seguindo as ordens e orientações de um comando central. (ALMEIDA, 2010)

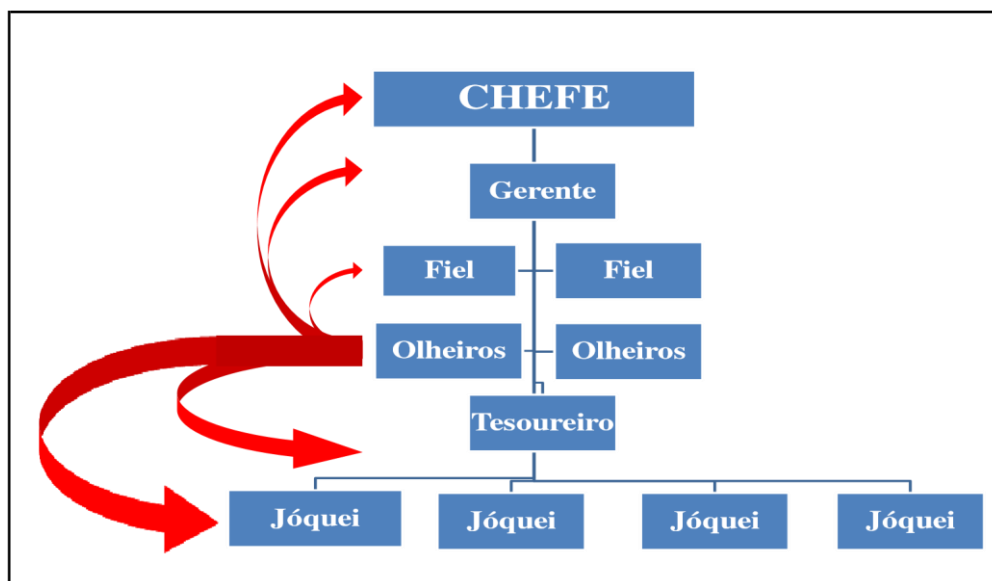
As funções identificadas foram: *chefe*, *patrão* ou *barão*, *jóquei*, *gerente*, *tesoureiro*, *soldado* ou *fiel*, *olheiro* e *vapor*. Exceto a função de tesoureiro, as demais foram identificadas em estudos anteriores realizados por Lima (2013) e Conceição (2015), em bairros populares da cidade de Salvador.

Lá tem os soldados, os jóqueis, o chefe, que é ele que vai determinar se vai morrer ou não. É o soldado que mata, tem que fazer. O soldado pode até dar a ideia de como fazer, mas se vai matar ou não, não pode, nem o que vai ser, se vai ser surra ou quebrar. Não, aí é o chefe que decide e, na hora, ele tem que fazer o que foi combinado. Ele não pode chegar lá e fazer o que ele quiser, não pode. Ele não é sozinho, ele cumpre as ordens. O jóquei é pra vender, ele fica ali na boca, esperando e observando tudo também. Ele fica ali de bobeira... O olheiro é aquele que olha o local, se vem alguém e é tudo novo, muito novo [jovens]. (CLÓVIS, 38 anos, Soldado, Salvador)

A estrutura hierárquica é bem definida, cada integrante sabe qual é o seu papel, e suas atribuições são determinadas pelo *chefe*, que centraliza as decisões diante dos demais, aloca cada indivíduo dentro de uma função, levando em conta as características pessoais e a trajetória ou a reputação de cada um.

Esse achado contrasta com os obtidos por Lima (2013), ao afirmar que, no bairro em que pesquisou, as funções não eram tão específicas, mesmo nos períodos em que os grupos não estavam em guerra. Nas entrevistas com indivíduos da capital, a referência à estrutura hierárquica e à alocação das funções foi unânime. O que pode ocorrer é que a informalidade, a imaturidade, a impulsividade e a exposição constante a conflitos demandem rearranjos e adaptações, mas que estejam dentro do estabelecido pelo *chefe*, que vai cobrar a responsabilidade de cada membro da organização.

O aumento da eficácia, a redução de riscos e a otimização de ganhos no esquema da comercialização são as principais preocupações no estabelecimento, aprimoramento e adaptação de novas funções. Nesse aspecto, o *chefe* tem grande importância, porque ele centraliza as decisões e tem uma visão do todo da organização. A seguir, cada uma dessas funções será mais detalhada. Foi construído um diagrama para auxiliar a compreensão da estrutura hierárquica estabelecida entre os operadores

Diagrama 1 – Estrutura funcional das empresas criminais

Fonte: Elaboração da autora.

O *chefe*, que pode ter outras denominações, como *dono*, *patrão* ou *barão*, tem uma relação de superioridade hierárquica e de comando sobre todos os demais integrantes do grupo. O *gerente* é o representante do chefe no bairro, estando logo abaixo dele na estrutura organizacional. O *fiel*, ou *soldado*, é o responsável pela segurança. Os *olheiros* ou *guaritas* são os que fazem a observação do território, e os *jóqueis* vendem os produtos diretamente aos consumidores.

Os meus meninos eu não deixava fazer nada sem eu saber. Não pode, não pode mesmo, nem pensar, porque eles sabem que vai sobrar para eles. A ideia quem dava era eu. Tudo tinha que passar por mim, todo mundo sabe que a lei é essa. Eu não deixava fazer nada da mente deles. (FRANCISCO, 30 anos, dono de boca, Salvador)

O relato anterior de um dos chefes demonstra o estilo centralizador e verticalizado de liderança, que busca manter os integrantes sob controle, fortalecer o sentimento de pertencimento ao grupo e, ao mesmo tempo, reflete a falta de confiança do chefe para com os membros das organizações. O tratamento como “meus meninos”, reforça a subordinação e a infantilização, evocando sentimentos de filiação e paternidade e passando uma mensagem de acolhimento, reconhecimento e, ao mesmo tempo, inferioridade. Esse tratamento é uma estratégia para fortalecer o respeito ao chefe e reduzir as possibilidades de conflitos.

A seguir, as funções que podem compor a estrutura hierárquica serão apresentadas de modo detalhado.

8.2.1 O chefe

Os *chefes*¹ são os líderes de uma organização, que podem também ser chamados de *patrão*, *barão*, ou *cabeça*, que são denominações adotadas⁸ em diferentes bairros da cidade. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Eles precisam ter habilidade para gerenciar as demandas e conflitos internos e externos à organização. Geralmente são ou foram moradores do bairro, cresceram no local. Isso facilita o trânsito e acesso a informações importantes que ajudam a manter o controle sobre o território. (CONCEIÇÃO, 2015)

Ele entrou cedo, foi convivendo e aprendendo. Tem que ser corajoso e organizado. Ele trabalhava com cinco comunidades, além da nossa. Ele chegou a ser chefe porque ele era de muita confiança, o pessoal da comunidade tinha muita confiança nele. Precisava de um apoio e ele dava, ele fazia certo, determinava e resolvia. Ele tinha muitas armas e dava suporte quando o pessoal precisava. Então, as outras favelas que sabiam que ele era o chefe evitavam ter um combate. Então, dessa segurança que ele dava à comunidade, ele ia cada vez mais se expandindo. Ele, se tivesse confusão, ele resolvia, tinha as pessoas da confiança dele pra resolver.

O chefe é uma pessoa que, quando chega ao ponto de ser chefe, tem que ter conhecimento com fornecedor, com quem distribui a droga. Tem aquele ego de ser durão... Às vezes, o soldado tá ali, fala alguma coisa que não é do agrado do chefe, às vezes o chefe pune, né? Faz certo tipo de coisa, agride verbalmente. As pessoas que tão no tráfico, tendo arma na mão, às vezes acha que tem o direito até de tirar a vida... Naquele momento, pode não tirar ali, porque tá na frente de outras pessoas, mas depois... Porque sabe de tudo, os caminhos que passa, o que ele faz, por onde anda, aí pode pegar na surpresa, né? Perigoso... (ENZO, 31 anos, chefe de dois bairros, Salvador)

Há atributos que um indivíduo precisa ter, para ocupar o posto de *chefe*: demonstrar coragem, ser organizado para aceitar e levar à frente o comando da organização e o gerenciamento de pessoas, mantendo seus integrantes motivados e sob controle. Além disso, precisa ser confiável, no sentido de manter os acordos estabelecidos, incluindo ser solidário com parceiros que estão sob ameaça, além de ser resolutivo e eficiente diante de conflitos.

A posição de *chefe* é construída, testada, conquistada e legitimada continuamente. Alguns iniciam como *olheiros*, *aviões*, e vão adquirindo habilidades e competências ao longo de sua trajetória e construindo uma reputação que pode fortalecê-los diante dos pares e dos superiores [o chefe da época em que ingressou no grupo], o fornecedor, e outras pessoas de destaque nesse meio.

Eu comecei como avião, levava coisa pra eles, pediam pra comprar coisa, porque eles não podiam sair, ficar pelo bairro. Aí eu fui crescendo, vendendo, fazendo o certo, e fui conhecendo gente. Depois aí eu

⁸ *Cabeça rica* ou *cabeça cara* foi a denominação utilizada pelos entrevistados para os líderes de grandes empresas criminais, que chegam a dominar vários bairros da cidade, acumulam poder e movimentam grandes somas em dinheiro, negociam com distribuidores e grandes fornecedores. Eles serão apresentados de modo mais pormenorizado no decorrer desta seção. (CONCEIÇÃO, 2015)

fui ser gerente. Depois que o chefe foi preso, eu fiquei no lugar dele. Às vezes, você vai pegar a droga, aí dali vem uma conversa, o cara pega confiança em você e aí você vai crescendo. (ALTINO, 29 anos, dono de boca, Salvador)

Trata-se de um processo que envolve tempo para observação do desempenho pelos demais, flexibilidade e habilidade para lidar com uma infinidade de problemas que aparecem, inteligência, capacidade de aprender com a experiência, criatividade para oferecer respostas adequadas e eficazes, bem como a identificação de oportunidades que podem representar a ascensão para um posto maior.

Outra condição indispensável é ter “disposição para fazer”, o que significa estar apto para realizar as sanções que determina para os subordinados fazerem, o que inclui o uso de violência letal e não letal. (CONCEIÇÃO, 2015; GRILO, 2013)

Já matei sim, não vou mentir pra senhora não. Era eu ou ele, eu sabia que era assim. Essa vida é assim. É assim, doutora, tem muita gente por trás de mim... Ninguém pode fazer nada da própria cabeça, porque sabe que vai responder, entendeu? Sabe que não vai ser bom, que vai virar pro lado deles. Ninguém chega a ser chefe sem mostrar a todos quando é um chefe mesmo. Aí tem muito homicídio nas costas, ele mandou e ele também fez, mas que todo mundo achou que era o certo a fazer. (FRANCISCO, 30 anos, dono de boca, Salvador)

As demonstrações de bravura fazem parte dos atributos do chefe, bem como a capacidade de usar a violência de forma eficaz, de modo considerado adequado, ou instrumental. Isso faz com que o indivíduo seja cada vez mais respeitado por seus pares, que confiam na proteção do chefe frente a alguma ameaça. Em contrapartida, se os usos fogem de critérios mais ou menos estabelecidos, podem gerar desconfiança e temor nos demais, colocando a própria liderança em risco. Quanto a esse aspecto, a afirmação da masculinidade e da virilidade através do uso da força é um elemento importante para a construção da identidade do indivíduo nos bairros populares. Em outros espaços sociais, mais providos de recursos, essa mesma construção pode ser realizada de forma menos perigosa e danosa para os envolvidos e a sociedade. (ZALUAR, 1985)

Permanecer na chefia é outro processo que envolve vantagens e desvantagens, pois, ao mesmo tempo em que é uma posição poderosa e de prestígio, em que há acesso a grande quantidade de dinheiro e armas, o indivíduo pode ser alvo de inveja, cobiça, vingança, traição, sendo necessário ter engenhosidade para lidar com a diversidade de riscos e manter vigilância e proteção constantes.

Ele tinha os que ele andava mais próximo. Quando ele chegou a esse patamar, ele tinha os mais chegados, não andava com todos não. Ele tinha um braço direito, que fazia tudo, era o homem de confiança dele. Quando ele saía com a família dele, não falava pra onde ia. Aí ele não ia com os

soldados, mas ele tinha que ir com as pistolas dele. Todo mundo sabia que ele tinha essa disposição pra fazer [capacidade para matar]. (ALTINO, 29 anos, natural e procedente de Salvador)

A condição de insulamento é um grande problema para os chefes, em decorrência da notoriedade e poder que muitos adquirem, o que os obriga a circular menos pelo bairro e fora dele. Quando o fazem, precisam de seguranças (os *soldados*).

Eu transportava droga pra eles e ganhava um dinheiro e uma parte em droga. E também como eu conhecia eles, eu levava a família do dono e o dono pra fazer as coisas. Ele me contratava pra isso, porque ele não podia sair com o carro dele, porque era perigoso. E ali eu tava como taxista, mais nada... Levava ele, a mulher e os filhos... Era como meu trabalho normal. (ERVAL, 32 anos, transportador, taxista, Salvador)

A utilização de táxis para transportar pessoas e drogas é considerada mais segura do que a dos carros dos envolvidos. Os táxis circulam normalmente pela cidade, o que faz com que eles não sejam relacionados às atividades ilegais. Em caso de apreensão de drogas, o taxista pode alegar que está em sua atividade rotineira, e, portanto, não é envolvido.

A competência do chefe é colocada em teste continuamente, pois, ao centralizar as decisões, são muitas as situações em que precisa gerenciar os detalhes da comercialização, que envolve a seleção, a supervisão e o monitoramento dos integrantes da organização. Cabe também a ele a escolha do local de venda, de guarda das armas e das drogas em quantidade para serem repassadas aos vendedores.

Eles fizeram tipo um tanque de concreto. Forraram todo de isopor e colocam tudo lá, dentro do mato. Aí eles forram tudo de um jeito e não entra água, e cobre de terra. Ninguém pensa que tem aquilo ali. Era uns quilos, tonelada não, porque tonelada é muito pra ficar no bairro. Dali mistura e corta, aí repassa pra vender já cortado. (EMERSON, 22 anos, Salvador, vendedor)

Percebe-se que a droga deve ficar em local seguro, protegida de roubo, deterioração e apreensão pela polícia. Os relatos sobre as quantidades guardadas nos bairros, para varejo, foram de quilos e nunca de toneladas, pois, além de não ser seguro, a manipulação química da pasta base de cocaína, para ser transformada em *crack*, e a cocaína para venda e consumo imediato, acaba por aumentar ainda mais a quantidade de droga existente, configurando um acúmulo que expõe todos a riscos desnecessários. O contato com o fornecedor é exclusividade do chefe, que pode ir pegar ou mandar alguém de sua confiança.

Outro desafio do chefe é gerenciar um grupo heterogêneo de pessoas com graus variados de escolarização, inserção ocupacional, suporte familiar, consumo de drogas e expectativas. Por isso, ele conta sempre com a figura do braço direito, que é, como veremos

adiante, um indivíduo de sua extrema confiança, que pode substituí-lo em caso de necessidade.

Porque a gente tem que ter mente pra controlar esses meninos todos, é tudo novo, como eu era quando comecei... Eu faço assim como fizeram comigo: dou um pacote pra levar, olho. Dou o segundo, olho. O terceiro, olho, e assim vai... É por merecer, e depois passa a vender. Tem uns que eu pago com droga, outros eu pago em dinheiro, porque têm necessidade. Não tenho problema, porque também se tiver problema, eu aviso. Agora, se tiver que fazer, eu dou a ideia, e tem que fazer, porque aquele que quebra, por trás dele tem outro, por trás de mim tem outro... Nesse meio, ninguém age sozinho. A droga a gente nunca fica com ela, sempre fica na casa de alguém que ganha pra isso. Aí a gente também vai aprendendo, vendo as coisas e aprendendo. (FRANCISCO, 30 anos, dono de bocas, Salvador)

O chefe deve estar apto a observar, escutar e agir, coordenando os integrantes do modo mais harmônico e menos problemático possível. Cabe a ele selecionar os subordinados, mantê-los motivados e integrados, sem perder a perspectiva do negócio como um todo, inserido num contexto mais amplo, que envolve os compromissos com distribuidores, pagamentos e negociações com a polícia. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Os chefes que controlam territórios maiores, denominados *cabeça rica* ou *cabeça cara*, podem negociar diretamente com grandes distribuidores, movimentam grandes somas, conseguem acumular um bom patrimônio, que colocam em nome de diversas pessoas, e que lhes garante a possibilidade de pagar advogados particulares no caso de algum problema com a justiça.

Eles têm boa capacidade de articulação com a força policial e, por isso, conseguem escapar das investidas policiais, sendo avisados, em certos casos, com antecedência, por membros da própria corporação. Muitas vezes, estão envolvidos em outros tipos de crimes, como roubos, homicídios e tráfico de armas.

Os chefes, muitas vezes, fazem questão de demonstrar poder e dinheiro para os companheiros e demais segmentos da comunidade, rivais e policiais. Muitos mantêm o mesmo poder quando estão presos e continuam a comandar as ações de dentro das prisões. Já outros são encaminhados para instituições prisionais para pessoas de maior periculosidade, em decorrência de sua capacidade de articulação com os grupos que permanecem fora da prisão.

A senhora não sabe quem eu sou? Eu sou um “cabeça cara”! É um cara assim, que sabe muito, se abrir a boca derruba muita gente [policiais corruptos, distribuidores e fornecedores de drogas], tem muito poder, muito dinheiro. Todo mundo quer pegar, mas não consegue, não deixa rastro, não deixa nada. Na hora que pega [a polícia consegue provar e processa], quer jogar tudo que tem pra cima da gente [homicídio, porte ilegal de armas]. Tem coisa que eu fiz, mas tem coisa aí que eu nem sei o que é, mas eu tenho advogado, minha família me acompanha, então eu não fico só não. (RENAN, 26 anos, procedente de outro Estado, preso em uma cidade do interior da Bahia)

Trata-se de um rapaz considerado grande liderança na cidade e que estava escondido no interior da Bahia quando foi preso. Ele veio à entrevista com grandes anéis de ouro em diversos dedos das duas mãos, bem como correntes de ouro com “batidões” (medalhões), crucifixos e outros adereços. Esses adornos são utilizados para demonstrar o dinheiro e o poder que acumulam. Porém, como foi visto anteriormente, podem gerar cobiça e fomentar conflitos. Os membros do escalão superior do tráfico têm poder e informações relevantes de pessoas envolvidas com a distribuição e o fornecimento de grandes quantidades de drogas e com a corrupção. Sustentam uma fachada de legalidade e precisam do anonimato para manter as atividades ilícitas. Alguns chegam a constituir um patrimônio que lhes permite maior estabilidade financeira e reserva para pagamentos de honorários a advogados particulares.

Eu tenho lá fora uns táxis que rodam pra mim e umas casas, que eu recebo aluguel, tenho carro. Eu fiquei bem, não vou dizer que fiquei mal não, tenho algum sim. Minha família não ficou em necessidade, mas tem que ter aqui quando a gente cai [é preso]. Advogado pede uma fortuna pra pegar o caso, e tem que sempre gastar, porque mesmo que eu tenha, não é como lá fora, que entra toda hora. Agora você tem que contar com o que você fez lá, porque aqui ninguém ajuda não. (ENZO, 31 anos, dono de boca, Salvador)

No caso anterior, ele conseguiu construir um patrimônio que possibilitou renda para a família e para custeio de suas necessidades durante o cumprimento da pena, como advogados e financiar transporte, o que torna as visitas de familiares mais constantes. Embora a atividade seja de pequeno porte, caracteriza lavagem de dinheiro, pois transformou capital ilícito em lícito, gerando renda para diversos fins. A perda ocasionada pela prisão foi relatada por todos os integrantes. Contudo, muitos se reorganizam e conseguem ganhar dinheiro controlando atividades dentro e fora das cadeias. (BEARE, 2003; WOODIWISS, 2003)

Esses chefes se assemelham aos executivos de grandes corporações, que ficam ligados nas questões relacionadas à ocupação por 24 horas, acumulando o estresse de gerenciar conflitos e interesses em uma atividade contínua, desenvolvida em um território delimitado, em um ou mais bairros. Supervisionam um número grande de pessoas e, para aliviar as tensões, costumam promover festas em que se divertem e demonstram poder. (CONCEIÇÃO, 2015; REUTERS, 2009)

A droga ilícita referida como mais utilizada por eles foi a cocaína. Não houve relato de uso de *crack* nesse segmento. Isso pode ser devido às exigências da função – necessidade de ficar ativo, disposto e atento – e também por ser um critério de seleção e distinção.

Eu não vim ontem pra aqui porque eu não tava bem. Eu tinha cheirado muito, muito mesmo, tava com o nariz sangrando... Às vezes eu acho que vou morrer... Começa o coração bater e eu sinto dor no peito, o peito aperta, mas eu não paro. Tem dia que eu viro a noite usando, não vou mentir, aí no outro dia eu estou acabado.. Lá fora você não pode usar crack, descontrola a pessoa... O sacizeiro não presta pra nada, ninguém confia. (MIGUEL, 29 anos, dono de boca, Salvador)

O relato anterior foi de um rapaz sentenciado por tráfico, homicídio, associação para o tráfico e porte ilegal de armas, e que permanece no comando, mesmo dentro da prisão. Ele confirma que o uso de *crack* é incompatível com um cargo de liderança, pelo risco aumentado de dependência e perda de controle. Apesar dos riscos, das dificuldades e do estresse acumulado com as diversas atribuições, os chefes informaram que, quando fora das prisões, costumavam gastar muito com bens de consumo, festas e uso de bebidas alcoólicas em grande quantidade durante as farras. Alguns afirmaram ter se hospedado em hotéis de luxo na linha verde, para curtir em algumas ocasiões com a família, ou com membros da organização, em grandes farras, com outras mulheres.

8.2.2 Liderança, sobrecarga e sofrimento

Em quatro ocasiões, foi possível identificar sofrimento psíquico importante em quatro líderes, que não conseguiam dormir e se concentrar, por conta das pressões advindas da posição de liderança.

Eu aqui to na frente [líder de um pavilhão]. Eu não durmo, não sei o que é descansar, dei até pra ouvir gente falando dentro da minha cabeça. Não estou aguentando não, muita gente pra comandar, muito problema. Eu vou ver, quando sair, não vou voltar pro bairro não. Eu posso voltar, mas eu não quero, isso tá perturbando minha mente. Eu não sou mais o que eu era, eu tô assim diferente. Fui me meter nisso, mas eu vou “passar a frente” [sair da liderança]. Até em tirar minha vida eu já pensei, mas tenho três filhos. É muita coisa, toda hora vem um pra falar uma coisa, outro outra, aí você não sabe mais quem tá falando o certo. Não tá dando não, alguma coisa aconteceu comigo, eu não tô aguentando não. É problema de preso com preso, de visita, lá de fora, eu não tô aguentando mais não. Quando eu sair, eu não vou voltar pra lá [mesmo bairro], melhor não, vou pra outro e recomeço minha vida. Aqui não entra um pão, um bolo, aqui a comida é ruim demais, sofre demais... (ATÍLIO, 26 anos, gerente, Salvador)

O relato anterior é de um rapaz que mantém a posição de liderança fora e dentro do presídio e demonstra sinais de sofrimento psíquico, provavelmente em decorrência da sobrecarga de tarefas. A prisão também é um fator importante, que provoca mudanças no estilo de vida, como a perda do domínio sobre a própria rotina, dinheiro para custear coisas de que gosta. Ainda que tenha algum poder aquisitivo e goze de alguma reputação, não é igual a quando estava em liberdade e tinha possibilidade de gerir plenamente sua vida. Além disso, quando sair, não pode voltar para o bairro, porque vai reencontrar conhecidos, colegas,

amigos, ser chamado para ocupar o lugar anterior ou ser alvo de hostilidade e ataques pelo chefe atual ou substituto.

8.2.3 O gerente

O *gerente* é o representante local do chefe e responsável por todas as negociações de um grupo. Pode levar e pegar drogas, fazer pagamentos para os distribuidores e vendedores, movimentar o dinheiro da empresa seguindo sempre os comandos do chefe, com quem se comunica todo o tempo, deixando-o informado de tudo que se passa na área.

É uma posição de destaque, pois está diretamente ligada ao chefe, e nos casos de ausência dele, é quem responde pelo negócio e será seu provável sucessor. Embora a gerência seja ocupada predominantemente por homens, foi identificada uma mulher que comandava um grande bairro de Salvador.

Eu recolhia o dinheiro e fazia os pagamentos de todo mundo. Era muito trabalho, muito dinheiro, porque é muita gente trabalhando. Tinha o dia para pagar, para eles receberem o dinheiro. Às vezes, ia pra São Paulo buscar a droga, trazia no carro comum, sabe como é, tem menos suspeita. Chegava fim de semana eu saía recolhendo tudo, o que cada um vendia me entregava de dia e eu tinha que anotar tudo de cada um. Era muita preocupação, porque quem vende quer receber e eu tinha que fazer os pagamentos todos. Às vezes, ele [o patrão] tava em outro bairro, resolvendo coisa, aí eu tinha que tá ali, pra qualquer coisa. E tudo tinha que passar para ele, qualquer coisa que acontecia ele tinha que saber, eu era da confiança dele. (ELISA, 32 anos, Gerente, Salvador).

O gerente é uma posição de poder, movimenta muito dinheiro e circula pelo bairro muito mais do que o patrão, tendo maior visibilidade e, por isso, pode ser alvo de cobiça pelos demais, bem como ser mais facilmente identificado pelas forças policiais. Além disso, precisa possuir capacidade de organização, negociação, memorização e habilidades com cálculos, construção de planilhas para acompanhar a movimentação de dinheiro, de drogas e de operador. Elas podem ser feitas em um caderno específico, mas houve relato da utilização de planilhas em computador.

Os gerentes que foram entrevistados se queixaram de cansaço, de falta de reconhecimento e de ganhar muito menos do que mereciam, já que ficavam com a parte mais pesada e estressante, que era o contato direto com os operadores.

Eu tinha que, toda semana, mandar o movimento pra ele [o patrão]. Eu tinha um caderno com tudo anotado: quanta droga entrou, quanto saiu, quanto eu entreguei a cada um. Porque tudo tem que ser contado, porque, nesse caminho aí, pode acontecer alguma coisa [o dinheiro ser extraviado, roubado] e a culpa não ser minha. Eu vivia estressado, nervoso, preocupado. Ele queria saber do movimento todo, dia por dia, e ele ganhava bem mais, era muito mais que eu. Eu fazia assim, eu tirava foto e mandava pelo celular o movimento [a página do caderno], porque até o dinheiro chegar a ele, se alguém tirasse,

ele sabia quanto tinha que chegar. Ele acompanhava tudo, tinha que saber de tudo. Sabe quantas vezes eu me encontrei com ele? Se foi quatro, foi muito. Ele não vinha aqui porque ele ficava com medo de conhecer ele e matar. Esse povo não é besta não, doutora. Tudo era por celular, por Whatsapp, até ligação tinha que ficar mudando o número pra não pegar [polícia]. (LEVI, 31 anos, gerente, Salvador)

A circulação de grande quantidade de dinheiro alimenta a desconfiança nessas interações, que têm início na amizade e na confiança. Eles passam a adotar estratégias para reduzir os riscos de desvio ou roubo de dinheiro, como enviar fotos do mapa da movimentação. Houve relatos de utilização de *pen drive*, onde eram gravadas cópias e enviadas para o chefe, e o outro que fica como arquivo para o gerente, que não pode deixar as planilhas gravadas no computador, pois ele pode ser apreendido e todo o grupo ser identificado.

Eles têm de manter o chefe informado de tudo que se passa e, quando ele não reside no local, o contato é feito por telefone celular e *Whatsapp*. Apesar do poder e da confiança depositadas nos gerentes, as decisões sobre o que vai ou não ser feito e os meios a serem utilizados permanecem centralizadas no chefe.

8.2.4 O tesoureiro

O tesoureiro é o indivíduo que recolhe o dinheiro dos vendedores e entrega ao chefe ou ao gerente, para evitar que os jôqueis ou compradores em débito frequentem os locais onde eles ficam reduzindo a movimentação de pessoas. Essa função, que foi identificada em apenas duas entrevistas, é uma estratégia adaptativa recente, que reflete o grau de amadurecimento das organizações.

É assim: agora lá tem o tesoureiro, que é um rapaz, é jovem, que pega o dinheiro na mão dos vendedores na rua, sai pegando tudo e entrega pra ele [o gerente]. Porque tava os meninos indo tudo levar o dinheiro lá. Aí ele ficou com medo do movimento na porta. O de cima [o patrão] mandou ele colocar o tesoureiro pra recolher o dinheiro, que ele ficava menos exposto, porque esse movimento aí o povo começa a falar, chama polícia, que sabe que tem dinheiro ali. (ANA, 35 anos, tia de um chefe de uma cidade da região metropolitana de Salvador)

Essa nova função foi pensada para reduzir a movimentação no entorno da casa do gerente, pois, como era antes, cada um ia lá diretamente para entregar o dinheiro do dia ou do turno, o que acabava por chamar a atenção da polícia e da vizinhança, configurando maior risco para o grupo e para o chefe.

Em contrapartida, o risco de vitimização por roubo ou danos físicos para o tesoureiro é alto, tendo em vista que ele vai ser identificado como alguém que transita sempre com alguma

quantidade de dinheiro em espécie. Essa estratégia protege o Patrão e o gerente, mas desprotege o tesoureiro, deixando-o à mercê dos grupos rivais, vendedores, usuários e da polícia.

8.2.5 O jóquei

Jóqueis são os vendedores que lidam diretamente com os usuários. A maioria é constituída por jovens, do sexo masculino, embora venha sendo percebida a presença das mulheres nesse setor. Eles necessitam de habilidade para lidar com a diversidade de usuários e os detalhes sobre como receber e guardar dinheiro, dar troco e portar droga em quantidade, de modo a não caracterizar tráfico, e sim uso pessoal, para não serem presos. (CONCEIÇÃO, 2015)

O jóquei vende na boca, é o que fica vendendo. Tem que ter atenção em passar o dinheiro, troco, na venda, e tem que lidar com muito usuário. Às vezes pode ter muita gente pra comprar ao mesmo tempo e ele tem que ter muita atenção. Se o cara usar droga, tem que ver como é, porque ele pode usar tudo e aí? Vai ser problema pra ele e pra gente... (ALTINO, 29 anos, natural e procedente de Salvador)

O jóquei é a ponta do comércio e tem maior visibilidade, porque fica nas ruas, nos pontos de venda, portando drogas, o que desperta a atenção dos transeuntes e faz com que a identificação seja mais rápida e o risco de prisão e outros tipos de danos sejam maiores. Eles podem ser alvos da polícia ou de integrantes de grupo rivais que disputam o ponto de comercialização. (DECKER; CHAPMAN, 2008)

O cara às vezes vê você vendendo muito num lugar, gente chegando e saindo, muita gente, muito movimento, aquilo cresce o olho, aí ele vem pra cima pra tomar o lugar. Mas, muitas vezes, não é o lugar. Ele ali não vai render a mesma coisa. Às vezes é o jeito da pessoa, de tratar os outros, aí atrai mais gente, mas ninguém pensa nisso, só acha que o ponto é bom e quer pro grupo deles. Às vezes é do próprio grupo que arma pra você. (SIDNEI, 39 anos, vendedor, região metropolitana de Salvador)

A habilidade de vendedor, como em qualquer outro comércio varejista, tem um peso positivo, pois angaria clientela e, ao mesmo tempo, gera capital e abre a possibilidade de ascender para outras funções mais importantes e rentáveis. Um bom jóquei é alguém que consegue vender o que pega, pagar o que deve, evitar problemas para o dono da boca, contornar conflitos com usuários, ficar atento ao entorno para escapar dos policiais e rivais. Outro fator importante é não delatar o chefe nem os demais integrantes da organização, pois isso pode condenar o jóquei à morte, e as sanções podem se estender à família, que pode, no

mínimo, ter de deixar a casa, o bairro ou, em casos mais graves e em localidades menores, a cidade.

A droga não era minha, tava guardada na casa da menina que eu andava, mas eu tive que assumir que era, porque senão não tinha como voltar pra lá, porque, como dizem eles, se falar demais morre. Então, eu não podia dizer de quem era. Todo bairro tem a lei, lá era Caveira. Eles têm problemas com os meninos do bairro e eles iam lá tentar pegar eles, mas nunca morreu ninguém, ia tudo armado, e se alguém contar, morre. E a família não pode ficar lá, eles mandam sair, senão morre também. (OTÁVIO, 22 anos, Salvador, vendedor)

Trata-se de um vendedor que estava numa casa com uma quantidade significativa de drogas, guardada por uma moradora do bairro. Ele afirmou para a polícia que era o dono da droga, com medo do que podia lhe acontecer e à família, pois a delação é considerada uma falta gravíssima, que desencadeia uma série de problemas, que podem resultar em morte ou expulsão de todos envolvidos do bairro.

8.2.6 O soldado

É a pessoa que faz a segurança, fica em contato direto com o chefe e executa suas ordens quando há problemas, como débitos, brigas, rivalidades, disputas, questões envolvendo o restante da comunidade e que são passíveis de punição. (CONCEIÇÃO, 2015)

O soldado é a pessoa que faz a segurança, desde a boca. Fica com a arma na mão, tem que ter atenção na polícia, em quem tá por perto, nas pessoas que vem pra comprar droga. Fica em lugar estratégico. Pra ser precisa ter confiança, né? Porque hoje qualquer um pode ser, até criança, porque quanto mais, melhor né? Ele tem que proteger e fazer o que tem que fazer... O que ficar acertado, ele vai e faz. Aí sempre tem “os que fazem”, é só a gente mandar, mas tem que ser certo, pra não fazer besteira da cabeça deles. (ALTINO, 29 anos, natural e procedente de Salvador)

Há os soldados que gravitam em torno do chefe, como os que fazem sua proteção pessoal, e os que são chamados para executar tarefas avulsas, mas que ficam em estado de alerta para realizar “serviços”. Para executar as sanções, eles precisam ter coragem, astúcia, determinação e frieza, pois, muitas vezes, são orientados a torturar fisicamente as vítimas, provocando queimaduras, escoriações, lacerações, hematomas e fraturas, entre outras formas graves de manipulação dolorosa de partes do corpo.

Eu ganhava droga, outras vezes em dinheiro, mas tinha moral, porque, quando tinha qualquer coisa, eu fazia mesmo. Não tinha medo, ia lá e fazia... Eles me chamavam porque sabiam que eu resolvia. Agora tinha que ser como o patrão [chefe] mandava. Se ele mandar matar, tem que fazer. Às vezes é assim, eu já vi, depois eu fiz. Pega e leva. Aí, se for coisa de morrer, faz logo. O patrão quem diz o que vai ser.

Nisso aí eu ficava com eles, participava de festa, de tudo, era muito bom, vivia junto com todo mundo. (ANDRÉ, 33 anos, soldado, Salvador)

Esse relato reforça a necessidade de obediência ao chefe e a falta de autonomia dos soldados, que devem ser capazes de executar as sanções que envolvem uso de violência psicológica, como ameaças, e violência física, como surras, espancamentos e morte. Eles podem ser pagos em dinheiro, por serviço, e podem ter parte do pagamento em drogas. Além disso, os mais próximos do chefe participam das festas, e, com isso, se sentem prestigiados e reconhecidos. “O soldado ganha a droga, mas não pode vender, fica como soldado, pra quando precisar de combate, qualquer coisa que precisar, ele sabe que é pra dar a vida pelo chefe, porque, se ele fraquejar, os outros vão cobrar dele.” (ALTINO, 29 anos, Salvador, dono de bairro)

Nessa organização, o soldado não pode ser vendedor, mas há outras em que é possível combinar as duas atividades, desde que os indivíduos e mostre apto para a venda e não seja um consumidor exagerado. O relato anterior reforça a ideia de obediência ao chefe e a cobrança de bom desempenho, pelos companheiros.

As atuações de alguns soldados podem ganhar destaque nos bairros e na mídia. Eles se tornam famosos, temidos, e, ao mesmo tempo, odiados, principalmente pelas famílias das pessoas que foram atingidas por seus feitos, que ficam ressentidas e desejando vingança.

Segundo os relatos das testemunhas, e posteriormente do próprio custodiado, teriam sido cometidos três homicídios, motivados por conflitos entre os integrantes do tráfico de drogas no bairro e que o custodiado é tido como uma pessoa de alta periculosidade que vem transtornando e afrontando a comunidade e que sua associação com o tráfico é inegável e de conhecimento de todos. (Transcrição do processo penal de ALEXANDRE, 34 anos, natural de Salvador, soldado, sentenciado por tráfico de drogas e homicídio)

Trata-se de um rapaz que tinha fama de matar para o pessoal do tráfico, e que, durante a prisão, assume a autoria dos delitos. Devido ao nível de crueldade, passou a ser temido e mal visto pelas pessoas da comunidade.

Ele foi criado dentro desse mundo. A mãe deixou ele, o pai não quis saber, a avó pegou ele e depois largou de mão. Cresceu no meio deles [os comerciantes de drogas], foi quem deu valor a ele. Mas ele mata mesmo; ele às vezes pergunta se alguém tá perturbando a gente, que é pra falar com ele, que ele fala com o patrão e dá um jeito. Mas uma hora chega a vez dele, porque eles não têm amor a ninguém, só ao dinheiro. (ALICE, 45 anos, vizinha de um soldado do tráfico)

A vizinha formula suas hipóteses centradas nos acontecimentos difíceis ao longo da vida do rapaz, como o esvaziamento da figura do cuidado, o contexto de privação e

vulnerabilidade, bem como o acolhimento e o reconhecimento dentro do grupo como elementos-chave para a forma como se insere na atividade. Ao mesmo tempo tem a percepção do acúmulo de ódio e de vingança que gravita em torno dessas pessoas que naturalizam as mortes como inevitáveis, previsíveis e merecidas.

Eu vivia pelas ruas, na casa de parentes, não conheci meu pai. A minha mãe me espancava, eu apanhava muito e fugia de casa. Não fui preso em instituição de menores, mas vivia em delegacias. Comecei matando aos 13 anos. Sentia muita raiva, eu brigava e matava. Com 15 anos, eu comecei a roubar, aí entrei para o tráfico em Camaçari. Matei um rapaz que queria tomar as bocas. Ele veio para cima e aí eu matei antes que ele me matasse. Eu era pra fazer isso. Eu gostava, tinha uma raiva muito grande. Era com revólver mesmo, eu sempre tinha um, era 38 (revólver calibre 38). Eles me deram, mas eu comprava também. Vivia comigo era 7, 5 morreram e depois foi mais... Podia ser pior, eu tá entre eles (morrer). O pessoal mandava e eu fazia, ganhava dinheiro, droga, me davam coisas. Eles confiavam em mim, sabiam que eu fazia o que tinha que ser feito. Eu não tinha pra onde ir, ficava com eles, tudo eu aprendia com eles. Comia, vestia. Era dali que eu tirava tudo que eu precisava. Meus irmãos foram mortos. A polícia entrou em casa e matou, aí eu começou a matar... Tinha muita morte, a gente tinha que se virar sozinho, não tinha ninguém pra ajudar. Desde cedo eu vi que tinha que me virar... Aí foi o que apareceu... A minha vida sempre foi no crime. Desgraça, doutora, nunca tive nada... Não guardei nada. Tudo gastava com droga e farra. Aqui que você vê que a vida não é isso. Do meu grupo de 7, morreram 5. Quando você tá lá, você se empolga, aí entra cada vez mais... (DORIVAL, 26 anos, não sabe ler ou escrever, não frequentou a escola, soldado, Salvador)

Nesse relato, percebe-se a história de vida difícil, marcada por tragédias e riscos, ausência de cuidado e suporte familiar ou social, fato que se repete na história de vida de muitos entrevistados e se reflete diretamente no modo de inserção no crime e na utilização dos recursos dele advindos. Verifica-se a importância do pertencimento ao grupo no processo de socialização e construção da identidade do indivíduo, que é valorizado pelo seu desempenho.

A “empolgação” é um elemento recorrente nas entrevistas, que se assemelha à “adrenalina”, que é a excitação decorrente de um estilo de vida perigoso. Eles demonstram sentimento de invencibilidade, indestrutibilidade, orgulho de conseguir escapar das investidas dos rivais. Quanto a esse aspecto, as mortes dos companheiros, presenciadas por muitos deles, podem servir para dissuadi-los do crime ou encorajá-los. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013; OLIVEIRA, 2007)

A habilidade de soldado também é construída, aprendida com a participação direta ou indireta nas sanções, continuamente testada, pois são verificadas a obediência ao chefe e a qualidade da execução das tarefas. São relatados casos em que filmam as sanções, por eles aplicadas, e mandam para o chefe, para comprovar que fizeram o que foi determinado.

Alguns soldados sobem no conceito do chefe e podem ascender na função, ficando mais próximos deles, fazendo sua segurança pessoal e tendo mais oportunidades de “serviços”; desse modo, eles acumulam prestígio e podem ganhar mais em dinheiro.

Houve relatos de soldados que foram presenteados com pistolas pelo bom desempenho, e de outros que se sentiram desmerecidos e desvalorizados quando não foram chamados para realizar alguma tarefa considerada importante, vindo a saber que foi executada por outra pessoa.

8.2.7 O vapor

O vapor é caracterizado por transitar na comunidade e no entorno dela, fazendo pequenos favores para a organização, como levar drogas de um lugar para o outro, comprar coisas para o grupo, como comida e lanche, entregar recados e avisos. Trata-se de uma função que pode ser a porta de entrada para o tráfico e que, a depender do proceder, ou seja, de como o indivíduo realiza as tarefas, pode levar a posições mais importantes e rentáveis.

O vapor é mais jovem. Quando começa é por aí, você vai observando, e também eles não têm nada pegando [não respondem a processo, nem são identificados como envolvidos no tráfico]. Então, quando eles pegam alguma coisa [quando são encontrados com droga] é pouco, coisa pouca [transportam pequena quantidade], fica de fora [não vai preso], e eles também são menores [menores de 18 anos]. Entrega uma coisa ali, um recado. Você vai observando, dá um dinheiro. Agora não pode deixar usar nada, senão é problema, porque todo mundo vai ver e pode trazer problema. (ENZO, 31 anos, Salvador, dono de bairro)

A estratégia de cooptação utilizada é através de uma aproximação gradual, em que os chefes buscam ganhar a confiança desses jovens, que não têm qualificação profissional e, muitas vezes, não estão inseridos no mercado de trabalho formal ou informal. Ao realizar pequenos serviços para a organização, eles passam a ter retorno financeiro imediato, pois são pagos por tarefa. Eles ocupam uma posição ainda de fronteira ou tangencial na comercialização e precisam ser hábeis e discretos para se deslocarem sem chamar a atenção dos demais.

Outra forma relatada de vapor é a utilização de pessoas para transportar drogas, celulares e *chips* de celular para o interior das prisões, colocando-os dentro do corpo, geralmente ânus e vagina. Eles recebem por quantidade de aparelhos ou por cada ida à prisão. Nesses casos, os riscos são relativos à saúde e prisão por tráfico e outros delitos relacionados.

Os integrantes desse grupo não são considerados envolvidos, porque não portam armas, não participam diretamente da comercialização. Desenvolvem ações pontuais, mas que servem como pontos de estreitamento de convivência, aprendendo através da observação direta e escuta de relatos até ascenderam para outras funções.

Eles não são frequentes na amostra da população carcerária, mas podem ser eventualmente presos quando transportam pequenas quantidades de drogas ou armas em locais próximos. Ainda assim, a pena é menor porque são réus primários e, geralmente, não têm passagem pela polícia. O comportamento durante apreensão e prisão é decisivo para a construção da reputação, que será fortalecida se conseguir manter o sigilo e proteger os integrantes da empresa. Caso contrário, poderá sofrer as sanções previstas na organização.

8.2.8 Olheiro

O olheiro fica em pontos estratégicos ou de maior visibilidade do bairro e é responsável por manter os demais integrantes da organização informados de qualquer movimentação diferente da habitual; por isso, desempenha papel fundamental na inteligência da organização. (CONCEIÇÃO, 2015)

Eles passam o tempo observando o entorno, ou seja, quem chega, sai, passa, se aproxima, inclusive carros. Não usam armas de fogo e geralmente são pessoas jovens, mas podem ser ainda crianças, uma faixa etária que não levanta suspeita. Podem se comunicar por sinais, assovios, ligações ou mensagens por celular ou *Whatsapp*. Devem manter a organização informada, para evitar eventuais perdas materiais e humanas, diante de conflitos, como embates com rivais, incursões da polícia e aproximação de desconhecidos.

Quando eu comecei, eu era olheiro, eu olhava a área, ficava parado, sentado, às vezes circulava na rua, pra quando os clientes viessem comprar na mão deles... Tinha outras pessoas que vinham e vendiam, olhava o movimento. Com carro estranho lá não entra, não entra mesmo. Pra entrar, tem que ver primeiro. A gente fica no lugar que dá pra ver tudo, ver se vem grupo, se tá com arma, aí nós tem que meter bala mesmo, não vai esperar eles vim, se for suspeito. (RUI, 22 anos, olheiro e vendedor, Salvador)

A área para observação é recortada pelo chefe e é adotado um ponto estratégico com melhor visibilidade, onde eles têm de permanecer alertas. Eles podem guiar e acompanhar visitantes e trabalhadores que têm de realizar serviços no local, garantindo a entrada de técnicos de saúde, de iluminação, entre outros.

O olheiro precisa se manter atento, ser disciplinado para estar nos locais e horários estipulados, bem como ter agilidade para discernir riscos, se comunicar em tempo hábil, conhecer os moradores e frequentadores do local, para fazer uma leitura adequada da movimentação e não emitir falsos alertas de perigo. Deve agir de modo discreto e com naturalidade, sendo cuidadoso para não chamar a atenção para si mesmo, pois está no local

para servir como sentinela e funcionar de modo imperceptível. Desse modo, evita danos para si e para os demais integrantes da organização.

O olheiro, às vezes, nunca teve nem flagrante, não responde por nada e anda muito pelo bairro e aí fica olhando, para ver se vem um inimigo, a polícia, morador... Porque tem morador que às vezes não aceita também. Eles têm que controlar o bairro. O olheiro, quando começa logo, assim, entra por aí, começa assim, não tem arma, nunca foi preso. Pega novo [jovem] por isso, porque circula fácil. Aí, pra manter um contato com eles, hoje em dia, se comunica por celular. Fica em pontos estratégicos e bem separados, porque aí qualquer coisa dá tempo de avisar e sair, porque a maioria prefere não ter embate com a polícia. A maioria prefere esperar eles saírem, pra não ter embate. Às vezes, é rotina mesmo, eles passam naquele local por passar mesmo, por rotina; outras vezes por denúncia, mas não sabe o local exato onde tá ou não tá, só se for uma denúncia. Por isso, é importante ficar bem com a população, para eles não denunciar. (PABLO, 25 anos, dono de boca em Salvador)

No relato anterior, observa-se a descrição do trabalho de vigilância do olheiro, e sua importância para a segurança do território. A estratégia de designar pessoas muito jovens para a função é vantajosa, porque eles ganham pouco, não têm história de envolvimento com crimes e geralmente não vão presos, porque não portam armas nem drogas. Em contrapartida, pela pouca idade, podem se dispersar facilmente, conversar com companheiros sobre a própria atividade, que são manifestações típicas da faixa etária.

O desempenho do olheiro também é observado ao longo do tempo, e espera-se que ele não durma em seu turno, não se distraia, mantenha sigilo sobre a organização e seus integrantes. Caso contrário, é afastado da função e pode, a depender da gravidade do ocorrido, ser punido.

Com o decorrer do tempo, eles podem adquirir conhecimento e experiência, ganhar a confiança e simpatia dos demais, galgando postos mais rentáveis, como a venda direta ou outros. Há casos em que alguns indivíduos começaram como vapor ou olheiro e passaram a ser donos de boca, diante da sua habilidade para gerenciar pessoas e obter lucro.

O olheiro, diferentemente do vapor – que se insere de modo pontual, realizando pequenos serviços – está mais próximo do grupo da comercialização. Ele é um integrante da organização, pois faz uma atividade que implica continuidade, estando em permanente contato com os demais. Já em relação aos jôqueis e soldados, ele ocupa uma posição mais periférica e de menor prestígio, mas não menos importante para a segurança do grupo.

8.2.9 O guardador

Guardadores são pessoas que ficam com as drogas do chefe ou gerente, em quantidades maiores, que vão ser distribuídas para os jôqueis ou vendedores. Elas podem estar

ainda na forma de massa, que vai ser misturada e cortada, ou já podem estar embaladas e prontas para venda e consumo.

Os guardadores devem ser discretos, manter o sigilo e não divulgar o local onde colocaram as drogas, nem o nome do verdadeiro dono, mesmo se forem presos, pois, se revelarem, podem perder a própria vida. Eles devem ser confiáveis, no sentido de não retirar drogas para usar ou vender. Podem escondê-las em locais fora das casas, como fundos de quintal, telhados e árvores, ou em sacolas, mochilas, dentro das residências, tendo o cuidado de selecionar um lugar seguro para que não seja descobertas ou roubadas.

Eu namorava uma menina e ela guardava a droga pro rapaz. A gente morava na mesma rua, ela tinha 16 e eu tinha 20. Ela guardava crack, maconha, cocaína e armas, tinha 8 revólveres e uma 12 [escopeta]. Estava guardada numa mochila, mas o lugar eu não sei, porque, quando eles chegaram [polícia], eu os levei até a minha residência, da minha mãe... Ele me levou até lá, não achou nada, e quando retornou para casa onde ele me pegou, ele apareceu com uma mochila. Aí eu vi que tinha 1kg embalado e uma parte a granel e umas quantidades em balinha [crack] e 485 gramas de pó, tinha balança também. (OTÁVIO, 22 anos, vendedor, Salvador)

As mulheres são muito utilizadas para guardar drogas e armas, pois levantam menos suspeita da polícia e, geralmente, recebem dinheiro para realizar esse serviço. Aparentemente, a guarda é tida como uma atividade de baixo risco e de baixo custo, porque o guardador não gasta nada, tem o retorno financeiro imediato e garantido. Porém a presença da droga em uma residência, que pode vir acompanhada de balança de precisão para pesagem, produtos para o preparo da droga, para aumentar a quantidade e lucratividade, faz com que o portador, ao ser flagrado, seja acusado de tráfico de drogas e outros agravantes, como formação de quadrilha, associação para o tráfico, quando, na verdade, ocupa uma posição periférica nesse sistema. Além disso, as incursões policiais para busca e apreensão de drogas são relatadas como truculentas, pois eles danificam móveis, quebram portas, agredem física e verbalmente moradores, sendo que essas ações muitas vezes são motivadas por denúncias anônimas de moradores da comunidade.

Eu guardei as drogas deles lá em casa, eles me pediram e me davam um dinheirinho que dava pra eu comprar os remédios de meu filho, porque são caros. Aí um dia sumiram as armas deles. Eu sabia que foi o Zé que achou. Eles entraram lá em casa e me bateram muito, aí eu não guardei mais. Eu disse pra o Zé pra dizer que ele achou no mato, porque foi ele quem pegou. Só tinha eu e ele que sabia que eles deixavam ali. Ele demorou de falar e eles acharam que era eu, porque eu guardava as drogas. (FIRMINA, 52 anos, moradora de bairro popular de Salvador).

Trata-se uma moradora de um bairro popular, que vivia em condições precárias, e que passou a guardar drogas para uma organização. O dinheiro obtido ajudava a pagar contas,

comprar mantimentos e medicação para o filho, portador de epilepsia de difícil controle. Após o episódio do espancamento e, por medo de ser morta, ela avisou que não guardaria mais as drogas, e passou a frequentar uma igreja evangélica do bairro, o que, segundo ela, a ajudava a se manter distante do tráfico e não aceitar apoio dos operadores.

Todas essas funções podem sofrer ajustes ao longo do tempo, à medida que surjam novas necessidades, podendo ser adaptadas, extintas ou criadas outras para reduzir os riscos da atividade e garantir segurança e lucratividade. A capacidade de adaptação e resiliência das organizações dos operadores de drogas são surpreendentes, e desafiam as medidas adotadas pelas agências de segurança pública, que reprimem o tráfico de drogas.

9 CONHECENDO A OCUPAÇÃO

Para entender como a violência vem se tornando expressiva no segmento varejista do comércio de drogas nos bairros populares, é necessário conhecer algumas características das atividades realizadas pelos operadores.

Quando se compara a comercialização de drogas com outras atividades criminosas, como roubos, percebe-se que as empresas criminais mantêm uma atividade permanente ou contínua nos territórios, enquanto os roubos e arrombamentos são atividades pontuais ou descontínuas, que permitem desfrutar dos ganhos, bem como manter a privacidade, sendo considerada de menor exposição e risco. (LETKEMANN, 1973)

Essa dimensão temporal pode ter influência direta sobre as interações, pois, enquanto, no tráfico, elas são múltiplas e entre pessoas conhecidas, que se relacionam há algum tempo, muitos dos roubos e furtos ocorrem entre pessoas desconhecidas. (SCHNEIDER, 2013)

Como os mercados de drogas envolvem atividades que geram renda para um segmento social, mas são considerados ilegais e altamente criminalizados, o conceito de crime como trabalho, utilizado por Letkemann (1973), auxilia na compreensão dos processos envolvidos nas atividades criminosas, que têm semelhanças marcantes com o mundo do trabalho, como tempo de dedicação, a elaboração de planos de atuação e estratégias, bem como as estimativas de lucro. No presente estudo, foi adotado o conceito de ocupação, atividade realizada por uma ou mais pessoas para diversos fins, considerado como o mais próximo das ações realizadas no mercado de drogas do qual faz parte a amostra da pesquisa. (WOLECK, 2002)

A seguir, serão apresentadas características dessa ocupação identificadas no estudo, como a jornada ou o tempo dedicado à atividade, os critérios para escolher o local de venda da droga, as estimativas de lucro e outras que são relevantes para a compreensão das dinâmicas dos mercados de drogas.

9.1 SOBRE A JORNADA

O tempo dedicado à atividade depende do modo de organização, ou seja, do grau de concentração dos mercados. O empreendedor individual, comum nas cidades de interior, tem mais flexibilidade para estabelecer seus horários e pontos de venda, desde que cumpra seus compromissos financeiros com o fornecedor.

Era eu só. Ele passava para mim e eu vendia e era no bairro mesmo. Ele só ia entregar. Lá não tinha isso aí de facção não, ele era um parceiro, eu começava mais tarde e depois eu ia trabalhar. Começava tarde, porque de manhã eu descansava, via o movimento da rua. Mais tarde eu nunca vendi, eu achava perigoso, porque era à noite, tarde, mas tinha gente que ficava direto. Às vezes tinha dia que eu não vendia. Eu nunca dei problema lá. (RAUL, 23 anos, vendedor em Vitória da Conquista)

Os horários ficam a critério do vendedor individual, que faz um balanço entre riscos e benefícios, além da possibilidade de observar a vizinhança antes de começar a vender. Se perceber algum movimento diferente, pode ajustar o plano inicial em tempo hábil, por exemplo, se notar a presença da polícia, conflitos no local, etc. Isso evita problemas como vitimização e prisão, mais comuns no período da noite e, por isso, a opção por outro turno. O contato com o fornecedor é pontual: limita-se a pegar a droga e pagar.

Comecei a me envolver com 20 anos. Aos 16 anos, eu era pai, morava de aluguel, trabalhava muito em pizzaria, fazia um monte de coisa, não ficava parado. Mas aí a coisa apertou, eu fui entrando, não tive como pagar aluguel. Eu fui arrumar um barraco pra morar, aí fui pra uma favela. Aí fui conhecendo gente. Pensar que não, já tava envolvido [passou a ser vendedor]. Eu já fui preso por assalto... Aí fiquei pouco tempo e sai logo... Foi num mercado de frutas, uma quitanda. Eu fiz devido à precisão, pagar as drogas, pagar aluguel, comprar coisas e usar drogas também. Depois eu entrei pra vender direto, eu vendia um tempo, parava e continuava fazendo minhas coisas. Às vezes vendia de dia, outras vezes à noite... Dependia de como eu estava, do que precisava. (DIEGO, 40 anos, gerente, natural de São Paulo e procedente de uma cidade do interior da Bahia)

Nesse caso, o rapaz veio de São Paulo, onde já tinha um histórico de roubos e de venda de drogas, e, como tem parentes em uma cidade do interior da Bahia, passou a comercializar na localidade, sendo, em seguida, preso por tráfico e porte de armas. Ser procedente de São Paulo e ter ficha criminal fez com que fosse suspeito de pertencer ao PCC e ter vindo se inserir no interior da Bahia, como uma forma de expansão da organização criminosa. Entretanto, o fato de não contar com qualquer apoio financeiro para custear advogado e outras despesas, durante o período em que permaneceu preso, indica a possibilidade de ter fugido de São Paulo para se proteger de alguma ameaça. Como já tinha conhecimento sobre a comercialização de drogas, percebeu nisso uma boa oportunidade no município baiano, sendo preso logo em seguida.

Ele chamou a atenção da polícia local provavelmente porque não residia na cidade e tinha sotaque, o que o identificava como alguém de fora.

Os *chefes*, *patrões* ou *barões*, *cabeças caras* e *gerentes*, ou seja, os que ocupam posição de liderança têm jornadas mais longas, que, algumas vezes, se assemelham às de grandes executivos. Dedicam grande parte do tempo às demandas da atividade.

Trabalhava o dia todo, era muita gente. Ainda é muito mais homem, mas tem mulher também, porque hoje a mulher precisa trabalhar, porque os homens não ajudam; então, elas têm que se virar. É muita gente pra controlar, muito menino novo, com arma na mão. É muito problema. É toda hora. Vem um fala uma coisa, outro outra, você tem que estar atento a tudo, mas quando a gente tá lá fora não pensa não... Vai querendo mais, se acostuma... Você chegou num lugar que não dá pra voltar, quer dizer, dá, mas você se acostuma... (ALTINO, 29 anos, chefe, Salvador)

Eles vivem para atender às demandas diretas ou indiretas que envolvem a comercialização, o gerenciamento de conflitos, a tomada de decisões. Relatam um estilo de vida frenético e sobrecarregado, que tem um forte componente de adrenalina, pois vivem sempre em estado de hipervigilância, em decorrência dos riscos da atividade: gerenciar um grupo de pessoas, majoritariamente constituído de jovens, com armas de fogo, situação que representa perigo e requer atenção constante.

Por sua vez, os vendedores ou jôqueis determinam suas jornadas com a anuência do dono da boca, que vai alocar os vendedores em horários que garantam a ocupação do local, a oferta contínua de produtos e a lucratividade. (LIMA, 2013)

Quem manda é o dono. Aí você tem que ficar esperto, você sabe quem trabalha com você, quem não trabalha, a gente sabe, então não pode deixar ninguém pegar o lugar, tem que ficar ali, senão outro toma. Mais ainda se for um lugar bom, tipo ter passagem de gente e poder ver tudo. Todo mundo sabe de quem é o que, porque, quando entra, avisa onde pode e não pode vender. Então, se vier, a gente tem que se defender, senão a gente é que morre. E a gente sabe quem é de um e de outro, a gente já sabe e comunica por celular. Se não for, tem que botar pra fora. (MÁRIO, 26 anos, vendedor em Brumado)

O controle territorial, que é central nas empresas criminais, torna imperativa a ocupação permanente do local de venda, tendo em vista o risco de ser tomado por grupos rivais ou outros integrantes do próprio grupo que estão em pontos considerados menos lucrativos. O tempo de ocupação vai ser importante para preservar a posse do local e manter a oferta de produtos contínua, para evitar que o consumidor busque o que deseja em outro local, pois, se ele não encontra o produto, ele adquire de outro vendedor ou em outra boca.

A jornada dos *olheiros* também é um elemento-chave no controle territorial. Eles se revezam em turnos estabelecidos pelo *chefe* para atender às necessidades de vigilância permanente.

O olheiro tem que ficar lá onde o patrão diz. Ele [o patrão] que vê onde é melhor e fala pra ficar. Ele [o olheiro] sabe que não pode sair e tem que avisar qualquer coisa... Aí, se ele não fica e acontece alguma coisa, ele sabe que vai pegar pra ele... A lei é assim: no lugar fica alguém sempre, não pode sair e tem que avisar rápido. (TITO, 23 anos, de Salvador, soldado)

Os olheiros ficam em locais selecionados pelo *chefe* e devem permanecer atentos à movimentação. Não podem deixar seu posto descoberto, tendo em vista que, caso algo

relevante aconteça, será penalizado seguindo os critérios do grupo. Nessa função, a dificuldade é maior, porque ela é ocupada por pessoas muito jovens, algumas ainda crianças, e, pela imaturidade, podem se distrair facilmente ou se cansar.

Os *soldados* podem ter dois tipos de jornada, uma mais longa, que é a dos que fazem a segurança direta do chefe e ficam em contato constante com ele, e outra menor, a dos que realizam as atividades de segurança quando solicitados.

Eles ficam ali, com a gente, ficam de prontidão. Se você vai dormir, tem uns que vigiam e qualquer coisa tem que agir, senão sobra pra eles. É um lugar mais privilegiado, tipo assim, fica mais perto do patrão. Aí gera a cobiça, um querendo ser mais que o outro, mostrar mais que o outro, pra ganhar a confiança do chefe. Tem que tá de olho em tudo, por ali, sempre por ali... (ENZO, 31 anos, dono de boca, Salvador)

Percebe-se que eles gravitam em torno do comércio e, principalmente, do chefe, de quem disputam a atenção, buscando ganhar a confiança e demonstrar disponibilidade para jornadas prolongadas. Isso conta a favor do indivíduo e o ajuda a atingir um lugar de destaque, avançar para postos ou funções mais rentáveis e de maior prestígio dentro do grupo.

A outra forma consiste em realizar serviços solicitados pelo chefe, que podem ter desdobramentos, como ser chamado para fazer parte do grupo de modo mais constante. Eles podem realizar outras atividades dentro e fora da comercialização de drogas.

Eu ficava assim, fazia minhas coisas [roubava] e, quando me falavam pra fazer alguma coisa, eu não vou negar não... Eu fazia uns serviços pra o pessoal lá [matava a mando do tráfico]... Eu fazia porque eles me pagavam, me passavam droga, cocaína, ali eu já tirava o meu... Não ficava direto com eles não... Tinha minhas coisas cá e fazia quando me falavam. Ir numa lotérica você vai sabendo o que vai encontrar; você ganha ali um dinheiro e fica de quebrada [tranquilo, sem fazer nada, desfrutando o dinheiro do roubo]. E aí vender essas coisas [drogas] eu nunca vendi, porque muitos vivem ali, disso, o tempo todo. Eu não. Faço os serviços pra eles e nada pega, ninguém nem sabe. O negocio é saber fazer... Então, pra todo efeito, eu não participo de nada, porque não ando com eles. Tem os que ficam direto com eles, que fica com as armas deles, mas eu tinha a minha, não gostava de ficar de grupo (JOSIEL, 36 anos, natural e procedente de Salvador, preso por latrocínio e associação para o tráfico)

Trata-se de um rapaz que cometia roubos e homicídios e que passou a fazer serviços pontuais e de maior complexidade para o grupo do tráfico. Ele era solicitado para execução de rivais de outros bairros, em locais onde não era conhecido. Essa estratégia mantinha seu próprio anonimato e a do grupo para o qual fez o serviço. A posição dele diante do grupo era de um prestador de serviços, que recebia logo após o feito e utilizava seus próprios instrumentos.

9.1.1 Jornada, hipervigilância, ociosidade e riscos

Os relatos frequentes sobre violência, vitimização, uso de armas, uso de drogas, risco de prisão, de morte e tantos outros, comuns em mercados de alto risco, cujas atividades não cessam, pois estão sempre abertos e disponíveis para as demandas diversas, levaram a pesquisadora a uma curiosidade sobre o sono dos operadores, sua qualidade e quantidade, tendo em vista que o sono é um elemento regulador de diversas funções para o ser humano.

Quanto a esse aspecto, a privação do sono foi relatada em todas as entrevistas e naturalizada como parte integrante da ocupação. Eles comentaram que não podiam dormir, e, quando podiam, não conseguiam, pois o sono era leve, com vários despertares assustados. Os operadores vivem em estado de privação de sono e hipervigilância, por estarem atentos aos movimentos típicos e atípicos do território.

Dormir ninguém dorme direito, porque tem que ficar esperto. Tem que ficar né? Você tá ali, mas tem todos atrás de você. Vamos dizer, o cara tá aqui em uma (facção) aí vai para outra, o próprio cara que você confia. Já vi fazer isso, matar o parceiro. Às vezes o chefe manda você fazer porque você é o mais próximo dele, e de você ele não vai desconfiar. Outra vez vem gente sem avisar de outra facção, não dá tempo de você saber e mais, muitas vezes a polícia pega a gente à noite, não tem hora não. A gente tem que ficar esperto. (FRANCISCO, 30 anos, dono de boca, Salvador)

A relação de *confiança* mais uma vez aparece como facilitador da vitimização fatal e o elemento surpresa, em todas as situações, são fatores que contribuem para o prejuízo do sono. Como esse grupo manipula armas de fogo, gerencia interações de diversos tipos, usa drogas, além de ter alterações na qualidade e quantidade do sono, esses fatores podem contribuir para incrementar a violência e o uso de drogas para se manter *esperto*, que funciona como uma defesa contra a possibilidade de vitimização.

A seguir um relato sobre o modo como os chefes lidam com a dificuldade de dormir.

Trabalhava o dia todo, era muita gente, ninguém dormia direito, não pode. E a gente não podia dormir em casa, então dormia mais em hotel, pousada, porque chegou a esse ponto, de ter muito olho em cima. Porque a polícia investiga muito. Se morasse em lugar fixo, tinha medo de morrer, ou o negócio da polícia sempre ficar pegando o cara, prendendo pra pagar propina pra soltar, sequestrava, levava pra um lugar. Eu já mandei dinheiro pra soltar meu irmão... 30 mil, 50 mil, se não der, morre, tem que dar. Da última vez ele já tava pegando muito baque, quer dizer, a polícia pegando ele frequente. (ALTINO, 29 anos, dono de boca, Salvador)

Ficou claro, nesse relato, que a jornada ocupacional é exaustiva, bem como a existência de uma relação direta entre acumular poder e patrimônio, e ser alvo da corrupção

policial e de suas formas de extorsão. Nesse caso tudo, culminou com pedidos de dinheiro cada vez maiores e com a morte do operador ao final de um período.

O elemento surpresa é indispensável para o flagrante e a prisão, porém provoca medo constante nos líderes, onde quer que estejam, deixando-os como eles mesmos frequentemente colocam, *sem paz*. Isso pode ser traduzido como uma situação de hipervigilância constante, que constitui uma defesa básica do ser humano diante de uma ameaça.

Pode-se pensar que essas alterações de sono são relacionadas à vida no crime, porém alguns outros tipos de crime não resultam em uma privação crônica de sono, a exemplo dos roubos ou furtos, em que as pessoas os cometem fora de seu local de moradia e retornam para suas casas sem serem identificadas. Tais modalidades de crime lhes permitem uma vida anônima e mais sossegada.

Conclui-se que as alterações do sono constituem mais um agravante do contexto do mercado de drogas nos bairros populares, tendo em vista a superposição de riscos e a necessidade de tomar decisões de modo rápido e eficaz.

Outra questão apontada é a ociosidade, ou *tédio*, conforme terminologia empregada por Conceição (2015), que consiste em períodos em que eles não têm nada para fazer, pois não há acontecimento novo. Para lidar com isso, eles relataram a utilização de jogos pelo celular, conversar com os companheiros, e um deles relatou a compra de uma mesa de pingue-pongue, para passar o tempo jogando. Enquanto uns jogavam, os outros vigiavam o local.

Conceição (2015) chama a atenção para o fato de que o tédio não é exclusivo dos mercados de drogas, pois faz parte da rotina de ocupações do mundo do trabalho formal. Segundo o autor, essa dimensão contrasta com o estágio de vida dos operadores, cuja juventude é marcada pela busca de atividades e novidades. Além disso, esses momentos são menos produtivos para os operadores, pois, sem movimento, não conseguem ganhar dinheiro.

9.2 ESCOLHENDO O LOCAL DE VENDA

A escolha do ponto de comercialização segue alguns critérios, como proteção, caracterizar um bom local para o comércio, que, geralmente, se situa próximo ao local de residência dos vendedores, às vezes na mesma rua. A distribuição dos pontos de venda, no caso das firmas criminais, vai ser estabelecida pelo chefe e, no caso do empreendedor individual ou vendedor avulso, os pontos são selecionados por eles próprios e, geralmente, ficam próximos do local de residência.

Eu ficava no meu lugar, que dava pra ver as coisas, dava pra ver quem se aproxima, perto de minha casa, na minha rua. O povo compra de quem tem. Não tem isso de escolher não: tem, leva. Você fica sabendo quem vende. Já conhece todo mundo ali. Se não conhece, você nega, diz que não tem nada ali, porque pode ser polícia disfarçado, alguém pra flagrante ou para lhe matar. Vamos dizer, a senhora não compra, se chegar. Porque a senhora não tem cara que é dali: é branca, tem carro, não mora lá... Não vai conseguir comprar. Aí, geralmente, um de fora vai com alguém que ele já conhece, aí leva e assim fala da pessoa, senão não consegue comprar. Você deixa a droga num lugar perto, a pessoa quer, vai lá e pega. Não pode ficar na sua mão porque é arriscado. (JEAN, 24 anos, Vendedor, Salvador)

O local precisa ser de fácil identificação e acesso para os consumidores, ter boa visibilidade para que o grupo possa manter o controle do entorno, identificando aproximações e movimentações suspeitas e se defendendo em tempo hábil. Outra questão é a proximidade da residência, o que ajuda a estabelecer uma atmosfera de normalidade que esconde a atividade e contribui para proteger os vendedores.

Quem chega de fora não sabe, não nota, mas quem mora sabe, porque fica sempre os mesmos ali, por ali, esperando. Quem passa vê sempre os mesmos e gente chegando, saindo. Esse movimento chama atenção, aí quem é dali já sabe. (BRUNO, 22 anos, vendedor, Salvador)

Os vendedores se comportam como um grupo de jovens conversando, reunidos num local próximo de suas residências, o que constitui uma cena do dia a dia dos bairros populares. Essa estratégia é eficiente para pessoas que não conhecem a localidade, mas, para aquelas que são frequentadoras do bairro, como os moradores, a aglomeração dos jovens chama a atenção e identifica o local como ponto de venda.

A localização próxima à residência é um facilitador, pois evita deslocamento, facilita o contato entre os integrantes, mas faz com que o vendedor e a família fiquem expostos e susceptíveis tanto ao controle do grupo, que tem acesso direto à rotina, hábitos e comportamento dos integrantes, quanto às possíveis sanções.

Foram relatadas disputas por pontos de venda considerados de maior movimento e lucratividade, entre empresas rivais e também entre integrantes do próprio grupo, que buscam locais mais rentáveis.

Eles veem você vendendo e o olho enche pra tomar o lugar. Mas ali não é o lugar, é você que faz o movimento, tem amizade, sabe fazer as coisas, mas quem tá de fora não pensa, acha que é o lugar, aí vem pra cima, pra tomar, e, às vezes, são os próprios companheiros que armam. Outras vezes é do outro grupo, mas aí você fica de olho, tem que ficar. Qualquer coisa você sabe se é de seu grupo ou não. Apareceu vendendo, você sabe logo, a gente se conhece. (HÉLIO, 28 anos, vendedor, Salvador)

A movimentação na boca desperta a cobiça dos demais, pois indica maior circulação de dinheiro. Isso representa risco para os vendedores, e requer estratégias de defesa para si

mesmo, para proteger o local e as mercadorias, pois elas valem muito e podem ser subtraídas por terceiros.

A localização dos pontos de comercialização próxima à residência é uma situação em que a atividade laborativa invade a vida privada do operador, que fica exposto todo tempo aos riscos a ela relacionados. (DEJOURS, 1992)

9.3 IDENTIFICANDO QUEM SE APROXIMA

O contato com o consumidor final é a atividade-chave dos mercados de drogas, pois é nessa venda no varejo que todas as demais transações estão calcadas: a produção, o transporte e a distribuição.

Identificar o consumidor é extremamente relevante, porque envolve a segurança dos vendedores e do grupo, uma vez que podem se aproximar dos pontos de varejo moradores, consumidores, até policiais disfarçados e rivais, do grupo ou de outro grupo. Para tanto, são estabelecidos alguns critérios para que a aproximação resulte em um encontro proveitoso entre consumidor e vendedor e que a venda seja efetuada.

O ponto é na minha rua, eu fico na rua. Se aproxima [o cliente] e eu pego a droga. Eu deixo perto, mas não fica comigo. A gente ali se conhece, então, se chegou alguém, a gente sabe o que é. Uma como a senhora mesmo, não compra, porque é branca, com roupa boa, o jeito não é de quem usa. Quem usa tem medo, é nervoso, Crack então, muito... Pode entregar pra polícia. A polícia pega, bate e eles dizem onde comprou. Mas é menos... Aí a gente deixa a droga em um lugar, vai lá e pega. Primeiro pega o dinheiro, né? Se vier pra pegar, a gente não vai pegar com nada. Mas já aconteceu de pegar e levar e forjar, porque a polícia incha... Pega, você não tem nada. A polícia sabe ali quem é, e quem não é, e eles deixam. Só entra quando quer algum dinheiro [a polícia não interfere, só interfere quando é para extorquir]. (PLÍNIO, 28 anos, vendedor, Salvador)

A partir do relato, pode-se perceber que os produtos não ficam sob a posse direta dos vendedores, mas em local próximo e seguro. Isso dificulta que eles sejam identificados como donos da droga e presos por tráfico, ou demais crimes associados, e que sejam vítimas de roubos, ocorrência pouco relatada pelos entrevistados⁹.

São critérios para a venda: ser uma pessoa conhecida, moradora do local, consumidora habitual. Se não for do bairro, deve vir acompanhada de alguém que a apresente. A aparência foi outro elemento referido, como se vestir como um morador local, da mesma classe social.

⁹ A atuação inadequada e deletéria do Estado, através da força policial, é relatada em todas as entrevistas e se estende às demais fontes que fizeram parte do trabalho de campo da pesquisa. Esse assunto será tratado em seção própria, posteriormente, dada a sua relevância para o entendimento dos usos da violência.

O usuário também é identificado a partir da atitude que adota na boca, quando se apresenta ansioso e apressado.

Outro elemento identificado é a faixa etária do consumidor, que é prioritariamente composta por jovens, embora tenham sido referidas diversas faixas etárias. (CONCEIÇÃO, 2015)

Se chega um coroa, a gente já fica desconfiado, porque pode ser polícia. Aí a gente diz: aqui não tem disso não, a gente disfarça, se sai... Porque sempre é mais jovem que usa, difícil ser mais velho. Aí você tem que ficar de olho. A gente vai conhecendo, porque vai vendo e fica sabendo das histórias dos outros quando vão presos, ou alguém toma a boca, mata. (ADRIANO, 23 anos, vendedor, Salvador)

Esse dado surgiu a partir da observação de dois usuários de *crack* idosos, que relataram dificuldade de adquirir a droga, por conta da faixa etária e por serem identificados como policiais ou informantes da polícia.

Diante do exposto, fica claro que um ponto de venda, ou uma *boca*, é acessível para quem preenche os critérios estabelecidos pelos vendedores, que são construídos a partir da própria experiência, da história oral do grupo e de outros grupos, e funcionam como uma senha que permite o desenvolvimento da interação entre vendedor e consumidor. Trata-se de uma estratégia de gerenciamento de risco que busca minimizar os conflitos e prejuízos que possam comprometer os vendedores.

9.4 O LUCRO E A APLICAÇÃO DO DINHEIRO

A lucratividade dos mercados de drogas é considerada alta e, segundo diversos autores, supera muito a de outros tipos de mercado. A liquidez imediata do capital torna a atividade ainda mais atrativa e possibilita aos operadores adquirirem diversos tipos de bens. (BOURGOIS, 2010; CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013; REUTER, 2009)

Toda droga dá lucro, só não é melhor porque dá cadeia, mas entra dinheiro, porque isso não para e não vai parar. Muita gente usa e muita gente pra vender. Sai um e entra 10, não para. A gente vê aí, no jornal: a polícia prende, vem e mata dez. No outro dia, tem 20 pra entrar. Você vê muita gente, porque tem necessidade, precisa, e ali ninguém quer saber, bota pra vender, se der, deu, se não der, o cara sai. Os meninos que fazia tipo avião era pra cada coisa que fazia. Tem uns que pagam com droga, eu nunca fiz, porque muitos ainda são novos, e aí o povo não vai gostar, mas tem uns que fazem. Os que olhavam a gente pagava um por semana, toda semana eles iam lá ou mandava. (ENZO, 31 anos, dono de boca, Salvador)

O relato anterior indica um mercado aquecido, com alta demanda pelos consumidores e possibilidade de inserção de mais vendedores. O lucro varia conforme a função e

localização nos diversos segmentos da comercialização e foi diretamente proporcional à posição na hierarquia, ou seja, o *jóquei* ganha menos que o *gerente*, que ganha menos que o *chefe*, que ganha menos que o *cabeça cara*. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

As funções de *olheiro e soldado* recebem uma quantia fixa semanal, em dinheiro. Alguns relataram ganhar parte do pagamento em drogas, que eles revendiam e ficavam com o lucro, outros consumiam a droga. O *vapor* ou *avião* ganha em dinheiro por serviço realizado. O pagamento com drogas exclusivamente era evitado, pois por muitos serem bastante jovens, isso pode ter repercussão negativa na comunidade e pesar contra os demais operadores.

Os *jóqueis* ou vendedores têm lucro variado, dependendo do tempo da jornada, da demanda do dia, do perfil do vendedor, sendo que os relatos foram de, no mínimo, 100 reais por dia. Houve um relato de lucro de 15 reais por dia, mas a informação não era verdadeira, tendo em vista que contrastava com os relatos dos demais, e a quantia era ínfima e não justificava os riscos da atividade.

Umás 50 pedras, era uns 500 reais em dinheiro. Cada uma era 10 reais, eu tirava a porcentagem desses 500, eu tirava 100 reais. Quanto mais eu vendia, mais eu ganhava. Vendia tudo num dia. Tinha muita gente [para comprar], não é só pobre da favela não. Gente de dentro e de fora. Muita gente usa maconha que pega pra usar, depois crack vende mais, muito mais.. Eu não fiquei com nada. Não tenho nem advogado. Quem vem me ver é meu pai, de mês em mês, 2 em 2 meses. Eu não tinha mente, doutora. Na hora, lá, você não pensa, você fica gastando o que entra... Então eu não tinha mente pra comprar uma casa e assim... Se eu tivesse não ia ficar com nada, agora. Mas eu nem pensava nisso. Digo a verdade: o que entra fácil sai fácil. Eu nem pensava que ia ser preso... A gente não pensa não, doutora... Quando tá lá, vive só para vender e de olho no perigo. Nem dormir direito nós pode. É uma vida que só quando nós cai aqui que sabe. Lá é aventura (ALBERTO, 25 anos, vendedor, Salvador)

A estimativa de renda semanal de um pequeno vendedor, calculada a partir apenas da quantia mínima referida, foi de 500 reais por semana e 2000 reais por mês, isso contando apenas cinco dias na semana. Esse valor está acima da perspectiva de renda presente e futura da grande maioria dos moradores de bairros populares da cidade de Salvador, inseridos nas atividades do mercado formal e que recebem salário mínimo. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Quanto a esse aspecto, Bourgois (2010), em seu estudo etnográfico de um bairro popular em Nova York, observou que os vendedores de *crack* ganhavam quantidades que o autor considerou miseráveis, pois não atingiam o dobro do salário mínimo vigente na época. Essa leitura pode se dever a alguns fatores, como ser pequena para o autor e não para os operadores, e pelo fato de que muitos entrevistados do estudo dele vinham de empregos formais, o que pode aumentar o ganho financeiro e os custos trabalhistas. No caso do presente

estudo, muitos são jovens que não conseguem inserção nos mercados formais de trabalho, sendo o tráfico, muitas vezes, a primeira ocupação rentável. (ZALUAR, 1985)

O lucro pode ser maior com a intensificação da jornada, caracterizando uma situação de remuneração proporcional, diferente da realidade da maioria dos trabalhadores assalariados que recebem um salário fixo por mês. A lucratividade de alguns pontos é relatada com satisfação, mas também com preocupação, porque pode ser alvo de cobiça de pessoas de dentro e de fora do grupo.

Você ganha, mas gasta tudo, não dá valor. Porque dinheiro que vem fácil, vai fácil. É assim dinheiro de coisa errada. Não é como do pai de família, que sua pra ganhar. Entra dinheiro, doutora... Tem dia que vende mais, dias que vende menos. Aí, quando o povo vê você vendendo muito, fica de olho, acha que é o ponto. Às vezes nem é, é você mesmo que tem amizade ali, quebra pra um, pra outro, vai ganhando a simpatia e o dinheiro vem. Mas do jeito que vem, vai: compra roupa, comida, gasta com farra, só besteira, tudo ilusão... (BRUNO, 22 anos, vendedor, Salvador)

A fala anterior confirma as oscilações no movimento das vendas e dos rendimentos, próprios de qualquer comércio, e a distinção entre o ‘dinheiro fácil’, oriundo do comércio de drogas, e o dinheiro do “trabalhador”, obtido com atividades não criminosas. Isso confere uma qualidade moral à atividade. O operador, que se distingue do trabalhador, faz com que o dinheiro perca o valor e seja aplicado em coisas que, para ele próprio, são ilusão, não duráveis, descartáveis. (ZALUAR, 1985)

Quanto aos produtos comercializados, o *crack* foi relatado como mais lucrativo, por todos os entrevistados, seguido da cocaína e da maconha, essa última a menos lucrativa. Eles atribuem ao fato de o *crack* ser uma droga barata, portanto, acessível, mas com efeito rápido, o que obriga o consumidor a adquirir mais.

O cálculo do lucro, da porção livre de dinheiro que vai ficar com o vendedor, é feito através de diversos acordos. Alguns falam de consignação, que é um percentual retirado das vendas, sendo que os relatos foram de 20 a 30% na amostra estudada. No estudo de Lima (2013), o percentual encontrado foi de 25 %, ficando os 75% com o patrão.

Os preços praticados foram muito semelhantes entre os grupos, tendo em vista que, se forem discordantes, podem levar a sérios conflitos por concorrência desleal. O valor médio de venda, relatado pelos entrevistados, em Salvador, foi de 10 reais a pedra. A gestão do lucro varia de acordo com o capital acumulado e com a capacidade de cada um de gerenciamento do dinheiro.

Nada, não tenho nada... Comprava coisas para dentro de casa, pros meus filhos, roupa, sapato, farra... Saía para curtir, pra show... Me vestia bem... Não fiquei com nada. Nem advogado aqui eu tenho. Fico

aqui mofando... Minha família é fraca, hoje não tenho nada. Dinheiro fácil a gente não pensa... Muito dinheiro, quem nunca viu, pensa logo em besteira. Eu mesmo comprei um cachorro caro pra minha mulher, ela queria, era desses de revista. (JUAREZ, 23 anos, dono de boca, Salvador)

A principal aplicação do dinheiro é a aquisição de bens de consumo, comida, objetos domésticos, sapatos e roupas, sendo que esses últimos têm um significado especial, pois, além de marcarem a diferença dos demais moradores do bairro, que não têm condições de comprá-los, os distinguem dos integrantes de grupos rivais, que podem se vestir ou usar acessórios, como bonés, que são característicos de determinado grupo.

A referência à raça do cachorro, bem como outras, como a marcas de roupas, como Tommy, Lacoste, consideradas caras, indica o grau de poder aquisitivo das pessoas do tráfico, constituindo objeto de desejo de muitas estão fora dele. Elas podem ainda gastar o dinheiro com aquisição de armas, drogas, para consumo próprio, bebidas, presentear as companheiras, fazer farras com os parceiros, bem como ajudar a família a adquirir bens móveis e imóveis. (BOURGOIS, 2010; CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Os chefes e gerentes que conseguem acumular mais capital relatam hospedagens em hotéis caros, bem como aquisição de bens duráveis como casas e carros.

Eu era traficante, ganhava muito dinheiro, tinha carro, casas, ajudei minha família, arrumei a casa da minha mãe. Tenho ainda, não vou mentir não. E tinha que ter pra pagar advogado e polícia, quando vinha extorquir. Eles não querem saber não, você tem que ter pra viver com essa gente toda. E foi isso que pôde me ajudar a não voltar pro crime, eu ter minhas coisas pra me manter e ajudar minha família. Porque dinheiro vicia, você não quer largar mais, só pensa em mais... (ENZO, 31 anos, dono de boca, Salvador)

Pelo relato anterior, pode-se perceber que o entrevistado conseguiu manter uma reserva financeira para enfrentar situações difíceis, como os casos de extorsão, quando precisam pagar aos policiais para não ser presos, e advogados particulares quando são presos. Outra questão que aparece é o desejo de ganhar mais dinheiro, tendo em vista que eles se acostumam a um estilo de vida mais confortável e caro. (CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013)

Enche os olhos... Você pode comprar as coisas, roupa, sapato, tudo que é bom... Mas a senhora sabe: uma coisa que a gente compra com suor do trabalho a gente demora tempo pra trocar. Já uma assim, que vem fácil, não... Você compra, logo abusa e quer outra. Isso não pára... E todo mundo vê, fica de olho, pode ter cobiça... (PABLO, 25 anos, dono de boca, Salvador)

O entrevistado reconhece o volume considerável de dinheiro, a dificuldade de eger formas mais seguras de utilização, os efeitos do consumismo e a volatilidade das coisas que caracterizam a sociedade de um modo geral. (BOURGOIS, 2010)

Um efeito do acúmulo de capital relatado pelos entrevistados foi a ostentação, que consiste em gastar muito, exibindo, de modo proposital ou não, o poder aquisitivo. Eles podem comprar anéis de ouro, pulseiras, relógios, ou fazer despesas consideradas desnecessárias ou exageradas, com uma conotação de acumulação e desperdício. Esse comportamento desperta a atenção dos demais, podendo gerar admiração e demonstrar poder, mas pode levar à cobiça por parte dos integrantes do próprio grupo, rivais e policiais.

Bourgois (2010) coloca que os operadores dos mercados de drogas estão sob a lógica do consumo desenfreado e individualista da sociedade norte-americana, que converte em fetiche bens e serviços e, por isso, apesar de terem certo rendimento, eles chegam ao final de suas carreiras em situação de pobreza. Ele os intitula traficantes de salário mínimo, pela desproporção entre seus ganhos e o modo como evoluem nas suas carreiras, pois gastam muito com itens considerados descartáveis.

A lavagem de dinheiro, que se caracteriza por tornar lícito o capital ilícito, é muito rara no segmento varejista de drogas. Uma das razões levantadas por Bourgois (2010) para isso é que os operadores não têm capital cultural para lidar com as exigências da burocracia que envolve a legalização de empresas e outros empreendimentos formais. Ainda assim, houve dois relatos de lavagem de dinheiro. Um deles conseguiu adquirir carros que faziam parte de uma frota de táxi, e outro comprou casas em bairros diferentes do que morava e ganhava com a renda de aluguéis. Ambos tinham posição de liderança e chefiavam bairros da cidade.

O lucro que pode ser inferido nas entrevistas, multiplicado pelo número de operadores, constitui um montante de dinheiro em espécie que circula dentro e fora da comunidade, movimentando a economia formal e informal, sem que haja, por parte dos beneficiados, qualquer questionamento sobre sua origem.

É bom quando eles [operadores] vêm comprar, porque eles tiram um bolo de dinheiro, pagam tudo em dinheiro e gastam cinco, seis mil de uma vez, tudo roupa cara, de marca. Isso aumenta a comissão da gente. Às vezes, é o que você ganha em uma semana, dependendo do movimento, até um mês. Eles mandam descer um monte de peça e leva muitas. Pelo jeito, a gente vê que não é acostumado, porque ninguém faz isso. Hoje, quem compra paga mais em cartão. Eles não, é dinheiro vivo. (LUCIANA, 22 anos, vendedora de loja de roupas de *shopping*)

O testemunho da vendedora confirma a aquisição de objetos caros pelos operadores, o exagero e o uso de dinheiro em espécie, além da facilidade de gastar e escoar o capital sem que haja qualquer fiscalização, tendo em vista que não é interessante, para o vendedor, a loja coibir a venda. É um exemplo do modo como o tráfico aquece a economia, mesmo em locais fora dos bairros populares.

10 AS ARMAS DE FOGO

As armas de fogo têm papel fundamental no cenário das organizações do tráfico de drogas porque estão relacionadas aos altos índices de lesões graves, seguidas de morte ou sequelas. Os operadores demonstraram grande entusiasmo quando falavam sobre usos, tipos, posse, aprendizagem de manejo, formas de aquisição e poder de fogo. Seus usos movimentam outros mercados ilegais locais e internacionais de armas e ajudam a construir a reputação dos envolvidos, além de fomentar o ciclo da violência. (CONCEIÇÃO, 2015; LESSING, 2005; LIMA, 2013; RIVERO, 2005)

10.1 ADQUIRINDO ARMAS DE FOGO

A obtenção das armas de fogo foi relatada como de extrema facilidade, porém a negociação depende do tipo de arma e de contatos com o mundo do crime. As armas consideradas mais simples, como revólveres calibre 22 ou 38, podem ser compradas em feiras livres ou através de pessoas que levam o produto até o comprador, para que possa escolher. Quanto às armas de maior poder de fogo, como pistolas, fuzis, escopetas, metralhadoras e granadas, elas podem ser adquiridas no âmbito local, através da polícia e das forças armadas ou do tráfico internacional de armas.

Eu tinha um 38 [revólver] pra me proteger e proteger a droga. A coisa mais fácil nesse meio é comprar arma. Tem sempre alguém que vende, eu tinha um 38... Mas podia ser outras, tem pra escolher. Aí tem os contatos e tem gente que faz só isso... Era bom, tem vários valores. Pistola é mais caro, e por aí vai [o preço varia de acordo com o tipo de arma]... Mas não tem dificuldade. Nesse meio você sabe tudo. (ARTUR, 30 anos, dono de boca, Salvador)

Pode-se perceber a disponibilidade de armas para venda, diversidade de tipos e a importância de ter os contatos para viabilizar a compra, o que caracteriza um mercado bastante aquecido. A justificativa para ter uma arma como segurança aponta para a eficácia delas diante dos riscos envolvidos na atividade do tráfico, em que pessoas são mortas por tentar roubar ou proteger as drogas.

A facilidade de aquisição de armas chega a ser alvo de brincadeiras como: “todo mundo sabe, isso é comum”, ou “tem sempre alguém que vende”. Isso faz com que o porte seja algo comum e os operadores possam ser presos por porte ilegal, sendo, muitas vezes, a primeira causa de prisão ou um fator para agravamento da pena por tráfico de drogas. As

sentenças curtas por porte ilegal de arma funcionam com porta giratória, em que os operadores são soltos rapidamente, retornam para a atividade do tráfico, e, por não serem reincidentes, têm maiores riscos de ser presos novamente e sofrer vitimização fatal. (LESSING, 2005; RIVERO, 2005)

Apesar do discurso público acerca de envolvidos que roubam armas de policiais, seguranças e forças armadas, essa prática não foi referida. Parece mais uma justificativa das instâncias de segurança para tentar explicar o repasse ou a negociação de armas de uso exclusivo ou com registro oficial para integrantes do tráfico. Mesmo porque não é considerado vantajoso e seguro atacar policiais para adquirir armas, tendo em vista que a resposta desse grupo é letal e há meios menos arriscados de obtê-las.

Para isso, contam com grande poder de aliciamento de integrantes da polícia e das forças armadas, estabelecendo mais um tentáculo no amplo esquema de corrupção que envolve os negociantes de drogas e o poder público. Nesse contexto, as armas de fogo passam a ter uma dimensão de mercadoria política, em que um bem e um poder que deveriam ser públicos – armas de uso exclusivo do Estado – são expropriados e apropriados por um grupo privado. (LESSING, 2005; MISSE, 2007; RIVERO, 2005)

O tráfico internacional de armas é outra forma de compra, o que constitui um exemplo importante da interface entre uma atividade ilegal e altamente criminalizada, cujo produto de comercialização não passa por regulamentação, podendo ser de baixa qualidade, como o *crack*, e outra, que dispõe de grande regulamentação, cujos produtos, as armas, devem atender a critérios internacionais rigorosos, tendo, para tanto, supervisão e orientação de integrantes do serviço público que conhecem as leis e normas de fabricação. (NAYLOR, 2000; RUGGIERO, 2005)

Ai você diz o que você quer, fuzil, metralhadora, olha tudo. Aí tem gente que vai buscar, já tem gente certa pra isso. Você nem precisa ir lá. Manda a pessoa certa, que já tem o contato, diz o que quer e vem ou vai buscar. A gente recebe e paga, não tem erro, porque não é barato não, e ali você tem que ter cuidado com que vai usar, pra não fazer besteira. (FRANCISCO, 30 anos, dono de boca, Salvador)

O relato aborda as negociações nas redes do comércio ilegal de armas, a variedade de produtos e preços, que são mais caros que os encontrados no mercado local. Nas transações, alguém é pago por viagem, para pegar as armas nos locais indicados e trazer em segurança para a organização. Além disso, o tráfico internacional de armas é um segmento em que as mercadorias são mais caras do que no mercado formal, pois são de mais difícil obtenção, requerem controle de qualidade maior e estrutura de fabricação sofisticada, para atender aos

padrões de regulamentação internacional. Para isso, existem pessoas que têm profundo conhecimento do assunto e estão ligadas aos grupos legais de fabricação de armas de fogo. Essa atividade faz parte do crime organizado, pois envolve funcionários públicos com conhecimento específico do assunto. (LESSING, 2005; NAYLOR, 2000; REUTERS, 2009; RIVERO, 2005; RUGGIERO, 2005)

Outra questão apontada pelo entrevistado diz respeito aos critérios para disponibilização de armas dentro do grupo, pois reputação, merecimento e risco da função pesam para que alguns possam usar armas de maior ou menor porte. As armas de maior porte, bem como a munição, são propriedade do dono da boca, que pode tomá-las ou trocá-las por outras de maior ou menor porte, a qualquer momento, a depender do comportamento do operador, o que funciona como sistema de recompensa e castigo. Foram relatadas duas situações em que o chefe deu a dois soldados pistolas de presente, como forma de reconhecimento por bons serviços prestados. (LESSING, 2008)

Arma tem de todo jeito... Só é você querer que tem, compra... Eles dão [os donos de boca], fica na mão e você tem que cuidar, aquelas assim, tipo pistola, fuzil... Agora você pode ter a sua. Não pode quebrar [perder] a deles, porque você vai ter que pagar. Tem que proteger eles mesmo e nossa vida. Às vezes, a própria polícia vende, traz... E compra fácil... Isso ai tem demais. Fuzil é maior, mas hoje é leve, e dispara muito se precisar. (RICARDO, 23 anos, soldado, Salvador)

Os relatos sobre a facilidade de adquirir armas se repetem, bem como a presença de armamento mais pesado. Elas são fornecidas para uso dos integrantes, que devem zelar por elas, inclusive economizando munição. A polícia, como fornecedora de armas, é muito mencionada, tendo em vista que muitas armas apreendidas são de seu uso exclusivo ou das forças armadas.

Outra questão que aparece é o contato privilegiado do chefe ou gerente com os traficantes de armas. Isso aponta diretamente para o capital acumulado da Organização do Tráfego de Drogas (OTD) e seu maior grau de concentração, pois as negociações envolvem grande quantidade de dinheiro e redes para carregamento de armas, para transporte seguro dessas mercadorias.

O aluguel e a proibição do uso ou porte de armas compradas com o próprio dinheiro pelos operadores não foram observados em nenhuma entrevista. Em contrapartida, foi referido o empréstimo para grupos pertencentes às mesmas organizações, que atuam em territórios diferentes, para enfrentar rivais ou invadir áreas cujas negociações para fusão não tiveram êxito, ou para grupos que estão em processo de aproximação para adesão. Nesse último caso,

a disponibilização das armas serve como uma estratégia de cooperação e demonstração das vantagens da fusão dos grupos.

10.2 APRENDENDO A MANEJAR ARMAS

A aprendizagem para manejar as armas acontece no enfrentamento direto das situações de risco. Não há um momento específico para treinamento. Isso acontece por diversos motivos, como evitar a perda de munição, o que seria um custo adicional para a organização ou para o operador, se a arma for de sua propriedade. Há ainda a possibilidade de os disparos despertarem a atenção dos vizinhos e da polícia. Além disso, para armas de grande poder de fogo, como fuzis e metralhadoras, o treinamento é praticamente impossível, tendo em vista o poder de destruição, a magnitude dos danos e a maior visibilidade de uma ação desse tipo. Eles informaram que as armas são de fácil manejo, leves e práticas, não se encontrando maiores dificuldades para o uso.

Arma se aprende usando, não tem essa de antes não... Gente é igual a papagaio, vê e aprende, né? Você também tem que cuidar da arma, se proteger e fazer o que tem que fazer. Era um 38. Eles dão, a gente compra, depende... Você vai vendo, quando precisar usa. Tem uns que ficam com fuzil, depende do lugar, assim, bairro grande do soldado. (TITO, 23 anos, soldado, Salvador)

Percebe-se que a aprendizagem se dá pelo uso, no dia a dia, à medida que a necessidade aparece, durante alguma intervenção, quando se observam os demais, ou pela leitura do manual da arma de maior complexidade e através da explicação básica dos pares, que estão mais familiarizados com elas. Há relatos raros de acidentes contra o próprio portador durante o uso, a limpeza e a guarda das armas, como, por exemplo, quando uma delas disparou na mão do vendedor e ele ficou com limitações, não conseguia mexer a mão. Um dos motivos para a raridade dessa ocorrência é a alta qualidade, pois as armas são eficazes e oferecem proteção contra disparos acidentais.

Além de tudo que foi explicitado, os moradores dos bairros populares são expostos precocemente a armas, tanto pela polícia quanto pelos operadores, o que pode fazer com que eles aprendam a manejar muito facilmente, pela familiaridade e a convivência com esses instrumentos. Trocas de tiros, recarga de munição e outras formas de utilização acabam sendo presenciadas e armazenadas na memória dos moradores.

10.3 PODER DE FOGO, TIPOS DE ARMAS E REPUTAÇÃO

A utilização de armas de fogo para execuções foi relatada como a preferida por todos os entrevistados, pelo fato de causar lesões graves e letais. Ela faz com que o risco de reação da vítima diminua e reduz o tempo de interação entre vítima e agressor. (MATTHEWS, 2002)

Esse tipo de utilização contribui para reforçar a organização, a reputação dos integrantes e aumentar o sentimento de masculinidade e virilidade, comumente relacionado ao poder nos contextos de pobreza e vulnerabilidade. (ZALUAR, 1985)

Aí vem a arma, você fica mais ainda [excitado], dá uma adrenalina... Aí vem a coisa de disputa, você tem que se proteger, não pode dar bofeira. Arma é fácil demais... Eles vêm mostrar, outros trazem, chega a você. Eu sei que tem outras, mas eu usava revólver sempre. Aí, não vou mentir não, tive que fazer [matar]... Senão era a minha [morte]... Se eu não fizer, vai ser a minha... (EMERSON, 22 anos, vendedor, Ilha de Itaparica)

O entrevistado fala do poder e da excitação provocados pelas armas de fogo, que potencializam a sensação de risco iminente ou adrenalina, característica de algumas atividades criminosas, da banalização do uso de armas e das mortes, como se fossem inevitáveis e esperadas. Além disso, ele atuava numa região onde o tráfico era bastante fragmentado e pouco capitalizado, sendo usadas apenas armas de pequeno porte, como revólveres velhos e armas artesanais. Nesses casos, muitos se mostram envergonhados, como se pertencessem a um grupo inferior, sempre menosprezando o tipo de arma que possuem, apenas um revólver, e não um fuzil.

Embora os tipos de armamento difiram entre os grupos, em ambos, erros de manejo ou exibição das armas podem ser fatais, contribuindo para uma reputação negativa e levando a uma cascata de problemas irreversíveis.

Hoje em dia, vagabundo anda com fuzil no peito, saco de droga na mão, no meio de criança correndo pra lá e pra cá, vendo isso... A comunidade não gosta não. Vai gostar de ver seu filho, seu neto, no meio daquilo? Aí qualquer coisa, isso aí atrai pessoas, todo mundo sabe que ali vende drogas, então não vá se meter lá... Então não precisa mostrar arma, fazer um baseado desse tamanho [grande] e ficar fumando na porta das mães de família. E tem uns que, quando reclamam, até mandam pra aquele lugar, dá com a mão [usa gestos e palavras obscenas]... Isso nunca acaba bem, doutora, nunca! Acaba tudo morrendo, criando problema... (SANDRO, 45 anos, dono de boca, Salvador)

O comportamento público francamente desrespeitoso, ameaçador e beligerante acumula ressentimentos e faz com que a comunidade passe a rejeitar o grupo e a criar situações difíceis para os envolvidos, como denúncias anônimas, contatos com policiais de outras corporações e pedidos de intervenção policial. Nesse sentido, percebe-se que as armas

ajudam a construir a reputação dos indivíduos e são cedidas com a observância de aspectos que minimizem perdas, danos e riscos para a organização.

Como é que a gente vai colocar um fuzil na mão de qualquer um, doutora? Não pode! É caro demais! Depois faz uma besteira... Revólver não. É pra segurança dele, aí dá, mas uma mais cara, uma ponto 40 [pistola]? Aí é um perigo... Dispara pra valer, aí o problema tá criado e não tem volta. (ENZO, 31 anos, Chefe, Salvador)

As armas são disponibilizadas segundo critérios, como autocontrole, risco de perda da arma, de munição, exposição desnecessária, ou seja, situações que podem significar mais problemas para a organização. Entretanto o porte de armas geralmente adquiridas com o dinheiro dos próprios operadores, para defesa pessoal, é permitido pelas organizações. Eles são cobrados pelo mau uso, mas não pelo porte e pelo uso devido.

Embora a letalidade das armas de fogo seja conhecida, os relatos em relação ao uso de armas mais baratas, como revólveres 38 e 22, sempre as consideravam como armas bobas, fracas, enquanto os depoimentos acerca de fuzis, pistolas e submetralhadoras enfatizavam que essas eram “armas de verdade”.

Eu nunca botei a mão num fuzil, nem pistola, eu nem sei como usa isso. Eu usava uma pequena, era só um 38 [fala sorrindo, como se não tivesse importância] e nem era novo. Eu comprei na mão do cara lá que leva pra feira. Era só pra me proteger, no caso de alguém tentar contra minha vida, querer levar o que é meu, eu não ia deixar. (OLAVO, 28 anos, vendedor, Salvador)

A diferenciação entre os tipos de armas foi bastante utilizada para minimizar a própria periculosidade, o envolvimento com as organizações, causar melhor impressão à pesquisadora, e também serviu como uma forma de mostrar a distinção entre a figura do traficante e a do vendedor, pois o primeiro porta armamento mais pesado, e os demais usam armas mais simples.

Diferentemente dos achados de Zaluar (1985), que aborda o tráfico de drogas em um bairro popular da cidade do Rio de Janeiro, onde os envolvidos não eram bem vindos às agremiações da escola de samba, porque portavam armas e poderiam criar problemas, hoje vemos que, mesmo com as armas, eles ocupam cada vez mais espaços, chegando a financiar eventos sociais e festivos. O tráfico movimenta a economia local em diversos setores, dando respostas imediatas às questões da população, acumulando poder, tornando-se peça-chave e construindo uma autoridade muitas vezes mais respeitada do que a do poder público.

Outras questões dizem respeito à existência de armamentos pesados, como lançadores de granadas, e armas capazes de derrubar aviões, apreendidos durante incursões da polícia, o

que aponta para uma corrida armamentista que visa a demonstrar supremacia bélica e inibir ataques de grupos rivais. Os armamentos possuem um forte componente simbólico de poder, e sua simples presença provoca medo e intimidação, mesmo que as chances de uso sejam mínimas. Isso também pode funcionar de modo reverso e despertar a cobiça e o desejo de posse, e as armas podem ser tomadas à custa das mortes dos integrantes. A aquisição desse tipo de armamento pode ser uma estratégia dos mercados ilegais de venda casada, que consiste na negociação de vários tipos de produtos para reduzir o estoque e o preço de outras mercadorias de maior demanda, como fuzis, pistolas, quando compradas em conjunto.

11 AS MULHERES COMO OPERADORAS DO TRÁFICO

A comercialização de drogas nos bairros populares ainda é feita predominantemente por pessoas do sexo masculino. Por muito tempo, os estudos mostravam que as mulheres entravam no tráfico de drogas por influência dos parceiros afetivos, cuja relação as aproximava de práticas ditas periféricas ou secundárias, como guardar armas e drogas, cortar (dividir), pagar, embalar e levar para o interior das prisões, muitas vezes dentro do próprio corpo. (CARVALHO; JESUS, 2012; LIMA, 2013)

A maioria é homem, muito menino [jovens], muito... Mas mulher a gente já vê mais. Elas pegam também pra vender, porque têm precisão, têm os filhos pra sustentar, fica só... Elas pedem pra falar com o patrão e pede pra vender e não dá problema, vende, paga, não dá problema. Agora a gente já tem aquelas que aparece mais, que chega até ser chefe. É mais difícil mas tem, a gente ouve falar e elas aparecem na TV também. (FELIPE, 23 anos, vendedor, Salvador)

O relato anterior mostra a presença expressiva dos homens nesses mercados e a entrada progressiva das mulheres na comercialização nas ruas. Elas vêm ocupando, cada vez mais, espaços e posições mais centrais, que antes eram quase exclusivas dos homens, como a venda de drogas no varejo, cargos de comando, donas de boca e gerentes.

Eu venho de família pobre, fraca. Não tive pai e cedo trabalhei na casa de família... Muito fraca, doutora, não sei o que é carinho de pai nem mãe. Tinha que correr atrás. Tive filho cedo e vivia pra trabalhar. Não dei sorte com marido, não ficava, não aguentava, uns bebiam e aí fui largando... Eu comecei nisso aí... Eu digo que começou quando eu tinha uns 25 anos, usava maconha e depois foi usar crack, pura curiosidade. Aí eu me viciiei, comprava pra usar, depois comprava e repassava... E usava também, de tudo, crack, cocaína e maconha. Eu usava escondido, pra minha família não ver. Um dia, meu filho pegou, eu fiquei uns 15 dias sem ir em casa. Fiquei com vergonha dele. Não tinha coragem de olhar pra ele. Como eu vou mandar nele? Ele vai me respeitar se me viu usando droga, doutora? Eu fiquei com eles só. Eu tinha seis filhos (dois de um pai, um de outro, três de outro) e nenhum pai me ajudava. Aí eu tinha que fazer algum dinheiro. Eu liguei (ligadura de trompas como método definitivo de anticoncepção), mas foi difícil conseguir ligar, foi depois de um tempo, demorou muito pra ligar. Aí, nesse tempo os filhos foram chegando. As mulheres entram muito por necessidade, precisão, têm filho, ficam com os filhos, sozinhas. E aí têm que se virar, têm que colocar comida em casa, e ver os filhos na necessidade, aí não dá para ninguém, ninguém aguenta, e muitas não têm condição de arranjar emprego não, doutora, passa necessidade mesmo... Aí vê a droga ali na porta, todo mundo ganhando um seu, entra um pouco ali, outro aqui. Aí passa a vender, mas a maioria é pequena quantidade, é uma oportunidade que chega... Outra vez faz uma correria [serviços] pra eles, vai entrando, ganhando um dinheiro, quando vê já tá dentro. Tem umas que rouba, mas a maioria não quer roubar, porque roubar não fica badalando (exposta)... Droga você fica mais de quebrada [escondida]. (FLÁVIA, 52 anos, artesã, vendedora, procedente de Salvador)

É evidente o histórico de dificuldades ao longo da vida da informante: perdas, falta de suporte social e afetivo, necessidade de manter a prole e o acesso complicado a métodos contraceptivos definitivos como a ligadura de trompas, mesmo quando a mulher preenche os critérios para a ligadura. Essa realidade envolve uma confluência de fatores negativos que vão

se sucedendo e comprometendo as gerações ao longo do tempo, nessas localidades, e não difere da maior parte do relato dos homens da amostra.

As motivações, antes muito relacionadas aos vínculos afetivos com os parceiros, vêm mudando para a satisfação de necessidades imediatas, como sustentar os filhos, manter a casa, pagar contas e adquirir bens de consumo e demais demandas resultantes da responsabilidade crescente da mulher na chefia dos lares e como referência exclusiva dos filhos. (CARVALHO; JESUS, 2012)

Percebe-se a dificuldade de inserção em outros mercados informais, e a possibilidade de ganho imediato para atender às necessidades do dia a dia e construir um capital, melhorando a vida da família, ao menos no aspecto material, torna a atividade mais atrativa, apesar da percepção de que é uma atividade altamente criminalizada e ilegal.

As entrevistadas relataram diferenças entre a prática de roubos e o tráfico. Consideram que os roubos as expõem mais, além do fato de o tráfico poder ser feito perto da residência, onde contam com uma rede de proteção do grupo, não precisam se afastar dos filhos, combinando o trabalho doméstico com a ocupação ilegal.

Outra questão que apareceu nesse relato é a dificuldade de se manter como autoridade e referência diante dos filhos, pois dificilmente elas vão conseguir esconder por muito tempo seu envolvimento na venda de drogas.

As mulheres vêm avançando também nas posições de liderança, em que chegam a ocupar cargos de gerente, donas de boca, comandando grupos, algumas com grande visibilidade e repercussão na mídia.

Eu trabalhava, tinha minha renda e tô nessa há muito tempo, doutora. Eu comecei com um deles, namorando, aí fui fazendo uma coisa, outra, fui ganhando a confiança deles. Trabalhava pra ele no bairro e aí ele viu meu serviço e gostou. Ele confiava em mim. Aí eles brigaram e dividiu o grupo, então, o outro me disse: vem comigo, que você merece mais, eu vou lhe pagar bem mais, ele não te valoriza, você vai ser minha gerente, meu braço direito. Ele tinha vários bairros, ganhava muito dinheiro mesmo, era mala de dinheiro... Mas aí o problema é que você ganha dinheiro, gera cobiça, os outros veem e não gostam, aprontam com você. Eu não era nascida e criada no bairro, que já é um problema, porque a maioria é. Eu só tenho minha mãe, então eu deixei minha mãe em um bairro e fico lá com eles. Vejo minha mãe de vez em quando, porque eu tenho medo que peguem ela pra fazer alguma maldade. Eu só tenho ela nessa vida. Ela não gosta do que eu faço, mas me apoia. Era muito homem pra eu comandar, e muito dinheiro. Fim de semana, eu saía recolhendo tudo, fazendo pagamento, vinha tudo pra minha mão. Às vezes, eu ia pra um hotel, desses resort na linha verde. Cansei de ficar lá, pra contar dinheiro, droga, fazer as lista, dos débitos, das despesas, porque isso você não pode fazer lá... Era muito dinheiro, muito mesmo... Muita gente pra comandar, mas, sabe, isso vai deixando gente de olho em cima de você, vão fazendo coisa pra você se dar mal. Era muito dinheiro, muito mesmo, e sem contar a polícia que persegue, quer o dela... Tudo isso não pode ser lá, tem que ser num lugar que não levanta suspeita. Você se hospeda e aí fica de boa, toda arrumada, tudo do bom e do melhor, ninguém nunca diz que você é envolvida... (ELISA, 28 anos, branca, região metropolitana de Salvador)

Ocupar a posição de gerente, para as mulheres, envolve as mesmas atribuições e habilidades que são requeridas para os homens, como fazer pagamentos, transporte para os grandes donos de boca ou de bairros, acumulando grande poder e despertando sentimentos de cobiça e rivalidade dos demais, tal qual ocorre com os gerentes homens.

No relato anterior, ela destaca que enfrentou grande dificuldade por não ser do bairro, condição importante para fazer parte do esquema local de comercialização, semelhante ao que ocorre com os homens, pois ter conhecimento sobre a história da pessoa bem como de sua família servem para fortalecer a confiança e os laços do grupo.

A diferença é que a mulher desperta menos a atenção de terceiros do que os homens, pois sua imagem não é comumente associada à atividade ilegal.

Eu já trabalhei com mulher, elas eram melhores que muitos homens, faziam tudo certo, não tinha problema. Tem umas mesmo que é até pior. Eu conhecia uma que mandava barbarizar, não tinha pena não... Ela tinha coragem, enfrentava os homens, morreu com 26 anos. Entrou nessa vida com 18 anos. Começou usando e passou a vender, alugou a casa e foi vender. Ela só andava com um 38 [revólver]. Deixou só uma casa pros filhos. Ela gostava de balada, se vestia bem e, no parque de exposição, só dava ela... Ela tinha o ponto de pegar certinho. A gente morava tudo próximo. Quem devia a ela, não tinha esse negócio [não deixava de aplicar sanções], mandava mesmo, mandava cortar, porque sabe que não pode andar errado, ela seguia tudo certo. (SIDNEI, 39 anos, vendedor, região metropolitana de Salvador)

Esse último relato confirma o de muitos entrevistados, segundo os quais as mulheres são descritas como organizadas, disciplinadas, não sendo causadoras de conflitos. A percepção de diferença de gênero aparece aqui quando o homem espera que a mulher seja mais sensível e se admira quando ela se mostra “fria” e capaz de fazer as mesmas coisas que são atribuídas ao homem, como a crueldade, os castigos físicos.

Um dado interessante é que, em nenhum relato dos homens sobre as mulheres, elas são tratadas de modo diferente pelo fato de serem mulheres. No entanto, embora entrem no mesmo código de conduta deles, elas se envolvem menos em conflitos.

Durante a pesquisa, não houve referência a mulheres em postos semelhantes aos dos *soldados* e *olheiros*, talvez porque muitas acumulem funções do cuidado com casa e filhos, não tendo tempo disponível para fazer a vigilância, que requer uma jornada maior. Observou-se também que agressões físicas e homicídios, atuações comuns aos soldados, não foram comportamentos associados às mulheres, mesmo quando sentenciadas por outros crimes.

Deve-se ressaltar, entretanto, que a amostra reduzida de mulheres, no presente estudo, limita as conclusões e possíveis extrapolações, que ficam restritas ao grupo abordado. Para conhecer melhor essa realidade, que envolve as repercussões de sua participação no tráfico

para elas próprias, a prole e a sociedade, é necessário um estudo específico, que é extremamente relevante, mas foge ao escopo desta pesquisa. (ZALUAR, 1985)

12 GERENCIAMENTO DE CONFLITOS, JUSTIÇA INFORMAL E VIOLÊNCIA

O controle territorial permanente é uma característica importante das organizações do tráfico de drogas que atuam nos bairros populares. Elas buscam manter a hegemonia, expandir seus domínios, conquistando outras áreas de venda. Por isso, os operadores devem estar atentos aos acontecimentos que possam ter desdobramentos negativos para a organização. (BRANTINGHAM; BRANTINGHAM, 2010; CONCEIÇÃO, 2015; GRILLO, 2013; LIMA, 2013)

Elas se utilizam de diversas técnicas de controle territorial, como os soldados e olheiros, que mantêm o local de atuação protegido, e cuja presença funciona como uma forma de violência psicológica, pela ameaça constante e pela construção de uma linguagem verbal e não verbal que define uma situação favorável para os operadores. Desse modo, a violência está instalada permanentemente nesses locais; não se trata de um uso apenas em ocasiões pontuais. (CONCEIÇÃO, 2015; GOFFMAN, 1985)

Além disso, a atitude intimidadora e ameaçadora se impõe ao longo do tempo, juntamente com as transformações nas relações, que passam a ter como objetivo a manutenção de uma atividade comercial ilegal, criminalizada, contínua e altamente lucrativa. Nesse sentido, conhecer os hábitos e os costumes locais é extremamente importante para detectar possíveis problemas e antecipar ações. (CONCEIÇÃO, 2015; ZALUAR, 1985)

Os conflitos podem ser intraorganizacionais e extraorganizacionais.¹⁰ Eles envolvem os problemas surgidos na interação com os simples moradores não envolvidos, as disputas entre diferentes organizações e os conflitos entre a organização e as polícias. Cada um desses grupos precisa de um manejo específico, e nem todos os problemas requerem intervenção por parte deles. Para que isso ocorra, é necessário que o incidente fira o código de conduta estabelecido no mundo do crime, ameace a ordem pública, atraia a atenção da polícia para o local, ou comprometa a lucratividade do negócio.

Nesse sentido, os integrantes das empresas criminais precisam ter habilidade para responder às demandas que surgem e realizar intervenções que funcionem como exemplos de justiça para os implicados direta ou indiretamente no problema. A justiça, nesse contexto, pode ser melhor entendida utilizando-se o conceito de justiça informal, tendo em vista que os operadores não podem recorrer aos meios formais para solucionar seus problemas, além do

¹⁰ Embora o estudo se concentre na abordagem da violência sistêmica, segundo o modelo tripartite de Goldstein (1985), as outras formas de violência, econômica e farmacológica, podem desencadear conflitos que repercutam na primeira. Portanto, essa divisão foi adotada para fins analíticos, mas entendesse que essas categorias se influenciam mutuamente no cotidiano do comércio de drogas nos bairros populares.

fato de que, muitas vezes, as práticas informais são mais acessíveis e céleres. (CONCEIÇÃO, 2015; JACOBS; WRIGHT, 2006)

Um fator que se mostrou importante para a forma como a violência é utilizada foi a personalidade do chefe. Alguns deles se impõem pelo medo e são descritos como mais agressivos, pois ordenam que as mortes sejam precedidas por atos de crueldade física, como cortes de pedaços do corpo, queimaduras e outras formas de tortura física. Já outros são mais negociadores, racionais, menos cruéis, tendendo a empregar a violência de modo mais instrumental e menos expressivo que os primeiros. Estes constroem o reconhecimento baseado no respeito e no senso de justiça. Essas características são fundamentais para se entender o modo como a organização enfrenta seus conflitos e as repercussões sobre os operadores, a comunidade, as polícias e a opinião pública. (CONCEIÇÃO, 2015; ZALUAR, 1985)

Depende de cada um. Tem uns que não têm pena, doutora. Manda pegar, cortar, fazer miséria, porque os que estão vendo ficam com medo e ninguém vai mexer com ele. Mas ele mesmo, ali tem gente do lado dele que guarda e ninguém gosta de esculacho, pagação, né? Por isso que muitos aí morre. Lá na minha área foi assim. Ele morreu [chefe], foi gente do lado dele. Ele fazia o que queria e uma hora pagou. Tá tudo ali junto, mas ninguém confia em ninguém. Hoje tá lá em cima, cheio de soldado. Uma daqueles ali vai lá, por besteira e mata mesmo, todos com arma na mão. E, às vezes, quer o lugar, as vezes disse de um jeito que não agradou. Tem de tudo. Outros são mais pelo certo. Tem mais mente. Faz de um jeito que ninguém reclama, é pelo justo. (DORIVAL, 26 anos, soldado, Salvador)

Percebe-se que as ações do chefe geram diversos tipos de sentimento, que nem sempre são expressos no momento. Muitos guardam rancor, e isso pode desencadear graves consequências para ele e a organização. Podem atentar contra a vida dele, ou criar outras situações que desestabilizem o grupo. O entrevistado fala de vários tipos de liderança e conclui que o uso instrumental da violência é mais adequado, provoca menos problemas e é mais seguro para a própria liderança. A opinião pública é relevante, porque ela dá sustentação à organização e extrapola a comunidade, podendo atingir segmentos maiores da sociedade através dos veículos de comunicação de massa, como TV e jornais, que veiculam atos das organizações, as quais passam a ter visibilidade e a requerer intervenção das forças policiais.

12.1 CONFLITOS INTRAORGANIZACIONAIS

Os conflitos intraorganizacionais são resultantes de disputas internas, dívidas, perda de armas, drogas e munição, delação ou caguetagem, além de atitudes equivocadas sem anuência do gerente ou chefe. As sanções adotadas podem seguir um gradiente de intensidade de uso de

violência, que consiste em avisos, ameaças, surras, espancamentos, com ou sem mais torturas físicas e morte, ou serem aplicadas medidas mais graves, a depender do tipo de infração, reincidência, reputação do acusado ou de sua família e do grupo ao qual pertence.

As organizações do tráfico contam com um número considerável de operadores distribuídos em diferentes níveis hierárquicos. Eles disputam por cargos, ambicionam posições mais lucrativas, buscam obter a aprovação e a admiração do chefe e, muitas vezes, desejam seu lugar. Embora a inveja e a cobiça estejam presentes nos mais diversos âmbitos sociais, elas assumem especificidades decorrentes da ilegalidade e da aceitação e uso da violência para solucionar conflitos. Essa competitividade interna compromete a confiança entre eles e os coloca em situação de risco permanente. (CONCEIÇÃO, 2015; REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013)

Sempre tem um bocado de gente trabalhando, né? É um lugar mais privilegiado [soldado]. Aí, às vezes, um vai preso... Vai pra aquele lugar do outro. Um chefe vai preso... Às vezes sai do controle, porque não tá na rua, no dia a dia, presente, fazendo as coisas. Às vezes acontece esse tipo de coisa de armar com a vida um do outro, no grupo mesmo, porque, doutora, são pessoas do crime, né? Então, às vezes, o chefe é uma pessoa que não trata aqueles que trabalham com ele de uma forma assim adequada. Então, isso, às vezes, no momento ali, não fala nada porque fica com medo, porque a pessoa quando é chefe é porque já fez muita coisa, já matou. Então, às vezes, o jóquei, os soldados ficam assim com medo de falar alguma coisa, que não venha agradar o chefe. Então, às vezes, eles não falam nada, mas podem, numa oportunidade de ganharem alguma coisa, chegar a tirar a vida do chefe. O chefe é uma pessoa que, quando chega ao ponto de chefe, tem que ter conhecimento com fornecedor, com quem distribui a droga... Tem aquele ego de ser durão... Às vezes o soldado tá ali, fala alguma coisa que não é do agrado do chefe, e o chefe pune, né? Faz certo tipo de coisa... Agride verbalmente, e as pessoas que tão no tráfico, tendo arma na mão, acham que têm o direito até de tirar a vida. Naquele momento, pode não tirar ali, porque tá na frente de outras pessoas, mas depois... Porque sabe de tudo, os caminhos, o que ele faz, por onde anda, sabe da vida toda do cara, aí uma hora age. Já vi tantos assim, nesse meio ninguém é 100% de confiança não... (ALTINO, 29 anos, chefe do tráfico, Salvador)

O relato anterior aborda as tensões contínuas entre os chefes e os subalternos, que podem se sentir descontentes ou desprestigiados quando não são escolhidos para ocupar uma função de maior lucratividade e destaque. Essa situação pode desencadear desejos de vingança em relação aos superiores, ainda mais quando se percebe a disponibilidade de armas de fogo, o que torna a situação mais arriscada. (BOURGOIS, 2010; CONCEIÇÃO, 2015; DESROCHES, 2005; REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013)

Nesse cenário de baixa confiabilidade, a confiança fica continuamente posta à prova pelos movimentos dos pares, como pode ser visto no relato a seguir:

Às vezes, querem lhe derrubar para tomar o que é seu. Se você recuar, perde tudo, porque todo mundo acha que pode fazer com você. E, às vezes, é gente de dentro, os camaradas mesmos, aqueles que vivem com você ali no dia a dia... Mas sabe como é, nesse meio ninguém é amigo mesmo, e a gente não sabe o que vai no coração das pessoas. Você morre ou fica sem respeito. Essa vida é assim, tem que estar preparado pra tudo. Eu tomei esse tiro aqui [mostra a cicatriz de uma bala] no pé da orelha e saiu no

queixo, foi Deus que eu não morri. Foi um camarada, meu cunhado mesmo, eu tinha um filho com a irmã dele, era da mesma facção, ele tinha uma rua e eu a outra. Mas o olho grosso [ganância] foi maior, ele queria dominar tudo e ficar de boa com o patrão. Ele depois foi morto por gente de perto dele mesmo, porque eu me saí dele [me afastei]. Isso é o que mais tem, gente de dentro mesmo que faz perversidade. Um quer o que o outro tem, vê dinheiro e quer tudo, não quer saber que o outro precisa, quer tudo pra si. (OTÁVIO, 22 anos, vendedor, Salvador)

Percebe-se o alto grau de competitividade entre os operadores, que brigam por pontos melhores, mais lucro e prestígio. Há uma fragilidade da confiança estabelecida, visto que são frequentes os relatos de violência entre os integrantes da própria organização. Outro fator é a mudança do vínculo de amizade, importante para garantir a entrada na comercialização, para uma visão de negócio pautada na obtenção de lucro, poder e prestígio. Essa sobreposição de papéis afeta profundamente a relação entre os operadores. Desse modo, pertencer a uma organização favorece a proteção diante dos rivais, mas não exclui os conflitos internos. Tanto que são comuns as execuções realizadas por pessoas próximas, que privavam da intimidade da vítima. (CONCEIÇÃO, 2015; REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013)

Eu tinha que fazer, era meu primo, mas ele quebrou o chefe lá, ele sabia que ia morrer; aí ele [o chefe] disse que era eu, que eu morava com ele. Quando ele dormiu eu piquei a marreta na cabeça dele e matei. Se não fosse eu, era outro e aí era mais difícil, porque ele ia correr. Não ia ter jeito não, ele ia morrer mesmo. Agora minha família tá revoltada comigo, mas eu não podia não fazer. (FELIPE, 23 anos, vendedor, Salvador)

O rapaz justifica seu feito afirmando que qualquer um faria o mesmo, apenas para ele era mais fácil, porque conhecia bem a rotina da vítima e pôde se aproveitar de um momento seu de fragilidade. Inicialmente a família do morto ficou revoltada, mas, com o tempo, aceitou o fato como inevitável. Ademais, o autor saiu com a reputação fortalecida porque demonstrou lealdade, esperteza e coragem, colocando as relações comerciais acima das relações de parentesco.

Outros conflitos dentro da organização são resultantes de dívidas, que ocorrem quando os operadores pegam a droga para vender em consignação e não repassam a quantia estipulada para o gerente ou chefe.

A pessoa sabe que pegou [a droga] tem que pagar. Sabe e não paga. Aí você vê comprando coisa, andando pra lá e pra cá, querendo pegar mais droga. Todo mundo sabe o que cada um faz; então, ali não tem como esconder, enganar. Aí você avisa, liga, cobra, se não pagar você dá um tempo, manda trazer alguma coisa, tem que dar um jeito, porque se você não fizer nada, como é que vai ficar? Todo mundo vai achar o que de você? E também caguetar [passar informações para outros que não são do grupo]. Aí não pode. Cagete [delator] é morte, não tem aviso. Mas quebrar [pegar droga e não pagar], aí avisa, se não pagar... Aí depende do que o chefe decidir. Pode conversar e ver se merece chance. Se não merecer, é você ou ele, porque se o chefe até mandar matar, você tem que fazer. (RUI, 25 anos, vendedor, Salvador)

O depoimento aborda questões relacionadas às dívidas e à delação, sendo que as sanções para os devedores seguem o gradiente de intensidade do uso da violência. São emitidos avisos de cobrança, em que passam na casa do devedor, lançam olhares, fazem comentários, deixam recados, ligam através do celular e negociam a forma de pagamento. Caso não seja efetuado, o devedor pode ser espancado e até morto. (CONCEIÇÃO, 2015; JACOBS; WRIGHT, 2006)

Nesse meio, doutora, pegou tem que pagar, não tem perdão, porque quem passou, pegou de outro, que pegou de outro e assim vai. Então, aquele dinheiro ali que não entra, você vai repor como? O cara, quando entra, sabe que a lei é essa. Tem que seguir. Avisa, fala que tem que pagar, se não pagar, vai na casa, liga... Se continuar, arriscado morrer mesmo, muitos morreram por isso. Porque quebra [não paga]. Isso é a lei do tráfico, pegou tem que pagar, não pode ficar sem nada, porque os outros vão pensar o que? (JADIEL, 28 anos, soldado, Salvador)

O entrevistado fala do gradiente de pressão utilizado para a cobrança da dívida, e faz referência ao código de conduta do crime, que é do conhecimento de todos os operadores que a ele estão sujeitos. Aponta para a dimensão moral da dívida, em que o credor se sente aviltado pelo não pagamento, constituindo um dano adicional à perda financeira. Vale ressaltar que o montante devido por um vendedor vale por um ou mais dias de comercialização e, portanto, é uma quantia considerável.

Em algumas situações, as famílias se cotizam e dividem o valor, para impedir que o parente seja morto pela organização. Quando isso não acontece, muitos são retirados do bairro ou da cidade pelos familiares, até que consigam o montante estipulado pelo chefe.

Ele não quer contar a senhora, doutora, mas a gente teve que tirar ele daqui, porque já foram lá em casa, ligaram perguntando quando vão poder pegar o dinheiro. Ele começou a vender cocaína, mas ele pegou e cheirou. Passou três dias sumido, disseram que tava lá no inferninho [casa vazia, destinada aos usuários de drogas]. Os caras viram ele lá usando. E todo mundo sabe que, se pegar ele, vão matar. Eu agora não tenho como fazer dinheiro, vou ter que vender minhas coisas e até lá vou ficar com ele na casa de minha irmã em outra cidade. Ninguém nem pode saber onde ele tá, porque eles vão atrás e mata. O grupo de lá é o mesmo daqui. (LUCIA, 52 anos, mãe de um vendedor e usuário de cocaína de 23 anos, ameaçado de morte por dívida, região metropolitana de Salvador)

Trata-se de um jovem que foi trazido pela mãe, desesperada pela possibilidade concreta de o filho ser assassinado. Percebem-se as formas de cobrança, começando por recados, ameaças e observação da rotina dos operadores e familiares. Ela também fala do alcance e da capilaridade das organizações, que comandam diversas cidades e se comunicam entre si, tendo acesso a informações sobre a migração dos moradores e a chegada de novos nos locais. A mudança de cidade criou mais dificuldades para a família, que passou a viver

escondida, com medo de ser identificada e morta. Esse caso, como tantos outros, mostra o risco de vitimização dos familiares dos operadores.

Outra punição para as dívidas é o desligamento ou suspensão temporária da função, considerada extremamente negativa, porque eles perdem a oportunidade de ganhar dinheiro. Além disso, ficam afastados do contato com toda a movimentação da organização, sem poder participar das festas e encontros com os parceiros. (CONCEIÇÃO, 2015)

Uma forma de saldar dívidas é realizar homicídios de pessoas indicadas pelo chefe da organização. Esse serviço é considerado por muitos como uma oportunidade de demonstrar bom desempenho, coragem e eficiência. Entretanto, alguns se recusam com o argumento de que matar não faz parte de seu repertório de atividades.

Eu devia a ele mil reais, e eu tava tentando arrumar um dinheiro pra pagar. Aí ele mandou me chamar [o chefe]e disse: toma aí. Eram duas pistolas, munição e uma moto. Ele disse: você mata ele e tá tudo zerado. Não precisa fazer nada, só ir lá e atirar, de você ele não desconfia. Não tem comédia. Fica tudo certo. Aí eu devolvi e disse que isso eu não fazia não, que eu vendia, mas eu nunca tirei a vida de ninguém e não ia fazer isso, não era pra mim. (MAURÍCIO, 22 anos, vendedor)

Trata-se de um rapaz que vendia drogas, mas que não gostava de matar. Ele justificou que vender era uma atividade que não o prejudicava, porque não forçava ninguém a comprar, mas que matar era contra seus princípios e ele não iria conseguir. A oferta era de saldar a dívida e ainda ficar com a arma e ganhar mais drogas para vender, o que ele não aceitou. Outros relataram que, a partir desse primeiro evento, passaram a fazer esses “serviços” regularmente para o chefe a troco de drogas e dinheiro. Desse modo, eles passam da categoria de simples usuários ou vendedores para a de consumidores ou vendedores com atividades de soldados do tráfico.

A delação ou caguetagem de aspectos sigilosos que comprometem a organização é considerada uma falta gravíssima, cuja única punição é a morte. Ainda assim, muitas vezes, o delator é executado tempos após o fato, caracterizando a justiça retaliatória tardia, quando o acusado que fugiu é descoberto por voltar a frequentar o bairro, se comunicar com outros moradores ou tomar outras atitudes vistas como desacato ao chefe. (CONCEIÇÃO, 2015; JACOBS; WIGHT, 2006)

Quando eu sair, não volto pra lá [bairro], não posso porque depois que eu fui preso, muita gente foi presa e aí eles disseram que fui eu, que eu sou cagete. Mas eu não falei nada, não entreguei ninguém. Eu tenho medo que façam alguma coisa comigo aqui. A polícia, quando pega bate, espanca, quebra a gente todo, aí você vê se aguenta. Eu até voltei lá e eles disseram que não iam fazer nada, falaram com meu pai, mas eu não acredito, porque, às vezes, eles esperam pra fazer, não fazem na hora. Eu vou morar em outro lugar. A senhora sabe como é... Eu já vim preso, se eu dissesse que não era meu [armas

do apreendidas], aí eu ia colocar minha família no fogo e eu não ia ter para onde ir. Eles só têm essa casa... Não podem sair. (BRUNO, 22 anos, vendedor, Salvador)

O rapaz demonstrou estar apavorado com a possibilidade de ser morto, dentro ou fora da prisão, evidenciando a capacidade das empresas criminais do tráfico de drogas de manter as atividades em diferentes espaços, e a incapacidade de as instituições prisionais protegerem os custodiados. Além do risco de retaliação direta do entrevistado, percebe-se o de retaliação indireta contra membros da família, a exemplo do pai, que não se envolvia com crimes e era tido como uma pessoa honesta e respeitada. (JACOBS; WRIGHT, 2006)

A perda de armas, munição e drogas, sem justificativa aceitável, é considerada falta grave, porque resulta em perdas financeiras para a organização. Nesses casos, os operadores são obrigados a pagar o valor correspondente da arma, sob pena de sofrerem diversos tipos de sanção, inclusive de serem desligados do grupo ou mortos.

Esse negócio aí de tráfico é um negócio tão perigos, doutora, que você tem que ter certeza mesmo que não vão mexer [na droga], porque a tentação é grande. Quando a polícia pega, que leva a gente preso, é melhor, porque eles [os chefes] vivem desconfiando que você quebrou [ficou com a droga]. Porque muita gente pega, mistura, aí fica menos e, quando entrega, tá faltando. Isso dá guerra, dá morte, porque quem passa não quer ser enganado. Outra coisa é arma. Bota um fuzil na mão do cara e ele perde. Sabe que pode morrer. Não é de confiança, não é dele. Ele sabe que tem que cuidar, não tem que dar vacilo, se der, morre. Aí vai ver tudo que aconteceu. E não vai deixar assim não... (LEVI, 31 anos, gerente, região metropolitana de Salvador)

Percebe-se o perigo que cerca as transações do comércio de drogas, bem como a precariedade das relações fundadas na falta de confiança e a na ambição de ganhar mais dinheiro, fazendo com que muitos tentem se apoderar das drogas para revenda. Quando são descobertos, são punidos com a morte. Em contraste, a sanção pela perda de arma é negociável e segue o gradiente de intensidade de violência, que nem sempre resulta em vitimização fatal.

Ainda sobre os conflitos intraorganizacionais, os operadores podem tomar medidas sem autorização do chefe, como intimidar ou ameaçar moradores, com repercussões negativas para a organização. Essa situação é passível de punição, pois pode ser considerada uma afronta ao chefe, que tem sua autoridade desrespeitada.

12.2 CONFLITOS EXTRAORGANIZACIONAIS

12.2.1 Os operadores e a comunidade¹¹

A distinção entre os envolvidos na comercialização e a comunidade é algo que aparece em todas as entrevistas, como a necessidade de estar bem com a comunidade. Como se a comunidade fosse um Outro, diferente e fora, algo a ser manejado, gerenciado, cuidado, sob pena de virar-se contra, tornar-se um inimigo e não um aliado. Trata-se de uma perspectiva curiosa, tendo em vista que a maioria, senão todos, nasceram ou foram criados na comunidade, sendo parte dela, então essa alteridade funciona como uma estratégia de gerenciamento de risco e envolve a adoção de práticas de controle territorial. (CONCEIÇÃO, 2015)

Ah, todo mundo gosta da gente, porque a gente lá não bagunça, não dá tiro, não mostra arma pra ninguém. Até os moradores viajavam e avisavam pra gente olhar a casa deles. Olhavam a polícia pra gente, avisava que tava vindo, porque tem lugar que morador não avisa, deixa o cara se dar mal, aí tem que tratar bem, senão não ajudam quando a gente precisa. Tipo assim, você tem que ter respeito, porque senão é pior pra você mesmo. (PABLO, 25 anos, dono de boca, Salvador)

O tratar bem a comunidade¹² aparece como uma condição indispensável para o bom êxito nos negócios e diz respeito ao comportamento dos operadores frente aos demais moradores, no sentido de evitar conflitos, agir de modo discreto, ajudá-los para não dar margem a que se voltem contra eles. Isso demonstra que apesar da ocupação permanente do território ser feita através da ameaça e intimidação, a comunidade não é inerte, tem capacidade, embora reduzida, de oferecer diferentes formas de resistência à ocupação. A complexidade da interseção entre esses dois grupos será representada na figura a seguir, que nos fornece uma ideia da relação de cooperação e conflito entre esses dois blocos.

¹¹ Tendo em vista a complexidade do conceito de comunidade, o termo foi utilizado tal como empregado pelos operadores e agentes públicos.

¹² Outra expressão, sinônimo de tratar bem, bastante utilizada foi trazer a comunidade para perto, que aproxima de tê-la como aliada.

Figura 1 - Cabo de guerra: tensões contínuas nas interações



Fonte: Depositphotos.pt Disponível em: <03/v/450/depositphotos_24039837-Business-at-the-tug-of-war-competition.jpg> Acesso em: 11 jul. 2013.

De um lado a comunidade, constituída por uma infinidade de pessoas, e do outro, os envolvidos em uma atividade ilegal altamente criminalizada, com ocupação territorial e a presença de armas de fogo. Diante da tensão contínua, os operadores de drogas têm a vantagem da ocupação pela força, em detrimento da população, que está em franca desvantagem, em relação ao uso das armas letais.

Aí tem que ter muito jogo de cintura, porque qualquer deslize pega, eu tenho que trazer a população pra mim, pra meu lado, porque a mesma população que te apoia, te entrega. Imagina se eu vou entrar na casa dos outros, dar tapa na cara de pai de família, fazer confusão, mandar abandonar a casa, barbarizar? Quem é que vai gostar? A própria comunidade vai entregar, vai ligar pra polícia. E se a polícia tiver atrás da gente, se eu estou bem ali, a comunidade abre as portas... entro numa casa e me escondo lá... eles deixam...já pensou trancar as portas? A gente vê, porque tem gente que morre...[explica os erros que levam os operadores à morte] Porque faz mesmo, acha que pode tudo, que faz o que quer. Quem é o pai ou a mãe de família que vai querer ver um cara com arma na cintura? Fuzil? Escopeta? Não quer não, onde tiver isso, eles mesmo vão ter problema, porque do jeito que a gente olha a comunidade, eles olham a gente também. (FRANCISCO, 30 anos, dono de boca, Salvador)

Pode-se perceber a partir do relato a construção de um olhar mútuo, de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que os operadores mantêm a comunidade sob seu olhar, eles também são observados por ela. As ações de ambos são contabilizadas ao longo do tempo e um pode prevalecer em detrimento do outro. Embora os envolvidos ocupem o território, eles também dependem desses atores para se estabelecer e manter. Dentro da comunidade alguns indivíduos são tratados de modo distinto, como “pais e mães de família”, são não envolvidos que gozam de boa reputação e que não fazem oposição franca e deliberada ao tráfico, mantendo uma posição de aparente neutralidade.

Os conflitos que ocorrem na comunidade são diversos e envolvem problemas com consumidores de drogas, portadores de transtornos mentais, indivíduos que cometem outros tipos de delitos, como roubos, furtos, violência doméstica e estupro, e resultantes do

envolvimento com as mulheres. A justiça retaliatória nesse grupo é reflexiva, pois a reparação ocorre logo após o evento e envolve contato direto entre os agressores e as vítimas. (CONCEIÇÃO, 2015; FAGAN; CHIN, 1990; GOLDSTEIN, 1985; JACOBS; WRIGHT, 2006; LIMA, 2013)

A sra. estudando aí é bom porque a gente tem voz, e também eu desabafo. Essa vida não é fácil não Dra. Tem o lado bom, o dinheiro, muito poder, mas tem o lado ruim, porque a gente não dorme direito, não tem mais paz, porque tudo vem pra cima de você. Todo tipo de problema. A sra não sabe de nada, do gás, a briga de família, conselho pra filho, homem parar de beber, de brigar. Tudo acha que pode chamar a gente pra resolver e sabe porque isso? Porque o Estado não faz o que é dele, não está ali dentro ajudando a comunidade. Eu mesmo não era pra ta nisso não. Mas como é que um cidadão vive com um salário dra? O Estado tinha que oferecer mais, pra pessoa não entrar. Aí tudo é em cima da gente, mas é muita muvuca [movimento, adrenalina]. O Estado é corrupto Dra. Como é que vai ter lei? Tá tudo errado e não se conserta mais não. Se no crime desse a polícia que devia combater, é quem mais faz? Porque todo mundo sabe quem vende. Porque não prende? Porque tudo tem acordo, tudo. (ATÍLIO, 26 anos, gerente, Salvador)

Percebe-se que o chefe acumula papéis e tarefas, sendo visto como resolutivo confiável e justo, na medida em que consegue oferecer alternativas para os conflitos, incivildades e infrações. Ele faz referência à diversidade de problemas nos quais é chamado para intervir, como para suprir necessidades básicas, em questões familiares, educação dos filhos. Não é por acaso que moradores reagem contra a prisão dos chefes do tráfico, queimando pneus, colocando lixeiras nas saídas do bairro, e impedindo a circulação de ônibus, como forma de manifestar apoio ao mesmo.

A seguir serão apresentados os principais grupos que são considerados como fontes de conflito e requerem gerenciamento específico.

12.2.2 Os usuários

Os conflitos relativos aos usuários são constituídos por dívidas de drogas, roubos e furtos, para conseguir objetos para saldar dívidas ou comprar drogas, e atos de violência relacionados ao consumo abusivo. Esses conflitos demonstram a complexidade e interrelação do modelo tripartite de Goldstein (1985), pois o primeiro caso é um exemplo da violência econômica, motivada pela necessidade de dinheiro para adquirir drogas; O segundo, violência farmacológica, ou seja, desencadeada pelos efeitos da droga no cérebro. Como essas duas formas resultam em problemas para os operadores, elas desencadeiam a necessidade de intervenção, que constitui um exemplo de violência sistêmica.

As dívidas podem ser pagas com dinheiro, objetos que podem ser da própria casa, ou roubados de terceiros: celulares, televisores, liquidificadores, aparelhos de som e até toalhas. Os operadores preferem aceitar os objetos para não ficar desmoralizados perante os demais. Conceição (2015) relatou o pagamento de dívidas através de favores sexuais envolvendo mulheres. Tal como nas prisões, essa prática se verifica nos bairros. Podem ainda deixar de vender até que o indivíduo liquide os débitos e se for visto tentando comprar com outro vendedor, este pode se recusar a vender ou pode levar uma surra do credor. Os usuários em débito têm sua rotina e bens acompanhados do mesmo modo que os operadores.

A pessoa sabe que deve, a gente manda recado, fala, vai lá, aí compra coisa, de roupa, ostentando ali na cara da gente. Não pode. Aí tem que saber que tá devendo, tem que pagar. Se pegou na confiança. Todo mundo vendo ali, sabe que não vai ser bom. Às vezes a gente manda pegar o que tem em casa e pagar, porque é pior ficar sem receber nada. Perde o que comprou mas não perde a vida. (BRUNO, 22 anos, vendedor, Salvador)

O sentimento de desmoralização e revolta diante de não pagadores é semelhante ao das dívidas entre os operadores, apenas o montante é menor. A dimensão pública da dívida reforça o dano material, pois causa dano moral. Conceição (2015) aponta para os motivos que levam os operadores a vender drogas para pessoas que tem alto potencial para não pagar, que seriam obtenção de prestígio e poder por ter alguém como devedor e o lucro obtido com a oneração da dívida. Além disso, a quantia devida por um consumidor pode não ser expressiva e não comprometer os rendimentos totais do vendedor.

Os furtos, roubos e atos de violência contra moradores da comunidade seguem o mesmo gradiente de uso da violência, que começa com avisos, ordens para devolver o bem para o proprietário, ameaças, caso as ordens não sejam cumpridas, surras, espancamentos e morte.

12.2.3 A conquista das mulheres

A aquisição de dinheiro, bens e poder dos operadores do tráfico, fazem com que eles sejam desejados pelas meninas do bairro e adjacências, que passam a disputar sua atenção e companhia. Isso reforça a imagem e fortalece a reputação deles, diante dos demais, além de representar fonte de prazer e diversão, pois elas os acompanham em muitas atividades de lazer.

Isso aí [mulher] é outra coisa, tem demais, elas vêm igual a abelha. Qual a mulher que não quer ir com o namorado gastar, comprar roupa e outras coisas? Várias, não é uma só não... aí é problema... porque tem disputa e elas jogam também. Mas não falta, dinheiro, mulher, tudo de bandeja [sem grande esforço]. Vendo só o lado bom, tudo ilusão, tudo passageiro [ri muito]. (JEAN, 24 anos, Vendedor, Salvador)

O assédio das mulheres é relatado como prazeroso e frequente, envolvendo jogos de conquista e sedução, experimentação, que fazem parte das vivências comuns da adolescência; nesse contexto podem representar maiores riscos tanto para as meninas, quanto para os rapazes, por diversos fatores que serão explanados a seguir.

A alternância dos termos *meninas* e *mulheres* no texto se deve ao fato de que muitas ainda são meninas, do ponto de vista biológico e cronológico, intituladas as *novinhas* ou *pivetinhas* pelos operadores, mas cedo passam a ocupar a posição de mulheres, quando passam a ser identificadas como *mulheres do patrão*. (CONCEIÇÃO, 2015)

Essa história de mostrar que tá no pódio da malandragem, mostrar que tem poder. Eles querem dizer que pode fazer o que quiser, que pode tudo, e depois a gente vê que tudo é uma ilusão. Também com poder eles consegue muita mulher e atrai as novinhas, as pivetinhas, como eles chamam, aí ela não tem casa, eles dão tudo, roupa, coisa boa, cara, aí elas se ilude naquilo, aí é perdição, tudo tem 12 ou 13 anos. A família vai fazer o que? Aí quando elas apronta, porque tudo adolescente, não tem cabeça, eles matam, cortam, retalham, corta cabeça. Tem umas que se acha... aí pensa que o cara não sabe, vai querer mais do outro grupo, dorival...aí eles ficam sabendo, porque nada fica escondido...aí mata mesmo...não fica. (LEILA, 28 anos, vendedora, Salvador)

A partir dos relatos percebeu-se que a faixa etária das garotas é jovem. Elas são atraídas pelos vendedores que são rapazes que conhecem, muitas vezes, desde crianças, que as levam para festas, oferecem dinheiro para comprar roupas, sapatos, cuidar da aparência, adquirir coisas para a família e outros, os quais fazem parte dos itens desejados pelas demais adolescentes não envolvidas. Muitas se orgulham de serem *mulheres de traficante* e divulgam sua condição nos bairros e nas escolas, passando a ser temidas pelos moradores.

Elas também podem ser atraídas por integrantes de grupos rivais, com propostas financeiras ou afetivas melhores e por isso podem sofrer graves retaliações pelo grupo de origem. Desse modo a traição tem o aspecto amoroso, em relação ao parceiro, e também no que toca à segurança do grupo e suas operações, o que constitui mais um agravante e fator de risco para elas.

Outra questão que aparece no relato anterior é a possibilidade de quebrar a hegemonia do controle territorial, fator central nos mercados de drogas nesses locais, tendo em vista que as meninas circulam pelo bairro e adjacências, e por terem feito parte da vida privada dos operadores, acumulam informações preciosas sobre o grupo, fazendo com que seus integrantes se sintam vulneráveis e possam atentar contra elas.

Elas podem tornar público os locais onde eles escondem drogas, movimentação futura, projetos e planos, contatos, expondo-os a situações de risco em relação aos rivais. Grillo (2013), no seu estudo sobre o tráfico no Rio de Janeiro, fala sobre essa dimensão dos riscos para os integrantes do grupo, na relação com as mulheres, quando relata o caso da *mulher chumbinho*, que é chamada assim porque tem o efeito de morte certa, tal qual a provocada pela ingestão de chumbinho (veneno), em que os entrevistados diziam, é tomar e morrer. Tratava-se uma moça disputada pelos operadores e que provocou a morte de um deles.

A ruptura de vínculos, por parte da mulher, é relatada como problemática frequentemente nas entrevistas e se torna um risco, tendo em vista que a rotatividade e a avidez por experimentação sexuais e amorosas são características da faixa etária adolescente e pré-adolescente; Entretanto a separação é mais facilmente aceita quando a iniciativa é tomada pelo homem.

Assim, ele tem várias e eu sei que ele dá um cordão de ouro pra cada e pra 'mulher' [a principal] ele deu um terço de ouro e ela sabe que quando ele coloca isso no pescoço dela, ela não pode ser de mais ninguém, só dele. Ele faz isso na festa, pra todo mundo ver quem é a mulher dele, porque eu já vi ser morto [o chefe mandou matar um operador após saber que ele tentou ficar c a mulher dele] por causa da mulher do outro. Fica de olho [deseja a mulher], aí tenta, quando ele sabe, mata mesmo. (ALBERTO, 25 anos, vendedor, Salvador)

Diversas formas são usadas para marcar a mulher como propriedade do chefe e indicar que ela não poderá ser de mais ninguém. No caso, a colocação do terço de ouro no pescoço durante uma festa é uma atitude pública para impedir ou dificultar a aproximação de outros, pois a disputa pelas mulheres pode gerar cobiça, inveja entre os integrantes do próprio grupo e fora deste, desencadeando graves conflitos.

Eu fui morar com ele e aguentava porque eu não tinha pra onde ir, não podia voltar pra casa da minha tia, não tinha mais pra onde voltar... eu tinha que aguentar... eu sei que ele gosta de mim mas ele não tem mais jeito... tá arriscado ele me matar... nunca mexeu na minha filha [violência sexual]..mas ele me bate muito... muito... eu não posso fazer nada... ele tem outras [mulheres] que eu sei... mas eu não ligo... eu tenho medo de morrer... tenho medo de minha mãe sofrer com isso... acho que não tem jeito pra mim. Ele era traficante, tinha a droga para os outros venderem. Vendia pedra e maconha. Tinha uns três que trabalhava pra ele, tudo novo [jovem] também. Ele cheirava e no fim de semana dava festa. Era muita cocaína, muito dinheiro que ele ganhava. Vivia com as mãos cheias de dinheiro, guardava a droga na cozinha, no telhado, tinha que tá mudando de lugar porque a polícia entrava para pegar. Batia em todo mundo, quebrava tudo. Eu já vi muita briga por droga, por dívida e vi um ser morto na porta de casa, vieram e deram tiro nele. Caiu na porta. Só deu tempo de entrar. Ia ser nele ou em mim [os tiros]. Eu usava, mas nunca me meti em nada. Eram eles lá que dividiam, pesavam fazia tudo. Ele me batia muito... chegou a um ponto de eu ter medo de morrer...minha filha deixei com minha avó... ele ficava muito doido. Tinha vez que ele apanhava da polícia...brigava com os outros, e era muito por dívida, fazer coisas que não devia ou rixa de grupo. Um grupo, a sra...sabe, não pode ficar onde é do outro, senão tem problema, morte. Eles avisam, se não sair pode até ter morte. (PATRICIA, 16 anos, usuária de cocaína e crack e mulher de um dono de boca, região metropolitana de Salvador)

Trata-se de uma moça de 16 anos, cujo pai era alcoólatra e agredia fisicamente a mãe, que o abandonou, e em seguida teve que deixar os três filhos pequenos com parentes, para trabalhar em São Paulo. Ela passou a infância alternando nas casas de familiares e aos 10 anos passou a cuidar de um garoto com paralisia cerebral. Não frequentava escola e aos 13 anos conheceu um dono de boca com quem teve uma filha e com quem vive desde então.

Reaparece a dificuldade em romper o relacionamento, por parte da mulher, por que ela pode sofrer ameaças de morte pelo companheiro, que segue o modelo da violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo, presente na sociedade de modo geral.

No caso em questão, pode-se perceber que todo o processo se inicia com uma série de problemas enfrentados pela jovem, como perdas, negligência, maus tratos, abandono, trabalho escravo, que vão aprofundando a sua vulnerabilidade e expondo-a ainda mais às situações de risco. Isso resulta na dificuldade que sente em quebrar o ciclo vicioso e sair dessa relação, que em parte se mantém pela ameaça, mas também pela posição de passividade, submissão e aceitação que vem sendo historicamente imposta a ela, que tem poucos recursos para fazer frente aos eventos negativos que vem se sucedendo na sua vida.

Percebe-se que a relação afetivo-sexual pode se estabelecer de forma *consensual*, quando ambos querem, ou pode ser *impositiva*, quando eles escolhem alguém que não os quer. No último caso, uma recusa pode resultar em morte da própria moça ou menina escolhida, de algum outro interessado, ou de algum familiar que se oponha ao romance. Por outro lado um aceite pode resultar em participação direta ou indireta no tráfico, despertar cobiça e disputas entre as próprias mulheres, seguindo-se todas as possibilidades de conflitos que envolvem normalmente as relações amorosas, agravadas pelo contexto. Desse modo, ao mesmo tempo em que as relações com as mulheres entram como um elemento de reforço da masculinidade e da virilidade, importantes para a construção da reputação nesses mercados, podem representar riscos de diversas proporções para todos os envolvidos e não envolvidos. (ZALUAR, 1985)

Bourgois (2010) coloca que os especialistas em violência contra mulher cometem um grave erro, ao analisar os casos apenas sob a ótica do indivíduo, colocando-o como possuidor de algum transtorno mental, que retira o fenômeno do seu contexto histórico social, visto que a construção do ethos guerreiro, da virilidade e as expressões da masculinidade, estão imersos na sociedade machista e excludente onde os operadores vivem e na sociedade geral. Eles reproduzem e perpetuam práticas da cultura machista de onde vieram, que, por serem muito jovens, pela imaturidade, impulsividade e necessidade de afirmação, próprias da faixa etária,

essa situação adquira contornos mais graves. (BOURGOIS, 2010; CONCEIÇÃO, 2015; ZALUAR, 1985)

Um desdobramento dessas relações é quando, através de uma relação amorosa, os operadores repensam suas vidas e tomam a decisão de sair dos mercados de drogas.

Dra. Eu conheci ela e ela era da igreja [evangélica], aí eu gostei dela, eu tava cansado, muito cansado de correria, fui preso, aí ela me disse que não queria essa vida pra ela, que não ia ficar comigo. Eu deixei tudo, deixei mesmo e entrei pra ser cristão. Não vou mentir pra sra. não, eu já matei muita gente, ganhei muito dinheiro mesmo, mas aí eu vi que isso não era vida, meu fim era o caixão. Eu falei pro pessoal que não queria mais e sai do bairro, eu sou motorista de ônibus hoje, eu tenho pouco pra o tempo que eu tinha muito, é pouco, mas eu durmo, não fico com medo, não era vida, era ilusão. (LUIZ CARLOS, 35 anos, cliente de um serviço de saúde, ex patrão do tráfico)

O ingresso das mulheres na comercialização se dá muito pelo contato com os companheiros, o contrário do que acontece com eles, que saem do tráfico motivados por elas. Esse rapaz frequentava um serviço de saúde com queixa de insônia, que surgiu após ter deixado de usar cocaína e bebidas alcoólicas. Ele tem historia de envolvimento com o tráfico desde adolescente, quando vendia maconha e acompanhou o surgimento e venda do crack. Foi uma mudança importante na vida dele que precisa de suporte de equipe especializada nos cuidados à saúde mental.

Outra questão é a representação materna, como figura de cuidado e proteção, sendo recorrente nas entrevistas a frase “[...] se é da minha mãe chorar, a dele chora primeiro.” (MAURÍCIO, 22 anos, vendedor, Salvador) Eles proferem essa sentença quando justificam os homicídios que cometeram e se referem às mães como alguém, talvez a única pessoa, que vá realmente sofrer com a morte deles, e, provavelmente, porque os acompanham em qualquer circunstância.

As questões de gênero, dentro dos mercados de drogas, merecem estudo mais aprofundado, tendo em vista a relevância dessa temática, mas fogem do escopo dessa pesquisa.

12.2.4 Portadores de transtornos mentais e desordeiros

Os indivíduos com transtornos mentais e outros que costumam se envolver em brigas, confusões em festas, eventos, considerados desordeiros, são monitorados pelos operadores porque podem apresentar comportamentos considerados inadequados, colocar sob suspeita a autoridade e a capacidade do chefe de controlar o território. Eles ainda podem quebrar o sigilo

e revelar fatos que comprometem a segurança e integridade da organização, e atrair a atenção da força policial para o local.

No decorrer da pesquisa foram relatadas diversas situações em que essa interação foi conflituosa e requereu intervenção do serviço de saúde: um alcoolista foi espancado porque teria dito a diversas pessoas onde estavam os donos da droga e não foi morto porque um morador foi ao seu socorro e pediu que parassem. Esse paciente foi encaminhado para o Centro de Acompanhamento Psicossocial (CAPS), acolhido e encaminhado para internamento. Outra situação foi a de um portador de transtorno mental, que, em franca atividade delirante, passou a acreditar e dizer que o *peessoal da boca*, que reside em sua rua, estava vigiando-o, perseguindo-o e planejando matá-lo.

Ele fica dizendo o tempo todo que eles vão matar ele, que falam dele quando passa, mas não é nada disso, eles moram tudo lá perto, uns na rua, a gente conhece eles desde pequeno... aí o patrão deles veio ate lá em casa e disse a ele, garantiu pra gente que não ia fazer nada, que era coisa da cabeça dele, que eles gostam da gente porque a gente não se mete em nada, mesmo assim ele não acredita. (NEIDE, 22 anos, Irmã de um portador de transtorno mental, Salvador)

No caso em questão, como a família era muito conhecida e querida, o chefe foi à casa do rapaz para garantir que nada iria acontecer e reiterar que todos gostavam muito dele e de sua família, o que trouxe certo alívio para todos. Muitos operadores dão avisos para as famílias levarem os doentes para tratamento, principalmente dos que são agressivos e abordam transeuntes, causando tumultos na comunidade.

A gente vê as famílias deixarem os doidos lá... largados, causando só problema, invadem casas, xingam, atacam mulheres, brigam, aí a gente avisa pra tirar, porque atrai problema pra área, porque também a comunidade passa a fazer queixa e a gente fica assim desmoralizado. Se a família não fizer nada, já sabe que a gente faz. (ENZO, 31 anos, dono de boca, Salvador)

O fato de perturbar a ordem pública faz com que muitos portadores de transtornos mentais sejam mantidos em suas casas ou levados para instituições para se tratarem, para não serem alvos de agressão física e morte. Este foi o caso de um paciente que tinha transtornos mentais e, quando entrava em crise, por se recusar a usar medicação e a família deixá-lo abandonado à própria sorte, tentou estuprar duas mulheres da comunidade. Após diversos avisos, o paciente recebeu dois tiros um na perna e outro no abdome, foi socorrido e internado, sendo que após a alta, a adesão ao tratamento psiquiátrico foi possível, em decorrência da concretização da ameaça e tentativa de homicídio, que, doravante se estende à

família, que, ao tirar o paciente de alta e o reconduzir ao bairro, assumiu a responsabilidade por ele.

Os portadores de transtornos mentais enfrentam problemas de adesão ao tratamento, estigma e preconceito, porém no contexto dos territórios ocupados pelo tráfico, a situação se agrava porque eles desafiam o poder das organizações e podem sofrer diversos tipos de sanções. (GOFFMAN, 1998)

Ele vai lá na boca dra. Ele fica com um celular enfiado na cintura dando uma de valentão, dizendo que é uma arma.. fala tudo que ele sabe e que não pode falar no bairro. Ele sabe que não pode... ele fica dizendo que vai tomar a boca, que vai fazer e acontecer, fica gritando, não dorme, bota a musica alta e eles disseram que vão pegar ele de novo, porque já deram surra nele e ele ficou gritando: venha, venha que ninguém é mais que eu, não! (ELZA, 35 anos, mãe de Rafael, 19 anos, paciente acompanhado por um serviço de saúde mental da região metropolitana de Salvador)

Trata-se de um adolescente com transtorno mental que, quando está em crise, não dorme, passa os dias pela rua, gritando nomes dos integrantes do tráfico, narrando as atividades destes, e fazendo ameaças. É uma situação extremamente delicada, porque ele coloca em risco toda a organização, além de desafiar os integrantes, que se sentem expostos e desmoralizados. Ainda assim, eles se utilizaram de surras e avisos para frear o comportamento inadequado do adolescente, mas sinalizam que a sanção poderá ser mais grave, se as providencias não forem tomadas, pela família. Nesse caso o internamento serviu para iniciar o tratamento e retirar o rapaz do bairro, visto que não tinha familiar que quisesse lhe oferecer abrigo.

Em contrapartida, os portadores de transtornos mentais que são considerados ‘quietos’, ou não tem alteração do comportamento fora do domicilio, podem passar suas vidas sem gerar esse tipo de intervenção por parte dos operadores do tráfico. Contudo, eles podem sofrer de outras maneiras, no interior de suas residências, cujos familiares, temendo esses problemas, podem construir quartos com grades, e mantê-los sob cárcere dentro de suas casas.

Eu tive que fazer um ‘quarto’[espaço com portão e fechadura que restringe a circulação da pessoa] pra ele ficar, porque ele não toma o remédio certo, ele é quieto, mas pode sair e aprontar... e lá tem o pessoal das drogas que pode não gostar se ele fizer alguma coisa ou pode também ele ver alguma coisa que não deve e aí ser pior. Já pensou, se levam ele ou matam? (LIANA, irmã de REGINALDO, 45 anos, tem diagnóstico de esquizofrenia)

O cárcere privado¹³, crime contra a liberdade da pessoa, comum no passado, volta a ser cada vez mais presente por diversas questões, dentre elas está o medo que os portadores sejam vítimas diretas dos comerciantes de drogas.

Os “desordeiros”, que foram descritos como pessoas que causam confusão, se envolvem em brigas e, muitas vezes, fazem uso de bebidas alcoólicas, seguem o mesmo padrão de manejo dos portadores de transtornos mentais. Há relatos em que a família pede ao chefe para dar “um conselho” às pessoas, que são geralmente jovens que, segundo eles, não respondem mais aos apelos dos familiares ou dos conhecidos e passam a representar risco para todos.

“O chefe pegou ele lá, levou, bateu nos pés muito... ele tá com os pés todo inchado; ele disse [o chefe] que se continuar a fazer confusão e não ouvir a mãe, que a conversa vai ser outra, que não vai ser surra não...” (DANILO, colega de MARCEL, 12 anos, considerado problema no bairro) Esse caso é de um garoto que causa problemas no bairro, se envolve em briga, xinga muito, faz confusão, tem uma atitude desafiadora em casa e na escola, cuja equipe de saúde tentou por diversas vezes acompanhamento, com visitas domiciliares, solicitações da presença da mãe, o que acabou por não acontecer. Nesse meio tempo teve essa intervenção do chefe do tráfico, mas não se sabe qual o resultado.

12.2.5 Praticantes de furtos, roubos, violência doméstica e estupro

As práticas de furtos, roubo e outros delitos envolvendo indivíduos de dentro da comunidade sempre foram mal vistas pelos residentes, pois elas comprometem as relações de vizinhança, e quebram o código de conduta do mundo do crime, que é não causar dano aos moradores. Entretanto, com o avanço do tráfico de drogas, e a necessidade de controle territorial, essas práticas foram, cada vez mais, alvos de rejeição e sanções, visando coibi-las.

Ele era um moleque, tinha uns 14 anos, vivia roubando de um, entrando nas casas, pegava balde, vassoura, o que tivesse pegava e levava, vivia criando problema. Toda hora vinham falar, aí a gente [os operadores] mandou avisar. Ele continuou, um dia teve que pegar ele, levar para um mato, pendurou de cabeça pra baixo e deu uma surra. Não adiantou... ele fazia de novo...avisei à mãe dele pra tirar ele de lá, senão vai morrer... porque não pode, eles sabem, a polícia vem, o povo se queixa, a gente fica com cara de quê? (ANDRÉ, 33 anos, soldado, Salvador)

¹³ Essa questão é de extrema relevância para a área de saúde mental, tendo em vista que é um crime que caracteriza grave violação de direitos humanos, impede o acesso a diversos tipos de cuidado em saúde.

Trata-se de um adolescente residente local, que fazia pequenos furtos e foi repreendido verbalmente, depois, tendo reincidido, foi punido com surra, espancamento e, avisado que caso fizesse novamente, poderia ser morto. Esse fato, envolvendo jovens vem sendo cada vez mais relatado, sendo que muitos fazem furtos e roubos para adquirir drogas e quitar débitos. Eles são vulneráveis às ações dos operadores do tráfico, pois não têm carreira criminal, gerenciam os riscos de modo muito precário, selecionam alvos fáceis e pouco rentáveis, para atender necessidades imediatas, como adquirir drogas, sendo considerados *amadores*, segundo a classificação proposta por Matthews (2002) para os indivíduos que cometem roubos.

Em contrapartida os assaltantes *intermediários*, ainda segundo Matthews (2002) estabelecem alvos mais rentáveis, gerenciam mais a cena do crime e as vítimas e fazem melhor estimativa entre os riscos e os benefícios. Estes fazem roubos e furtos em locais diferentes de onde residem, estando sujeitos às leis desses locais, mas como fazem ações pontuais, podem sair ilesos mais facilmente e manterem suas atividades, de modo anônimo, dentro dos seus locais de moradia.

Ah porque tem que ter um respeito, se eu sou nascido e criado ali? Quem mexe na favela tem que passar por uma correção. ter um juramento... um tribunal como se fala né... aí vizinho a gente não pode mexer...é a lei da favela, todo mundo sabe disso.. agora, esse homicídio aí eu não fiz... minha prática não é essa ...arma só uso pra me defender...pra não perder minha vida.. eu usava uma 635..uma pistola... da 15 no pente e uma na agulha... é leve... quanto custou? Meu tio que me deu... é 5 mil. Eu nunca faço nada lá, eu desço pra outros bairros, Itaigara, Pituba, porque eu sei que lá, no meu bairro, não pode. Se eu fizer lá eu sei que vão me matar ou eu vou sair e não voltar. (EDMILSON, 38 anos, sentenciado por assalto a posto de gasolina, Salvador)

O relato anterior foi de um rapaz que costumava assaltar postos de gasolina ou realizar saidinhas bancárias. Ele colocou que evitava atuar no bairro em decorrência do código de conduta do crime, e adotou a estratégia de atuar em outras áreas da cidade. Além disso, comenta sobre as reuniões em que o chefe se reúne com alguns subordinados de sua confiança, para tomar ciência do problema, ouvir os argumentos das partes e decidir a sanção mais apropriada, situação que se assemelha aos chamados tribunais do tráfico. (CONCEIÇÃO, 2015; FELTRAN, 2010; LIMA, 2013)

Os assaltantes *profissionais*, como os assaltantes de banco, que gerenciam bem os riscos, elegem alvos mais rentáveis e se especializam em certos tipos de investidas, costumam construir uma fachada de respeitabilidade e não levantar suspeitas no lugar onde residem. Em contrapartida, eles não toleram roubos onde moram, para não despertar a intervenção da polícia. Caso aconteçam, eles matam os autores, de modo que não sejam identificados. Muito

diferentes dos operadores do tráfico que geralmente agem de modo exemplar, em que as sanções têm a dimensão de um espetáculo, para que todos vejam e os comportamentos semelhantes sejam evitados. (GOFFMAN, 1985; MATTHEWS, 2002; OLIVEIRA, 2007)

A interseção dessas diversas atividades criminosas em um território requer cuidados e capacidade de gerenciar riscos de ambas as partes, sendo que os que fazem parte do mundo do crime, de modo menos precário, têm maiores chances de evitar conflitos e manter suas atividades no anonimato, condição que para muitos é a mais vantajosa. (MATTHEWS, 2002; OLIVEIRA, 2007)

As sanções contra autores de violência doméstica também seguem o gradiente de violência da organização, em que o agressor é chamado, advertido e no caso de reincidência pode sofrer violência física de diversas intensidades. Em contrapartida, para os casos de estupro a punição é a execução sumária.

Na área não pode Dra. pegar mulher à força, criança, se souber, já sabe, não sai vivo. Só se a polícia chegar antes e levar. Mas não fica vivo não. Aí não tem conversa, mata mesmo. A ordem é pra matar. Tanta mulher aí, o cara pega a força. Ninguém ia gostar. Já pensou se fosse minha mãe, irmã? Naquele lugar, se deixar as mulheres vão agora ficar com medo, não pode. Ninguém ia querer e a comunidade não aceita isso. (ALTINO, 29 anos, dono de boca, 29 anos)

O entrevistado fala sobre o estigma dos indivíduos que cometem estupro, sendo todos tidos como estupradores, cuja sanção determinada pelo chefe é a morte. Eles podem sofrer torturas físicas ou linchamentos em grupo. Em contrapartida, a vitimização física e psicológica das companheiras por parte dos operadores é relatada frequentemente, através de espancamentos, estupros, e outras formas de tortura, o que aponta para a adoção de um código de conduta que é imposto aos demais, mas nem sempre é seguido por eles mesmos.

Como visto, a modulação da violência é extremamente importante, pois a forma ou intensidade adotada podem fortalecer ou enfraquecer a organização. Por isso, as sanções devem ser muito bem pensadas e adequadas a cada caso, sendo que têm como guia o código de conduta do crime e os costumes de cada organização. Por isso, elas necessitam de ajustes e devem ser continuamente repactuadas dentro desse processo dinâmico de interações. (CONCEIÇÃO, 2015; JACOBS; WRIGHT, 2006)

12.3 AS ORGANIZAÇÕES RIVAIAS: OS ALEMÃES E AS GUERRAS

Os operadores das empresas criminais rivais foram identificados como fontes de conflito importante por todos os entrevistados, e relacionados aos elevados índices de morte. A fragmentação do varejo de drogas na cidade de Salvador, onde são identificadas, apenas na capital, seis empresas criminais, tem provocado tensões constantes entre elas, que buscam ampliar o domínio dos territórios e a consolidação do monopólio. Esses fatores, aliados à ilegalidade, tornam um cenário propício para o uso de altos níveis de violência. (ALMEIDA, 2011; CONCEIÇÃO, 2015)

O tráfico aqui na Bahia é como Estados Unidos e Afeganistão, não se une, é muita desunião. As facções brigam e se matam, é um matando o outro. Onde se bater [se encontrar], não importa, um vai ser abatido [morto]. Não tem negociação, aí é guerra, quem for mais forte vence. Um quer tomar o lugar do outro, quer ganhar mais, cobiça, quer que feche [vender para um chefe] com aquele, se não fechar, é guerra. E isso não vai acabar enquanto eles não se unirem e ser como em São Paulo, que é um comando só. Eu acho que deveria acabar com isso, porque vamos acabar perdendo nossos entes queridos. Não adianta, pode ser agora, pode ser depois, mas vai acabar pegando todo mundo, e se unindo ia ganhar todo mundo. A polícia também vem pra cima e mata muito. Ela [a polícia] devia se especializar e acabar com o tráfico. (ENZO, 31 anos, dono de boca, Salvador)

O entrevistado chama a atenção para as desvantagens da fragmentação e das disputas, como a alta mortalidade e as perdas financeiras resultantes das guerras entre as organizações. Reafirma a participação da polícia nas mortes e cita o PCC como exemplo de monopólio, pois é mais lucrativo e menos violento. Os conflitos podem ser por não adesão a uma organização, por violar leis do crime, como a determinação de não frequentar ou vender drogas em áreas dominadas por organizações rivais, ou atentar contra algum integrante ou familiar sem justificativa plausível, ou, o que é considerado mais grave, invadir e tomar posse do território alheio em ação ordenada com grupo fortemente armado.

Os caras da rua de cima sabiam que não era pra vir pra minha rua, aí vinham, tinha guerra. Ele [um operador] vivia indo lá [na área de outra empresa] e aí a gente chamou ele e disse para não ficar ali. Ele ficou uns dias, porque aí a gente sabe quem é de quem [que organização pertence] e aí sabe que não é da gente. Todo mundo sabe quem é de quem e manda sair, se não for nosso. Se o camarada não sai, nós quebramos ele. Ele sai de qualquer jeito, se não quiser morrer. Nós damos aviso. (TITO, 23 anos, soldado, Salvador)

Vender drogas em território de outra empresa é uma situação perigosa, porque pode ser entendida como uma ameaça, o início de uma invasão, uma afronta à organização ou um ato irresponsável de um vendedor em condições precárias e que gerencia de modo inadequado os riscos da ocupação. O monitoramento sobre os vendedores demonstra o grau de controle

territorial da organização e a agilidade com que identificam o concorrente e tomam providências que seguem o gradiente de intensidade de uso da violência, em que o invasor é avisado e, se persistir, pode sofrer castigos físicos, incluindo a morte.

Ele foi morto porque ele ficava aqui pelo bairro, ele sabia que não era pra vir aqui. Ele brigou com Nem [um vendedor], eles estavam bebendo, aí eles brigaram e ele deu um tiro na perna dele. Depois, ele ficou andando por aqui. Ele não podia. Tava tudo no bar e ele chegou. Aí ele pediu desculpa lá a Nem. Ele tava sentado e aí Nem encostou o ferro [revólver] na cabeça dele e falou: pra você deixar de fazer gaiatice aqui! E aí, quando eu ouvi foi um pipoco na cabeça dele. Foi um tiro só. Ele caiu, eu fugi porque eu não tinha nada com aquilo, mas como a gente andava junto, eu fui preso também. A gente conhecia, porque morava perto, era dali. Era de outra facção, mas era dali. Ele andava lá e cá. Uma hora ia acontecer isso aí, com ele ou com a gente. (DORIVAL, 26 anos, soldado, Salvador)

Percebe-se que a circulação por áreas rivais é um risco grave para os operadores e essa situação é interessante porque os moradores se conhecem de longa data, e os operadores podem avaliar o significado da atuação do invasor e utilizar a forma mais eficaz e justa de punição. No caso em questão, a vítima frequentava o território rival, porque tinha conhecidos lá, mas provocava tumultos no local. Ao mesmo tempo, a proximidade e o conhecimento também facilitam as tentativas de cooptação para outras organizações.

Eu tava saindo do PAM Roma [serviço de saúde], quando eu vi um carrão preto parado e um ex-policia dentro. Ele me chamou e me disse que soube que eu estava vendendo e queria que eu trabalhasse para eles [outra organização]. Perguntou o que eu queria vender, que eu podia escolher. Eu disse que não queria trabalhar pra mais ninguém. Ele disse que eles iam me pegar. Eles querem tudo, é cobiça, olho no dinheiro, no lugar. Se não aceitar, eles matam mesmo. Eles manda alguém saber, aí diz que vai ter isso, aquilo, que vai ser mais dinheiro, mais tudo, até arma eles oferece. Aí se você não aceitar eles parte pra cima [matam]. (ENZO, 31 anos, dono de boca, Salvador)

O convite de um grupo que comercializa drogas para entrar em uma nova organização começa com a oferta de vantagens, como mais dinheiro, armamento, e, no caso de negativa, tem início uma série de ações para enfraquecer o grupo rival e demonstrar a própria superioridade¹⁴. Eles podem pegar integrantes do grupo, ameaçar, bater, espancar ou provocar lesões fatais e desencadear uma série de outros atos de violência entre as organizações.

As disputas, ou rixas, podem ser por um ponto de venda ou boca, diversos pontos, ruas ou bairros, dependendo do tamanho ou da importância da área que se pretende ocupar. Eles podem alvejar o vendedor local, na tentativa de matá-lo e intimidar os demais, ou, quando envolve uma área maior, agir em grupo, invadir o território alheio, com armas em punho, atirar contra os integrantes da organização local, buscando atingi-los, afugentar os

¹⁴ Os acordos podem ocorrer, mas são temporários e precários, sendo que eles podem ter períodos de trégua, intercalados com guerras, com duração variável.

sobreviventes e reduzir suas chances de resposta. Essa última estratégia foi denominada de guerra pelos operadores, pelas características de invasão, troca de tiros, transformação do cenário dos bairros populares em verdadeiras praças de guerra. Além dos olheiros e soldados, como estratégias de vigilância e segurança, as organizações contam com infiltrados que repassam informações do grupo rival e fazem com que muitas invasões sejam mal sucedidas, pois conseguem se preparar a tempo e agir de modo a se proteger de possíveis ataques.

Muita gente é morta por rixa [conflitos], todos jovens, muitos já morreram na minha frente por tiro. Um mesmo tinha 14 anos. Muito tiro. Não matou na hora, veio um de moto e ele não morreu. O rapaz veio correndo e arrastou o 38 [revólver] e deu dois tiros. Ele acertou no meu braço. Aí o rapaz caiu e tomou mais 4 tiros na cara, mas não morreu, se fingiu de morto, caiu na rua. Ele nunca foi preso... Depois, todos morreram. Eles todos cresceram lá, são todos do bairro. Todo mundo nasceu lá, então conhece todo mundo. Não ficou quase ninguém. Eles vêm assim, muitos, a gente vê os alemães, eles [inimigos] invadem e a gente tem que ir pra cima. É nós ou eles, se não agir, não fica ninguém. Às vezes, a polícia tá junto, vem de madrugada, não pode vacilar. Todo mundo de arma, umas maiores que as outras, é muito tiro... Não tem conversa nem aviso, já pensou, doutora? Você tá todo dia conversando com marmanjo? Se você não fizer, eles fazem... Aí é assim: ou chora a minha mãe ou a deles... Melhor a deles, né? Porque uma vai chorar. Quem tá no crime sabe que é isso, uma hora você vai... Pra você não ir, você tem que derrubar primeiro, essa é a lei, todo mundo, sabe? (RICARDO, 23 anos, soldado, Salvador)

Esse rapaz ingressou no mundo do crime aos 15 anos, quando começou a fazer pequenos roubos, usar drogas como maconha e *crack*. Por isso, foi vítima dos operadores, por infringir a lei do crime, que proíbe os roubos nas áreas dominadas. Contudo, pela relação de vizinhança e amizade, acabou aderindo ao tráfico e se afastando da família. Igualmente, confirma a dinâmica das invasões súbitas e extremamente violentas, com a anuência da polícia, aliada de uma das organizações, cujo resultado é uma onda de mortes nos locais, envolvendo pessoas muito jovens que se conhecem de longa data. Apesar de os alvos serem os adversários, outras pessoas e residências de não envolvidos também podem ser atingidas.

Doutora, quando eu vi foi um baque [barulho]. Aí, quando eu abri a porta, tava ele [um dos operadores] com uma arma maior que ele na mão. Não sei nem o que era aquilo, nem sabia que eles tinham aquilo lá, eu soube depois que era um fuzil. Ele me disse: minha tia, deixa eu ficar aqui, não vai pegar nada pra senhora não, quando eles forem embora eu saio, senão eles vão me matar. Eu tremia que eu não sabia o que fazer. Ele pulou o muro e eu deixei ele dentro da cozinha. Eu não sabia o que fazer. Fiquei com medo de gritar. Se eu falasse, eles depois me matava. Eu deixei ele lá e, de manhã, ele saiu pelo muro de novo. É muito tiro, muita gente de lá e de cá, a gente tem que pedir a Deus, se deitar no chão pra não pegar na gente. No outro dia, a gente acorda e tá lá eles no chão, mortos. Junta aquele mundo de gente pra ver e sabe que ali tá no meio deles. Tem vez que tem polícia também, eles vêm pra pegar eles, mas é tudo envolvido. (SORAIA, 54 anos, moradora de bairro popular de Salvador).

Os moradores não envolvidos podem ser alvejados por projéteis durante os tiroteios, e, além disso, podem ter suas casas invadidas por operadores em busca de refúgio e não têm como recusar cooperar, pois, se fizerem algo que os prejudique, serão alvos de sanções,

restando-lhes poucas possibilidades de negociação. Eles convivem com o perigo diariamente e têm de adotar estratégias para lidar com esses eventos pontuais, potencialmente danosos física e psicologicamente.

As guerras decorrentes de rixas podem ter desdobramentos, como a organização prejudicada tentar resgatar o território, se vingar de integrantes da organização rival individualmente, pelas mortes dos companheiros que ocorreram durante a ação, ou pela perda do local. Isso leva a mais mortes, que podem ser visíveis e expostas, como execuções públicas, ou podem ser ocultas, quando eles agem de modo discreto, raptando oponentes que desaparecem do local de origem e depois são encontrados mortos. Além disso, as organizações podem fazer alianças com outras que disponibilizam pessoas e armas para defesa ou recuperação do território.

Eles veem que você tá com problema, que tá fraco, eles logo bota na mão o que você quer pra fechar com eles. Eles ajudam, dão arma, manda gente deles pra guerrear, não deixa só. Vai ganhando o apoio, porque ninguém quer perder, né? Assim que muitos ganham, não é na ignorância [violência], é na sabedoria de levar com jeito. Fica devendo, ajuda. Quando veio o crack pra cá, tinha o PCC aqui, me chamaram pra comandar, porque eu já comandava aqui. Eu entrei e ganhei muito dinheiro, mas a policia não me deixa em paz. Eu adoeci, me mandaram pra tanto lugar... Eu adoeci e passei o comando. Hoje é diferente, tá difícil, porque o comando tá longe, ele manda as ordens pelo torre [intermediário] e ele repassa para o povo dele aqui, mas tá mais fraco, hoje tem mais confusão, por isso também. Quando fica longe [prisão], pode perder o comando e um briga com o outro, não se entende... (SANDRO, 45 anos, chefe do tráfico, Salvador)

O entrevistado confirma as negociações e as formas de cooptação das organizações, que buscam adesão de outros grupos, oferecendo vantagens como proteção, maior rentabilidade e disponibilidade de armas de fogo. Ele faz referência à figura do “torre”, que é o intermediário entre um chefe que está preso e os demais e fornece elementos que ajudam a compreender o aumento do número de organizações, portanto, maior fragmentação, que, segundo ele, seria decorrente da prisão e do distanciamento da liderança que comandava o tráfico na cidade de Salvador, e que, com a sua saída, as tensões se agravaram e resultaram em divisões internas que culminaram com a criação de mais organizações.

Diante do exposto, pode-se perceber a gravidade da situação, pois o mercado é altamente fragmentado, com diversas organizações que disputam territórios precariamente delimitados, sendo que, muitas vezes, isso resulta na troca da organização que comanda o local, implicando profundas transformações nos bairros populares. Esses eventos funcionam como combustível para um ciclo interminável de violência letal, cujo saldo é o acúmulo de mortes de pessoas jovens e outros tantos efeitos negativos não fatais sobre envolvidos e não envolvidos. (CONCEIÇÃO, 2015; KENNEDY; SACCO, 1998; LESSING, 2008)

Outra questão importante é que, mesmo quando se faz um recorte para entender o gerenciamento de conflitos em relação aos rivais, pode-se perceber a infinidade de interações possíveis entre esses grupos, envolvendo moradores de longa data desses bairros, que estabelecem relações de amizade, namoro, rivalidades, entre outras, com residentes de locais de diferentes empresas, e podem servir de informantes ou serem mal vistos por ambos, correndo sérios riscos.

Ele foi morto porque tava conversando com uma menina do outro bairro, só por isso. Porque é assim, se ver você, que é de uma rua, conversando com uma pessoa de outra rua, que não é da facção, mata. Se conversar com policial, mesmo sendo morador dali, mata. Se não é conhecido da área, manda sair, porque eles desconfiam de todo mundo, que tá de olho neles e eles não querem nem saber. (HELENA, 52 anos, moradora de um bairro popular, Salvador)

Esse depoimento foi da tia de um rapaz assassinado após ser advertido para não frequentar a rua de uma empresa rival, onde tinha muitos amigos desde criança. Trata-se de uma estratégia de defesa adotada pela organização, que acabou por se reverter contra os operadores e o chefe, pois a vítima não tinha qualquer envolvimento com o tráfico.

Diante do exposto, percebe-se o quanto as tentativas de expandir os negócios e monopolizar o mercado alimentam o ciclo de violência, com predominância de violência letal e o alcance de efeitos que ultrapassam os operadores e afetam toda a comunidade.

12.4 AS FORÇAS POLICIAIS E O TRÁFICO: REPRESSÃO, COOPERAÇÃO E CORRUPÇÃO

A interface entre as polícias¹⁵ e os operadores do varejo de drogas, nos bairros populares, merece destaque porque os dois grupos atuam buscando a hegemonia no mesmo território. A questão é que, enquanto as polícias devem garantir a ordem e a segurança dos cidadãos e detêm o monopólio do uso da força e das armas, os operadores buscam manter a comunidade sob controle. Essa disputa é permanente e dinâmica, envolvendo a capacidade de estabelecer acordos e gerenciar conflitos de ambos os grupos. (CONCEIÇÃO, 2015; GRILLO, 2013)

¹⁵ O termo “polícias” foi utilizado no plural pela existência de diversas modalidades de polícias no Brasil: Civil, Militar e Federal. A polícia Civil tem como atribuição preservar a ordem, proteger os cidadãos e investigar crimes; a Militar tem como função principal inibir os crimes, mediante a vigilância ostensiva das localidades onde atua; a Federal investiga crimes que afetam o país e atua em todo território nacional. A Polícia Federal atua de modo pontual, em operações que ocorrem sigilosamente, enquanto as Polícias Civil e Militar permanecem por mais tempo, porque sua atuação é baseada na cobertura do território.

Foram encontradas duas formas de policiamento: a polícia de incursão e o policiamento comunitário. A primeira se caracteriza por intervenções pontuais e demonstração de força. A segunda, por sua vez, busca a aproximação e o diálogo com a população. Nos últimos dez anos, esse tipo de policiamento evoluiu para as chamadas bases comunitárias. (CONCEIÇÃO, 2015)

Em ambos os casos, percebe-se que as polícias fazem concessões para que as organizações continuem suas atividades comerciais e, em contrapartida, elas solucionam e evitam problemas que possam demandar intervenção policial. Elas podem ajudar a solucionar delitos, identificar autores de roubos, localizar objetos roubados, etc., facilitando o trabalho da polícia. Trata-se de contratos informais, instáveis, por conta das tensões e conflitos de interesses no interior e entre esses atores distintos.

As práticas policiais inadequadas e o envolvimento de policiais civis e militares, com as organizações do tráfico de drogas contrastam com a atuação da Polícia Federal, considerada fora desses esquemas ilegais¹⁶.

A corrupção policial, que é o uso do cargo público para exercer, facilitar ou legitimar práticas ilegais, tem se tornando uma condição indispensável para que o tráfico se mantenha e prospere. No segmento varejista, nos bairros populares, isso assume contornos graves, pois esses profissionais atuam junto às organizações do tráfico de drogas para obter vantagens. (REUTER, 2009; SCHNEIDER, 2013)

A polícia é que são os fora da lei, porque eles sabem de tudo e não fazem nada. Eles sabem quem vende, mas é tudo envolvido. Eles eram pra manter a ordem, cuidar dos bairros e não fazem. Eles mesmos chegam quebrando casa, derrubando porta, batendo, dando na cara de pai de família. Até de nós, é pra prender e não pra derrubar, pisar no pescoço, quebrar. Eles fazem e quem vai dizer que não é certo? O que mais tem é polícia nisso, por isso o crime não vai acabar nunca. Eles vivem atrás de dinheiro, eles querem o deles. Se der, aí eles levam um tempo sem fazer nada, depois voltam, pra pedir mais. (ENALDO, 23 anos, vendedor, Salvador)

O relato aborda o envolvimento da polícia no tráfico, os abusos de poder praticados contra os moradores e os operadores, as invasões de domicílio, as agressões físicas e morais. Essas práticas fazem com que as corporações sejam desmoralizadas e ineficazes e apontadas como estimuladoras do ciclo de violência. (KENNEDY; SACCO, 1998; MACHADO; NORONHA, 2002; SOARES, 2007, 2011; ZALUAR, 1985)

¹⁶A inclusão de outras fontes de dados, ou triangulação, foi extremamente importante, para evitar que os operadores, custodiados ou não, desvalorizassem a atuação policial, acusando-a de práticas inadequadas, na tentativa de invalidar o processo, descaracterizarem o delito e se isentarem de culpa.

Embora, de modo geral, as polícias civil e militar atuem de modo desonesto e inadequado, as estratégias de abuso de poder, uso da força e extorsão variaram de acordo com a função dos membros das organizações do tráfico de drogas. Por exemplo, com os chefes e gerentes, eles tentam negociar valores, utilizando mais de ameaça e intimidação; já com os soldados e vendedores, eles tomam as drogas, armas, dinheiro e usam violência física, ameaçam de prisão, afugentam dos pontos de venda, batem, usam palavrões. Muitos deles referiram que eram pegos na rua, em plena luz do dia, ou dentro de suas casas, recebiam chutes, pontapés, tinham objetos pessoais quebrados e eram levados para sessões de tortura em troca de dinheiro.

Eles pegam a gente, botam num carro, levam pra longe, lá pro CIA (Centro Industrial de Aratu, região metropolitana) e aí batem, ameaçam de morte com arma na cabeça, e dizem que soltam quando pagamos. A gente fica lá, a família fica doida... fazer o que? Eles ficam ligando e dizendo que estão com a gente, eles pedem o dinheiro. Assim que eles fazem, você dá o dinheiro, eles largam na pista. Já tiveram que dar cinco, dez mil reais, tudo dinheiro grande, não é pouco não. É assim: a civil e militar extorque, quer dinheiro, droga, a militar é quem mata mais. A federal vem de fora, às vezes mata, mas prende mais e não faz jogo [não aceita propina]. Eles também pegam e nos quebram no pau e fica por isso, porque se reclamar é pior, aí que eles barbarizam mesmo. (OTÁVIO, 22 anos, vendedor, Salvador)

Trata-se de um caso de extorsão mediante sequestro, ocorrência frequentemente relatada, em que o indivíduo é tirado do bairro e levado para local ermo e são feitas ameaças, através de ligações telefônicas, enquanto ele sofre agressões físicas, que são ouvidas por companheiros e familiares que se desesperam e tentam, a qualquer custo, pagar o valor estipulado. As quantias solicitadas indicam que eles acompanham a movimentação dos operadores, sabem da disponibilidade de dinheiro e da importância do indivíduo para a organização, pois merece que o resgate seja pago; caso contrário, não haveria lucro e a operação seria desastrosa e desmoralizante.

Além disso, o relato traz a diferença da atuação da polícia federal, como menos sujeita a atos de corrupção e mortes. Uma das explicações é que eles ficam pouco tempo nesses locais e as operações são realizadas de modo mais sigiloso. Essa estratégia é adotada para evitar que os policiais corruptos avisem sobre prisões e apreensões aos chefes do tráfico e eles consigam escapar, colocando em risco a operação e os policiais não envolvidos.

Quando ele foi preso, foi a Federal [polícia], disseram que tinha escuta no telefone e tudo estava grampeado. Sabia onde tava tudo, arma, droga. Ele tinha 40 mil e uns fuzis pra dar à polícia, uns fuzis grandes. Se fossem esses daqui [policiais militares e civis], nunca ele ia preso, eles iam aceitar na hora. Mas a Federal não, ela vem pra pegar e aí tá tudo pronto pra levar. Tudo deles é na cóco [sigilo]. Ele já desceu pra outro lugar, nem ficou aqui [na delegacia]. (OLAVO, 28 anos, vendedor, Salvador)

Esse depoimento reforça as diferenças de atuação da Polícia Federal, cujas intervenções são pontuais, sigilosas e ocorrem geralmente durante a madrugada, em operações especiais, cujo objetivo é a prisão dos grandes chefes. Os relatos de execuções por parte dessa polícia foram raros. O montante de dinheiro e o tipo de armamento encontrado são amostras do capital financeiro acumulado pelas organizações, o que facilita o aliciamento de agentes públicos.

A abordagem com os chefes e gerentes é bastante diferenciada, pois eles têm acesso a montantes muito maiores do que os vendedores e soldados. A propina fornecida pelas lideranças, denominada arrego, que consiste no repasse de uma quantia fixa, semanal ou mensal, garante a proteção do território, avisos de incursões policiais (pelos oficiais que não recebem arrego), denúncias ou outras questões que possam comprometer o andamento dos negócios do tráfico.

A polícia é assim, você tem que agradar, porque não tem negócio sem polícia, vem, se chega e fecha [estabelece a quantia]. Aí paga, tem o certo pra pegar, outras vezes mandam [o dinheiro]. Não tem tráfico sem polícia não, doutora, eles estão todos dentro, e eles não querem saber de nada não, eles só querem o deles. A parte deles. Eles avisam qualquer coisa e eles chegam, pegam o dinheiro, que já é certo e saem. Isso é toda hora. Eles sabem de tudo, doutora. Teve vez deles pegarem [apreender] droga em outro lugar e entregar a sacola de droga, de arma, pra nós vendermos. Aí o lucro deles é de duzentos por cento. Eles são os que mais sabem de tudo. E a gente ali tem que ficar na da gente, porque se for contra eles vêm pra cima e é destruição. Eles têm aquele que recebe e se eles virem que tem movimento demais, eles querem mais, vem pra cima pra tirar mais. Leva um pra longe, ameaçam pra tirar dinheiro. Já teve caso deles se aliarem com os inimigos e entrarem pra matar todos pra livrar a área. Aí nós temos que fugir, senão morre. Aí eles dizem que foi pra prender e que morreram trocando tiro. Tudo coisa deles lá, doutora. Não dá nada pra eles [impunidade]. Quando chegam no bairro, ninguém sabe, ninguém viu, todo mundo tem medo deles. (SANDRO, 45 anos, chefe, Salvador)

O pagamento regular de propina é uma das formas de garantir a atuação e a sobrevivência das organizações. Porém tais relações são instáveis e sujeitas a repactuações. Quando o movimento é maior, são exigidas propinas maiores, e o tempo em que os pactos são refeitos pode gerar graves problemas para os envolvidos, como prisões, mortes e outras formas de pressão para negociação.

A impunidade, garantida pela autoridade policial, é outro grave problema, pois sendo essa a instância responsável também pela investigação, pode atuar descaracterizando cenas de crimes, inviabilizando a identificação dos culpados, inibindo denúncias, ameaçando delatores ou tomando outras medidas que obstruam a justiça e alimentem a escalada de violência.

A polícia ia lá, nem era de lá, mas passava, dizia que queria conversar, pra nós vendermos pra eles. Eles insistiam, e eu não queria não, ninguém queria, nós comprávamos com o pessoal do CP. Eles dizia que nós tínhamos que vender pra eles. Eu não aceitei. Aí eles entraram pra pegar nós. Eles vêm pra matar, porque aí eles botam a facção deles, eles ganham mais. Eles fazem de um jeito que pensam que é rixa

de droga e não é. Sai no jornal que matou o traficante. É um caso que não tava se entendendo, tava em guerra e eles entram pra resolver pro lado deles. (MAURICIO, 22 anos, vendedor, Salvador)

O entrevistado fala da posição privilegiada ocupada pela polícia, que pode transitar nos bairros sem enfrentar maiores problemas, conta com informantes que garantem acesso a aspectos importantes das organizações e de seus integrantes, e tem meios de ocultar e descaracterizar crimes. Além disso, aponta para a forma como eles medeiam as negociações entre as diferentes organizações, em busca de adesão, e, nos casos em que o acordo não é estabelecido, eliminam e afugentam os rivais, dando posse do território para a organização que oferece mais vantagens.

Houve relatos de beneficiamento de familiares e amigos dos policiais, como um prolongamento do poder da corporação, sendo que, em duas situações, os líderes eram filhos e irmãos de policiais que davam total cobertura à organização.

Hoje em dia, a maioria das polícias tem familiares que moram no bairro. E tem gente que, às vezes, através dos familiares ganha para fazer suposta segurança privada. Então, quanto mais liberdade o tráfico tiver ali, a polícia não agir, aí vende mais. Ele [o chefe] rodou [foi preso] pelo fato de não fazer negociação com a polícia... Por isso, a polícia não gostava dele. Negociação é pagar, pra ficar em paz, sem ser incomodado. O fato dele não pagar trouxe problema. Tem grupos que não têm disposição de resolver esse tipo de coisa, resolve com homicídio. Outros são assim. Como é um bairro perto do outro, ele tirando um concorrente dali os clientes não vão deixar de usar drogas. Vai vim pro outro lado. Se tirar um dali, vai pro outro lado. Tem um aí que tá preso agora. Quem mandava mesmo era o pai e o irmão, que era da PM [polícia militar]. Eles tinham carro, casa, tudo deles. Vieram tudo pra aqui, perderam a farda, era tudo família. (ALTINO, 29 anos, dono de boca, Salvador)

O entrevistado fala da importância de o chefe manter os canais de negociação com as polícias, para evitar prisão, morte e outras consequências indesejáveis. Além disso, aponta para diversas formas de atuação das polícias que, ao invés de inibir o tráfico, agem estimulando o comércio, a rivalidade e a competição, buscando tirar o melhor proveito. No caso em questão, o tráfico era a fonte de renda principal da família, e a atividade policial servia de sustentação e fachada.

Outras questões, que apareceram no relato anterior e foram recorrentes nas demais entrevistas, dizem respeito à naturalização e impotência diante das práticas abusivas e criminosas dos policiais e ao receio dos operadores de responder às ações policiais.

Pior é a polícia, aí é pior que tudo. Eles fazem o que querem e não acontece nada. A população sabe, tanto que eles muitas vezes preferem mais o patrão [chefe] que a polícia, porque eles quebram casa, humilham moradores, batem na cara, levam, matam, fazem o que querem. Quem vai dizer que eles não podem? Quem vai ser contra eles? A polícia é pior que os traficantes, porque eles deviam ser exemplo, seguir a lei. Não... Eles são os piores bandidos e, quando um deles vem pra cima e um morre, aí que é pior para nós. Eles não sossegam enquanto não pegam tudo e mata. A polícia já matou um bocado de amigo meu. Quando pega, leva pra fora do bairro e é para matar... Dois meninos foi pego dentro de

casa, uns tava armado. Não tem conversa não, eu tive que sair daqui, fugi, fiquei fora. Opaí, eles pegou um pivete lá, pegou 40 mil, depois matou. Outro pegou 70 mil e matou o cara. Os caras querem é dinheiro, tá ligado? A polícia quer o dinheiro, se não der eles desaparece com a pessoa. Desaparece e não deixa rastro. (BRUNO, 22 anos, vendedor, Salvador)

Percebe-se a desvalorização e a desmoralização da força policial devido às atuações inadequadas, à prática de extorsão e ao uso abusivo da força. Os operadores evitam confrontos com os mesmos, pois sabem que, caso algum deles seja atingido ou morto, a resposta da corporação é imediata e letal. A não retaliação é orientada pelo chefe e decorre do temor pela arbitrariedade, truculência e impunidade da polícia.

A descentralização ou fragmentação dos mercados de drogas, no Estado da Bahia, reduz o poder de barganha das organizações do tráfico, levando a uma relação de forças desfavorável e aumentando a vulnerabilidade das organizações do tráfico de drogas (OTDs) às práticas extorsivas da polícia.

Aqui agora já tem cinco facções, então elas já têm muita guerra entre elas, tem que combater o inimigo que está toda hora ali querendo invadir. A polícia elas preferem deixar de lado, porque se entrar perde. Quando cai um polícia, eles vêm em cima de nós e morre dez bandido, não tem outra. Não é jogo pra fazer, só se for em último caso, pra nós não morrermos. Lá no PCC, em São Paulo, é menos facção, eles são unidos, não guerreiam entre eles mesmos. Eles se unem pra não deixar a polícia tomar conta. Aqui é muito dividido e não vai acabar, porque tem muita gente querendo tomar tudo, ser dono, e não vai ser nunca, porque a polícia também faz jogo. (LEVI, 31 anos, Gerente, Salvador)

O entrevistado relata a frequência das guerras entre as organizações para expandir seus domínios e o recuo diante da ofensiva policial, que é tida como desvantajosa para os operadores. Ele compara a realidade da Bahia com a do Estado de São Paulo, onde a frequência de mortes de policiais relacionadas ao tráfico é alta, o que, segundo sua hipótese, é decorrente do grau de monopolização e dos acordos firmados entre as organizações que reduzem disputas graves entre si e agem de modo mais coletivo em relação à polícia.

Uma questão colocada por Reuter (2009) e Schneider (2013) é que não há tráfico de drogas sem corrupção policial, ao mesmo tempo em que relatam a existência de vítimas entre “policiais inocentes”, referindo-se àqueles que não aderem aos esquemas de corrupção do tráfico de drogas, e podem ser mortos pelos operadores ou por outros policiais. No presente trabalho, não houve menção a esse grupo. Pode-se pensar que os policiais não envolvidos ou inocentes não são encontrados, porque eles não conseguem permanecer nos territórios tomados pelo tráfico, por temerem por sua vida ou adoecerem física ou psicologicamente diante das tensões e riscos encontrados nesses locais.

Um desdobramento importante da atuação policial nos bairros populares é a prisão dos integrantes das empresas criminais, para os que conseguem escapar dos altos índices de violência letal nesses locais. Eles são conduzidos para as instituições prisionais que vêm merecendo cada vez mais destaque pelo papel que representam nesse campo.

12.4.1 Os operadores e as prisões

12.4.1.1 Prisão para os sobreviventes do tráfico

O trabalho de campo foi marcado por relatos de mortes de operadores. Muitos foram assassinados antes mesmo de chegar à prisão, ou após terem passado por ela. À medida que o estudo se desenvolvia, ficou evidente que os entrevistados faziam parte de um seletivo grupo de sobreviventes do tráfico de drogas.

As justificativas fornecidas para que alguns fossem mortos e outros não, foram diversas, como o proceder, as contingências relativas aos desfechos dos confrontos entre policiais e operadores, nomeadas como a intercessão divina, obra ou a mão de Deus e a sorte, e o não cumprimento de acordos por parte de integrantes pertencentes aos níveis superiores das empresas criminais, como gerentes e chefes.

O proceder envolve a reputação, as atitudes e comportamentos que são exibidos pelo indivíduo frente aos demais, como ser uma pessoa que não se envolve em problemas que requeiram a atuação constante da polícia no local. No caso das contingências, as situações eram de extremo risco de morte iminente, como ferimentos graves por arma de fogo ou espancamentos, acompanhados de ordem para matar e que, pela ocorrência de algo imprevisto, resultou em outro desfecho.

Eu acho que tem Deus na frente. Eu mesmo já escapei da morte. A polícia me levou pra eu entregar a droga. Eu não entreguei e consegui correr, eles atiraram e não pegou em mim. Dessa vez, eles entraram em casa e me pegaram e uma hora, eles falavam: vamos levar e matar! Aí um deles disse: não mata não, vamos levar [pra delegacia]! Um deles lá que não deixou me matar. Eu fui pra delegacia e depois vim para aqui. É a mão de Deus, porque era pra uma hora dessa eu estar morto. Também tem o caso do camarada não bagunçar no bairro, não fazer o que sabe que não pode fazer, não ficar roubando, dando mole pra ir preso toda hora, porque aí cansa, né [a polícia]? Toda hora pegando o cara, levando. Aí não tem jeito... (ADRIANO, 23 anos, vendedor, Salvador)

O entrevistado fala das vezes em que foi abordado pela polícia e como conseguiu escapar da prisão e da morte, atribuindo o desfecho a algo que não consegue explicar de modo racional, pois diz respeito ao inesperado, que atribui à mão de deus, ou à sorte. Ele relata a

importância da reputação do indivíduo, sendo que tem mais chance de sobreviver quem não causa problemas no local e não provoca desgaste e desmoralização da polícia, situações agravadas pelas sucessivas prisões de alguns operadores que acabam sendo mortos.

O cara é um soldado e quer sair matando, começa aquela conversa, bradar, se botar que manda ali. A comunidade bate pra polícia que vem e lima [mata] ele. Tem que saber proceder. Ser pelo certo. Porque o certo é o certo. Ficar de quebrada, sem zoada. Porque alardear é problema... Prende, solta, faz tudo de novo e ainda sai com sangue no olho. Vai deixar vivo pra que? Não respeita ninguém... Tá com uma arma, fazendo e acontecendo, prende, solta... É quando eles [a polícia] pegam e dá fim mesmo. Porque eles mesmos ficariam sem moral. (FRANCISCO, 30 anos, chefe do tráfico, Salvador)

Percebe-se que a atitude francamente desafiadora representa um risco para os operadores, porque causa rechaço na comunidade e atrai a presença da polícia para o local. A referência ao “certo” como código de conduta do crime foi feita em várias entrevistas e é esperado que todos, operadores, comunidade e policiais ajam de acordo com seus princípios. Além disso, a prisão de reincidentes, que retornam à atividade do tráfico, sendo presos em seguida pelo mesmo motivo, funciona como um sistema de porta giratória que leva à desmoralização e ao desgaste da autoridade policial e aumenta o risco de uso de violência letal contra os operadores.

Outros fatores que reduzem as chances de os operadores serem mortos pela polícia foram: ter familiares no bairro, que podem presenciar e testemunhar a favor da pessoa, ser parente de alguém não envolvido, de boa reputação, ou possuir outra fonte de renda no mercado informal ou formal “Eu sempre trabalhei e todo mundo me conhece como pessoa honesta, séria, não faço bagunça e tenho minha família, meu horário de fazer minhas coisas.” (MÁRIO, 26 anos, vendedor, Vitória da Conquista)

Eu toco numa banda de pagode e vinha de um show e o que me fez não morrer foi a minha mãe... Eles [polícia] vieram pra cima de mim e eles levaram minha esposa... Achou a droga lá, armas também. Eu não faço nada de errado... Assim, tem uns que barbarizam, aí a polícia fica com sangue no olho [vontade de matar]. Na hora, eu fiquei na minha. Eles me bateram, deram uns tapas, pegaram minha mulher e minha cunhada e disseram: nós levamos ela e comemos [estupraram]e matamos ele... Isso faz com que muitos fiquem revoltados, essa não é a policia que a gente quer não... Mas eu fiquei quieto, então, não sei, eles deixaram elas e me trouxeram preso. (ALBERTO, 25 anos, vendedor, Salvador)

O entrevistado fornece exemplos das condições que o fizeram escapar da morte, como a presença da família, ter ocupação, bom proceder e, acima de tudo, saber se comportar na hora da abordagem policial. Nesse momento, o autocontrole é decisivo, pois uma resposta agressiva e por impulso frente às provocações da polícia poderia justificar facilmente a sua truculência e o abuso de poder, caracterizando a reação como resistência à prisão.

Outro fator é ocupar um cargo de liderança no tráfico que tenha visibilidade e cuja prisão transmita a imagem de eficiência da polícia na mídia e na opinião pública. Essas situações podem também decorrer da ruptura de acordos estabelecidos entre as forças policiais e os chefes ou gerentes, que podem sofrer sérias retaliações, mas não existe justificativa, diante dos demais, para matar as lideranças.

Esses achados demonstram a fragilidade dos critérios e circunstâncias que cercam os atos que levam à prisão e à morte de suspeitos de envolvimento no tráfico. Ademais, muitas dessas ações têm o aval da comunidade local, pois alguns operadores são considerados pessoas indesejadas e causadoras de problemas. (CONCEIÇÃO, 2015; REUTERS, 2009; SOARES, 2007)

12.4.1.2 Os reflexos no modo de organização da população carcerária

As instituições penais têm papel fundamental para as organizações do tráfico de drogas, pois, do interior delas, muitas decisões com graves repercussões extrainstitucionais são tomadas pelas lideranças das empresas criminais nelas encarceradas, afetando diretamente o modo de organização da população carcerária. (ALMEIDA, 2011; CONCEIÇÃO, 2015)

Uma vez que os operadores são capturados pela polícia militar, responsável, na maior parte das vezes, pelos atos de privação da liberdade, são levados para instituições como delegacias ou prisões. Esse contingente inclui pessoas reincidentes ou os que nunca cumpriram pena. Parte desse grupo volta às ruas, por ser inocentado por diversos motivos, e outra parte é encaminhada para o sistema prisional.

Eu já fui preso por tráfico quando era mais novo; quando eu comecei tinha uns 14 anos. Eu vivia preso, ia pra delegacia, porque eu roubava, mas me soltavam. Até que eu fui fichado [sentenciado]. Como eu tinha ficha, quando puxou, disseram que eu que tinha roubado, que vendia droga na rua. Eu vendia o que aparecia, o que eles me davam para vender, crack, cocaína, maconha... Dava um dinheiro para eu comprar uma comida, eles me dava coisa, roupa... Eu não tinha para quem pedir não. (RUI, 25 anos, vendedor, Salvador)

Percebe-se a idade precoce de entrada no esquema de comercialização de drogas, a mudança de um tipo de delito para outro, que funciona como uma proteção contra a morte, pois os primeiros são mal vistos pelas organizações, pela polícia e pela comunidade. Ademais, pertencer a uma organização do tráfico garante uma renda mais regular. O relato é um exemplo de pessoas que tiveram diversas passagens por instituições para jovens em conflito com a lei, por delegacias, e que não foram sentenciadas como envolvidos no tráfico. Esse

achado indica que o número de envolvidos no tráfico é muito superior ao de sentenciados. Há ainda a precariedade dos autos de prisão, o que faz com que muitos sejam soltos, ou não tenham a culpabilidade comprovada. Isso é importante, porque a simples passagem por uma unidade do sistema de justiça aumenta o estigma e os riscos de vitimização.

Ao adentrar nas instituições prisionais, os indivíduos passam por uma avaliação do serviço social, quando são levantadas questões relacionadas à saúde, ao uso de medicação, ao suporte familiar, entre outros. Eles são encaminhados para a *base*, local onde permanecem até ser definido em que pavilhão vão cumprir pena. Anteriormente, pesavam na escolha o tipo de crime, o grau de especialização e o pertencimento à força policial, pois, devido ao risco de vingança por parte dos presos, muitos permaneciam em local protegido. Atualmente, os presos, sentenciados ou não, são agrupados de acordo com a empresa criminal ou organização à qual pertencem fora das prisões. (ALMEIDA, 2011)

A lei é assim, quem é Caveira não tira [cumprir pena] na CP. Quem é Bonde[Bonde do maluco] não tira com Caveira; nós não nos unimos. Se encontrar, pode até ter morte. Lá fora e aqui. Eu tive uma armação aqui, logo que eu cheguei aqui [na penitenciária]. Tinha gente que me devia dinheiro. Eles já tavam aqui, então o segurança me chamou e me mandou esperar ali, que eu já ia descer. Eu não entendi, porque eu tava no corpo I fui pro II. Então, quando eu vi, foi chegando uns seis, sete, vinte caras, todos com uns pedaços de pau, e me bateram muito, foi muita pancada. Foi juntando gente. Eles me deviam dinheiro de droga e sabiam que eu ia cobrar. Porque a lei é essa. Todo mundo sabe que aqui é pior, porque não tem pra onde ir. Aqui, quando a gente chega, todo mundo já sabe que você tá vindo. Então, tem que ficar esperto, senão sobra na mão deles e, às vezes, não tem jeito. Então, eu apanhei muito, era muito pau... Aí um deles gritava: chacoalha, chacoalha! A senhora sabe o que é? É matar, eles iam me matar... Aí um cara que me conhecia saiu de lá de baixo e disse: agora, tá bom! Não precisa matar, não! Deixa o cara! Minha salvação foi ele, senão essa hora eu nem tava aqui... Os agentes não fizeram nada... Eu fiquei me arrastando no seguro [local protegido e isolado dos demais], com muito sangue. Um deles chegou um tempo depois e só fez pegar um pau que tava do meu lado e tirou. Ele levou, depois me mandou pro médico, eu cheguei todo quebrado... Mas eles não entram não [os agentes penitenciários não o retiram do seguro, nem entram para ajudá-lo]. Eles deixam a gente lá. Só não deixam matar porque é ruim pra eles. Fiquei na central [serviço médico para internamentos], uns dias depois voltei. Aí, quando eu voltei, eu fui pro pavilhão. Lá não tem isso. Lá não tem violência, lá qualquer coisa passa o portão [muda de pavilhão]. Eu sei o que eu fiz na rua, então aqui eu posso receber. Hoje você tá com o porrete e julga os outros, amanhã os outros podem tá com o porrete, aí você que vai ser julgado com a mesma lei. (OTÁVIO, 22anos, vendedor, Salvador)

Percebe-se que os conflitos entre as empresas repercutem diretamente dentro do presídio, sendo que o cenário é bem pior, porque as possibilidades de defesa são restritas. (ALMEIDA; MACHADO, 2013) Um dado interessante é a agilidade de comunicação das organizações, pois os presos são avisados da prisão de outros integrantes antes mesmo de eles chegarem ao local. Isso causa tensões e, a depender de sua importância, implica ajustes nas interações entre os internos. Os acordos de conta são aceitos como parte do código de conduta do crime, e a violência é naturalizada, pois se ele estivesse no lugar de seu rival, teria feito o mesmo, ou pior. Outra questão é a defesa que é feita da própria organização, como se fosse

mais justa que a outra. A intervenção do outro preso, que impede que o entrevistado seja morto, é uma ação bastante instrumental, pois uma morte, nessas circunstâncias, tem graves desdobramentos para todos os envolvidos, desde os funcionários até os presos do pavilhão que não são envolvidos com o tráfico.

As situações de risco são diversas e podem ser agravadas porque os meios disponíveis para enfrentamento são mais difíceis. (ALMEIDA; MACHADO, 2013)

Não fique assustada não, doutora. Eu estou assim [com a camisa ensanguentada, porque tentou cortar os braços, e com marcas no pescoço por tentativa de enforcamento com um lençol], porque eu tentei me matar. Eu estou no castigo, porque eu não posso tirar em nenhum lugar daqui, só em um. Eles dizem que eu sou do PCC, só porque eu tirei em Serrinha e, quando eu vim no bonde [transporte de presos], eu vim com o pessoal de lá. Então eu fiquei marcado com isso. Eles chegam na porta do seguro e dizem: se você sair daí, você vai morrer. Agente te mata. Aqui tudo tem dono, mas eu não sou do PCC e eu não estou aguentando ficar lá, sozinho, com os ratos passando, mau cheiro. Me bateram demais e eu agora tô lá, isolado, porque eu só posso tirar no corpo 10. Eu passei pelo 11, me bateram muito e mandaram passar o portão; fui pra o 13, foi a mesma coisa. Assim eu não vou ter onde tirar, porque todo lugar é assim. Eu não durmo, não consigo comer e estou perdendo a cabeça já. Eu prefiro morrer. Eu cortei meus braços e vi que não ia morrer, aí eu fiz uma corda com lençol e tentei me enforcar, mas não deixaram. Porque se eu morrer, eu não passo mais por isso, acaba tudo. Aqui eu não tenho ninguém por mim, minha família é de longe, eu não aguento mais a pressão, eu vou me matar. Se não me tirarem de lá, eu vou me matar. (MAURICIO, 22 anos, vendedor, Salvador)

Trata-se de uma situação grave, com alto risco de morte, que foi desencadeada pela suspeita da presença de um integrante do PCC, que foi mantido em local isolado e insalubre como forma de proteção contra os operadores de outras organizações que atuam no território baiano há mais tempo. Ele vem migrando entre os pavilhões da instituição e sofrendo diversos tipos de violência, o que faz com que a experiência na prisão se torne ainda mais intolerável, despertando sentimentos de desesperança, desamparo, impotência e desproteção, além de desencadear grave risco de suicídio. Foram relatadas diversas tentativas de enforcamento utilizando a própria roupa rasgada e enrolada como uma corda.

Outros problemas enfrentados são as oscilações no comando, transferências para outras unidades, chegada de outros líderes, ainda que do mesmo grupo, pois, se forem lideranças no bairro, muito provavelmente vão constituir ameaça ao comando do pavilhão. Como a coexistência de lideranças antigas, que já tiveram seu apogeu e foram sendo minadas por questões de dentro ou fora da instituição, mas que, pela capacidade de articulação, representam ameaça constante para os demais. Percebe-se, então, que a instabilidade e a luta pelo comando é incessante, mesmo dentro das instituições prisionais, e podem reconfigurar as relações fora da prisão. (ALMEIDA; MACHADO, 2013)

Tendo em vista o aumento das taxas de encarceramento e a crescente fragmentação dos mercados de drogas no Estado da Bahia, a tendência das instituições penais é piorar, pois

o espaço físico não vem sendo ajustado e não há qualquer sinalização de melhora desse panorama pelo poder público.

Outra séria consequência das organizações sobre a população carcerária é a comercialização de drogas ilícitas. É um mercado que movimenta muito dinheiro e continua atraindo jovens que podem passar a usar drogas ilícitas ou a fazer parte da comercialização.

Eu me drogo para esquecer os problemas. Como uma pessoa vai ter paz vivendo uma vida atormentada? Ficar num lugar desse? É uma tranquilidade passageira... Usa, dá uma ânsia e vontade de usar de novo, porque você quer aquele efeito de novo, precisa, porque ninguém aguenta não... Eu lavo uma roupa, uma cela, faço um ali e ganho um e compro. Outros entram pra manter o vício. Tem gente que nunca usou, começa a usar aqui e encontra, doutora... Tem de tudo... (PLÍNIO, 28 anos, vendedor, Salvador)

A venda direta para os detentos segue a lógica do comércio fora das prisões, ou seja, o pagamento em dinheiro e a intolerância com dívidas, sujeitas a punições. Contudo, por se tratar de uma população sem recursos materiais, a situação se torna ainda mais grave, e o risco de vitimização é maior para os internos. Muitas vezes, o agravo se estende à família, que precisa angariar meios para saldar dívidas de drogas. (ALMEIDA, 2011)

A prisão também é um lugar privilegiado de transmissão e difusão de conhecimento, pois seus residentes têm tempo para conversar, trocar experiências, estabelecer e reforçar contatos. A aprendizagem pode ser através da participação ativa e direta, observação das ações dos demais e escuta de diálogos alheios. (DESROCHES, 2005; LETKEMANN, 1973; OLIVEIRA, 2007)

Aqui se aprende de tudo. Se o cara quiser o bem, tem o bem, mas é mais o que não presta, porque a conversa é essa o dia todo... Você encosta ali e fica um falando o que já fez, o que não fez, e você ouve ali, ouvindo tudo dos outros, que vai matar, que quando sair vai pegar e barbarizar. Passa o dia contando as desgraças... Todo mundo fica sabendo, então tem que ter força de vontade. Esses meninos entram aqui novos, vão aprender o quê? Não tem pai, nem mãe, não estudou, ali vem um dá uma ideia, outro, assim que aprende... Entra sem saber de nada, muitas vezes roubou uma besteira e entra. Outros não. Pensam que o destino do crime é só cadeia e morte, aí sai, não fica pra ver isso. Tem outros que sobem, que chegam a ser chefe, ficam no comando, aí tem que ter disposição, ter mente... (ARLINDO, 25 anos, vendedor, Salvador)

Nesses locais, eles têm tempo para compartilhar técnicas mais aprimoradas de roubos ou furtos, escolher alvos mais vantajosos, formas de obter êxito e escaparem ilesos, bem como meios de se comportar diante dos funcionários para requer benefícios, saídas, ou atenuação de quaisquer dificuldades ou punições. Outras habilidades que podem ser aprendidas são confeccionar instrumentos utilizados como armas, como os “chunchos”, realizar espancamentos e extorsões. No interior das prisões, pessoas que tinham participação periférica ou inexpressiva fora das unidades podem se tornar grandes líderes do crime. Eles

podem desenvolver habilidades e demonstrar competência para ocupar posição de destaque e comando diante dos demais. Contudo, a aprendizagem tanto pode fortalecer a carreira criminal, como pode dissuadir a continuar no crime por medo de morrer, perder a juventude dentro da prisão, além de fazer os familiares sofrerem.

Quando a gente está lá fora, a gente não pensa, porque tem muita farra, dinheiro. Quando cai num lugar desse, vê que dinheiro não é tudo. Quando eu sair daqui, vou ver outra forma, porque é sofrimento... Não é questão de ficar sem visita, porque quem é daqui não, diz: ó minha mãe, traz isso, traz aquilo, como a senhora tá? Agora você ficar ali um ano, sem ver ninguém seu, sem visita, sem ninguém, sem parente, sem aderente, me afundando... Fiquei mal, triste, pensei em morrer, depois dei uma recuperada. Achava que o mundo tinha acabado, tudo dava errado... Aí eu fui melhorando, depois pensei: perdi a liberdade, mas não perdi a vida. Tudo recupera... Não sei por que, se é porque eu sou pobre né? Mas teve o lado bom de eu cair aqui, minha mãe é evangélica e fala que tem mal que vem para o bem... Porque eu tava demais, eu tava aprofundado, envolvido. Aprendi aqui que é não olhar pro lado, porque a tentação é grande... Mas só lembrar o que passei aqui, que volto atrás... (ADRIANO, 23 anos, vendedor, Salvador)

A experiência na prisão, principalmente para os operadores que têm funções inferiores, pode ser dolorosa, agravar seus problemas materiais, emocionais e facilitar a tomada de decisão para sair do tráfico. Embora o estilo de vida hedonista do tráfico seja referido como um forte atrativo, muitos se apegam à religião como forma de sustentar a decisão de sair e se manter fora do negócio.

São comuns os depoimentos de cenas chocantes presenciadas e situações de alto risco. Há saudades da família e da vida fora da prisão, o que provoca reflexão sobre a participação nas atividades que a motivaram, sendo os níveis de vitimização considerados elevados. Esses relatos são mais comuns nos jovens provenientes do interior do estado, sem suporte familiar e que chegam a conhecer a força das gangues prisionais nas instituições da capital.

Tenho família, e uma coisa que me ajudou muito quando eu cheguei na penitenciária, e no presídio de Feira de Santana... Aí em Feira eu encontrei um povo que tem uma fé muito grande em Deus, que foi alcançado pelo poder da palavra. Pessoas que fazem pregação e, graças a Deus, ali eu consegui apoio. Eles fazem um trabalho evangélico que me ajudou a me fortalecer e ser a pessoa que sou hoje. Cheia de luz e que conheci Jesus. Por isso eu não minto, conto tudo o que fiz, porque o principal é Deus, ele sabe a verdade e eu não posso mentir... (HÉLIO, 28 anos, vendedor, Salvador)

O suporte oferecido pelos grupos de religiosos vem se tornando importante para mudar a cultura de punição de alguns grupos, como a dos criminosos sexuais, ajudar pessoas que não têm apoio familiar. Muitos podem, nesse percurso, aderir a alguma crença, o que reforça a reinserção na vida coletiva e honesta. Por outro lado, o discurso religioso pode ser adotado como apanágio para compor uma fachada que viabilize obter benefícios. Nesse caso, a simulação não é duradoura.

Ao mesmo tempo em que as instituições penais são locais difíceis de viver, onde os indivíduos buscam a sobrevivência a cada instante, também representam uma oportunidade de aprendizagem. Lamentavelmente, cada vez mais elas são associadas ao incremento da carreira criminal, constituindo um grande desafio transformar esse panorama, indicador da falência das instituições penais, transformadas em verdadeiros quartéis gerais do tráfico de drogas. As organizações do tráfico são fortalecidas e continuam atuando no interior delas, reproduzindo as práticas territoriais dos bairros populares e aprofundando as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos que vivem nesses locais.

12.5 VALORIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

A banalização da violência, caracterizada por seu uso rotineiro no enfrentamento de conflitos, é resultante de um processo de exposição reiterada a eventos violentos, altos índices de impunidade e criação de formas de naturalização, que podem levar à incorporação e à inovação dessas práticas, perpetuando esse ciclo¹⁷. A fala a seguir é representativa dessa banalização. (ZALUAR, 1985, 2004)

Quando eu tinha uns 10 anos, doutora, a gente tinha um campinho lá no fundo que a gente jogava bola sempre. Aí, de vez em quando, a gente via a polícia chegar e eles abriam o fundo do carro [porta mala] e atirava e matava dentro do carro. Tinha vez que eles pegava ainda vivo, batia, espancava e jogava no chão e dava tiro. A gente ficava quieto, depois ia lá pra ver quem pegava mais coisa [pertences do morto]. Tinha dia que tinha carteira, eles nem tirava dinheiro, nem corrente. A gente pegava o que tinha, tênis, carteira, boné. Eu não ligava não porque aquilo ali era normal. A gente brincava pra ver quem pegava mais coisas. (OLAVO, 28 anos, vendedor, Salvador)

Trata-se de um exemplo de grave exposição precoce à violência, em que os espectadores não têm maturidade para lidar com a brutalidade da cena presenciada e a elaboram como uma brincadeira. Ainda mais grave quando envolve as instâncias de segurança, que deveriam adotar outra conduta diante da população. As situações envolvendo os usos de violência ao longo da vida constroem um repertório de respostas que vai sendo incrementado e somado às experiências dentro das organizações do tráfico de drogas.

¹⁷ Esses aspectos ajudam a compreender os jovens e crianças que superlotam as instituições para menores em conflito com a lei, e deixam técnicos de saúde perplexos com o modo como se orgulham de ser responsáveis por um grande número de mortes. Trata-se, portanto, de uma resignificação como consequência das violências acumuladas ao longo do tempo, como a inadequação e ineficácia de políticas públicas, a exposição a cenas de violência no cotidiano em idade muito precoce, que fazem com sejam as crianças e os jovens socializados em ambientes violentos, reproduzam essas experiências e criem novas formas que alimentam o ciclo de violência e vitimização. (BOURGOIS, 2010; KENNEDY; SACCO, 2008; ZEDNER, 1994)

O relato seguinte fornece elementos para compreender como os operadores conseguem lidar com as mortes, que se tornam banais com o passar do tempo:

A gente acostuma [com as mortes], doutora. Na primeira vez, passa ainda uns dias pensando, mas depois é uma, outra, tantas, que nem liga mais. Aquilo fica normal. A primeira vez eu tinha 15 anos, não vou mentir não. O cara caguetou nós lá. Aí o chefe mandou fazer. Ele que manda, porque não pode fazer da cabeça. Ele [o chefe] que dá a ideia. Eu cheguei perto e dei o tiro, eu naquele tempo tinha um 38 [revólver]. Não tinha pistola. Depois ele confiou em mim e me deu pra usar [pistola]. Nunca peguei em fuzil não, mas uma CT-40 [carabina] já peguei. Todo mundo sabe que o crime é CC, caixão ou cadeia. Hoje é um, amanhã pode ser eu, outro, ninguém sabe. Quando um morria, que eu ia no enterro, eu chegava perto do caixão, eu ficava pensando: quando vai ser minha vez, quando eu vou estar aí? É questão de tempo, doutora, todo mundo vai um dia, nós todos. No crime, a gente vai mais cedo, só isso, a diferença é essa. Nós temos que estar preparados pra tudo. Ninguém que entra nessa vida tá livre disso e sabe que se não vier parar aqui [prisão] o destino é a morte. (TITO, 23 anos, soldado, Salvador)

Observa-se a exposição precoce e a naturalização das mortes de companheiros, todos muito jovens, e as fases da construção e consolidação da banalização. No primeiro momento se instala um estado de estranhamento, mal estar e perplexidade, que pode durar alguns dias. Houve relatos da ocorrência de vômitos, náuseas, *flashbacks* com a imagem da vítima e das cenas do crime. Com o passar do tempo, esse desconforto inicial desaparece, levando o perpetrador a naturalizar as mortes. A participação em outros eventos, realizando ou observando execuções, promove a banalização do uso da violência e das mortes, que são internalizadas e justificadas como fazendo parte do risco ocupacional. (SYKES; MATZA, 2003)

Ainda nesse depoimento, aparece a fluidez do lugar de vítima e agressor e a necessidade de internalização do código de conduta do crime, pois, apesar de ocuparem papéis distintos dentro da estrutura organizacional, todos estão submetidos ao mesmo risco, podendo ser agressores em um momento e vítimas em outro. (ALMEIDA; MACHADO, 2013; HUGGINS; HARITOS-FATOUROS; OLIVEIRA, 2007; NASCIMENTO, 2003; ZIMBARDO, 2006)

Outro dado relevante do relato anterior é a valorização da violência, que ocorre quando o executor é apresentado com uma pistola, em reconhecimento aos serviços prestados. Entre outros aspectos, a valorização da violência se expressa nas narrativas das execuções das quais os operadores participaram direta ou indiretamente, com sentimento de orgulho, como sinais de coragem, bravura e profissionalismo. Eles contam o número de mortes, competem para verificar quem matou mais pessoas e disputam pela vez de matar, aproveitando os momentos de lazer ou de ociosidade do grupo, e conversam sobre o número das vítimas, bem como sua importância, as formas e o grau de dificuldade para executar as sanções. Essas reuniões os

motivam a superar metas atingidas pelos companheiros, e potencializam a reputação de todos. Outra questão que surgiu foi a facilidade para conseguir pessoas para realizar punições. A oferta era tão grande que, em alguns momentos, o gerente estabeleceu uma ordem para contemplar os interessados e evitar que o acusassem de favorecimento.

Matar virou molecagem. Eles pegam o gosto, fazem qualquer coisa por dinheiro e pedem, perguntam se tem serviços [mortes] pra fazer; aí tem muitos que querem, não faltam. Eles brigam pra fazer, porque só é ir lá, fazer e ganhar o deles, eles não pensam não. Aprende ali com os outros, vê um fazer, outro. Pra tudo, não falta, eles querem ganhar moral. Essa moçada nova ainda tá pior, mata depois vê o que foi, qualquer coisa é matar. Eles dão risada, doutora... Conta quem matou mais, quando sai na televisão, no Bocão [programa sensacionalista de televisão exibido ao meio dia], aí que se enchem [orgulho]. Mas não adianta, porque depois os próprios deles matam eles. Eles dão valor a dinheiro. A vida não vale nada pra eles. Tem aquela empolgação e eles querem mostrar atividade, atitude, que estão programados [disposto para matar]. (MIGUEL, 26 anos, chefe, Salvador)

O relato reflete a desvalorização da vida humana, a normalização dos assassinatos e a obtenção de prestígio e dinheiro. Outro ponto relevante é a criação de um mercado de mortes, através da realização de ‘serviços’ que requerem baixa qualificação. Trata-se de um mercado dinâmico porque um ‘serviço’ leva a diversos outros, motivando vinganças e novas execuções, estabelecendo um ciclo de violência e movimentando outros mercados, como os de armas de fogo e entretenimento, para comemoram o êxito das investidas.

A valorização da violência reforça a assimilação do processo de sujeição criminal, que se caracteriza pela rotulação social de alguns indivíduos que exercem atividades consideradas criminosas, a incorporação da identidade de bandido e, através dela, os operadores obtêm respeito, reconhecimento e prestígio, que são decisivos na reputação, na construção e consolidação da carreira dos envolvidos. (HONNET, 2009; MISSE, 2010; ZALUAR, 1985)

A busca por reconhecimento, no cenário em questão – em que predomina a invisibilidade social, a carência de oportunidades nos mercados legais de trabalho, a baixa escolaridade e demais situações de vulnerabilidade –, faz com que muitos se sintam respeitados, acolhidos e valorizados a partir da entrada nos mercados de drogas. (BOURGOIS, 2010; CONCEIÇÃO, 2015; HONNET, 2009; ZALUAR, 1985, 2004)

Depois que entrei pra vender, todo mundo me respeita, eu era um nada, um ninguém, hoje tem gente que quer sair comigo, outros que me olham com medo, sabem que não podem mexer comigo, que eu corro pra dentro mesmo. Antes não era assim não. Antes eu tinha medo de tudo, depois que eu passei a trabalhar para o pessoal e aí foi melhor pra mim, porque eu vivo mais com eles, não fico como era antes, tendo que me virar sozinho. (DORIVAL, 26 anos, vendedor, Salvador)

Antes de fazer parte de uma empresa criminal, o entrevistado vivenciava sentimentos de menos valia, de desamparo e solidão. A partir da participação, com o ingresso na empresa

criminal, passou a ter poder e prestígio, a se sentir respeitado e valorizado, sendo reconhecido principalmente pelo uso da violência e pelo medo que desperta nos demais. Isso indica que a violência ultrapassa o uso para gerenciamento de conflitos e interfere no modo de existir dos operadores, que precisam adotar e manter uma atitude que demonstra força, virilidade e poder, traços importantes na construção do *ethos* guerreiro que caracteriza os participantes das empresas criminais. (CONCEIÇÃO, 2015; ZALUAR, 2004, 1985)

Nesse sentido, as ações em grupo, como as execuções, são momentos de grande aprendizagem, excitação, mobilização, responsabilidade, exercício de poder e realização. Os operadores são convocados pelo chefe que os instrui, pessoalmente ou pelo celular, sobre quem pegar e o que fazer. Eles podem fazer execuções em locais públicos, como no meio da rua, em bares ou em residências. A vítima pode ser morta após responder a algum chamado individual, ou pode ser alvejada junto a outras pessoas. Eles também podem se aproximar de modo insuspeito, conversar com o alvo, que, muitas vezes os conhece, e matar de surpresa. Utilizam motos para facilitar a fuga e capacetes para não serem identificados. A seguir, uma dessas execuções será descrita pela mãe de uma vítima.

Ele tava lá em casa e chamaram ele na porta de casa, ele saiu pra ver quem era, e eu só ouvi o pipoco. Ele caiu e foi todo mundo correndo pra lá e pra cá, com medo de tomar tiro também. Foi Deus que ele não levou a filha dele, que tinha 6 meses. Nessa hora, quem fica? Eu não vi quem foi não, e, se eu visse, eu não falava, porque eu sei que foi rixa, foi coisa errada que ele tava envolvido. Eu perdi meu filho, doutora. Ele sabia que isso ia acontecer, eu sabia que eles tinham mandado recado pra ele pagar e ele não pagou. Eu pedi pra ele sair de lá e ele não saiu. A gente sabe que isso vai acontecer, mas, quando acontece, a gente nunca espera... (ODETE, mãe de um vendedor de drogas que foi morto por dívida de drogas)

A entrevistada é mãe de um rapaz que foi executado depois de vários avisos e ameaças por integrantes da própria organização. O método foi chamar a vítima para fora de casa e alvejá-la, sozinha. Ela fala sobre o medo que cerca esses eventos e que impossibilita as testemunhas de revelarem os autores, e, portanto, contribuírem para investigação e punição dos culpados.

Outro método é capturar a pessoa e levá-la para local ermo, onde são feitas acusações, provocações, que servem como estímulo para prosseguir com torturas físicas até a morte. Eles atuam em grupo e buscam manter um clima de terror para inibir e intimidar a vítima.

Eu já vi muita coisa que a senhora não acredita. Muita gente ser morta, ser levada pra morrer. Assim, pega onde tiver e vai, vários pra não tentar fugir. E não grita, nem adianta fazer barulho não. Perto assim de mim. Pegar e tacar fogo. Faz com álcool mesmo, porque álcool a pele solta toda, não tem cheiro que nem gasolina. Já vi cortar antes [de matar]. Vai um grupo, não vai só. Já vi a pessoa gritar, pedir pra parar, mas não pode parar. Tem que ir até o fim. E ali, quem tá ali, primeiro a gente se sente

assim... Mal assim, mas depois acostuma. Porque se não é ele, é você. Eu fazia tanto, doutora, que quando eles não me chamavam eu ficava assim desconfiado. O que eu fiz de errado aí que não me chamou mais? Eu faço tudo certo, como tem que fazer, sempre. Mas tem muitos pra fazer, porque se eu não fizer, outro vai e faz. É muito, porque é só naquela hora ali e acaba. Isso também hoje é comum, não tem assombro. Toda hora tem. Se eu não me botar, vem outro e dali eu já fico de canto. Então, eu vou lá e peço, se não tem nada pra fazer. Ganha droga, dinheiro, moral ali e arma. Tem vez que ganha uma pistola, depende de quem é, do que fez, porque tem coisa que é mais difícil de pegar [matar]. (RICARDO, 23 anos, soldado, Salvador)

Trata-se de um jovem que ingressou no tráfico como soldado, que confirma a frequência elevada das mortes nesse meio. Ele descreve o modo como as vítimas são levadas, a ação grupal que impede a defesa e aumenta as chances de êxito das ações. Do mesmo modo, ele relata a aprendizagem direta de técnicas de tortura e morte, como a preferência pelo álcool, em lugar da gasolina, pois não emite cheiro nem fumaça, o que chama a atenção de terceiros, tornando o processo mais rápido, e o desenvolvimento de habilidades como frieza, determinação, persistência e coragem. Tais momentos funcionam como testes de resistência, sendo que muitos não suportam e desistem. Além disso, ele aborda a banalização da violência, a competição entre os integrantes do grupo para fazer as execuções, além da valorização que sentem ao serem escolhidos e o ressentimento quando são preteridos. (BOURGOIS, 2010; CONCEIÇÃO, 2015; DESROCHES, 2005; JACOBS; WRIGHT, 2006; REUTERS, 2009)

Durante as execuções, eles podem ter contato com o chefe, que se mantém informado do que acontece e os orienta. Foram relatadas situações em que ele mantém contato com o grupo e fala com a vítima ao celular, durante as execuções.

O chefe falando para o soldado: Você vai cortar primeiro os dedos dele, depois as mãos e vai dizer a ele quem foi que mandou, pra ele saber quem manda e o que acontece com caguete. Eu podia mandar tirar a língua dele, mas não vou não. Passe pra ele aí [a vítima]...

O chefe falando para a vítima: Você tá ouvindo? Sou eu que mandei [fala o próprio nome de modo enfático]. Agora ele vai fazer e passar pra todo mundo ver [vídeo]. O que fiz com você e que eu posso mandar fazer com qualquer um que me desafiar... (Transcrição retirada de um processo penal, de um chefe do tráfico que cumpre pena por tráfico e diversos outros crimes, 2012)

Percebe-se que o chefe permanece no comando, mesmo à distância, vangloriando-se e estimulando os soldados, além de humilhar a vítima e reafirmar seu poder. Em contrapartida, ele demonstra que atua respeitando o código de conduta do crime, que prevê a pena de morte para os delatores, legitima a violência, reforça sua posição e adverte os demais integrantes contra eventos futuros.

Os atos de violência acompanhados de atos de crueldade levam a pensar no seu uso expressivo. Porém se percebe que as execuções com torturas físicas constituem momentos instrumentais importantes para a consolidação interna e externa da organização, como o

reforço da lealdade ao grupo, além de demonstração de poder e prestígio do chefe. Tanto é assim que, muitas vezes, eles divulgam as execuções através de vídeos que transmitem por celular e são assistidos por operadores e não operadores.

Os operadores se referem ao poder e prestígio que adquirem com esses eventos, como uma intoxicação ou efeito de uma droga potente, sendo utilizados frequentemente os termos empolgação e ilusão como referência a distintos momentos da vida do crime. (ZALUAR, 1985)

Olha, quando a gente tá nessa vida, a gente não pensa em nada não, só pensa em ganhar, gastar, as mulheres vem pra cima, farra, muita farra [fala em tom saudosos, contemplativo], todo mundo respeita, muito amigo, aventura, empolgação, muita gente... Mas depois que cai aqui, você vê que é tudo ilusão, que ninguém te dá apoio, só a família. Eu não tenho nada, gastava tudo [diz sorrindo], não ficava com nada não. Eu não pensava no futuro não, não vou mentir... (SINVAL, 22 anos, Vitória da Conquista, vendedor de rua)

A empolgação diz respeito ao encorajamento para ter estilo de vida hedonista, com a obtenção de dinheiro e o ritmo de aventura, que são fortes atrativos para a entrada de muitos jovens no tráfico, pois a possibilidade de comprar bens, custear e participar de festas também reforça o sentimento de reconhecimento, respeito e a reputação. Além disso, viver o momento em uma atmosfera de aventura é bastante envolvente, ainda mais entre pessoas jovens, que têm histórico de dificuldade e sofrimento. Em contrapartida aos momentos de ilusão, há referência aos momentos difíceis na prisão, quando se dão conta dos prejuízos materiais e emocionais e sentem saudades da época em que participavam das farras e aventuras das organizações.

Outro fator que pode ajudar a compreender os altos níveis de violência praticados nesse contexto é que, para que uma punição seja exemplar, é necessário que extrapole os níveis de violência empregados no cotidiano das organizações, senão perde o sentido e a eficácia, e o chefe pode perder o prestígio e o respeito. Um exemplo dessa situação será apresentado a seguir. (OLIVEIRA, 2007)

Chegaram dois no pavilhão e me bateram. Eu sei porque foi. Eu matei um cara lá. Ele ficou com meu bagulho [drogas]. Ele me devia e não me pagou, eu cobreí, mandei recado e ele nada... A senhora sabe, todo mundo sabe... Não pagou vai morrer, porque um deve, o outro deve, aí fica todo mundo pensando que pode fazer o que quiser, nisso aí perde o respeito. Aí eu peguei uma arma e meti na cabeça dele... Eu não podia deixar barato... Então eles vieram pra cima de mim. Mas o crime é assim. A minha hora também vai chegar de ir pra cima deles. Eu não deixo nada assim não, eles sabem que eu não vou deixar assim, porque o errado era ele. Eu sou pelo certo... (JEAN, 24 anos, vendedor, Salvador)

O entrevistado estava bastante machucado, com vários hematomas nos braços e no tórax, decorrentes de desavenças no pavilhão. Ele fala da necessidade de agir diante de uma ofensa, pois a não retaliação, ou a ausência de resposta pode ser considerada sinal de covardia e diminuir o respeito e a reputação, fazendo com que o indivíduo se torne alvo de atos de violência. Ao mesmo tempo, as atuações estão inseridas dentro do código de conduta do crime, sendo, portanto, naturalizadas e valorizadas.

Diante do exposto, percebe-se que a valorização da violência é um efeito da exposição às diferentes formas como ela se apresenta, ao longo da vida, o que inclui a convivência com os operadores, que ocorre desde idade muito precoce, ou através das práticas abusivas e da inoperância dos atores sociais responsáveis pelo planejamento e execução de políticas públicas, que minam a autoestima e constroem modelos de sucesso e reconhecimento centrados nos usos da violência.

13 TIPOS E FORMAS DE VITIMIZAÇÃO

Os efeitos da violência nos mercados de drogas podem ser percebidos através dos danos causados aos indivíduos envolvidos e não envolvidos na comercialização. As entrevistas foram marcadas pela presença esmagadora de atos de violência e crueldade, que são banalizados e, muitas vezes, valorizados pela capacidade de criar novas formas de causar danos às pessoas para demonstrar superioridade e adquirir prestígio e reconhecimento. Concomitantemente, vão se revelando as formas de vitimização e seus significados, que adquirem contornos diferentes nesse contexto, em que a condição de vítima está associada à fraqueza, e a resistência ao dano favorece a reputação do indivíduo.

As vitimizações ocorrem entre pessoas que podem ter algum grau de proximidade, em um contexto de ilegalidade quer requer a resolução de conflitos através da justiça informal, onde os usos da violência são valorizados e os papéis de vítima e agressor são dinâmicos, pois o indivíduo pode ser vítima ou perpetrador a depender das circunstâncias. (HUGGINS; HARITOS-FATOUROS; ZIMBARDO, 2006; REUTERS, 2009; SCHNEIDER, 2013)

Os tipos de vitimização relacionados ao tráfico de drogas vêm sendo cada vez mais estudados e as tipologias são bem conhecidas. Assim, foram identificadas diversas formas de vitimização. As *diretas* são aquelas em que as pessoas são atingidas diretamente pela ação do agressor, como, por exemplo, sofrer espancamento por dívidas de drogas, ferimentos por arma de fogo por disputas de território; houve dois relatos de esmagamento de crânio com pedra e um com uma marreta. As *indiretas* são sofridas pela ação de outros que estão em situação semelhante e com os quais se mantém algum vínculo. Nessa categoria, estão os operadores que atuam na mesma empresa criminal, que presenciam mortes de companheiros, familiares, amigos, parentes e vizinhos.

Vitimização *secundária ou sobre vitimização* é a que acontece quando pessoas, mesmo não envolvidas diretamente, acabam sofrendo em decorrência do tratamento que recebem por vitimização direta e indireta, como o tratamento oferecido pelo sistema de justiça. (KENNEDY; SACCO, 1998)

Outra tipologia se refere ao tipo de dano, que pode ser *psicológico*, quando ocorrem ameaças e intimidações, *material* nos casos em que há perda de bens, como celulares, eletrodomésticos, roupas, tênis e outros, ou as pessoas podem ser obrigadas a deixar suas casas ou fugir do bairro, e *físico*, quando envolve danos físicos que podem ser fatais e não fatais. Um desdobramento das vitimizações indireta e secundária é a vitimização oculta, que se caracteriza pela condição de invisibilidade social das pessoas que perderam parentes ou

amigos, e exibem intenso sofrimento, mas não são contabilizadas nos serviços de saúde e de justiça, como no caso a seguir. (ALMEIDA, 2011; CONCEIÇÃO, 2015; LIMA, 2013; SOARES, 2007)

Doutora, o outro médico me encaminhou porque eu estou se dormir, pra senhora passar um remédio pra mim. Tem noite que eu fico a noite toda sem fechar o olho, estou com olheiras por isso. De dia eu me sinto irritada, não tenho paciência com meus filhos e tenho vontade de bater neles. Eu não tinha isso. Isso começou depois que mataram meu sobrinho na porta de casa. Ele e um colega dele. Eu ouvi barulho de gente gritando e quando eu vi foi eles estirados no chão, cheios de sangue. Depois desse dia, eu não tive paz. Eu os vejo quando eu passo, caído lá. As vizinhas me disseram que isso meu é besteira, que eu tenho que me acostumar, porque se todos que morrerem, eu sofrer, eu vou morrer também. (SORAIA, 40 anos, tia de um ex-operador assassinado, Salvador)

Trata-se de uma mulher que exhibe sofrimento psíquico intenso em decorrência da morte do sobrinho, na porta de casa. Ela foi encaminhada para o serviço de saúde especializado para tratar de um sintoma, cujo fator desencadeante foi a vitimização do sobrinho, cujo corpo permaneceu horas na frente da casa à espera do Instituto Médico Legal (IML). Trata-se de uma situação grave, que aponta para a extensão dos danos causados pela violência, que não se restringe à vítima e envolve outras esferas da vida das demais pessoas afetadas.

13.1 RECUSA DO LUGAR DE VÍTIMA: VITIMIZAÇÃO COMO FRAQUEZA

Durante a pesquisa, foram frequentes os relatos detalhados das agressões físicas sofridas, acompanhados pela exposição de cicatrizes cirúrgicas em diversos locais, como abdome, pescoço, face, perda de núcleo ocular, membros inferiores e superiores, crânio, entre outros. Eles demonstravam orgulho por terem sobrevivido e suportado os altos níveis de violência perpetrados e o sofrimento, como se fossem troféus de guerra. A maior parte das lesões foi provocada por armas de fogo, pistolas e revólveres, seguidas pelas armas brancas como facas, e instrumentos como chunchos e pedras.

As marcas e sequelas funcionam como testemunhos vivos, corporificados, que conferem veracidade aos relatos de bravura, em um meio onde a mentira, a dissimulação e a desconfiança são comuns, em que muitos contam bravatas, assumindo feitos de outros para se vangloriar perante os demais. Desse modo, uma história de sobrevivência agrega valor e fortalece a reputação dos envolvidos. Esse dado é um exemplo da complexidade da construção da identidade de vítima em diferentes contextos, como os com predominância de

altos níveis de violência. (BOURGOIS, 2010; DESROCHES, 2005; HONNET, 2009; KENNEDY; SACCO, 1998; ZEDNER, 1994)

Isso aqui não é nada, doutora [hematoma secundário a fratura exposta recente na perna]. Eu não escuto direito mais com esse ouvido [o direito], porque eu tomei 6 tiros e dois foi no ouvido. Um ficou no queixo e teve que colocar platina. Eu fiz muita cirurgia, antes eu nem conseguia falar. Teve coisa pior [fala sorrindo], agora eles tão vendo, eu não sinto dor, pode me bater, me quebrar, não me importa. Na hora eu fingi que tinha morrido, me quebraram todo. Aí quando pensaram que eu tava morto saíram. Contaram à minha mãe que tinham me levado, ela veio atrás de mim, aí me pegou e levou para o hospital, eu desmaiei e não vi mais nada. Agora, quando eu fico bom, aí eles sabem que eu vou pra cima deles... (ENALDO, 23 anos, vendedor de rua, Salvador)

O entrevistado exhibe diversas marcas de espancamento, ferimentos por armas de fogo, dentes quebrados, dedos, hematomas resultantes de confrontos com rivais. Ele movimentava os membros sequelados, para demonstrar que não sente dor. Além disso, desvaloriza e banaliza os danos sofridos e se vangloria de suportar grande carga de sofrimento, o que é tomado como parte do risco da ocupação. Ademais, não se coloca como vítima, pois, no contexto de altos níveis de violência, essa assunção tem a dimensão de fraqueza¹⁸. Muitos chegam a menosprezar a possibilidade de morrer, como se fosse algo banal, o que traduz o sentimento de menos valia e volatilidade da vida humana na cultura criminal onde estão inseridos. (BECKER, 2008; ZEDNER, 1994)

Essas crenças e atitudes reforçam o sentimento de virilidade, superioridade e indestrutibilidade, importantes na construção da honra masculina, dominante nesse contexto, e inibe atos de retaliação e vingança. Entretanto, esses indivíduos, pelo poder que acumulam, podem se constituir em um grande desafio para os demais, que buscam conquistar fama e prestígio, atingindo-o. (ZALUAR, 1985)

Eu não quero me matar, doutora... A senhora tá vendo esses cortes aqui? Eu fiz pra ninguém se aproximar de mim [mostra o tórax cheio de cortes e sangrando]. Eu prefiro morrer, porque eu já fui grande no sistema [uma liderança forte]. Agora, querem me pegar, mas eu não vou deixar, porque se eu deixar agora, quem me matar vai cantar a glória de ter me matado, e vai tá no pódio [honra de ter matado uma grande liderança]. Então eu prefiro fazer com as minhas mãos e não deixar isso pra ninguém. Eu já tentei de muitas formas, tentei me jogar da galeria, me seguraram. Tentei pular o muro pro sentinela atirar e ele não fez. Mas eu vou conseguir, não vou deixar isso pra outro não. Eu sei o que eu fiz aqui, isso eu não discuto. (FERNANDO, 42 anos, sentenciado por tráfico e homicídio, Salvador)

Trata-se de uma aparente tentativa de suicídio, que escondia outra situação envolvendo extremo risco de morte, mas que estava inserida no contexto de disputas das gangues prisionais. O relato demonstra alto grau de narcisismo e controle, bem como a capacidade de

¹⁸ A reação de negação da condição de vítima e a valorização do dano sofrido foram mais frequentemente observadas nas posições de comando, como em chefes ou gerentes, e nos soldados.

entender os códigos de conduta próprios do mundo do crime, que requerem inteligência e habilidade para lidar com questões da sucessão de grupos rivais. A discussão é quem vai executar e como isso vai repercutir nos grupos que ficam. Daí a demonstração de lealdade, mesmo na posteridade.

Diante do exposto, percebe-se a complexidade do conceito de vitimização, do ponto de vista daquele que sofre algum tipo de dano, e a necessidade de repensar a construção da identidade de vítima, levando-se em conta aspectos do contexto.

14 OS OPERADORES DOS MERCADOS DE DROGAS E O SISTEMA DE SAÚDE

Os dados de mortalidade sobre violência são amplamente divulgados e muito conhecidos, mas ainda sofrem distorções e problemas para o registro mais fidedigno. Os dados de morbidade por violência são de mais difícil identificação por diversas questões, como o contexto da ilegalidade da comercialização de drogas, a necessidade de sigilo sobre a atividade e sobre as relações entre os agressores e vítimas, bem como a especificidade dos significados dos danos sofridos e das vitimizações, o que aponta para a subnotificação dos registros e para a extensão dos danos causados pela violência, que são muito mais expressivos do que demonstram as estatísticas. (MINAYO, 1994; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002)

Os efeitos da violência relacionada ao tráfico de drogas sobre a saúde dos indivíduos vêm sendo percebidos pelos profissionais de saúde, em decorrência das frequentes demandas por intervenção. Porém o setor saúde ainda concentra suas ações nos níveis secundários e terciários de atenção, ou seja, em situações nas quais as pessoas foram atingidas pela violência e necessitam de tratamento para os danos sofridos. Lamentavelmente, não foram identificadas ações de prevenção primária da violência no presente estudo. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002)

As demandas por intervenção identificadas foram decorrentes de tentativas de morte, com necessidade de procedimentos de emergência e alta complexidade, como ferimentos por arma de fogo, que podem requerer equipes de cirurgiões, anestesistas, bem como múltiplos traumas por espancamentos, queimaduras, utilização de unidades de terapia intensiva e demais procedimentos realizados em pacientes graves. Os serviços de emergência pública são responsáveis por acompanhar muitos desses casos, devido à complexidade e à gravidade das lesões, bem como ao fato de que muitos desses pacientes não possuem planos de saúde.

As intervenções cirúrgicas, como reconstruções faciais e plásticas pós queimadura extensa, resultantes de sequelas graves, são amplamente relatadas pelos entrevistados, bem como intervenções médicas como tentativas de resguardar a vida e a funcionalidade.

Eu tenho umas marcas de tiro aqui, doutora [mostra diversas, no tórax, abdome, costas e pescoço]. Aqui essa [uma cicatriz que atravessa o pescoço] eles tiveram que abrir pra reconstruir a corda vocal. O médico falou que ia fazer tudo pra eu não perder a voz. Eles tiveram que abrir o pescoço todo, porque a bala entrou e cortou a corda vocal. Aí ficou assim, se eu falar normal ninguém nota. Ficou muito bom; só se eu aumentar a voz que percebe um problema. (ANDERSON, 23 anos, vendedor, Salvador)

O rapaz sofreu diversos ferimentos por arma de fogo e um se alojou na orofaringe, rompendo parte da corda vocal. Ele poderia ter ficado mudo, se não fosse tentada uma técnica cirúrgica ampla, que recuperou a funcionalidade e lhe devolveu a voz. Isso mostra o empenho e a dedicação dos profissionais que são reconhecidos e valorizados pelo entrevistado. Esses casos são cada vez mais frequentes nas unidades de emergência, e são considerados desafiadores pelos médicos e demais profissionais de saúde, que passam a aprender com os mesmos.

Muitos justificam os ferimentos por armas de fogo como provenientes de “bala perdida”, o que não se confirma, porque geralmente são múltiplas lesões, e as vítimas não buscam reparação ou dão queixa, o que caracteriza uma atitude suspeita de envolvimento no tráfico.

Há casos de múltiplos ferimentos por arma de fogo em uma única tentativa de homicídio, resultando em diversas intervenções cirúrgicas, como coloca Fernanda:

Eu tava dormindo, aí vieram dois rapazes, eu acordei, e fiquei observando eles. Eles andavam de um lado para outro... Eles falavam rápido, aí eu ouvi um dizer: ela aí... Eu só ouvi os pipocos [sons dos disparos]. Eles atiraram e eu senti a pancada, aí eu fui para o HGE (Hospital Geral do Estado). Acordei lá, tirei as balas (mostra cinco ferimentos por arma de fogo), mas uma ficou, porque não pode tirar... Eu quase morro... Na verdade, era pra eu morrer, eu tive sorte... (FERNANDA, 34 anos, Vendedora, Salvador)

Esse relato ilustra os riscos da atividade no tráfico, agravados pela situação de rua, como na tentativa de homicídio, em que a vendedora sofreu uma série de ferimentos por arma de fogo. Ela foi socorrida a tempo pelo Serviço de Atendimento Móvel de Emergência (SAMU) e levada para uma unidade de emergência. Isso demonstra a importância desse serviço e da existência de uma equipe de retaguarda responsável por receber e atender a esses casos. Ainda assim, muitos não sobrevivem e ficam no local onde houve a morte, à espera dos procedimentos da perícia técnica e da medicina legal, quando os corpos são encaminhados para o Instituto Médico Legal (IML) para identificação e necropsia. Após essas condutas, o corpo aguarda para ser levado pelos familiares, ou, na ausência deles, o enterro é promovido pelo próprio serviço.

Outros serviços oferecidos são relativos à reabilitação motora e sensorial, como fisioterapia para aqueles que ficaram com sequelas neurológicas, colocação de prótese ou órtese para segmentos do corpo cuja função deve ser restituída ou corrigida.

Os serviços de saúde mental também são muito requisitados para atender às vítimas diretas e indiretas da violência relacionada ao tráfico, como moradores, familiares que podem

ter perdido parentes no tráfico ou estão ameaçados de perder, ou ainda os que convivem em seus bairros com o medo dos desdobramentos do tráfico em suas vidas, passando a ter insônia e outros sintomas que podem requerer atendimento por psiquiatra, psicólogo e neurologista. São demandas cada vez mais frequentes e são destinadas ao cuidado de crianças, adultos e pessoas das demais faixas etárias. Por exemplo, familiares de operadores podem necessitar de intervenção de emergência, quando é noticiada a morte de parentes, filhos e outros.

Quanto aos profissionais de saúde, que são testemunhas diretas dos efeitos desses eventos, a estratégia predominante é o não questionamento das motivações das lesões, pelo medo de sofrer retaliações e pela impotência diante das situações em que têm atuação limitada, a exemplo dos agentes comunitários, que estão em contato diário com essa realidade e têm um grave risco, pois moram na comunidade. Desse modo, percebe-se que os danos provocados pela violência repercutem sobre os profissionais responsáveis pelo acolhimento e atendimento, causando-lhes sofrimento.

Trata-se de um assunto relevante, que merece pesquisas voltadas para a obtenção de dados de morbidade e de modos de intervenção, de promoção e prevenção mais consistentes, pois os achados do presente estudo não permitem grandes inferências, tendo em vista as limitações impostas pelo escopo da pesquisa.

15 CONCLUSÕES

A temática envolvendo os mercados de drogas é bastante ampla, pode abranger diversos níveis como produção, transporte, distribuição e comercialização. Mesmo quando se elege o segmento varejo para o foco do estudo, percebe-se sua complexidade, pois ele compreende diversas funções, interações, dinâmicas, padrões distintos de usos da violência e vitimização, constituindo um campo de pesquisa vasto, que permite diversos recortes para melhor compreender cada situação específica.

A autora do presente trabalho, profissional da área de saúde, se utilizou do conhecimento das ciências sociais para compreender melhor um grave problema enfrentado pela sociedade brasileira, a violência nos mercados de drogas. Diversos desafios são enfrentados para a realização de pesquisas voltadas para esse tema, por ser uma atividade ilegal, que envolve riscos para pesquisadores e pesquisados, dificuldades de acesso, questões de sigilo e anonimato dos participantes, escassez de dados oficiais, apesar de figurar entre as maiores causas de mortalidade de adultos jovens da sociedade brasileira.

O descaso com os dados estatísticos nessa área é patente no Brasil, o que agrava a possibilidade de visualizar as dimensões do problema e estabelecer estratégias de enfrentamento eficazes, pois, apesar de o poder público subsidiar centros de atendimento e pesquisa para pessoas com dependência de drogas, são escassas as informações que esses centros produzem, haja vista a pobreza do material apresentado na seção Brasil do relatório Mundial sobre drogas da Organização Mundial da Saúde (OMS). (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015)

A pesquisa traz elementos para se pensar na extensão dos danos causados pela violência como causa de mortalidade e morbidade de muitos indivíduos implicados direta ou indiretamente com essas atividades e na importância de abordar esse tema na formação dos profissionais de saúde. O estudo faz interface com a segurança, no que tange às políticas de proibição e repressão ao tráfico de drogas e explora seus efeitos nos locais onde elas exibem seu lado mais sombrio, truculento e perverso: os bairros populares da cidade.

Os mercados de drogas oferecem oportunidades de obtenção de renda para uma grande parcela da população que vive em situação de vulnerabilidade social e tem pouco acesso ao mercado formal de trabalho e a padrões de remuneração minimamente satisfatórios. O ingresso dos indivíduos nessa esfera depende do conhecimento prévio de outros operadores, que fazem a intermediação. As motivações são diversas, como a necessidade de dinheiro para subsistência, para adquirir bens e serviços ou complementar renda de atividade formal,

aprendizagem social e o acesso às oportunidades ilícitas. Os operadores podem construir diferentes carreiras, como manter o tráfico como atividade exclusiva, combiná-lo com atividades lícitas ou com outras ilícitas, ou ainda abandonar o tráfico por considerá-lo perigoso. Isso tem relação direta com os riscos de vitimização e morte, que são maiores quando a atividade no tráfico é exclusiva.

Os modos como os indivíduos se organizam para comercializar drogas também interferem na forma como a violência vai ser utilizada. Os empreendedores individuais, cada vez menos frequentes, assumem todos os riscos, enquanto os operadores das empresas criminais têm divisão de tarefas, com hierarquia e controle territorial. Acumulam capital, mas enfrentam mais riscos com conflitos internos e externos, provenientes da comunidade, de grupos rivais e das forças policiais. Essa situação é ainda mais grave quando se leva em conta o alto grau de fragmentação dos mercados de drogas na Bahia, pois, somente na capital, existem, na atualidade, seis empresas criminais que se consolidaram nos últimos cinco anos e disputam o monopólio do comércio de drogas.

Do ponto de vista da oferta, trata-se de mercados polivalentes que oferecem maconha, cocaína e *crack*. A comercialização de maconha é caracterizada como não violenta, mas o *crack* é apontado como um mercado violento, mesmo quando sua venda é combinada com a de outras drogas.

Trata-se de uma atividade em que ainda há predominância do gênero masculino, embora, tal como se observa na sociedade abrangente, a presença feminina venha se tornando mais expressiva nas estatísticas prisionais e na comercialização direta, e ainda em funções de maior destaque na hierarquia das empresas criminais, como a de gerentes. Elas buscam obter renda e entram para os mercados de drogas por se tratar de uma atividade que pode ser exercida perto do domicílio, em horário flexível e compatível com os cuidados com os filhos e com a casa. As repercussões advindas dessa gradual mudança de gênero merecem estudos específicos, tendo em vista os efeitos da responsabilização extrema das mulheres pelo sistema de justiça criminal, principalmente no que diz respeito aos filhos, cujo sustento financeiro e emocional são de sua responsabilidade direta.

Muitas das mortes resultantes da violência urbana no Brasil são atribuídas diretamente ao tráfico de drogas ilícitas. Entretanto, estudos realizados apontaram para o fato de que essa atividade, na verdade, contribui para o agravamento de problemas sociais preexistentes em áreas vulneráveis, nas quais há carências graves do ponto de vista social e econômico. Os achados do presente estudo corroboraram essa interpretação. Trata-se de uma atitude simplista e, de certo modo, irresponsável imputar ao tráfico de drogas o peso da violência letal no

Brasil, pois esse ponto de vista desresponsabiliza as autoridades públicas, promove a banalização das mortes e reduz a possibilidade de resposta adequada do Estado, incrementando a culpabilização das vítimas, cujas mortes são justificadas pelo envolvimento com o tráfico, sobretudo no caso dos usuários.

Os altos níveis de violência relacionada ao tráfico de drogas, na Bahia e no Brasil, são resultantes da aprovação do uso de violência para a resolução de conflitos por parte de amplos segmentos da sociedade e do descaso sistemático com o esclarecimento dos homicídios que atingem as camadas mais pobres da população, o que configura uma verdadeira permissão para matar e uma aprendizagem social ou socialização na violência. Parte desse processo, ao qual é atribuído todo o peso da violência, decorre da aprendizagem dos jovens na convivência com os integrantes das organizações. Outra parte, não menos importante, e à qual não se dá visibilidade alguma, é relacionada aos efeitos da exposição precoce de jovens à violência perpetrada pelo Estado, através das forças policiais: práticas abusivas, humilhações, espancamentos, corrupção, extorsão, homicídio. Isso tudo se alia à ausência ou inadequação das políticas públicas para melhoria da qualidade de vida de jovens e de famílias em situação de vulnerabilidade, o que pode propiciar a internalização e a reprodução de condutas violentas como meio de resolver conflitos e impor respeito. (BOURGOIS, 2010)

Quanto a esse aspecto, Bourgois (2010), em seu estudo sobre o tráfico em um bairro de Nova York, questiona os diagnósticos de transtorno de conduta em crianças, tendo em vista que as alterações relatadas são condizentes com o contexto onde vivem e onde foram socializadas, cujos modelos, obviamente, terão reflexos em toda sua vida.

Ele aponta para a gravidade da situação em que muitos indivíduos conseguem obter reconhecimento e respeito quando passam a fazer parte das organizações do tráfico de drogas. Os jovens expostos constroem sua reputação pautada em diversos fatores, como a banalização e a valorização da violência, a negação dos danos sofridos e a ostentação das lesões como troféus e demonstrações de poder, força e virilidade, o que fortalece sua imagem diante dos demais. Trata-se, portanto, de uma situação grave, com efeitos negativos para toda a sociedade, tendo em vista que uma parcela considerável de jovens de bairros populares adota muito cedo, pelas contingências, um estilo vida arriscado e cujo desfecho, na maioria das vezes, é a morte. Essa questão tem especial valor quando aplicada às áreas específicas de atuação dos profissionais de saúde que trabalham em serviços que lidam com jovens em conflito com a lei, pois pode ajudar a compreender o contexto onde eles crescem e a desconstruir o estigma e o preconceito que agravam a vulnerabilidade desse grupo.

Outrossim, percebe-se que as estratégias fundadas nas políticas proibicionistas e na repressão ao narcotráfico, nos territórios ocupados, são ineficazes, pois não desestimulam o tráfico e desmoralizam a força policial, tornando mais fácil a cooptação para o crime e a corrupção. Ademais, as prisões, locais para onde são levados os operadores, servem para aprimorar a carreira dos sobreviventes da violência letal praticada nos bairros populares, ao se constituírem como quartéis gerais do tráfico, onde diversas decisões são amadurecidas e deliberadas para serem executadas dentro e fora dos espaços carcerários. Essas questões apontam para a necessidade de as instituições que compõem o sistema de justiça serem repensadas, seus modos de funcionamento, bem como as formas de reduzir seus efeitos nefastos sobre a sociedade brasileira.

Outro elemento relevante na discussão sobre práticas ilegais, crime organizado, corrupção e violência, é a movimentação e a criação de outros mercados conectados com os mercados de drogas, como o de armas de fogo, o de mortes por encomenda e o de bens e serviços.

Por fim, fica clara a urgência de se repensar as políticas públicas para o enfrentamento dos diversos problemas relacionados com os mercados de drogas. Tais políticas devem ser construídas com dados que contemplem as especificidades de cada contexto onde as ações serão implementadas.

É importante ressaltar a necessidade de um esforço conjunto que inclua diversos setores – saúde, educação, segurança, justiça e bem estar social – na busca de saídas que fortaleçam a regulação pública dos conflitos e dos crimes, e reduzam significativamente os elevados níveis de homicídios de jovens e adultos, pondo fim a essa tragédia humana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 4-135, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a05.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

_____; SALLA, F. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 7-29, 2007.

ALMEIDA, O. L. **Sem lugar pra correr nem se esconder**: um estudo de vitimização no sistema penal baiano. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14106/1/Odilza%20Lines%20de%20Almeida%20-%20Tese.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

_____; MACHADO, E. P. Processos sociais de vitimização prisional. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 257-286, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v25n1/13.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

BAHIA. Lei nº 12.371, de 21 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1030503/lei-12371-11?ref=topic_feed>. Acesso em: 26 jan. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com som, imagem e texto**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 189-221.

BEARE, M. E. **Encyclopedia of transnational crime and justice**. New York: Sage Publications, 2012. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=88ywsltbrWQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 21 nov. 2014.

_____. (Ed.). **Critical reflections on transnational organized crime, money launder in gand corruption**. Toronto: University of Toronto Press, 2003. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=WHfDdTU1nsgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

BEATO, C.; PEIXOTO, B. T.; ANDRADE, M. V. Crime, oportunidade e vitimização. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 19, n. 55, jun. 2004. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200005&lng=en&nrm=iso>. Access: em: 14 set. 2011.

_____; ZILLI, L. F. A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 71-88, out. 2012. Disponível em: <[file:///D:/Users/ivete/Downloads/beato%20\(2\).pdf](file:///D:/Users/ivete/Downloads/beato%20(2).pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2014.

BECKER, H.S. **Outsiders**: estudo de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

BERGERON, H. **Sociologia da droga**. São Paulo: Idéias & Letras, 2012.

BLUMSTEIN, A. Youth violence, guns and the illicit drug industry. *J. crim. law criminol.*, Chicago, Ill., v. 86, n. 1, p. 10-36, 1995. Disponível em:

<<http://scholarlycommons.law.northwestern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=6847&context=jclc>>. Acesso em: 13 jun. 2014

BOURGOIS, P. **En busca de respeto**: vendiendo crack em Harlem. Buenos Aires; México, D.F.: Siglo XXI, 2010.

BRANTINGHAM, P. L.; BRANTINGHAM, P. J. Nodes, paths and edges: considerations on the complexity of crime and the physical environment. In: ANDERSEN, M. A.;

BRANTINGHAM, Paul J.; KINNEY, Bryan J. **Classics in environmental criminology**. [S.l.]: CRC Press, 2010. p. 273-310.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM)**.

Desenvolvido pelo Ministério da Saúde, em 1975, para a obtenção regular de dados sobre mortalidade no país. Brasília, DF, [20--]. Disponível em: <<http://sim.saude.gov.br/default.asp>> Acesso em: 8 jul. 2010.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <chrome-

extension://oemmnadbldboiebnladdacbfmadadm/http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/senad/senad_pesq_crack_total_17set2013.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2016.

BROWNSTEIN, H. H.; CRIMMINS, S. M.; SPUNT, B. J. A conceptual framework for operationalizing the relationship between violence and drug market stability. **Contemp. Drug Probl.**, Nova York, v. 27, n. 4, p. 867-890, 2000. Disponível

em: <[https://books.google.com.br/books?id=us7JEUtP5LwC&pg=PA96&lpg=PA96&dq=BRONSTEIN,+H.+H.,+CRIMMINS,+S.+M.+e+SPUNT,+B.J.,+A+conceptual+framework+for+operationalizing+the+relationship+between+violence+and+drug+market+stability,+Contemporary+Drug+Problems,+27+\(4\),+pp.+867-890,+2000.&source=bl&ots=xbjIdywqfe&sig=caLpcZmU71AAfhq4imO4UaivEhQ&hl=pt](https://books.google.com.br/books?id=us7JEUtP5LwC&pg=PA96&lpg=PA96&dq=BRONSTEIN,+H.+H.,+CRIMMINS,+S.+M.+e+SPUNT,+B.J.,+A+conceptual+framework+for+operationalizing+the+relationship+between+violence+and+drug+market+stability,+Contemporary+Drug+Problems,+27+(4),+pp.+867-890,+2000.&source=bl&ots=xbjIdywqfe&sig=caLpcZmU71AAfhq4imO4UaivEhQ&hl=pt)>. Acesso em: 12 set. 2016.

CARVALHO, D.; JESUS, M. G. M. Mulheres e o tráfico de drogas: um retrato das ocorrências de flagrante na cidade de São Paulo. **Rev. Lab. Estud. Violência**, Marília, SP, 9, p. 177-192, 2012. Disponível

em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/2285>>. Acesso em: 12 set. 2016.

CARVALHO, H. B.; SEIBEL, S. D. Crack cocaine use and its relationship with violence and HIV. **Clinics**, São Paulo, v. 64, n. 9, p. 857-866. 2009. Disponível

em: <<http://www.scielo.br/pdf/clin/v64n9/06.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

CASTRO, E.; CAMARGO, K. Por uma etnografia dos cuidados de saúde após a alta hospitalar. **Ciênc. saúde colet.**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p.2075-2078, 2008.

CLOWARD, R.A.; OHLIN, L. E. Delinquency and opportunity. In: CULLEN, F. T.;

AGNEW, R. (Ed.). **Criminological theory**: past to present: essential readings. Los Angeles, Calif.: Roxbury Park, 2003. p. 132-133.

COELHO, M. T. A. D.; CARVALHO FILHO, M. J. (Org.). **Prisões numa abordagem interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <chrome-extension://oemmndcblldboiebfnladdacbfmadadm/https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7899/1/Prisoos_numa_abordagem_interdisciplinar_RI.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2014.

CONCEIÇÃO, Thiago Neri da. **O comando é noiz**: descobrindo o tráfico na periferia de Salvador. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução n.º. 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde. Aprovar as [...] diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 16 jun. 2014.

CORNISH, D.; CLARKE, R. Understanding crime displacement: an application of rational choice theory. **Criminology**, Columbus, Ohio, v. 25, n. 4, p. 933–947, 1987.

COULON, A. **A escola de Chicago**. São Paulo: Papyrus, 1995.

CRESSEY, D. R. **Theft of the nation**: the structure and operations of organized crime in America. Piscataway, N.J. : Transaction Publishers, 2008.

DECKER, S. H.; CHAPMAN, M.T. **Drugs mugglers on drug smuggling**: lessons from the inside. Philadelphia: Temple University Press, 2008.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 1992.

DESROCHES, F. J. **The crime that pays**: drug trafficking and organized crime in Canadá. Toronto: Canadian Scholars' Press, 2005.

DUAILIBI, L. B.; RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. **Perfil dos usuários de cocaína e crack no Brasil**. [2008]. Disponível em: <http://www.abead.com.br/artigos/arquivos/perfil_usuario_coca_crack.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2016.

EINSTADTER, W. J. **Armed robbery**: a careern study in perspective. 1966. Thesis – University of California, Berkeley, 1966.

FAGAN, J.; CHIN, K. Violence as regulation and social control in the distribution of crack. In: DE LA ROSA, Mario; LAMBERT, Elizabeth Y.; GROPPER, Bernard A. (Ed.). **Drugs and violence**: causes, correlates, and consequences. Washington, DC. : National Institute on Drug Abuse, 1990. p. 8-43.

FELTRAN, G. S. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 5963, 2010.

FERNANDES, R. C. (Coord.). **Brasil**: as armas e as vítimas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

FRIMAN, H. R. Drug markets and the selective use of violence. **Crime Law Soc. Change**, Dordrecht, Holanda, v. 52, p. 285, 2009. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10111-009-9202-4>>. Acesso em: 4 dez.2014.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13-41.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

GOLDSTEIN, P. J. The drugs/violence nexus: a tripartite conceptual framework. **J. drugs Issues**, Tallahassee, FL., v.15, n. 4, Oct. 1985. Disponível em: <<http://www.drugpolicy.org/docUploads/nexus.pdf>> Acesso em: 16 ago. 2015.

_____ et al. Crack and homicide in New York city: a case study in the epidemiology of violence. In: REINARMAN, C.; LEVINE, H. (Ed.). **Crack in America**: demon drugs and social justice. Oakland, Calif.: University of California Press, 1997. p. 113-130.

GRILLO, C. C. **Coisas da vida no crime**: tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.neip.info/upd_blob/0001/1540.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2015.

_____. O “morro” e a “pista”: um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas. **Dilemas: Revista Estud. Conflito Controle Social**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 127-148, 2008.

HONNET, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

HUGGINS, M. K.; HARITOS-FATOUROS, M.; ZIMBARDO, Philip, G. **Operários da violência**: policiais torturadores e assassinos reconstróem as atrocidades brasileiras. Brasília, DF: Ed. UnB, 2006.

JACOBS, B. A.; WRIGHT, R. **Street justice**: retaliation in the criminal underworld. Cambridge; New York: Cambridge University, 2006.

KENNEDY, L. W.; SACCO, V. F. **Crime victims in context**. New York: Oxford University Press, 1998.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LESSING, B. Demandas por armas de fogo no Rio de Janeiro. In: FERNANDES, R. C. (Coord.). **Brasil**: as armas e as vítimas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005. p. 268-292.

_____. As facções cariocas em perspectiva comparativa. Tradução Hélio de Mello Filho. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 80, p. 43-62, mar. 2008.

LETKEMANN, P. Overt crimes (victim confrontation). In: _____. **Crime as work**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, [1973].

LIMA, A. dos S. **Rastros de fogo e sangue**: estudo sobre a (des)centralização de um mercado varejista de drogas na Grande Salvador. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <<http://www.ppgcs.ufba.br/site/db/trabalhos/1442015095723.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

LOMBROSO, C. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2007.

LOURENÇO, L. C. O sistema prisional e a dinâmica de homicídios na Bahia (20042011): notas para uma discussão. In: MARTINS, H. T.; LOURENÇO, L. C. (Org.). **Criminalidade, direitos humanos e segurança pública na Bahia**. Cruz das Almas: Ed. da UFRB, 2014. v. 1, p. 105-116.

_____; ALMEIDA, O. L. de. Quem mantém a ordem, quem cria desordem: gangues prisionais na Bahia. **Tempo Social**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 37-59, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v25n1/03.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

MACEDO, A. C. et al. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 515-521, 2001.

MACHADO, E. P.; NASCIMENTO, A. M. Governança multicêntrica e redes de segurança de taxistas. **DILEMAS: Rev. Estud. Conflito Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 597-626, out./nov./dez. 2012.

_____; NORONHA, C. V. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 188-221, 2002.

MACKIE, K. J. Negotiation and mediation: from in elegant haggling to sleeping giant. In: _____. (Ed.). **A handbook of dispute resolution: ADR in action**. London; New York: Routledge and Sweet& Maxwell, 1991. p. 74-88.

MANDELLI, M. T.; SOARES, D. H. P; MARILU, D. L. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 63, n. esp., p. 49-57, 2011. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/723/587>>. Acesso em: 4 fev. 2015.

MATTA, R. da. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATTHEWS, R. Victims of robbery. In: _____. **Armed robbery**. Cullompton, Devon, UK: Portland, Or. : Willan, 2002.

MERTON, R. K. Insiders and outsiders: a chapter in the sociology of knowledge. **The Am. J. Sociol.**, Chicago, Ill., v. 78, n. 1, p. 1269-1272, 1972.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. A violência social sob a perspectiva da saúde pública, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, 7-18, 1994.

MISSE, M. Crime organizado e crime comum no Rio de Janeiro: diferenças e afinidades. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 19, n. 40, oct. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782011000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal1: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**, São Paulo, n. 79, p. 15-38, 2010.

_____. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio Janeiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 139-157, 2007.

NASCIMENTO, A. M. D. N. **Sob a mira do crime**: vitimização, saúde e identidade entre os bancários na Bahia. 2003. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Saúde Coletiva, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2003.

NAYLOR, R. T. **Economic and organized crime**: challenges for criminal justice. Ottawa, Canadá: Department of Justice, Research and Statistics Division, 2000. Disponível em: <http://www.justice.gc.ca/eng/rp-pr/csj-sjc/jsp-sjp/rp02_12dr02_12/rp02_12.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2014.

_____. Mafias, myths and markets: on the theory and practice of enterprise crime. **Transnational Organized Crime**, London, v. 3, n. 3, Autumn 1997. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos7/crimen/crimen.shtml>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

NORONHA, C. V. et al. Violência, etnia e cor: um estudo dos diferenciais da região metropolitana de Salvador, Bahia, Brasil. **Rev. Panam Salud Publica**, Washington, DC, v. 5, n. 4-5, p. 268-277, 1999.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS (OBID). 2005. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Dados_Estatisticos/indicadores/327423.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2013.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, out./ dez. 2008.

OLIVEIRA, I. M. S. **Do vapor ao sapatinho**: organização das quadrilhas e gerenciamento de vítimas de roubos a bancos. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10367>>. Acesso em: 10 out. 2012.

OLIVEIRA, L. G de; NAPPO, S. A. Crack na cidade de São Paulo: acessibilidade, estratégias de mercado e formas de uso. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 35, n. 6, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000600002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 set. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra, 2002. capítulos 1, 8 e 9.

POLANYI, K. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

REUTER, P. Systemic violence in drug markets. **Crime Law Social Change**, Dordrecht, Holanda, v. 52, n. 3, p. 275-284, 2009.

RIVERA, P. S. O mercado ilegal de armas de fogo na cidade do Rio de Janeiro/preços e simbologia das armas de fogo no crime. In: FERNANDES, R. C. (Coord.). **Brasil: as armas e as vítimas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005. p. 197-257.

ROCK, P. Becoming a victim. In: HOYLE, Carolyn; YOUNG, Richard (Ed.). **New vision of crime victims**. Oxford; Portland, Or.: Hart Publishing, 2002. p. 1-22.

RODRIGUES, D. S. et al. Conhecimentos produzidos acerca do crack: uma incursão nas dissertações e teses brasileiras. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, p. 1247-1258, 2012.

RUGGIERO, V. **Delitos de los débiles e de los poderosos**. Buenos Aires: AdHoc, 2005.

SANTANA, F. dos S.; KALIL, M. E. X.; OLIVEIRA, Z. C. **O rastro da violência em Salvador-II: mortes de residentes em Salvador de 1998 a 2001**. Salvador: DICS/SESAB; UNICEF; IMLNR; UFBA, 2002. Disponível em: <http://www.fccv.ufba.br/observatorio/docs/conteudo_rastro_II.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2008.

SCHNEIDER, S. Violence, organized crime, and illicit drug markets: a Canadian case study. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 71, p. 125-143, 2013. Disponível em: <<http://spp.revues.org/1028>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; COUTO, M. T. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. esp. p. 112-20, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rsp/v40nspe/30630.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2010.

SILVA, L. A. M. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Soc. Estado**, Brasília, DF, v. 19, n. 1, p. 53-84, June 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922004000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 ago. 2013.

SOARES, L. E. A política nacional de segurança pública: histórico, dilemas e perspectivas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 77-97, 2007.

SOUZA, E. R.; LIMA, M. L. C. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. **Ciênc. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 11, Sup., p. 1211-1222, 2007.

SUTHERLAND, E. H.; CRESSEY, D. R. A theory of differential association. In: CULLEN; F. T.; AGNEW, R. **Criminological theory: past to present: essential readings**. Los Angeles. Roxbury, 2003. p. 132-133.

SYKES, M. G.; MATZA, D. Techniques of neutralization. In: CULLEN, F.T.; AGNEW, R. **Criminological theory: past to present: essential readings**. 2. ed. Los Angeles: Roxbury Publishing Company, 2003. p. 135-141.

SZWARCWALD, C. L; CASTILHO, E. A. de. Mortalidade por armas de fogo no estado do Rio de Janeiro, Brasil: uma análise espacial. **Rev. Panam. Salud Publica**, Washington, DC.,

v. 4, n. 3, p. 161-170, Sept. 1998. Disponível em:
<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49891998000900003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jan. 2015.

TEIXEIRA, C. P. **Crime, drogas e violência, elementos para uma hermenêutica do bandido**. Trabalho apresentado durante o IV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ) Grupo de Trabalho: Violência e Sociedade [GT 31].

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. O conceito de motivação na psicologia. **Rev. Bras. Ter. Comport. Cogn.**, São Paulo, v. VII, n. 1, p. 119-132, 2005.

TOPALLI, V.; WRIGHT, R.; FORNANGO, R. Drug dealers, robbery and retaliation. **Brit. J. Criminol.**, v. 42, n. 2, p. 337-351, Mar. 2002.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World drug report**. New York, 2012.

_____. **World drug report**. New York, 2014.

_____. **World drug report**. New York, 2015.

WACQUANT, L.; MAYER, M. **Los condenados de la ciudad: gueto, periferias y Estado**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2010: anatomia dos homicídios do Brasil**. Brasília, DF: Instituto Sangari, 2010.

_____. **Mapa da violência 2012: atualização: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, DF: CEBELA, 2012.

_____. **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil**. Brasília, DF: Flacso-Brasil, [2014].

_____. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, DF: Flacso-Brasil, [2015].

_____. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Brasília, DF: RITLA, 2008.

WOLECK, A. O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. **Rev. Divulg. Técn.-científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, Criciúma, SC, n. 1, p. 33-39, [2002].

WOODIWISS, M. Transnational organized crime: the strange care eran american concept. In: BEARA, M. E. (Ed.). **Critical reflections on transnational organized crime, money laundering and corruption**. Toronto: University of Toronto Press, 2003. p. 3-34. Disponível em:
<<http://books.google.com.br/books?id=WHfDdTU1nsgC&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

ZALUAR, A. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Rev. Bras. Ciênc. Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, não paginado, fev. 1997.

ZALUAR, A. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas.** Rio de Janeiro: FGV Ed., 2004.

_____. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZEDNER L. Victims. In: MAGUIRE, M.; MORGAN, R.; KEINER, R. (Ed.). **The Oxford handbook of criminology.** Oxford, England: Oxford University Press, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro semiestruturado para os operadores

Perfil sócio- demográfico

1. Idade:
2. Escolaridade ou no de anos de frequencia à escola:
3. Estado civil:
4. Filhos? Quantos_____Sexo/Idade_____
5. Cor da pele:
6. Naturalidade:
7. Procedência:
8. Ocupação: tempo:
9. Profissão:
10. Renda familiar
11. Composição familiar:
12. Fale sobre sua vida e como, porque e quando você entrou para o tráfico?
13. Com quem você mora?
14. Tem familiares seus envolvidos com o trafico ou é só você?
Se não tem: eles sabem que você esta envolvido? se sabem, o que eles acham disso?
Se tem: como é? É mais seguro, menos seguro, quais as vantagens e desvantagens que você vê?
15. Como você escolhe as pessoas que vão trabalhar com você ou como você conseguiu passar a trabalhar para o tráfico? Quais as funções dentro do negócio? Cada função tem que ter uma habilidade ou qualquer um pode fazer de tudo?
16. A remuneração é diferente para quem trabalha no comércio, na segurança e vigilância? Como é o pagamento, segue que critérios?
17. Quanto você ganha por semana?
18. Como uma pessoa consegue ser dono? Ou ter uma posição melhor dentro do tráfico
19. De que maneira vocês adquirem os produtos que vendem?

20. Quais produtos são comercializados?
21. Você acha que o tipo de droga influencia no comportamento do usuário, dos vendedores. Se sim, quais?
22. Você vê diferença entre quem usa e vende e quem só vende. Se sim, qual é?
23. Você acha que tem droga mais arriscada para vender, ou não, todas são iguais? Se sim, por quê?
24. Quais os problemas que vocês mais enfrentam? Mais graves e menos?
25. Quais as formas que vocês adotam para resolver esses conflitos entre as pessoas do seu grupo e dos outros grupos?
26. Quando tem que ter punição, ela segue que lógica?
27. Quando é que alguém pode escapar da punição?
28. Já teve situação de você ter risco de morte quando comercializava droga? Como foi??
29. Como se chega à decisão de que alguém tem que morrer? Qual é o mecanismo quando o indivíduo é da organização e quando não é?
30. Quais os produtos mais consumidos?
31. Qual o perfil dos consumidores- compradores?
32. Vocês trabalham o dia todo? Se não, como é o esquema de revezamento?
33. Você tem outra ocupação? Se sim, qual e como você divide seu tempo?
34. Você já foi preso ou soube de alguém do grupo que foi preso? Se sim, como vocês e ele reagem a isso? Muda alguma coisa, não muda?
35. Como você vê a participação das mulheres no tráfico?
36. Nos períodos de conflito entre grupos, o que muda no faturamento e na estratégia de funcionamento, vigilância e segurança?
37. Quais são os elementos que podem fazer com que um líder seja considerado bom o mau?
38. Como vocês lidam com a polícia, existe algum tipo de acordo?
39. Como vocês lidam com os problemas do bairro que não são relacionados a droga, como roubos, brigas, etc...
40. Que tipo de arma você usa? tem diferença? você compra onde? eles lhe dão alguma?

APÊNDICE B - Termo de consentimento informado

Eu, _____, declaro que fui devidamente informado sobre o estudo científico sobre as dinâmicas das vitimizações no tráfico de drogas ilícitas, desenvolvido por Ivete Maria Santos Oliveira, como parte do Doutorado no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.

Fui consultado se gostaria de participar do estudo, falando sobre o assunto, o que aceitei, sem ter sido, em momento algum, coagido ou obrigado a fazê-lo.

Fui informado de que os dados declarados por mim serão utilizados exclusivamente no âmbito do estudo, não sendo divulgado em qualquer outro meio que não seja acadêmico.

Tive a garantia de que minha identidade, assim como o local a que estou vinculado, serão mantidos em sigilo absoluto.

Eu aceito () ou Eu não aceito () que a entrevista seja gravada.

Salvador, _____ de _____ de _____
